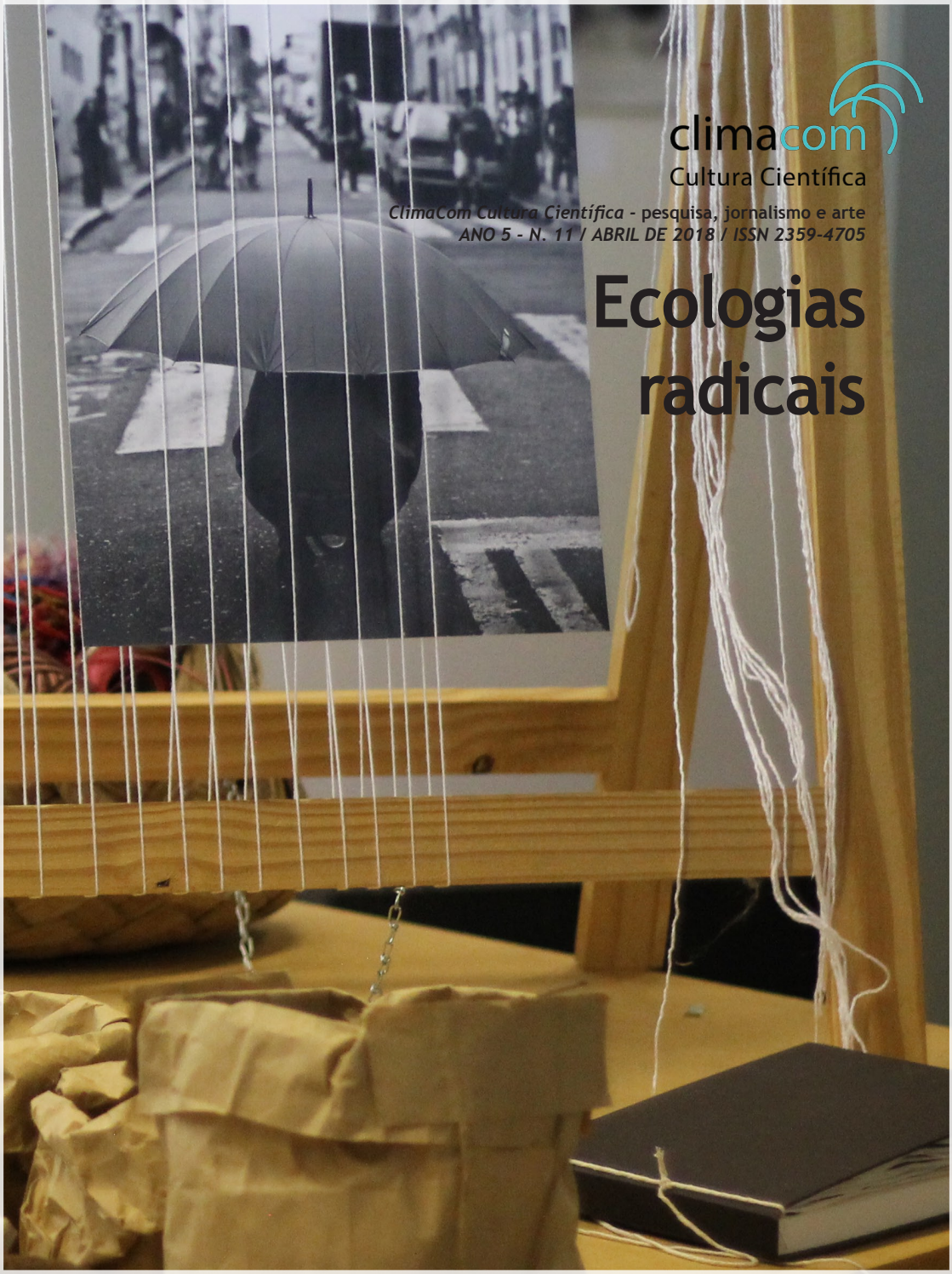


climacom
Cultura Científica

ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte
ANO 5 - N. 11 / ABRIL DE 2018 / ISSN 2359-4705

Ecologias radicais

LABJOR
UNICAMP
INCT MC2 INCT para Mudanças Climáticas · Fase 2
CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPESP

LABJOR - UNICAMP
Prédio V da Reitoria - Piso 3
CEP 13083-970
Email: climacom@unicamp.br
Fones: (19) 3521-2584 / 3521-2585 / 3521-2586 / 3521-258

EDITORES DOSSIÊ "ECOLOGIAS RADICAIS" | Susana Oliveira Dias (Labjor-Unicamp), Sebastian Wiedemann (FE-Unicamp), Renato Salgado de Melo Oliveira (IFB), Tatiana Plens Oliveira (FE-Unicamp) e Vivian Marina Redi Pontin (Labjor-Unicamp)

EDITORES DA SEÇÃO LABORATÓRIO-ATELIÊ | Susana Dias e Sebastian Wiedemann

EDITORAÇÃO | Tatiana Oliveira e Susana Dias

DESIGNER GRÁFICO | Fernanda Pestana

CAPA | Photocosmogenesis (2018, Campinas. Exposição. Concepção Susana Dias. Fotografia Tatiana Plens)

GRUPOS | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq) <http://multitaocorrespondan.wixsite.com/multitao> e Ateliê Orssarara

REDE DE PESQUISA | Divulgação científica e mudanças climáticas <http://divulgacaocientifica.mudancasclimaticas.net.br/>

PÓS-GRADUAÇÃO | Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

INSTITUIÇÕES | Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Unicamp), Faculdade de Educação (FE-Unicamp) e Instituto Federal Baiano – Campus Itaberaba.

CONSELHO CIENTÍFICO |
Prof. Dra. Donna Haraway, University of California at Santa Cruz, Santa Cruz, EUA
Prof. Dra. Isabelle Stengers, Université libre de Bruxelles, Bruxelas, Bélgica
Prof. Dr. Martin W. Bauer, The London School of Economics and Political Sciences (LSE), Londres, Reino Unido
Profa. Dra. Sandra Elena Murriello, Universidad de Río Negro, Bariloche, Argentina
Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil
Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz Filho, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Espírito Santo, Brasil
Prof. Dr. Carlos Afonso Nobre, Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Brasília – DF, Brasil
Prof. Dr. Gabriel Cid Garcia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Profa. Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes, Universidade Federal de Pernambuco (UFP), Pernambuco, Brasil
Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, Brasil
Prof. Dr. Marcel Bursztyn, Universidade de Brasília (UnB), Brasília – DF, Brasil
Prof. Dr. Renzo Romano Taddei, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, Brasil

PROJETOS | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) – Fase 2 (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); "Por uma nova ecologia das emissões e disseminações: como a comunicação pode modular a mais intensa potência de existir do humano diante das mudanças climáticas?" (CNPq); "Imediações aberrantes: processos de pesquisa-criação entre artes, ciências e filosofia para experimentação da comunicação como ecologia de afetos" (Pibic-Faepex); Revista ClimaCom: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/

Editorial “Ecologias radicais”

A VII edição do Seminário Conexões Deleuze, da qual este dossiê é um desdobramento, esteve marcada por uma propensão ao risco, à experimentação e à aventura. Uma procura por tempos extra-ordinários que nos violentassem e nos abrissem a radicalidades onde pudéssemos mergulhar no processo infindável que é o mundo como pura relacionalidade diferencial. Isto é, um apelo à composição de Novas Terras e impensadas Cosmopolíticas. Um chamado primordial e impessoal pela vida, por fazer dela não uma codificação representacional entre sujeitos e objetos que afirmem uma bifurcação da natureza como diria Whitehead, mas sim o fluxo que passa e vaza pelos mais diversos meios na imanência de uma experiência pura, onde nossa precária posição - humana - nunca está fora e, pelo contrário, vacilante, varia, se esgota, se desmorona, se transforma, se faz matéria aberta de, e para o mundo, se faz material de mundos porvir. Este foi o intuito que tivemos ao propor as Imediações Aberrantes, todo um delírio movente de razões trashumantes, um experimento em estar junto, em abrir os corpos para o cosmos, em nos tornarmos guardiões do acontecimento, em fazer do qualquer-um, um operador anônimo que intensifica e abre feixes de vida. O mundo como uma cosmogênese constante, como uma ecologia radical onde o humano não é mais do que um catalisador de fluxos energéticos impessoais. Ecologias que se fazem radicais pois saturam todos os poros, pois fazem dos corpos puros estados de possessão, puros canais para escritas de mundo.

Estas escritas povoaram e saturaram cada poro da experiência nas Imediações Aberrantes, mas a escrita nunca acaba, é infinita, é nosso modo de não perder o infinito. Motivo suficiente para fazer deste dossiê, mais um cenário por onde estas escritas podem continuar, por onde podem reencarnar mundos. Já não entre linhas, toques, danças, caminhadas, falas e tantos outros

modos que se manifestaram durante o evento, e sim sobre o papel. Mais uma dobra na ecologia que o Seminário Conexões e as Imediações Aberrantes começaram a abrir. Uma dobra que transfigura as ecologias em rebrilhos que escoam e pulsam entre as palavras. Um chamado, grito silencioso do mundo, por insistir nos processos de heterogênese que também acham um chão fértil no papel e nas palavras. Complexos de sentidos proliferantes que se emaranham e se radicalizam mutuamente no gesto de editar e compor este dossiê. Ecologias radicais, toda uma compostagem entre palavras que clamam por voltar húmus à terra. Essa terra, sempre nova, que grita “brote”, que grita “vida”.

Os artigos, ensaios, produções artísticas e do lab-ateliê aqui reunidos proliferam-se Imediações Aberrantes por outros meios, experimentando o que pode a comunicação e a educação no seu encontro com intercessores vindos dos mais inusitados reinos. Multirelacionalidades se afetando, modulando a matéria, criando ambiências de apreensões mútuas de potências. Textos, obras, peças com os quais apre(e)ndemos alianças para que o mundo possa continuar.

Os artigos aqui reunidos nutrem esta ecologia nos convidando a escutas outras, escutas de alianças demoníacas que pervertem os conjuntos já dados. Escutas ecosóficas de dimensões moleculares, onde entre perversões o diabo pode ser o interlocutor de minoridades - indígenas. Um devir-nativo no diablo por entre gritos do Metal. Ecologias aliadas a práticas musicais onde se faz nítido que o mundo já é meio - de comunicação - em si mesmo e, como tal, não é algo dado mas puro potencial para o sentir. Como alguns dos textos nos mostram, é só nos deixarmos submergir numa escuta total do mundo para que lembremos que sua realidade mais profunda é o acontecimento.

A cada texto vamos sentindo todo um modular intensivo e diferencial do mundo, toda uma potência de sentir que excede o humano. Uma potência de sentir que possui os corpos, que vazantes fissuram o asfalto e tudo aquilo que quer endurecer as condições de vida. Corpos que performáticos abrem rupturas transdutivas na vontade de novas continuidades nos mais diversos espaços, no arco que, por exemplo, se estende entre a cidade e uma nova terra afetiva. A cada dobra proposta pelas escritas, se abrem espaços que só podem ser fruto de uma experimentação corporal, da instauração de novas sensibilidades, de novos modos de afetar e deixar-se afetar. Nos artigos aqui reunidos também se abre uma escuta, um proliferar de relações entre arte e ciência, de cujo hibridismo uma flora amazônica impensada pode germinar, assim como experimentações de encontros de co-criação com materiais vindos da arte podem emergir. Toda uma antropofagia devoradora de pontos de vista morais e humanos demais que nos lembram que a nossa vida nunca, jamais, é maior que a vida, essa impessoal, essa que exige as pequenas mortes afirmativas do homem, essa que nos arrasta a ritmos outros do pensamento no sensível.

Por sua vez os ensaios aqui reunidos de modo singular se abismam na procura daquilo que Deleuze chamará estilo. Ensaios como gestos de radical e explicita experimentação. Um ensaiar vir a ser outra coisa que não se deixa contornar tão facilmente. Nestas escritas ganham corpo problemáticas que se escoam por entre artes e ambientes, onde se faz sentir que nossa existência é sempre uma co-existência intensiva e fabulatória de ambiências desentradas sem forma nem fundo. Todo um não julgar que faz proliferar saberes diversos entre domínios díspares. Toda uma imbricação entre política, estética e ética como arguição de direito da

vida. Ensaios que na sua vontade de suspender julgamentos se fazem epistolares abrindo potências impensadas. Artes e ambientes se escoam, mas também afetividades radicais, como possibilidades de educação e encontro com as ciências, são engendradas. Falamos de ensaios que abrem novas tonalidades para o pensamento, que avançam em gestos menores, sempre micropolíticos que, por sua vez, fazem da escrita uma escrita-massa-argila-papel-machê lobiferante de ecologias outras. Ensaios que de um modo ou outro fazem ressoar uma geofilosofia e uma ecosofia. Ensaios que de modo imperante nos dizem que nunca é uma questão de ser ou não ser, mas sim de ser e não ser, isto é de nos aliarmos com o entre, de nos afirmarmos como movimento impessoal de forças topológicas que sempre são resto, excesso, descarte, transbordamento que abre a possibilidade de, quem sabe, habitar heterotopias.

Esta potência do entre instaura nas produções artísticas que neste dossiê reunimos, modos sutis de resistir. O poético e fotográfico se emaranham e nos convidam a sentir que o mundo não é uma questão de beleza mas de re-existência que exige que corpos humanos e não-humanos sejam desembestados. Só assim uma nova vida pode ser parida e animismos esquecidos podem ser ativados. Produções artísticas que ganham expressão como gestos de insurreição de Gaia e onde vidências para além de lógicas antropocêntricas são abertas em direção a cosmovisões inauditas. Um abrir a janela, um pular pela janela que nos joga em rios de percepções caudalosas de outros mundos.

Finalmente o lab-ateliê deste dossiê se consagra como arquivo e desarquivo, como duplo diferenciante dos processos que engravidaram as Imediações Aberrantes, todo um ressoar

material, manual, perfomático, muito menos do que aconteceu e muito mais das forças ali desabrochadas que podem continuar fazendo acontecer algo. O quê? Não sabemos. Tão só esperamos que os materiais aqui reunidos sejam espécies de testemunhas de futuro, reservas de sinapses colectivas impessoais e inorgânicas de qualquer-uns, germinalidades de pensamentos em ato que insistem em que a possibilidade de ecologias radicais sempre passa pelo cultivo de ecologias de práticas as mais diversas.

Não julgar, experimentar, fazer existir, sem esquecer que sempre se experimenta e existe com outros. Fazer então co-existir, quem sabe, esta seja a fórmula cosmopolítica que este dossiê quer compartilhar com os leitores.

Boa leitura e esperamos que ao vocês fazerem corpo com este dossiê as ecologias aqui semeadas possam fazer pegar de novo vidas e mundo por cantos que nem podemos imaginar.

Grupo multiTÃO

Susana Oliveira Dias,
Sebastian Wiedemann,
Renato Salgado de Melo Oliveira,
Tatiana Plens Oliveira
e Vivian Marina Redi Pontin

Editores

SUMÁRIO

PESQUISA

A revista *ClimaCom Cultura Científica* – pesquisa, jornalismo e arte lança, a cada dossiê quadrimestral, uma chamada para artigos e resenhas de pesquisadores que desenvolvem estudos relacionados ao tema proposto para a edição. Trata-se de uma revista interdisciplinar e são aceitas contribuições de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, bem como estágios de formação. Os artigos e resenhas podem ser submetidos em português, espanhol e inglês e são avaliadas por *peer review*.

ARTIGOS

Cartografias em tempos de morte: do microambiente tumoral aos ecossistemas intensivos da filosofia de Alfred North Whitehead
Alessandro Gonçalves Campolina
Pág. 19

Estética Sonora e gesto micropolítico
Ana Ramos
Pág. 27

As ecologias políticas e infernais do Red and Anarchist Black Metal
Rodrigo Barchi
Pág. 39

Manguezais de carnes e moscas para Adriana Varejão
Antonio Almeida da Silva
Pág. 53

Uma flora amazônica: conexões eco(flor)arte nas aquarelas de Margaret Mee
Helane Súzia Silva dos Santos
Pág. 61

ASFALTO em intervenções urbanas: imagens em performance e o fabular de um povo por vir
Juliana Soares Bom-Tempo
Pág. 67

O corpo na produção de novas terras afetivas: por uma política e criação de novas ambiências
Fernando Yonezawa e Angela Vieira
Pág. 77

ENSAIOS

Performances e cidade: por uma "temporalidade do precário" em processos artísticos "solidatários
Raphael Gonçalves de Faria e Juliana Soares Bom-Tempo
Pág. 93

SUMÁRIO

Devir-descarte: habitar transbordamentos
Tamiris Vaz
Pág. 103

Ambient-ARTE
Anna Carolina Barcelos Vasconcelos e Priscila Correia Fernandes
Pág. 111

Da ecologia à afetividade radical: por uma educação ambiental orientada aos afetos
Luiz Gabriel Catoira de Vasconcelos
Pág. 121

Geofilosofia, anarquismo e o povo novo: uma sugestão
Alexsandro Sgobin
Pág. 133

"Ser e não ser. Eis a questão?": nas dobras de línguas traídas, um pensar educação matemática
Diego de Matos Gondim e Danilo Olímpio Gomes
Pág. 139

De lobos e dragões: tributo a Gilles Deleuze e Félix Guattari
Marcelo Ribeiro dos Santos
Pág. 153

Carta de um biólogo-artista para um artista-biólogo qualquer
Carlos Augusto Silva e Silva e Dhemerson Warly Santos Costa
Pág. 159

ARTE

ARTES

Ativando animismos
Alda Maria Abreu
Pág. 169

Pela janela, um rio
Davi de Codes
Pág. 177

Desconvite à beleza
Steferson Zanoni Roseiro
Pág. 179

O corpo desembestado de adivinhaadiva
Matheus Silva
Pág. 185

LABORATÓRIO-ATELIÊ

Pensamento rasteiro
Eduardo Pellejero e Vivian Pontin
Pág. 191

Rizoma: corpos-textos-sentido
Rafaele Paiva e Silvio Gallo
Pág. 201

Anatomias de pesquisas, linhas de crimes
Gabriel de Garcia e Renato Oliveira
Pág. 205

A vida por um fio
Susana Dias, Tatiana Oliveira, Maria Rita Zamproni e Bordadeiras do Grupo Entrefios e Memórias, coordenado por Marli Wunder e Neusa Aguiar
Pág. 211

Vulnerabilidade corajosa - como fazer da fragilidade uma força de vida
Carolina Cantarino, Carlos Martins, Sara Melo e Sandra Murriello
Pág. 221

Imediations of an aberrant language
Érica Speglich, Marko Monteiro, Bruno Moraes e Michele Gonçalves
Pág. 229

Conexões entre manguezais e (des)territórios (des)conhecidos
Davina Marques, Alda Romaguera e Carlos Silva
Pág. 235

Escritas labirínticas
Leandro Guimarães, Gustavo Torrezan e Glauco Silva
Pág. 237

Nova terra: construção comum em terreno movediço
Wenceslao Oliveira Jr., Isaltina Gomes, Ana Carolina Costa e Lavínia Rangel
Pág. 243

Camadas (im)pulso
Marcus Novaes, Maria dos Remédios e Jairo Perin Silveira
Pág. 247

Imediações aberrantes
Susana Dias e Sebastian Wiedemann (coordenação geral)
Pág. 251

SUMÁRIO

Photocosmogenesis
Susana Dias (concepção e curadoria da exposição) e Tatiana Oliveira (fotos da exposição)
Pág. 267

Vídeo | Immediation Unlimited + Toward a Politics of Immediation
Brian Massumi e Erin Manning
Pág. 271

Vídeo | Surface Textures: the Ground and the Page
Tim Ingold
Pág. 275

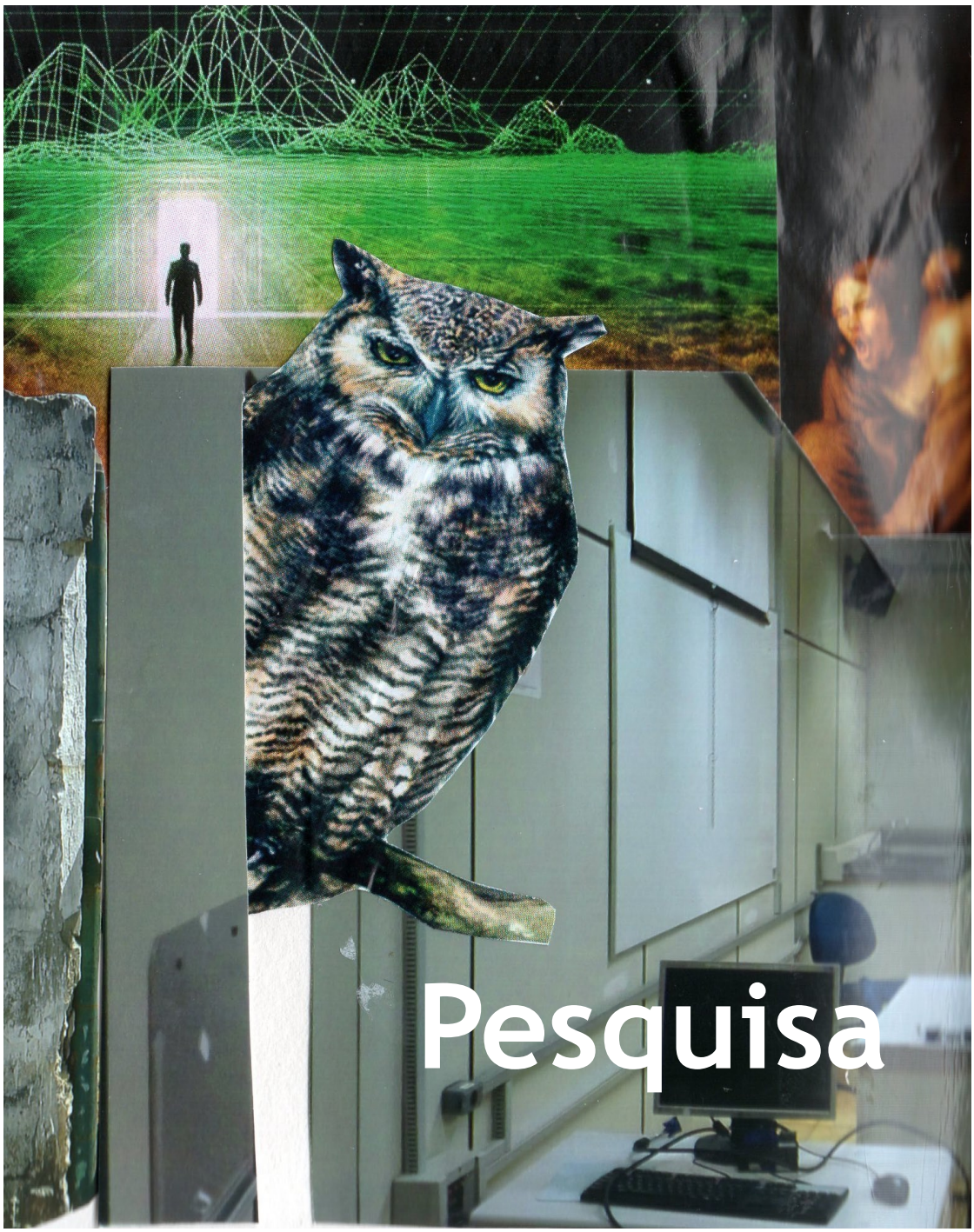
Vídeo | Mesa redonda | Da guerra dos mundos a uma nova ecologia dos afetos entre-mundos
Deborah Danowski, Ailton Krenak e Almires Martins
Pág. 279

Vídeo | Mesa redonda | A catástrofe de pensar. Do des-fundar de afetos inumanos e da vidência de uma nova terra
Marco Antonio Valentim e Luiz B. L. Orlandi
Pág. 283

Vídeo | Ecologias das práticas artísticas: emaranhando naturezas e ciências
Marcelo Moscheta
Pág. 287

Vídeo | 'Weather is Water with a (Financial) Attitude'
Erik Bordeleau
Pág. 291

Vídeo | Troca e participação na era do fim
Stelio Marras
Pág. 295


Pesquisa

ARTIGOS

Cartografias em tempos de morte: do microambiente tumoral aos ecossistemas intensivos da filosofia de Alfred North Whitehead

Alessandro Gonçalves Campolina[1]

Resumo: O presente estudo pretende problematizar os vários tempos da catástrofe cancerígena, a partir de referenciais que conjugam o conceito de "espaço vazio", na filosofia de Alfred North Whitehead, às formulações das biociências moleculares, buscando disparar perspectivas ecológicas, sociais e subjetivas para pensar os modos de vida contemporâneos. Para o autor, o significado primário da vida é a origem da novidade. Isso significa que uma "sociedade viva" é aquela que inclui algumas "ocasiões vivas" que fluem através do vazio; mas, ao mesmo tempo, que a vida é um lance para a liberdade; a vida é o nome para a originalidade e não para a tradição; e para combinar intensidade com sobrevivência, a vida coloca um problema paradoxal: a construção de sociedades estruturadas altamente complexas precisa de roubo e desconstrução. A partir da noção de ecossistema intensivo, o corpo será reinventado em continuidade com um fora permanentemente em expansão, ganhando novas potências conectivas, novas transmutações possíveis. O corpo que sustenta as mais altas potências da vida, já será então e senão um corpo cancerígeno. À beira do abismo, a transmutação tumoral desenvolve mecanismos para evadir à morte, indo ao encontro da morfogênese intensiva dos corpos e da desconstrução do próprio organismo.

Palavras-chave: Whitehead. Câncer. Vazio. Ecossistema. Filosofia do Processo. Filosofia do Organismo.

Cartographies in death times: from the tumor microenvironment to the intensive ecosystems of Alfred North Whitehead's philosophy

Abstract: The present study intends to problematize the various times of the cancer catastrophe, starting from references that combine the concept of "empty space", in the philosophy of Alfred North Whitehead, to the formulations of Molecular Biology, seeking to trigger ecological, social and subjective perspectives to think the contemporaries modes of life. For the author, the primary meaning of life is the origin of novelty. This means that a "living society" is one that includes some "living occasions" that flow through the void; but at the same time, that life is a bid for freedom; life is the name for originality and not for tradition; and to combine intensity with survival, life poses a paradoxical problem: the construction of highly complex structured societies needs theft and deconstruction. From the notion of

[1] Médico e Pesquisador do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo; Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Av. Dr Arnaldo, 251 – 8° Andar; Cerqueira César – São Paulo – SP – Brasil; Cep 01246-000 tel.: 11 3893-3024; e-mail: alessandro.campolina@hc.fm.usp.br

intensive ecosystem, the body will be reinvented in continuity with a permanently expanding off, gaining new connective powers, new possible transmutations. The body that sustains the highest powers of life, will be then a cancerous body. At the edge of the abyss, tumor transmutation develops mechanisms to evade death, going towards the intensive morphogenesis of bodies and the deconstruction of the organism itself.

Key words: Whitehead. Cancer. Void. Ecosystem. Process Philosophy. Philosophy of Organism.

Proposição 0: Da vaziez e da ruptura: a bioperformance cancerígena como futuro-agora dos ecossistemas intensivos.

> "O que é característico de uma sociedade viva é o entrelaçamento de uma estrutura complexa de sociedades inorgânicas, produzindo um nexo não social caracterizado pelas experiências físicas intensas dos seus membros. Mas uma experiência deste teor deriva da ordem complexa do corpo material animal e não da simples "ordem pessoal" das ocasiões passadas, com experiências análogas. A experiência intensa produzida está livre dos entraves provenientes da reiteração do passado. É esta a condição de espontaneidade da reação conceitual. A conclusão a retirar desta argumentação é a de que a vida é uma característica do "espaço vazio" e não do espaço "ocupado" por uma sociedade corpuscular."(Whitehead, 1979, p.105)

Proposição 1: Meu ponto de partida, com Whitehead, foi o movimento de expansão do código-suporte para além de um significante de imagem (um contorno ou mesmo um plano) para algo de fluxos conectados, que em suas trajetórias corpo-obra levaram o vazio ao espaço, e a percepção (com seus não-objetos) a situações performáticas.

O suporte e a imagem sedimentada da forma libera-se ao extremo de um corpo que percebe. Mas percebe o que? Esse movimento de expansão do objeto que se revela como a invenção do outro diante do que não é mais um objeto, ou algo acabado; agora é o corpo do outro como dobra na obra viva. O não-objeto, em suas n – possibilidades, existe em uma transferência, um bordeamento, uma transfusão, uma migração, uma contaminação do fantasma do objeto estético, em outras temporalidades.

Esse ponto de partida é o vazio, o vazio como estatuto do corpo, diante das colonizações hierárquicas dos outros modelos de síntese, ou de ordenação sistêmica. A alteridade da experiência estética é imanente como qualquer experiência que se duplica para o outro. A alteridade do corpo não tem definição, é onde também se inventam pensamentos sobre percepções, prototipias e mundos. A estrutura e o processo é uma sedimentação porque se trata sempre inevitavelmente do confronto da imagem com o seu não… o "objeto a", uma partícula a- de negação, a seguir a linha de desterritorialização quando explode fora do campo para novas possíveis conexões. É um mapa de escape, uma estratégia de crueldade contra o controle das semióticas do poder: semióticas de mercado, semióticas de Estados, semióticas conceituais, semióticas de identidades, semióticas de sujeitos, semióticas de ciências.

No lugar de semióticas de poder, constituir semióticas das intensidades, semióticas das potências (biopolítica como uma corporeidade ético-estética). Fora do seu campo de referência, arte do acontecimento, no sentido substancial das forças intensivas que nascem e reagem, e se transmutam; a máquina do vazio como motor, o modo pelo qual usamos a linguagem como corpo químico, ativo, tecnológico, como dispositivo e contra dispositivo, de fluxo, corte e refluxo.

O vazio é um hackeamento, não um complemento, ou uma extensão. É uma invasão de um campo através de um simulacro, de uma camuflagem, que vive numa armadilha pirata. É um assalto real do fantasma de uma realidade que exige moldes ou provas para adentrar, entrar fazendo, como furo de passagem. O lugar também onde mais coisas se passaram para dentro e saíram para onde passarão. Um furo-passagem, um corpo estranho, não autorizado; dentro de um território outro; o vírus hacker.

O vazio é uma operação para introjetar uma alteridade imprevisível dentro de um tecido orgânico; que tem um sentido duplo, de dentro e de fora, de ser outra coisa que nem é uma nem outra; até a afirmação de um sentido, de troca impossível ou de intraduzível em uma língua universal. É negar a diferença como barreira, mas permitir o impuro, o sintético, o maquínico, o anorgânico, o irreal, o desigual, o impróprio, o não complementar, o não encaixável.

Existe um furo e um tecido contaminado. Um furo de entrada e de passagem; um furo que é interface, dupla passagem, de tráfego de códigos não esperados, proibidos ilógicos, de fluxo de todo tipo, um não lugar estrangeiro àquele território e regras; de misturas, de foras e dentros, de matérias intercambiáveis. Nos caminhos que esses fluxos abrem tem um duplo modo desse hackeamento (dentro e fora do organismo) que é usado no mecanismo performático; da estrutura que emerge no ato de um encontro, dos materiais falantes e não linguísticos. De poéticas criadas por produções de realidades alteradas, por isso é performance. É uma performance em ato, a performance como um modo anomalístico. E indo mais longe, podemos afirmar que não é o campo do organismo via produção inorgânica e sim um transplante, um roubo epistemológico que abre espaço para novas produções de sentidos.

Que direito teríamos se usássemos o corpo como outras máquinas? O direito a experimentar? Que hiato é esse que faz sentido? Não somente empírico em busca de estruturas, se a liberdade é condição mesmo de seu nascimento, sendo produzidos materiais, sentidos, conexões e formas (a matéria desse movimento). Ser vírus é a alteridade radical desse dispositivo, e essa alteridade basicamente ilegal é o fim da linguagem corporal como forma de separação. A linguagem no discurso do mestre. Um contrabando de fractais. Nada mais inegável do que a força dessa máquina, nada mais forte do que inventar seu modo de não operar ou de operar em um modo deslocado.

O ponto de partida é o vazio como zona consumptiva, de acontecimento-passagens, a performatização do virtual e do real simultaneamente se afetando; o organismo como tecnologia de criação, de agenciamento, de performatização dos desejos, de experimentações de produção de linhas imprevisíveis, de acasos, de conjunções de sentidos, de jogos, de situações, de ativamentos de máquinas performáticas.

Proposição 2: Nos organismos vivos a manutenção do equilíbrio homeostático é uma das prioridades que se traduz em mecanismos que asseguram que condições celulares internas permaneçam estáveis e relativamente invariáveis (BING, 1971). A célula mantém a homeostase por meio da programação envolvida no sistema que controla o ciclo celular; e este sistema consiste numa rede de proteínas que regulam a progressão da célula através das diferentes fases do seu ciclo.

O sistema controlador funciona como um relógio: cada evento do ciclo tem um tempo determinado e limitado para a sua realização. Além disso, o sistema é um mecanismo robusto que mantém a ordem dos eventos e assegura o sucesso da operação através da supervisão do desempenho do ciclo em *checkpoints* bem estabelecidos que verificam, entre outras coisas, a qualidade do DNA e as condições do meio para a progressão normal do ciclo.

Graças ao ciclo celular e ao sistema controlador

é possível que a proliferação, divisão e morte celular sejam eventos altamente vigiados e que, em conjunto, permitem que a célula possua uma autoprogramação para se reproduzir em um número estabelecido de vezes e, em seguida, caminhar para a diferenciação, senescência ou morte. Toda essa vigilância e autoprogramação fazem por fim que o câncer seja relativamente raro ao longo da vida, pois a célula cancerosa precisa adquirir certas característica para conseguir ultrapassar os limites naturais da "normalidade celular".

Dessas características, a mais representativa do câncer poderia ser o crescimento celular fora dos limites naturais da célula, a chamada, imortalidade replicativa. Essa capacidade pode ser explicada por três outras características do câncer: sinalização para proliferação contínua, evasão de supressores tumorais e resistência à morte celular (HANAHAN, WEINBERG, 2011).

No tecido normal, as células vizinhas emitem sinais, na forma de fatores de crescimento, que ativam os programas de proliferação na célula que os recebe. A célula cancerosa, porém, pode adquirir a capacidade de se auto-ativar com fatores de crescimento que ela mesma produz, ficando assim independente dos sinais das outras células do tecido. Por outro lado, ela também pode super-expressar os receptores encarregados de receber os fatores de crescimento do meio extracelular ou ter receptores mutados que estejam constitutivamente ativados.

Além de aumentar o crescimento com o aumento dos sinais de proliferação, a célula cancerosa bloqueia os sinais de supressão do crescimento através da evasão de supressores tumorais. Um tecido normal precisa de um número exato de células e os sinais anti-proliferativos se certificam que a homeostase seja mantida. A célula tumoral ultrapassa esse obstáculo evitando a senescência e a morte através do bloqueio ou, pelo menos, da diminuição da sensibilidade aos sinais reguladores do crescimento. Mas o câncer não se constitui apenas a partir da replicação celular fora dos limites. Para um tumor conseguir progredir, ele precisa antes adquirir outro conjunto de capacidades.

Em primeiro lugar, o corpo humano conta com um robusto sistema imunológico que monitora as células e os tecidos. Graças a ele, a maioria dos cânceres incipientes que surgem ao longo da vida de uma pessoa será controlada e eliminada. O câncer precisa então adquirir a capacidade de evasão da resposta imune, ou seja, fugir dos mecanismos de vigilância e adquirir resistência aos mecanismos efetores do sistema imune.

No entanto, uma vez que o tumor consegue se estabelecer e começa a aumentar em tamanho, precisará como qualquer outro tecido, de nutrientes e oxigênio. Haverá então uma importante interação com o sistema circulatório através da indução de angiogênese, em que novos vasos sanguíneos serão criados para nutrir o tumor.

Finalmente, a grande diferença entre os tumores benignos e malignos está dada por esta última característica comum ao câncer, necessária para a progressão da doença: a ativação de invasão e a produção de metástases. Essa é a característica que permite a algumas células da massa tumoral infiltrar e colonizar novos órgãos, desenvolvendo novos tumores.

Portanto, os cânceres são processos de instabilidade, descontrole e imortalidade. Mas, a convergência desses processos não é de fácil acontecimento, ao contrário, implica a

superação de vários mecanismos celulares de vigilância e equilíbrio orgânico. A cancerização é efeito de mutações acumuladas que levam ao ultrapassamento dos limites da idade e da reprodução, resultando muitas vezes em perdas de diferenciação e proliferações malignas, ou seja, imortalidade replicativa.

Proposição 3: Desde suas primeiras descrições, em meados do século XX, quando se acreditava que apenas dois tipos de morte celular existiriam, incontáveis estudos científicos vêm demonstrando que células podem morrer por uma série de mecanismos que diferem entre si. Processos como apoptose, necrose, necroptose, autofagia, anoikis, catástrofe mitótica, piroptose e senescência são entendidos hoje não só como os diferentes nomes da morte celular regulada, mas como os diferentes "tempos de morte" (GALLUZZI, *et al.*, 2015).

Se por um lado a maioria dos casos de câncer está relacionada ao meio ambiente; por outro, é através dele que a célula tumoral desenvolve mecanismos para escapar dos processos de morte. Se por um lado, o macroambiente é caracterizado pelo meio em geral (água, terra e ar), o ambiente ocupacional (indústrias químicas, ambiente de trabalho e afins), o ambiente de consumo (alimentos, medicamentos), o ambiente social e cultural (estilo e hábitos de vida); por outro, o microambiente é mais que uma realidade microtumoral sensível. O microambiente é uma máquina de novas realidades. O microambiente não é uma realidade paralela, é a realidade expandida, que integra novas partes do corpo. É o que emerge de atual em outra forma de atuar, de interagir. O microambiente é antes um meio de criar, compor e ampliar.

O microambiente tumoral não só faz parte do corpo orgânico, como também produz territorialidades próprias que afetam, e são afetadas em relação a um bordeamento. Efeitos de realidades provocadas, singularidades, potências de cada corpo em seu agenciamento-conectivo. Trata-se de um centro sem gravidade agora, em desvio, nesse não-lugar do ecossistema tumoral: a terra, o cosmos, as potências evolutivas da vida. Mas o tecido a ser cancerizado é a pele do poder, a pele da linguagem orgânica de poder do corpo, os bioprocessos. Por isso, o poder orgânico é o que deve ser destituído de seu monopólio discursivo e bioeconômico, que captura, reduz, orienta e controla os fluxos em função da estrutura, enquanto o que escapa, vaza e faz do fora este novo campo cognitivo de invenção e de atuação é a perspectiva de uma biopolítica de ecossistemas intensivos.

Trata-se então, de promover o desdobramento desses campos saturados do biopoder, desenraizar e ramificar a ação, deixando liberar campos mais vivos, vastos e múltiplos de reação, que brotam dos confrontos na periferia do corpo: ecossistemas de favelas protéicas, quilombos de micronutrientes, aldeias de mediadores sanguíneos, tribos de biomarcadores, pixos de assinaturas tumorais, tecnoxamãs de linfonodos sentinelas, eco-anarquias de cascatas metastáticas, rappers de fatores de transcrição, hackers de DNA genômico, rolês de micro-metástases, que não param de promover a guerrilha estética e a disputa do comum.

O ecossistema intensivo é esse fora conectivamente em expansão, a viralização, o percolamento, a contaminação, a decolagem, a deriva. O problema antes era o limite do corpo, hoje a solução é que o corpo ganhe novas invaginações e evaginações, mais do

que extensões; ferramentas, mas ainda mais, intenções. O corpo ganhou novas dimensões intensivas, de transa, de transe, novas potências conectivas, novas transmutações possíveis. Mas o corpo que sustenta as mais altas potências da vida, já é então e senão um corpo cancerígeno. À beira do abismo, a célula tumoral desenvolve mecanismos para evadir à morte, mas indo ao encontro da morfogênese intensiva dos corpos e da desconstrução do próprio organismo (SWART, DU TOIT, LOOS, 2016).

Nesse sentido, o ecossistema intensivo pode então ser pensado a partir da filosofia do organismo de Alfred North Whitehead. Para o autor o significado primário da vida é a origem da novidade, o que ele chama de "novidade de apetição". Isso significa que uma "sociedade viva" é aquela que inclui algumas "ocasiões vivas" que fluem através do vazio. Mas, ao mesmo tempo, a vida é um lance para a liberdade, a vida é o nome para a originalidade e não para a tradição. A mera resposta ao estímulo é uma característica de todas as sociedades, vivas ou não. A característica principal da vida é sua reação adaptada à captura de intensidade, em uma grande variedade de circunstâncias. Assim, para combinar intensidade com sobrevivência, a vida coloca um problema paradoxal para a natureza: a construção de sociedades estruturadas altamente complexas precisa de roubo e desconstrução (WHITEHEAD, 1979, p. 105).

Com Whitehead é possível pensar a vida como uma característica do "espaço vazio", a vida como uma espreita pelos interstícios celulares, a vida como um processo do "entre", a vida como um fluxo através das lacunas dos tecidos biológicos e das estruturas celulares. A vida como o tempo de um futuro-agora.

O ecossistema intensivo é uma inscrição que se bifurca para fora de seu próprio centro orgânico; na mesma medida em que usa essa linguagem específica para se expressar, nela também busca ultrapassar o seu ciclo repetitivo; e os limites atemporais vão sendo ultrapassados com suas próprias imagens do passado; o espelho é quebrado e o quiasma é deslocado o seu eixo. Com a mesma força das coisas vividas os futuros também se comunicam violentamente com as impossibilidades do agora, de onde emerge o ecossistema intensivo como transversal ao atual latente, o movimento aberrante das coisas em suas corporeidades anômalas e extensões maquínicas.

O ecossistema intensivo é a mais arcaica irrealidade, participante questionador do princípio de realidade. E é, portanto, elemento performático inesperado com seu efeito de dobra, de duplicação, de desnudamento, de mascaramento. Seu elemento: o ilusório; sua falsidade: a ambivalência, rasgão que destrói o conjunto da estrutura e disjunta a moral orgânica e seu fantasma do poder: a unidade ideológica do corpo e do "eu".

O ecossistema intensivo nasce no intermédio, sem tempo, sem nomeação, materializa-se por idades máquinas concretas, acelerador de efeitos desviantes de realidades piratas dos signos, da Lei, das gravidades. O ecossistema intensivo é anorgânico, artificial, pós-humano, transcodificador, e porque não, é cancerígeno.

Portanto, com Whitehead, o ecossistema intensivo pode ser pensado a partir do "anorgânico" como uma ruptura mais que epistemológica, uma ruptura de sentido que é sentida em duplas direções: ruptura não somente dentro dos próprios sistemas compostos analisados separadamente, mas também uma ruptura de inversão fora dos sistemas relacionais de referência: o diferencial assaltando partes e

desligando-as da função de totalidade orgânica de origem para sair dela na falsificação, sob o risco dessa ritmografia cancerígena.

È o ecossistema intensivo como algo de disruptivo, tal e qual vive um corpo eletrônico na atualidade: multifacetado, altamente aparelhado, composto de mil corpos interligados, dançantes e elipsados. Existe, enfim, algo no corpo e no sentido que de maneira antecipada pertence a um futuro-agora que se passa no meio da carne, da letra e da escrita biológica linear... Algo monstruoso talvez, algo de roubo, algo de morte.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

REFERÊNCIAS

BING, F. C. The History of the Word 'Metabolism'. **J Hist Med Allied Sci** v. 26, n.2, p. 158-80, 1971.

GALLUZZI, L.; BRAVO-SAN PEDRO, J.M.; VITALE, I.; AARONSON, S.A.; ABRAMS, J.M.; ADAM, D. Essential versus accessory aspects of cell death: recommendations of the NCCD 2015. **Cell Death Differ**, v. 22, n. 1, p.58-73, 2015.

HANAHAN, D.; WEINBERG, R.A. Hallmarks of cancer: the next generation. **Cell**. 2011 Mar 4;144(5): 646-74.

SWART, C.; DU TOIT, A.; LOOS, B. Autophagy and the invisible line between life and death. **Eur J Cell Biol**, v. 95, n. 12, p. 598-610, 2016.

WHITEHEAD, A. N. **Process and Reality** (Gifford Lectures Delivered in the University of Edinburgh During the Session 1927-28). New York: Free Press, 413 pp. 1979.

Estética sonora e gesto micropolítico

Ana Ramos [1]

Resumo: O presente texto busca compreender a comunicação em um nível intensivo da experiência. Ele trata da *escuta total* como prática cultural onde o corpo humano é concebido como conjuntura de afeto e gesto, um catalizador de acontecimento e poder afetivo. A *escuta total* manifesta-se então como permeabilidade total e meio de comunicação de afetos. O modo de expressão deste poder afetivo é não-verbal, não linear, múltiplo e imanente ao acontecimento. Como se manifestam estes dois elementos (afeto e gesto) no contexto de uma teoria da comunicação? O que acontece com a mediação como conceito em tal ocasião? Primeiramente, a mediação torna-se processo. Em seguida, o conceito de mediação é substituído por *imediação*: intensidade de experiência compartilhada. Neste caso, cessa a efetividade da ideia de comunicação como transmissão e recepção de informação por entidades distintas. A informação não é transmitida nem recebida: ela acontece, como mensagem, tornando-se *acontecimento*.

Palavras-chave: Estética sonora. Afeto. *Imediação*.

Sound aesthetics and micropolitical gesture

Abstract: The present text attempts to grasp communication at an intensive level of experience. It foregrounds *total listening* as a cultural practice where the human body is conceived as a conjuncture of affect and gesture, an event and affective power catalyzer. *Total listening* manifests itself then as total permeability and affect communication medium. Affective power's mode of expression is non-verbal, non-linear, multiple and immanent to the event. How are manifested these two elements (affect and gesture) in a communication theory context? What happens to the concept of mediation in such case? First, mediation becomes process. Then, the concept of mediation is replaced by *immediation*: a shared experience of intensity. In such case, the idea of communication as transmission and reception of information by distinct entities ceases to be effective. Information is never transmitted nor received: it happens, as message, becoming thus event.

Key words: Sound aesthetics. Affect. *Immediation*.

[1] SenseLab-Concordia University, Ph. D. comunicação, ana.ramos@umontreal.ca

Estética radiofônica

Desde[2] o início do rádio, Bertolt Brecht já o afirmava como um triunfo técnico, mas enfatizava a incerteza quanto à sua função social (2016). Com intuição certa, Brecht já previa o futuro uso jornalístico do rádio em sua proposta de comunicação social. Ele deplorava, no entanto, a velocidade com a qual o conteúdo a ser transmitido atinge o ouvinte. De fato, existe uma possível discordância entre esta velocidade em comparação ao tempo necessário para um trabalho mais afinado no plano artístico. Dziga Vertov, por exemplo, desenvolveu um trabalho que fortaleceu a autonomia da linguagem cinematográfica em relação a outros meios como a literatura e o teatro. Da mesma forma, Brecht propunha uma estética radiofônica que fosse pensada especificamente para o rádio, mais precisamente quanto ao uso da arte para o rádio. Com o passar do tempo, o rádio se concretizou como veículo para preocupações imediatas do âmbito da macropolitica, sendo que seu potencial de autonomia artística foi somente realizado esporadicamente.

É o caso, por exemplo, da *Rádio Ambiental* que Murray Shafer desenvolveu conjuntamente com Bruce Davis (Shafer, 1977, p. 328). O intuito era trazer, através do rádio, um pouco da paisagem sonora do campo para as áreas urbanas colocando microfones em lugares não habitados pelo ser humano e transmitir, sem edição, qualquer som que ali ocorresse. Schafer também tentou estabelecer ritmos alternativos ao propor um programa sobre os sons do mar com duração de vinte e quatro horas. Mesmo que o último nunca tenha sido realizado com a necessária extensão para poder apresentar devidamente os ritmos do mar, a ideia original constitui-se como possibilidade de romper com o ritmo radiofônico desenfreado, espelho da sociedade urbana. Por sua vez, a rádio pirata é uma prática que se desenvolveu paralelamente ao que se constitui como centro de poder radiofônico com difusão de notícias, músicas populares variadas, conversas e documentários. Através desta prática, podemos observar, segundo Geert Lovink (2011), o advento de uma "mídia soberana", indiferente a uma audiência potencial, em contraste com uma "mídia alternativa" que busca preencher uma falta no repertório existente. Diferente de uma estética radiofônica diretamente relacionada a eventos sociais, este modelo de rádio desenvolveu-se em diferentes contextos como ferramenta de expressão.

A rádio pirata certamente possui o potencial de desenvolver o rádio como forma de arte. O avanço da Internet tendo permitido uma maior variedade de conteúdo sonoro e elevada capacidade de difusão, conjuntamente desenvolveu-se também a oferta de um conteúdo altamente artístico. Uma autonomia expressiva despreocupada com expectativas por parte da audiência, infelizmente, não é uma regra fora dos meios de difusão alternativos. O rádio, em sua maior parte, é tido como meio para transmissão de informação, música ou sons diversos. O conteúdo, cautelosamente dirigido a uma audiência, tem como objetivo o entretenimento. Este conteúdo encontra-se longe da noção de "autonomia estética da audição" desenvolvida por Arnheim, segundo a qual o rádio torna-se uma forma de arte com leis de expressão próprias. Seu pleno potencial é o de oferecer uma experiência de *audição total*. Shafer explica que, "quando o corpo e a mente estão preparados, todo o ser se centra, a escuta periférica substitui uma escuta focalizada e então todos os sons, ainda que os menores, tornam-se notícia do mais alto interesse" (1982: 32 – minha tradução). O

modo de escuta exigido de tal estética sonora necessita certas condições específicas que não fazem parte do modo como ouvimos o rádio. De forma que não é trabalhada uma sonoridade voltada a uma experiência de audição total desenvolvendo paisagens sonoras tratadas como *unidades afetivas formais*. Isto é, a criação de um mundo sonoro diferenciado, com uma unidade sonora própria, criado com o intuito de uma *imersão* sonora.

Com as possibilidades oferecidas pela Internet, podemos notar outros exemplos esporádicos similares às ideias trazida por Shafer como *Silence Radio*, um espaço digital de escuta compartilhada [3]. No entanto, tratando-se de Internet, convém notar uma inflexão da estética radiofônica causada pela possibilidade de uma escuta personalizada e selecionada. Trazendo, por sua vez, a questão do espaço midiático e da diversidade das práticas de escuta. Talvez a sugestão de programação com função expressiva sonora privilegiada não possa plenamente se realizar através do rádio mesmo que esta mesma faça parte de seu mais alto potencial. Como se manifesta hoje em dia tal forma de escuta? Tratando-se de modos singulares de experiência de escuta, o diferencial do espaço midiático alternativo da "festa" (balada) de "música eletrônica psicodélica" (*psy-trance*) é a qualidade de escuta que ele propõe. Nele, paisagens sonoras se entrelaçam seguindo um devir-psicodélico que se singulariza de maneiras infinitamente variadas.

O poder dos efeitos vibratórios pertencentes ao espaço midiático da festa de música eletrônica se deve sobretudo ao amplificador e aos equipamentos de reprodução em alta-fidelidade. O volume no qual é tocada esta música efetiva-se como dominação sonora do espaço, tendo como objetivo a maximização da experiência musical em si. O resultado é uma literal imersão na materialidade do som. Estas são as condições básicas de escuta em contexto de festa no que se refere à música eletrônica contemporânea. O que as permite é um sistema de som de altíssima qualidade, emitindo uma música que ultrapassa obstáculos e limites. A proposta é uma experiência da qual se espera que o ouvinte seja subjugado pela música, que ela lhe penetre os poros e que ele torne-se *presença ouvinte* que absorve estas paisagens sonoras sintéticas, sendo por elas envolto e indubitavelmente afetado. O que acontece então é uma experiência de escuta de grande intensidade que subjuga ao mesmo tempo que amplifica todos os outros sentidos. O ouvir torna-se soberano: é todo o corpo que ouve.

Imediação: mediação e imediatismo

Muito da teoria da mídia segue o padrão de compreender a operação radiofônica como transmissão de uma realidade sonora. No caso da *Rádio Ambiental* de Shafer, por exemplo, a natureza é mediada através dos sons radiofônicos. Esta chega até o ouvinte pela mediação de um terceiro elemento, o rádio como meio de comunicação (que por sua vez assegura e concretiza a relação entre os dois elementos). O que é comunicado remete a uma realidade representada pelos sons radiofônicos. Ao ouvir os sons que dali emanam, nos depararíamos com a (re)apresentação de uma situação-campo. De um lado, temos a natureza; do outro, uma experiência radiofônica da natureza. Como meio, o rádio: instrumento de trabalho, de ouvido, de experiência. O que acontece com o conceito de mediação, no entanto, se aprofundarmos a questão da audição total? Para tanto, seria preciso começar por rever os conceitos de base da comunicação: *informação e transmissão*.

Segundo a teoria da mídia desenvolvida por Andrew Murphie em "The World as Medium: Whitehead's Media Philosophy"[4], os meios de comunicação não estão separados dos processos do mundo. Para tal compreensão, a *informação* deve ser substituída por *dado*, este sendo definido como "potencial para o sentir" (Whitehead, 1978, p. 88). Assim, a informação deixa de ser um simples registro de eventos anteriores. Ela advém como sentir. Como dado, a informação torna-se uma unidade de momento que recolhe, de forma comprimida, uma série de gravações e regravações (elementos do mundo) de diferentes qualidades expressivas pertencentes a acontecimentos passados. Segundo a filosofia processual, a realidade mais fundamental é o acontecimento. O que contribui ao acontecimento é o dado, recurso preexistente no mundo para sua própria constituição. Ainda não se trata de um conteúdo significante, mas de uma série heterógena de gravações e regravações "cristalizadas" (Deleuze e Parnet, *Dialogues*, p. 184-185) como potencial. Este tipo de série modula-se, movimenta-se como *sinal* de intensidades (ou sinal de diferenças). No movimento, o "potencial para o sentir" é ativado. Não está voltado a um sentir humano, mas primordialmente ao acontecimento sentindo-se devir. O dado ingressa no acontecimento como repetição do passado, agindo no campo intensivo como modulação de intensidade diferenciadas. Conjuntamente com seu agenciamento como acontecimento, como atualização, emerge o *modo da experiência*. O novo acontece. As duas faces do acontecimento são a repetição e a novidade. O modo como o "potencial para o sentir" se atualiza (ou seja, o modo como as modulações de intensidade que constituem o dado o impulsionam ao acontecimento) é o *sinal* – este conceito substitui *transmissão* tal qual pode ser compreendida na teoria da comunicação tradicional. No limite entre a repetição e o advento de novidade, o dado torna-se *relacionalidade diferenciante*. Esta é a transmissão primordial: do passado como virtualidade para o presente como atualização. O acontecimento toma posse do passado, reativando-o de modo a atualizar a oportunidade que o mundo lhe oferece para se dar forma, sua forma.

O modo é a expressão qualitativa do acontecimento. Não existe separação ou diferença entre o modo como surge, através da escuta, o acontecimento-humano da experiência-campo/radiofônica e o acontecimento em si como sentir atualizando-se no humano. Por isso a experiência não é dita subjetiva, mas relacional. A situação-campo, atravessada pelo rádio, atualiza o acontecimento como experiência-campo/radiofônica. A experiência humana é um catalisador de acontecimento (não sendo, no entanto, o único). Tal experiência remete ao acontecimento experimentando-se a si mesmo. O som deste e daquele pássaro, o som do rio correndo, os grilos grilando e insetos por toda parte. Não se trata de uma novidade absoluta, tudo isso remete a uma experiência-mundo conhecida. Do passado ao presente. O que é transmitido como sinal é a intensidade[5]. Esta modula-se constantemente segundo o campo complexo de diferenças que a constitui. O sinal, a expressão singular de um diferencial, transmite intensidades. Como um ovo se abre para deixar passar o passarinho, a reativação destes dados pelo acontecimento faz do presente uma fissura da qual surge, de seu próprio devir, a novidade do acontecimento. A mensagem desabrocha como "sentimento objetivo" (Langer, 1953): qualidade ativada como sentir do próprio acontecimento-escuta. Como a potencialidade para o sentir é concretizada sob forma de experiência, a mensagem torna-

se uma expressão qualitativa completa em si. Esta é a consistência e o processo da mensagem formando-se, (in)formando-se como mundo.

A experiência torna-se música

Para Henri Bergson, a questão da sensação sonora é fundamentalmente ligada a noções de qualidade e de intensidade. Para ele, o som é uma qualidade pura. A diferença de qualidade entre uma percepção e outra encontra-se justamente no caráter afetivo que é atribuído ao som durante sua experiência. Bergson define a intensidade pura como uma nuance da qual se colore uma massa mais ou menos considerável de estados psíquicos, ou seja, o que mede a intensidade é sua capacidade de penetrar e de influenciar fatos psicológicos como percepções ou lembranças. No entanto, quanto mais penetramos nas profundezas da memória, menos os fatos psicológicos se justapõem ou se impõem enquanto individualidade. Assim, quanto mais intensamente experimentamos uma qualidade pura, mais ela afeta blocos complexos de experiência. Em um ambiente onde as melhores condições de escuta estão presentes, tudo conspira para que a intensidade da experiência seja profunda. A "sensação intensa" nos invade e nos absorve de tal maneira que é necessário um grande esforço para que possamos dela livrar-nos, afirma Bergson, pois um som muito intenso é aquele que absorve nossa atenção para se impor a todos os outros. A audição é *total*:

Então o ouvinte cego escala as alturas com a melodia, salta nas profundezas, é carregado sobre os abismos por um contra-movimento; num momento ele se sente num emocionante e comovedor campo de forças, em seguida está só no vazio, com um tímido lamento. Num certo momento o espaço está repleto de vozes e tudo se move em formação, em seguida é ocupado pela discórdia de sons simultâneos que não se entendem, para por fim se encontrarem num fluxo de perfeita harmonia (Arnheim, 1936, p. 69).

Esta estética sonora não somente recupera e acentua a função expressiva do rádio, mas ao fazê-lo, traça um mapa de forças que age como modulação de afetos a um nível pré-individual. Esta ecologia virtual impessoal não pode ser tratada, enfatiza Steve Goodman (2010: 199-200), como texto, mas através da materialidade da sensação.

Cada som é um dado, e cada canção, toda as canções, o todo do som, juntamente com as sensações que emergem, também é dado: múltiplo. Cada som é uma força material que penetra afetando as virtualidades do corpo. Para o corpo, o mapa de forças, no qual ele navega e que este articula através da experiência, é um diagrama, ou seja, forças tomando forma – *(in)formando-se*. A forma pode vir a tornar-se visível, como é o caso da dança – realizando-se assim como signo. No entanto, a forma do diagrama é pura e simplesmente virtual: é o que se move no corpo, ao movê-lo, realizando-se pelo *modo* como ele se move. Os afetos são modulados em um nível pré-individual pois não se trata do nível do individuo pré-constituido, ou da música, mas sim de uma subjetividade coletiva emergindo através dos diversos sons e do que se constitui como *imersão afetiva* envolvendo todos em um todo. "Pré" não deve ser compreendido no que se refere a um antes e um depois, mas juntamente com sua própria constituição como indivíduo, entrando nesta constituição ao dela emergir. Trata-se de um nível molecular da experiência. A maneira como uma música encaixa-se na outra produz um fluxo contínuo que constitui a performance do disc-jóquei, chamada de *djing*. Este intervalo

de tempo constituído pela apresentação propõe "objetos sonoros" que se entrelaçam conforme a uma "forma subjetiva" (Whitehead, 1978) singular. Esta singularidade se expressa através da música, dos ouvintes e do todo sob forma de complexa rede afetiva que guia a justaposição sonora, juntando uma música à outra como vibração harmônica, manifestando-se como subjetividade coletiva que inclui muito mais do que corpos humanos. É no processo de emergência desta forma subjetiva como fluxo de potencial para o sentir que se dá a imersão afetiva. Quanto mais intensa a experiência, mais a audição se torna total. Quanto mais a experiência de escuta é total, mais a modulação de afetos afeta blocos complexos de experiência. Quanto mais blocos complexos de experiência são afetados, a imersão afetiva pode igualmente tornar-se total.

O que diferencia este espaço midiático do referente ao rádio tradicional é esta intensidade afetiva proposta através da qualidade de escuta. Trata-se do equivalente ao show, à apresentação do músico, com a diferença de seu tempo de duração (pelo menos uma noite inteira, quando não se trata de um período variando entre dois dias até uma semana). O sinal é o veículo da intensidade afetiva. A imersão afetiva decorre diretamente dele, efetivando-se como ecologia virtual impessoal. Através desta emergência de multiplicidade performativa surge o que poderia ser chamado de *flow*, um estado no qual nossos atos se encontram sintonizados aos gestos dos demais em união. Sentimo-nos, ao mesmo tempo, em controle da situação, mas totalmente absortos por ela (Turner, 2012: 50). O modo como o *flow* se manifesta corresponde ao modo com o qual a singularidade da forma subjetiva *in-forma-se*. Assim, o pré-individual não se refere tão somente a um nível molecular da experiência humana. Acima de tudo, refere-se ao nível molecular do acontecimento realizando-se e experimentando-se. No que diz respeito à experiência, os dois se fundem como relação. O humano é tão somente um catalizador. Por isso a imersão afetiva nos atinge de maneira tão poderosa: a situação coletiva toma forma através do indivíduo, e esta força afetiva *in-forma* meu processo de subjetividade. É esta coletividade que entra como dado na experiência. Assim, a comunicação se dá de maneira imediata como sinal de intensidades: não é mediada, mas sim *imediada*.

O gesto micropolítico

A formação de tal coletividade acontece como território. O sinal é uma vibração *in-formada* pela passagem de forças modulando constantemente as intensidades afetivas constituintes do *flow*. Como acontece tal passagem do caos ao território? Segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980), o ritornelo tem três aspectos. O primeiro é o caos. Não tendo forma nem estrutura, é um espaço feito de movimentos vetoriais, de tendências, de possibilidades de movimento ou de passagem entre seus componentes. É o berço da ordem. Estes movimentos são captados e remanejados de forma a criar um ritornelo. Tudo acontece como se houvessem pedaços, contornos emergentes de ritmo nestes movimentos aberrantes do caos. Mas um número muito grande de forças retira-nos a capacidade de orientação. O ponto inicial do território psicodélico é justamente a manifestação de um afeto psicodélico. Primeiro, vem a batida, posta em quatro movimentos por quatro. Em seguida, sons aberrantes juntamente com uma certa distorção. Para uma atmosfera puramente psicodélica, a música eletrônica psicodélica é a chave. Sobre o início de movimento, em

um certo ritmo, ela apodera-se das forças caóticas sob forma de ritornelo dando origem a um espaço dimensional. Trata-se de uma ação rítmica sobre os movimentos aberrantes do caos levando à criação de um espaço embrionário. Não existe ainda interior ou exterior, mas somente o contraste de um movimento rítmico sobre os movimentos aberrantes do caos: a partir da repetição, do caos emerge o inicio da ordem. Este movimento rítmico torna-se uma localidade no mundo. Combinando-se com outros, torna-se relativamente estável criando o que é chamado um ritornelo.

O segundo aspecto do ritornelo é o território. É preciso organizar, contra a intrusão do caos, um espaço dimensional com uma certa exterioridade e interioridade. Ou seja, um espaço de coordenadas estruturadas. Juntamente com este padrão sonoro e de movimento, emerge uma função territorial para delimitar do caos esta sequência de ações. Para manter este espaço, habitá-lo, expressa-lo, é preciso que sejam cultivadas forças de uma tarefa a ser cumprida. Dançar as forças do caos é um modo de domesticar estas forças e de habitar o território psicodélico emergente. A música agrega-se a outros elementos como agenciamento. Corpos como "máquinas de desejo" (Deleuze e Guattari, 1972): a dança, as forças da Terra-Psicodelia em ação, corpos humanos, corpos tecnológicos, corpos de massa agregada agregando-se ao ritmo da batida (máquina de ritornelo). O manter-se junto é a marca estética do território. Acontece assim uma domesticação das forças psicodélicas do caos de forma que forças germinativas possam desenvolver-se. Como território, emergem regiões diferenciadas segundo diversas funções como dormir, comer, dançar, etc. O território, porém, não coincide com o espaço físico. Em sua interioridade, o espaço físico é um elemento dentre outros, traz forças afetivas que nutrem o território. Este brota do embrião psicodélico (força da terra), ativado pela força rítmica da musica eletrônica psicodélica e pela tarefa a ser cumprida. As forças da Terra-Psicodelia se expressam no recorte reorganizado do caos como território psicodélico, manifestando assim uma singularidade (cultura) em ação. A função social do ritornelo é atualizar as forças da Terra-Psicodelia. Estas são vividas, manifestadas no corpo-a-corpo que sustenta o território psicodélico.

Assim, o território deriva do limite germinativo que produz o seu agenciamento como sujeito, ou seja, o acontecimento experimentando-se a si mesmo. A tarefa primordial que assim se cumpre é a proteção desta interioridade que, como criação, é uma resposta ao problema do caos. A marca do território é estética: antes de tudo, artística. Cada festa manifesta uma qualidade estética singular que compõe sua capacidade própria de relacionar-se, como campo de forças, com outros territórios. Mas este limite germinativo não é totalmente domado pelas funções do território. As forças germinativas, diretamente derivadas do caos, continuam potencialmente ligadas a este. De tal forma que a função de proteção e, por consequência, de fechamento em relação ao exterior, nunca é completa. O terceiro aspecto do ritornelo é a saída. Assim, saímos de casa ao som da batida, com a cabeça rodando de sons distorcidos, vibrando a Terra-Psicodelia [6]. "E agora José? A festa acabou, A luz apagou, O povo sumiu, A noite esfriou, E agora José?" (Drummond de Andrade, 1962, p. 20). Com o movimento de desterritorialização, as forças que se agenciam como território retornam à terra (Deleuze e Guattari, 1991/2005, p. 82) e voltam a agenciar-se como movimento de reterritorialização. A terra é o dado que afeta e

nutre o movimento de territorialização. Da terra ao território, existe um movimento constante de *in-formação*. O sinal é uma vibração, modo como as forças da terra afetam a formação do território de diferentes intensidades. Esta vibração é feita de uma oscilação entre (re) territorialização e desterritorialização – pois não existe movimento puro de territorialização. Tudo vibra. A saída está ligada às forças cósmicas, a uma futuridade do porvir. Cada vez que um agenciamento territorial se encontra em movimento de desterritorialização, explicam Deleuze e Guattari (1980, p. 411), se desencadeia uma "máquina abstrata" que o abre sobre outros agenciamentos. A abertura pode ser parcial ou completa. Neste último caso, as potencialidades virtuais que se agenciam, como a sensação de imersão em um *flow* afetivo, propulsam as forças da terra desencadeadas como linhas de fuga que retornam ao caos.

A "máquina de guerra" (Deleuze e Guattari, 1980) não tem como objeto a guerra[7]. Trata-se de um agenciamento linear que se constrói sobre essas linhas de fuga. Ela compõe, ocupa e propaga o espaço liso. Decorrendo deste agenciamento *maquina de guerra-espaço liso*, obtemos o *nomadismo* (Deleuze, 1990, p. 50). As linhas de fuga não efetivam uma fuga da Psicodelia, mas uma especulação do devir das forças do psicodelismo. É neste sentido que a saída coincide com uma futuridade: "e agora José?" O agenciamento social nômade, por natureza, não se fecha sobre um estado de interioridade. Ao contrário, tendo como forma de expressão a máquina de guerra, está sempre indo em direção a um porvir (Zourabibichvili, 2003, p. 47). Assim, no caso de uma abertura parcial, distribuem-se potencialidades das quais se alimenta a consistência da formação nômade que invariavelmente reterritorializa este território – cuja função de espaço midiático faz-se e desfaz-se. O nomadismo é um modo de fazer um território e de reterritorializar-se sobre a desterritorialização (Deleuze e Guattari, 1980, p. 473). Tomemos como exemplo Burning Man[8], evento de arte e performance que acontece anualmente no deserto do Nevada como "metrópole participativa construída por seus cidadãos"[9]. Este evento tipicamente nômade ocorre em um espaço liso: o deserto.

A polaridade entre espaço liso e estriado toma forma na teoria deleuzo-guattariana do "Estado" e o que dele escapa (Deleuze e Guattari, 1980). Esta lógica de diferença entre polaridades que se pressupõem reciprocamente traz o problema da tensão e da recomposição constante entre organizações sociais. Portanto, não existe um espaço puramente liso e um espaço puramente estriado, mas estes constituem-se como tendências. O deserto, por se tratar de um espaço sem delimitação, obriga o povo nômade a se mover segundo as imprevisibilidades do terreno que ele ocupa ao nele mover-se. A distribuição nômade se auto-organiza indo ao encontro da variação contínua do terreno. Ao contrário, o espaço estriado é um espaço delimitado, repartido, que segue linhas determinadas [10]. O espaço liso é intensamente formado por forças e qualidades, atualizadas ao serem vividas – habitadas. Ele é ocupado por afetos mais do que coisas formadas, ao passo que no espaço estriado as formas organizam-se como matéria (Deleuze e Guattari, 1980, p. 598). A subjetividade coletiva que emerge como qualidade estética singular da "festa" manifesta-se de acordo com a maneira como o sinal move as intensidades que a sustentam. Este agenciamento coletivo singular atualiza-se intensamente de acordo com as linhas de afeto que o compõem. A compreensão destes fluxos afetivos permite-nos tratar da

lógica constitutiva de sua determinação como articulação abstrata, mas real.

A afirmação da força micropolítica da arte acontece segundo o modo como a *experiência estética* manifesta-se como potencial para o sentir: como dado. A mensagem psicodélica acontece através da "habilidade do corpo a tornar-se vulnerável ao que lhe rodeia, a deixar-se tomar por sensações de disparidade entre as formas da realidade e os movimentos que flutuam sob sua aparente estabilidade" (Rolnik, 2012, p. 8) (minha tradução). Por incidirem diretamente no plano da experiência estética, os processos constitutivos do agenciamento coletivo singular – neste caso, psicodélico – pulsam sua qualidade intensiva com tal "potência de contaminação efetiva de seu entorno" que a experiência "é capaz de intervir no processo de subjetivação" delineando "novas políticas do desejo e sua relação com o mundo – ou seja, novos diagramas do inconsciente no campo social" (Rolnik, 2011, p. 133). É sob forma desta reconfiguração de forças sociais que age o poder microlítico da arte. "E agora José?" Se a desterritorialização é completa, dizíamos, as forças da terra retornam ao caos. Mas do contrário, a reterritorialização dos afetos coletivamente modulados expande-se de inúmeras formas. Para que uma mudança macropolitica abrangendo as "três ecologias" – o meio ambiente, as ligações sociais e as diferentes formas de subjetividade – (Guattari, 1989) possa acontecer, talvez de nada adiante atacar-se aos centros de poder de forma ideológica. E se a transformação social não acontecesse necessariamente através de qualidades puras intensamente experimentadas? É sempre onde algo escapa, "entre" movimentos de desterritorialização e reterritorialização, que o potencial anseia. É nestes interstícios que os gestos micropolíticos da arte agem, transversalmente, entre diversos ciclos de captura. Resta-nos então advogarmos por uma ecologia de afetos positivos tendo como embasamento uma diversificação das maneiras de manifestação da arte como campo de experiência de qualidades puras.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, R. "O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos" em **Teorias do Rádio**. Organisado por Eduardo Meditsch. Florianópolis: Editora Insular, 1936, p. 61-98.

BERGSON, H. **Essai sur les données immédiates de la conscience** em **Oeuvres**. Paris: Presses Universitaires de France, 1963, p. 1-157.

BRECHT, B. **Brecht On Film & Radio (Diaries, Letters and Essays)**. Londres: Methuen Drama, 2016.

DELEUZE, G. **Pourparlers**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990, 250 p.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Capitalisme et schizophrénie I: L'Anti-Oedipe.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Capitalisme et schizophrénie II: Mille plateaux.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Qu'est-ce que la philosophie?**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1991/2005.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Antologia Poética.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1962.

GOODMAN, S. **Sonic Warfare: Sound, Affect and the Ecology of Fear.** Cambridge, Estados Unidos: MIT Press, 2010.

GUATTARI, F. **Les Trois Écologies**. Paris: Galilée, 1989.

LANGER, S. **Feeling and Form.** New York: Charles Scribner's Sons, 1953.

LOVINK, G. "Radio After Radio: From Pirate to Internet Experiments" em **Networks Without a Cause**. Cambridge, Inglaterra: Polity Press, 2011, p. 122-133.

MURPHIE, A. "The World as Medium: Whitehead's Media Philosophy" a ser publicado em **Immediations**. Editado por Erin Manning, Anna Munster e Bodil Marie Stavning Thomsen. London: Open Humanities Press.

O'SULLIVAN, S. **Art Encounters Deleuze and Guattari: Thought Beyond Representation**. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2006.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo.** Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 1977.

SCHAFER, R. M. "Radical Radio" em **Canadian Forum**, dez.-jan. 1982-1983, p. 10-13 e 32.

ROLNIK, S. "Arquivo-mania" em **Cadernos de Estudos Culturais**, v.3, n. 5 (2011), p. 129-138. http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4552

ROLNIK, S. **Archive Mania: 100 Notes, 100 Thoughts (Book 22)**. Stuttgart: Hatje Cantz, 2012.

TURNER, E. **Communitas: The Anthropology of Collective Joy**. London: Palgrave Macmillan, 2012.

VERTOV, D. **The Writings of Dziga Vertov.** Oakland: University of California Press, 1984.

WHITEHEAD, A. N. **Process and Reality.** New York: Free Press, 1978.

ZOURABICHVILI, F. **Le vocabulaire de Deleuze.** Paris: Ellipses Éditions, 2003.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[2] A autora expressa seu reconhecimento ao Conselho de Pesquisa Canadense de Ciências Sociais e Humanas pelo financiamento do projeto *Immediations* que viabilizou este artigo. The author is grateful to the Canadian Social Science and Humanities Research Council for the Partnership program that funded the *Immediations* grant that made it possible to write this article.

[3] http://www.silenceradio.org/

[4] Andrew Murphie. A ser publicado em *Immediations*, editado por Erin Manning, Anna Munster e Bodil Marie Stavning Thomsen, Open Humanities Press.

[5] A intensidade pode ser definida como envolvimento de potencialidades em vibração.

[6] No texto original : « On sort de chez soi au fil d'une chansonnette » (Deleuze e Guattari, 1980, p. 383).

[7] A expressão "máquina de metamorfose" parece mais adequada ao sentido deleuzo-guattariano do conceito de "máquina de guerra", sendo seu objetivo real as condições para mutação criativa e não a guerra como tal, afirma Paul Patton (citado em O'Sullivan, 2006, p. 183). Frequentemente nos deparamos com uma confusão entre "máquina de guerra" e uma comum compreensão de complexo militar-industrial, comenta Simon O'Sullivan em *Art Encounters Deleuze and Guattari: Thought Beyond Representation*. Fica portanto a decisão de guardar aqui a versão original da expressão por desejo de consistência para com os autores Deleuze e Guattari. Notemos, no entanto, a resistência acionada por toda "máquina de guerra" como afirmação de criatividade, ou seja, produção de novas formas de vida. Neste sentido, a resistência é ontologicamente anterior à captura destas novas formas de vida por modos de representação habituais. Ou seja, trata-se de uma concepção da criatividade como sendo primária – neste caso, a crítica emana da criatividade e não o contrário (O'Sullivan, 2006, p. 76-77). Assim conceituada, esta produção de novas formas de vida refere-

se ao conceito do *menor* (Deleuze e Guattari, 1980).

[8] https://burningman.org/

[9] https://pt.wikipedia.org/wiki/Burning_Man

[10] Dans l'espace strié on ferme une surface, et on la "répartit" suivant des intervalles déterminés, d'après des coupures assignées ; dans le lisse, on se "distribue" sur un espace ouvert, d'après des fréquences et le long des parcours » (Deleuze e Guattari, 1980, p. 600).

As ecologias políticas e infernais do Red and Anarchist Black Metal

Rodrigo Barchi [1]

Resumo: O estilo (anti)musical chamado Red and Anarchist Black Metal (RABM), é uma dissidência politizada do Black Metal, que por sua vez, é uma vertente mais extrema e satânica do movimento Heavy Metal. O Red and Anarchist Black Metal se caracteriza por uma postura de combate aos discursos fascistas, nazistas e nacionalistas presentes alguns discursos do próprio Black Metal, e dasociedade em geral. Além disso, as bandas e seus membros enfatizam, em suas perspectivas, uma militância ecológica de caráter internacionalista, biorregionalista e, muitas vezes, primitivista. Essa postura aproxima essas bandas muito mais das características de grupos punk, hardcore e grindcore, ligados aos movimentos anarquistas, do que necessariamente à boa parte dos discursos presentes no Heavy Metal e seus estilos. Esse texto, portanto, discute a presença e a potência da ecologia política no movimento Red and Anarchist Black Metal, enfatizando especialmente o conjunto Wolves In The Throne Room, em sua militância ecológica e libertária em defesa da região da Cascadia, entre o Noroeste dos Estados Unidos e a Columbia Britânica, no Canadá.

Palavras-chave: Red and Anarchist Black Metal. Música extrema. Ecologia política. Educação ambiental.

The ecology and infernal policies of Red and Anarchist Black Metal

Abstract: The (anti) musical style called Red and Anarchist Black Metal (RABM) is a politicized dissidence of Black Metal which is an extreme and satanic part of Heavy Metal Movement. The Red and Anarchist Black Metal is featured by the attitude of combating the fascists, Nazi and nationalists speeches present in some of Black Metal speeches and of society in general. Besides that, the bands and their members emphasize in their view an ecologic militancy of internationalist, bio regionalist and many times primitivist nature. This characteristic is much more related to punk, hardcore and grind core groups linked to the anarchist movements than to speeches present in Heavy Metal and its styles. This text, however, discusses the presence and power of the political ecology in the Red and Anarchist Black Metal movement emphasizing specially the Wolves in the Throne Room group in their ecological and libertarian militancy in defense of the Cascadia region between the Norwest of the United States and British Columbia in Canada.

Key words: Red and Anarchist Black Metal. Música extrema. Ecologia política. Educação ambiental.

[1] Doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Coordenador do Curso de Geografia da Universidade de Sorocaba (UNISO). E-mail: rodrigo.barchi@prof.uniso.br

Expecting half with nothing to find

Like a lighthouse, a wild nothing moved to an empty place
Tended embers of life fires, envelop, something wide and moral
It takes and leaves, flicker, heavy, growing, leeched
(God Alone – do conjunto RABM Altar of Plagues)

"This forest is my home", she said quietly, /"I feel best when I'm among trees.
Open country seems alien to me. Our chimp ancestors had the right idea.
Among trees you're safe, you can be free".
This with a mysterious smile.
(Ecotopia – Ernest Callenbach)

Os ruídos das ecologias

Há várias ecologias que gritam. Em seus berros, elas rompem, recusam, indisciplinam, fluem, invertem, anarquizam e infernam... São ecologias, pois apesar de seus discursos monstruosos, anormais, caóticos e insubordinados, elas lutam para se manter vivas, para dinamizar sua constante produção dos dissensos, dos múltiplos, das legiões diabólicas que desprezam as univocidades e homogeneizações dos sentidos da vida. Brigam e vociferam em suas potências e vitalidades que são constantemente assediadas e ameaçadas pelos agentes das utopias castradoras das possibilidades férteis e desviantes no pensamento.

Se para a criação do pensamento é preciso perverter/inverter/reverter o ideal ascético do platonismo ocidental (DELEUZE, 2006a; 2006b) e as especificidades hierarquizantes e excludentes das profundidades disciplinares, potencializar a ecologia como criadora de novas relações vitais exige perverte-la (BARCHI, 2016). E ao extremo. A ecologia como maquiagem da destruição, auxiliar das predações desenfreadas e genocidas das cosmovisões não padronizáveis, é uma ecologia de morte e, portanto, refuta a si própria. Submetê-la aos "bons modos" das sociedades contemporâneas – negativamente autofágicas – e condicioná-la aos horrores dos micro e macrofascismos ascendentes é destituí-la de tudo aquilo que a tornou, um dia, uma rebelde revolucionária no pensamento.

Como romper com a lógica das ecologias higienistas, puristas e pastorais, cujo salvacionismo repete os equívocos de escolher entre os bons e os maus, de hierarquizar saberes, de divinizar certas práticas "ecologicamente corretas", que na verdade não fazem quase que diferença nenhuma perante o holocausto, passado, presente e porvir?

Este texto busca, junto aos conjuntos de um estilo que é conhecido como *Red and Anarchist Black Metal*, discutir a possibilidade de se pensar em ecologias infernais. Diabólicas no sentido de perverter o pensamento, de dividir as alianças niilistas entre céu e terra, e anarquizar as ordens restritivas dos pseudo paraísos transcendentais. O texto aborda alguns indícios da presença da ecologia na música extrema, mais especificamente o a música Metal dos anos 80. Apresenta também as origens do estilo Black Metal, e sua dissidência cascadiana, para depois abordar os discursos e perspectivas ecológicas dessa vertente.

A presença das ecologias nas origens da música extrema

O diabo se transformou em uma figura evidente da resistência infernal a partir dos anos 1980, de maneira veemente e amplamente difundida pelo globo na (anti)música e no visual das bandas de *heavy metal* e suas vertentes mais brutais, a partir dos anos oitenta. Apesar de bandas como

Black Sabbath, Judas Priest e Led Zepellin, nos anos 1970, constantemente flertarem com a temática satânica em algumas letras, o diabo se tornou explícito e aberto com primeiro disco da banda britânica Venom, intitulado *Welcome to Hell*, lançado em dezembro de 1981. Influenciado pelas três bandas citadas, mais o *Motorhead*, o Venom resolveu fazer um *heavy metal* ainda mais pesado, sujo, direto, rápido e cru. E, ao contrário das bandas dos anos 70, eles explicitaram e evocaram a abertura dos portais do inferno.

Os títulos das músicas são, mais do que sugestivos, diretos e explícitos: *Sons of Satan, Welcome to Hell, In League with Satan, Angel Dust* e *One Thousand Days in Sodom*. A capa, com a cabeça de bode integrada ao pentagrama invertido, combinava o orgulho do pertencimento às hordas de demônios e bruxas que saiam do inferno à meia-noite para roubar a alma das crianças e a paz das pessoas, com a resistência à civilização cristã ocidental e suas práticas condutoras que visava à salvação do fogo do inferno, a perdição.

Figura 1: Capa do álbum Welcome to Hell (1981), da banda britânica Venom

Se, nos anos 1970 o diabo somente aparecia em momentos sugestivos, na calada da noite, para falar ao ouvido dos tentados, a escancarada dada pelo Venom possibilitou que uma onda de bandas que apareceu nos anos 1980 se comparasse justamente às guerrilhas bestiais e monstruosas que viriam a horrorizar, de certa forma, as sociedades dos países capitalistas ocidentais, já que o movimento, apesar de ter aparecido pontualmente nos países europeus e na América do Norte, se espalhou rapidamente pelo mundo, sendo que em países como o Brasil, o apelo e a popularização do metal ocorreram também em meados dos anos 1980.

Pela velocidade, afinação e peso das cordas e da bateria, e pelo descompromisso com a harmonização vocal – fugindo dos agudos ora afinados, ora gritados promovidos por vocalistas como Rob Halford do Judas Priest, de Ozzy Osbourne do Black Sabbath, de Ian Gillan, do Deep Purple, e de Robert Plant do Led Zepellin – o álbum *Welcome to Hell*, do Venom, é considerado como um dos precursores do *thrash Metal*. E pela temática satanista, é considerado como o álbum pai do estilo *Black Metal*.

Algumas semanas depois, em março de 1982, outra banda britânica, o Iron Maiden, lançaria um de seus discos mais clássicos e populares, chamado sugestivamente *The Number of the Beast*, o qual marcou da estreia do aclamado vocalista Paul Bruce Dickinson, grande conhecedor de história, além de ser esgrimista e piloto de avião, e considerado como um dos maiores nomes do Metal mundial. Esse álbum – o terceiro da banda – também foi marcado pela grande polêmica que envolveu a imagem de sua icônica capa, que traz a "mascote" da banda, Eddie, manipulando um grande diabo vermelho como se fosse uma marionete, que

por sua vez, manipulava da mesma forma uma série de pessoas que queimavam em chamas, na parte de baixo da capa em um sugestivo cenário apocalíptico.

No mesmo ano, outro expoente do Metal com temáticas satânicas lançaria seu primeiro álbum, que foi o EP *Nuns Haves no Fun*, do grupo dinamarquês Mercyful Fate. A banda tinha como principal nome o vocalista Kim Bendix Petersen, mais conhecido como King Diamond, que se destaca tanto por seu virtuoso vocal – que oscila desde tons mais agudos, até tons mais graves, além das teatralizações durante as músicas – quanto por sua maquiagem em palco e nas fotos de divulgação, a qual no começo de carreira trazia os olhos contornados por asas de morcego e um grande crucifixo invertido na testa, além da capa vampiresca e roupas pretas carregadas com correntes cheias de crucifixos invertidos, pentagramas e do símbolo do enxofre. Maquiagem inspirada em outro artista dos anos 1970, o cantor Alice Cooper, que promovia também uma grande teatralização em seus shows e vídeos.

O Mercyful Fate se transformaria em outra grande influência para o *Black Metal*, tanto devido à temática satânica das letras, das capas e do próprio visual emblemático do vocalista – a capa trazia uma moça seminua, crucificada, com um pentagrama na parte de cima da cruz, sobre a cabeça da moça, pegando fogo na parte de baixo, e cercada por pessoas encapuzadas, cujo rosto está parcialmente encoberto, em uma alusão ao que foi popularizado como um ritual satânico, permeado de sacrifícios, blasfêmias e sangue.

Figura 2: Capa do álbum Nuns Have No Fun (1982), da banda dinamarquesa Mercyful Fate

Por sua vez, apesar da capa e da aparência monstruosa do seu mascote, Eddie, o Iron Maiden sempre negou o fato de ser uma banda satânica, apesar da própria letra da música *The Number of the Beast*, a qual, de acordo com o baixista e principal letrista da banda, Steve Harris foi inspirada em um sonho e no filme "A Profecia 2".

O Iron Maiden acabou por se tornar o principal nome de um movimento chamado *New Wave of British Heavy Metal* (Nova Onda do Heavy Metal Britânico), surgido no começo dos anos 80, e que contava com dezenas de bandas. Os principais conjuntos foram o Def Leppard, o Saxon, e o próprio Venom.

As letras do Iron Maiden abordam uma grande diversidade de temáticas, explorando contos de terror, egiptologia, a ficção científica e a

literatura fantástica. Mas, duas canções do Iron Maiden merecem destaque e a atenção nessa tese. A primeira delas, nesse mesmo álbum, trazia à tona a questão da ocupação europeia nos Estados Unidos, cuja inspiração estava no Destino Manifesto, da década de 1840. Promovendo a extinção da esmagadora maioria dos povos ameríndios na América do Norte. Era necessário esmagar o selvagem para que o destino prometido aos Estados Unidos fosse cumprido. A canção *Run to the Hills* ("Corra para as colinas"), que se tornaria um clássico da banda, começa com a narrativa na perspectiva do nativo:

> *White man came across the sea*
> *He brought us pain and misery*
> *He killed our tribes, he killed our creed*
> *He took our game for his own need[2]*
> (IRON MAIDEN, 1982)

Ao gritar sob a perspectiva do índio, denunciando o massacre, o genocídio, a invasão e o apagamento da diferença, o diabo se revolta contra a civilização, contra a civilização ocidental, contra a lógica da expansão predatória, da pilhagem e da imposição de uma cultura universal. Ao assumir o discurso do nativo e inverter a fala, tomando para si a indignação daqueles que não podiam mais falar, pois haviam se tornado fantasmas, o diabo, no som do Iron Maiden clamava a resistência contra aqueles que haviam promovido o apagamento, a mudança brutal na vida e no espaço que por tanto tempo providenciou tudo o que era necessário à sua existência:

> *We fought him har, we fought him well*
> *Out the plains we give in hell[3]*
> (IRON MAIDEN, 1982)

Os brancos não viriam tomar as terras sem que os nativos, em sua brutal resistência, lhe mostrassem o inferno, a luta e as planícies do terror, antes que só sobrasse a possibilidade de fuga e de escape, em que os únicos lugares para onde se podia correr eram para as colinas, como diria o refrão *Run to the hills, run for your lives*.

O diabo da lamentação, o diabo do desespero, mas um diabo que nesse último momento permitiu-se ainda, em um último suspiro, criar vida. Ao expor o branco, homem, macho, europeu, cristão, como o escravizador, explorador, destruidor, o Iron Maiden propunha, além de uma inversão de perspectivas sobre o processo de ocupação dos EUA, uma perversão da própria noção do diabo. O diabo não como o interlocutor do indígena transformado em fantasma, nem do oprimido, nem do retorno à vida primitiva como ideal ecológico moral a ser alcançado, mas o diabo que, ao se solidarizar com o indígena, mostra-se como o *headbanger* que é assolado por um poder maior, moral e condutor, e que precisaria resistir a esse assédio.

Os cabelos compridos, como os dos próprios índios *cree* sugeridos na canção, a roupa preta com as imagens monstruosas e demoníacas nas camisas e jaquetas, os braceletes com rebites e pregos, o caminhar na noite, o urro, o grito, a roda. Contra a organização, o progresso, a hierarquização, o contingenciamento e um padrão de beleza, surgiam o caos da roda e do chacoalhar de cabeças, o berro, a desafinação, o som destoante das guitarras e a violência da bateria, ou seja, uma série de rituais "desritualizados", que impediriam ao projeto normalizante e condutor de se estabelecer único.

Devir-nativo no diabo, devir-diabo na ecologia, devir educação na transformação que o Metal sugere nos processos formativos dos indivíduos. Ao mostrar a tragédia ameríndia sob a perspectiva dos nativos, tendo como porta voz o *Heavy Metal*, o Iron Maiden possibilitou um diálogo sobre os processos de ocupação da América sob outra ótica além daquela privilegiada nos livros escolares e pelo professorado responsável pela perpetuação da temática civilizatória.

Apesar de o Iron Maiden e o Metal serem muito mais aceitos e compreendidos pelas esferas midiáticas e pelas sociedades globais atualmente, sua aparição foi uma eclosão de monstruosidades que tinham uma fala própria, um discurso próprio, e pessoas que entendiam sua linguagem e sua dinâmica que promoviam uma autonomia ao Metal, responsável inclusive, pela formação das novas gerações de *headbangers* e bandas que viriam nos anos seguintes.

Metal como a política de Rancière (1996), que explicita um discurso completamente incompreensível para a comunidade que o cerca. Política que, em diversas situações, se manteve entre a deriva e o equilíbrio, excluída das convenções culturais, musicais, sociais e políticas, devido à própria sonoridade, ao discurso não-assimilável e ácido, às imagens nas capas e ao visual grotesco de integrantes de bandas.

A forma de experimentar essa ecologia, misturada ao metal e à música extrema, fez com que os *headbangers* pudessem experimentá-la não somente ao cantar *Run to the hills*, e conhecer naquele momento de contato, a tragédia do encontro dos ameríndios com os europeus, mas sentir e vivenciar essa ecologia sob o som de duas guitarras, baixo, bateria e vocal, altos, distorcidos, graves e agudos ao mesmo tempo.

Ecologia como barulho, ecologia como chacoalhar de cabeças e dançar em roda. Ecologia em um levantar de braços ostentando os chifres do diabo. Experimentação que, apesar de estar definida previamente em um tempo de show, em uma duração de música, fazia com que os cabeludos e cabeludas se experimentassem como anormalidades, monstruosidades, intensidades, indisciplinas, políticas, resistências, música menor, educação menor, ecologia menor. Ato de resistência contra e/ou perante suas famílias, escolas, comunidades, sociedades, igrejas e locais de trabalho.

Ao se espalhar como uma neblina, enxame, pandemia ou praga, o Metal também espalharia o medo, principalmente nos anos 1980, já que levaria toda uma geração a recusar e blasfemar todas as referências sobre convivência, harmonia, salvação e aceitação sobre as verdades que lhes eram sugeridas. E mais do que pedir um mundo pacífico e idílico, como sugeriam as manifestações dos anos 1960, os *headbangers* queriam somente se livrar das amarras daquela moralidade policialesca e normativa sobre suas aparências, perspectivas de vida e sociabilidade.

Não à toa, bandas como Venom e Mercyful Fate foram perseguidas e tiveram problemas com a *Parents Music Resource Center* (*PMRC*), que era uma comissão fundada por Tipper Gore, esposa do ex-senador e ex-vice-presidente dos EUA Al Gore, conhecido também por suas iniciativas de combate ao aquecimento global, tendo recebido prêmios como o Oscar (pelo documentário "Uma verdade inconveniente") e o Nobel da Paz.

Essa comissão formada por esposas de importantes políticos estadunidenses buscou combater qualquer manifestação relativa à sexualidade, violência, álcool, drogas e ocultismo na música que entrava nos Estados Unidos. Diversos músicos e conjuntos dos mais diversos estilos musicais – e não-musicais – tiveram seus álbuns, senão proibidos, mas rotulados com o "Adesivo Tipper", conhecido por estampar os dizeres *Parental Adivisory: Explicit Lyrics*.

Figura 3: O "Adesivo Tipper"

Houve também uma lista de 15 músicas, conhecidas como "As mais imundas", as quais envolviam desde músicos pop, como Prince, Cindy Lauper e Madonna, passando por bandas rock e metal mais populares, como Judas Priest, Black Sabbath, Motley Crue, WASP e Twisted Sister. Nessa lista se encontravam também Venom e Mercyful Fate, sendo as duas as únicas acusadas de ocultismo/satanismo.

A onda de conservadorismo nos EUA, que se espalharia por alguns outros países europeus (CHRISTE, 2010), prejudicou, em um primeiro momento, a venda dos discos das bandas e artistas envolvidos, já que muitas lojas se recusavam a vender ou escondiam o material que havia sido difamado pela PMRC. Por sua vez, e ao mesmo tempo, permitiu ainda mais sua popularidade, visto que sua exposição quase que diária nas TVs, rádios e mídia impressa fez com que um número maior de pessoas simpatizasse com aquele movimento promovido pelos conjuntos, suas temáticas, capas, indignações e negações do instituído como normal, sincrônico, saudável e equilibrado.

Enquanto isso, o *metal* se expandia, se acelerava e ficava mais pesado. O próprio Venom, hoje, pode ser considerado como o principal responsável por essa rapidez e peso que o metal viria a ganhar nos anos 1980 e 1990.

O Black Metal e a Cascadia: ecologias satânicas

O *Black Metal* é uma das vertentes do *Heavy Metal* que, junto ao *Thrash Metal* e o *Death Metal*, mais se tornou extrema. Apesar de ter como uma de suas principais inspirações o conjunto britânico Venom, o *Black Metal* tornou-se amplamente popular em países escandinavos, especialmente a Noruega. A violência sonora e literária (extremamente anticristã e profana) é a marca registrada destes conjuntos, e tornou-se notória após os incêndios à centenas de igrejas promovidos pelos integrantes e admiradores das bandas, no começo dos anos 90. A longa citação de Christe é necessária para caracterizar melhor o *Black Metal*, especialmente em sua vertente européia:

> Formada em 1991, das cinzas da banda de *Death Metal* Thou Shalt Suffer, o Emperor verdadeiramente percebeu a ambição

> artística do Black Metal, reagrupando diferentes desdobramentos em um intenso estilo guiado pela atmosfera. Com sua proximidade à Alemanha, era apenas natural a adoção dos métodos melódicos de bandas clássicas do Speed Metal alemão – como Destruction e Kreator – apesar de o Black Metal ter dobrado todas as notas para aumentar a sensação de velocidade. O Emperor e outros também incluíam teclado e experimentavam outro aliado natural, o rock gótico, em especial, Kate Bush e o sombrio Sisters of Mercy. Como um resultado direto, o Black Metal abria espaço para garotas que estavam encurraladas à periferia Death Metal cheia de músculos. Ao criarem atmosferas bizarras, essas bandas também voltaram à magia teatral do Heavy Metal, só que violentamente. Assim como seus predecessores do Venon e do Hellhammer, os Black metals adotavam apelidos para substituírem seus nomes de batismo. Muitos usavam capas e maquiagem branca e preta, no estilo de King Diamond, do Mercyful Fate – uma grande mudança em comparação ao momento anti-imagem do Thrash e do Death Metal, quando bandas como Exodus e Cannibal Corpse se apresentavam usando calças de moleton. A fim de se prepararem melhor para sua jornada pelo desconhecido, Mayhem, Emperor, Immortal e Dark Throne posavam para fotos segurando tochas, punhais de aparência cruel, machados e instrumentos de tortura. (CHRISTE, 2010, p. 346-347)

Há algumas vertentes do *Black Metal* que seguem uma linha mais folclórica escandinava, outras que se aproximam da sonoridade brutal do *Death Metal*, outras são plenamente instrumentais e atmosféricas, e algumas, inclusive aproximaram o *Black Metal* dos discursos xenófobos e neonazistas que assolam a Europa há algumas décadas. Há, inclusive, nas capas e nas letras, um amplo discurso conservacionista das paisagens naturais da Noruega, cuja defesa aproxima algumas bandas de um protecionismo neurótico dos territórios nacionais.

Por outro lado, entre os gêneros de *Black Metal*, existe uma dissidência não necessariamente satânica, que é o conjunto de bandas que fazem parte de uma vertente chamada *Red and Anarchist Black Metal (RAMB)*. São conjuntos que se utilizam dos elementos sonoros do *Black Metal* tradicional, mas não chegam a fazer o combate direto contra a cristandade e seus símbolos, utilizando as terminologias ou mitologias explicitamente satânicas. As suas perspectivas estão mais próximas do discurso anarquista e libertário proferido pelos conjuntos de *Grindcore*, do que do satanismo presente em conjuntos como Venom ou Mercyful Fate.

Um dos registros mais antigos dessa vertente é de uma banda argentina chamada Profecium, cujo disco *Socialismo Satânico*, é um dos primeiros registros no *Black Metal* a associar o diabo ao discurso da extrema esquerda. Os títulos das composições sugerem a compreensão de um demônio muito mais parecido com um militante *punk* libertário do que um sacerdote das trevas, carrasco de crianças em cerimônias sacrificiais satânicas: *Dios Explotador, Cruz Fascista e Impalando Burguesia*. No Brasil, algumas bandas podem ser consideradas como membros desse gênero libertário no *Black Metal*, como Deuszebul, do Rio Grande do Norte, Nuclear Frost, de São Paulo, e Corubo, de Rondônia – cujo trabalho de junção de metal com música indígena.

Entre as bandas de RABM, existe uma vertente chamada de *Cascadian Black Metal* (*Black Metal* Cascadiano). Assim com no Black Metal europeu, essa disjunção caracteriza-se, em sua sonoridade, pelo aspecto lúgubre e sujo de suas composições. Longas bases nas cordas, bateria alternando momentos cadenciados e momentos "triturantes", vocais rasgados, e uma atmosfera

sufocante nas longas composições que muitas vezes chegam aos 20 minutos de duração.

O *Black Metal* cascadiano se inspira no *Black Metal* clássico em suas características sonoras, no refúgio para a floresta, e, muitas vezes, em sua brutal misantropia, ao acusar a humanidade de destruir, violar e assassinar as paisagens naturais e seus habitantes, humanos e não-humanos. Mas, a crítica anticristã na vertente cascadiana é menos explícita que no Black Metal tradicional, e o visual pesado e "*corpse paint*" é deixado de lado. Tanto, que as bandas cascadianas são ignoradas por boa parte dos fãs do *Black Metal* Clássico, e apreciadas, inclusive por muitos punks anarquistas.

A terminologia cascadiana é inspirada no movimento de autonomia de cunho biorregionalista[4], inspirado em uma proposta inspirada pela obra "Ecotopia", de Ernest Callenbach[5], na qual a região noroeste dos Estados Unidos – que compreende os estados de Washington, Idaho, Montana e Oregon, além do sul do Alasca – e Sudoeste do Canadá – Colúmbia Britânica e Alberta – buscam se desvencilhar dos grandes projetos de exploração dos recursos naturais, por parte das corporações transnacionais.

O movimento cascadiano, que existe desde o começo dos anos 90 (COHEN, 2004), especialmente após a conferência ECO-92, argumenta que, devido ao grande grau de preservação dessa região, que possui um dos ambientes mais ricos das paisagens temperadas, é necessário que se estabeleçam novas formas de coalizão política e econômica, respeitando-se, não as fronteiras territoriais estabelecidas pelos estados, mas as fronteiras naturais como cadeias montanhosas, paisagens climatobotânicas, e os cursos de água. O biorregionalismo que permeia o movimento cascadiano promove, inclusive, um culto ao lugar que, distinto de perspectivas religiosas cristãs ou de movimentos xenófobos de direita, busca uma interação muito próxima daquela promovida pelos povos nativos (COHEN, 2004).

E é sob os auspícios desse movimento que surgem conjuntos que utilizam o *Black Metal*, tanto como proposta sonora quanto de defesa de suas paisagens e culturas locais, mas com um cunho libertário mais próximo das perspectivas *Punk* e *Grindcore* anarquistas, do que das propostas clássicas do Metal.

A banda mais conhecida da vertente cascadiana do *Black Metal* chama-se Wolves in The Throne Room. Vindos do Estado de Washington, seus primeiros discos flertavam com um *Black Metal* clássico, tanto por sua sonoridade, quanto pelo próprio logo e imagens de divulgação da banda. Mas, suas intenções políticas e filosóficas, de acordo com os próprios membros da banda, sempre foram direcionadas ao que chama de anarco-primitivismo, apesar da sonoridade *Black Metal* (HOOPER, 2009). Mas, mesmo suas representações anticristãs eram secundárias perante o discurso ecológico de cunho biorregionalista e de defesa das florestas. Outras bandas importantes são Fauna, Echtra, Ash Borer (todas dos Estados Unidos) e Altar of Plagues (Irlanda), as quais, assim como Wolves In The Throne Room, foram formadas após o ano 2000.

As imagens das capas são quase sempre as florestas densas, sombrias e escuras, convidativas aos piores cenários de filmes terror. Mas ao invés da celebração do horror, utilizando os elementos da natureza, o Wolves in the Throne Room promove uma imersão nesse ambiente lúgubre, saudando os elementos constituintes dessa paisagem como si próprios (WILSON, 2014).

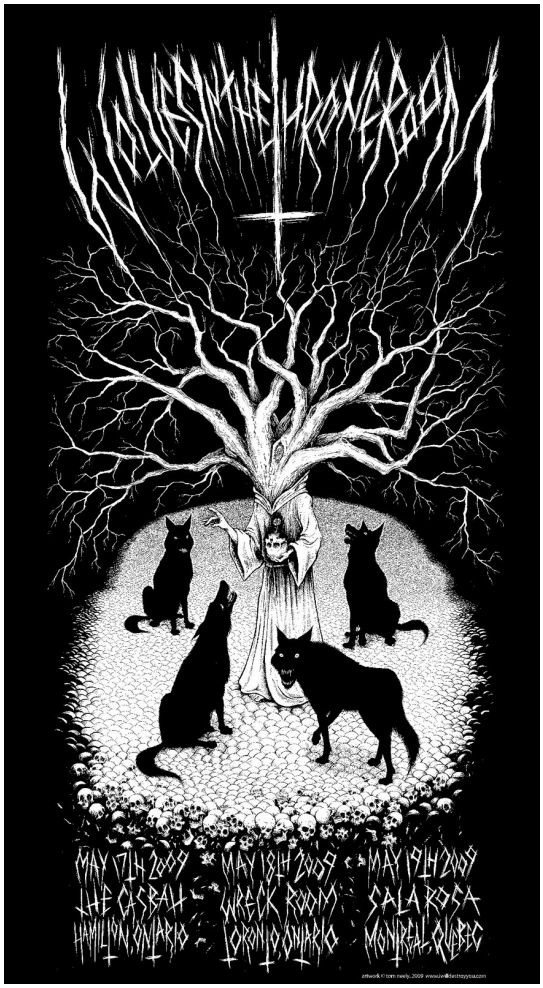


Figura 4: Cartaz de divulgação de uma apresentação do conjunto Wolves in The Throne Room.

Uma das imagens de divulgação da banda mais significativas é de uma pequena turnê de três shows no Canadá. No seu quase ilegível logotipo – que lembra, em muito, os grafismos das pichações por sua quase impossibilidade de decifração, assim como da maioria das bandas de *Black Metal* – há um grande crucifixo invertido no meio, que é também típico de imagens e logotipos de bandas *Black Metal* e de outras vertentes do *metal* anticristão. Há um sacerdote no meio do desenho, cuja cabeça é a copa desnuda de uma árvore que, em seu topo, se mistura ao próprio logo da banda. Ele segura um crânio de cabeça para baixo com uma das mãos, e na outra parece chamar os quatro lobos negros que o cercam, e todos estão sobre um assoalho composto por crânios humanos.

A capa do segundo disco da banda, *Two Hunters*[6] possui todos os elementos de um álbum típico de *black metal*, com um personagem de cabelos longos, de face esbranquiçada, com um manto negro e uma mão fechada, agachado frente a uma árvore permeada de cipós emaranhados.

Figura 5: Capa do álbum Two Hunters (2007)

A capa do EP lançado em 2009, chamado *Malevolent Grain*, possui a imagem de uma floresta, que aparece em cores, mas fora de foco, com o logotipo – um pouco mais legível – ao alto, e uma árvore caída abaixo, em destaque. Na parte direita da capa aparece uma forma

vultosa formada pelas próprias sombras da floresta.

Figura 6: Capa do álbum Malevolent Grain (2009)

Em outros álbuns, muitas vezes o logo da banda não aparece, surgindo somente a imagem de capa, como a do álbum de 2006, o primeiro da banda, chamado *Diadem of 12 Stars*, em que a imagem de um penhasco plenamente florestado é ocupado por uma grande cascata.

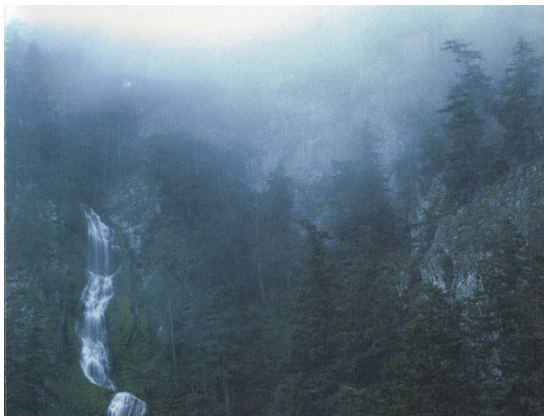


Figura 7: Capa do álbum Diadem of 12 Stars (2006)

Aliás, o termo *Cascadian* tem sua origem tanto da região da Serra da Cascada, quando do grande número de quedas d'água que ocupam aquela área. Cabe ainda ressaltar que a bandeira do movimento pela região da Cascadia, tem em suas cores o verde das florestas, o azul das águas, o branco das neves, e o desenho de um pinheiro vermelho (*Thuja plicata*), representando a espécie de pinheiro mais típica da região, chamada pelos nativos da região como "Árvore da Vida" (SHAKESPEARE, 2012).

Ecologias da vida… ecologias de morte

A Cascadia parece o lugar ideal para a fuga da civilização e a interação com a floresta propostas pelos irmãos Weaver, que compõe a banda. Presente nas capas e nos encartes, a mata boreal, gélida, ainda povoada de barulhos e sons, intransponível para a maior parte dos cidadãos urbanos, é convidativa para uma profunda imersão – no ambiente e em si mesmo – que ao mesmo tempo em que propõe o escape do barulho e do tempo da civilização capitalizada, promove possibilidades outras de convívio com o planeta. Cascadia que é lugar perfeito para um projeto de vida e um projeto de morte:

The wood is filled with the sounds of wildness.
The songs of birds fill the forest on this new morning.
This will be my new home.
Deep within the most sacred grove.
The sun god is born anew.[7]
(WOLVES IN THE THRONE ROOM, 2007)

Nada mais do que já é proposto por inúmeros movimentos ecologistas que propõe o anarco-primitivismo, pela permacultura, por algumas dissidências *hippies*, ou mesmo pelas ecovilas. Mas o encontro experimental que as bandas

de *Black Metal* cascadiano promovem é pertinente, original e radical, pois buscam em uma perspectiva completamente misantrópica, brutal e ruidosa, que é o *Black Metal*, uma alternativa para expor tanto uma indignação perante à situação de ameaça em que sua (bio)região se encontra, quanto para promover outras possibilidades de convívio e permanência na terra, sem necessariamente ser a alternativa capitalista do desenvolvimento sustentável, de cunho utilitarista, e de manutenção do padrão de consumo.

A ecologia do *Black Metal*, de acordo com Wilson (2014), especialmente na perspectiva cascadiana, sugere, no momento em que imerge na escuridão da mata, no limiar da morte, no encontro das guitarras melancólicas e dos vocais berrados com os sons dos habitantes não-humanos, uma pura forma malévola dos outros seres humanos, de repulsão aos padrões judaico-cristãos ocidentais religiosos – e por isso a importância da imagem de Satã (WILSON, 2014) – que ditam os valores econômicos, políticos e morais que guiam a sociedade.

O *corpse paint*, os cinturões, machados, sanguinolentos rituais macabros, evocações demoníacas, crucifixos invertidos, pentagramas, logotipos e vocalizações incompreensíveis. Hostilidade, morte, recusa ao diálogo como cooptação de reivindicações. A (anti) música por ela mesma, ou no máximo, como um exercício de resistência ao assédio do contingenciamento, seja ele para a manutenção, ou para uma mudança reformista nas relações humanas.

A destruição dos deuses, da criação divina, do universo e do cosmos como valores transcendentais, e a transformação da ecologia em algo negativo. Não negativo da plena morte, da morte como fim ou como punição divina, mas como experimentação e plano de imanência às ecologias menores, aquelas ecologias que a vida pode criar (GODOY, 2008). Vidas que, na experiência do *Black Metal*, envolvem fuga, fluidez, imersão na (anti)música, na selvageria sonora e simbólica nas entranhas da floresta. A resistência presente por intermédio do visual e do som, da escuridão em busca de uma natureza que não mais reproduza o exotismo utilitarista da natureza proposta pelas ecologias institucionais.

REFERÊNCIAS

BARCHI, Rodrigo. **Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa).** Campinas: Unicamp, 2016. Tese de Doutorado em Educação.

CALLENBACH, Ernest. **Ecotopia**. Berkeley: Heyday, 2004.

CLARK, John. A Social Ecology. In: ZIMMERMANN, Michael (Ed.) et alii. **Environmental Philosophy:** from Animal Rights to Radical Ecology. New Jersey: Prentice Hall, 2001.

COHEN, Miriam Alfie. Región Ambiental. Dos casos paradigmáticos: La frontera México-Estados Unidos y El Proyecto Cascadia. **Revista Mexicana de Estudios Canadienses** (Nueva Época), junio, número 007. Culiacán: Asociación Mexicana de Estudios sobre Canadá, 2004

CHRISTE, Ian. **Heavy Metal**: a história completa. Trad. Milena Durante e Augusto Zantoz. São Paulo: Arx: Saraiva, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006a.

_____. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.GODOY, Ana. A menor das ecologias. São Paulo: Edusp. 2008.

HOOPER, Jessica. Back to the land with the Wolves. **Chicago Tribune**, May 15, 2009.

IRON MAIDEN. Run to the hills. In: IRON MAIDEN. **The Number of the Beast**. EMI, 1982.

NEGRÃO, Silvio Luiz. Biorregionalismo, ética e justiça ambiental. **ethic@**, Florianópolis, v.5, n.3, p. 185-193, jun 2006.

O'CONNOR, James. Socialism and Ecology. In: ZIMMERMANN, Michael (Ed.) et alii. **Environmental Philosophy**: from Animal Rights to Radical Ecology. New Jersey: Prentice Hall, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – política e filosofia. Tradução de Angela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996

SHAKESPEARE, Steven. **Glossator**: Practice and Theory of Commentary: Black Metal. NY: Nicola Masciandaro Editor, 2012.

SNYDER, Gary. The Place, the Region, and the Commons.In: ZIMMERMANN, Michael (Ed.) et alii. **Environmental Philosophy**: from Animal Rights to Radical Ecology. New Jersey: Prentice Hall, 2001.

WILSON, Scott. **Melancology**: Black Metal Theory end Ecology. Alresford: Zero Books, 2014.

WOLVES IN THE THRONE ROOM. I Will Lay Down My Bones Among The Rocks And Roots. In: WOLVES IN THE THRONE ROOM. **Two Hunters. Southern Lord**, 2007.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[2] O homem branco veio pelo mar/ Nos trouxe dor e miséria/ Matou nossas tribos, matou nossas crenças/ Levaram nossa caça para seus próprios fins.

[3] Nós lutamos duramente, nós lutamos bem/ Nas planícies, demos-lhe o inferno

[4] O biorregionalismo, como perspectiva de autonomia de uma região baseada em seus aspectos naturais, tem seu conceito sugerido nos trabalhos de Snyder (2001), O, Connor(2001) e Clark(2001), e tem como principal característica a extinção das fronteiras dos Estados Nacionais, como forma de possibilitar a existência das comunidades sem necessariamente pautar suas atividades econômicas em formas predatórias de produção de bens. O biorregionalismo é uma das vertentes ecopolíticas mais discutidas e influentes nos debates bioéticos entre os movimentos de defesa dos animais (NEGRÃO, 2006).

[5] Novela publicada em 1975, o livro Ecotopia (CALLENBACH, 2005) é a caracterização de uma comunidade contracultural e ecológica, instalada entre a costa noroeste dos Estados Unidos, e a Colúmbia Britânca canadense.

[6] Os dois músicos membros efetivos da banda são os irmãos Aaron e Nathan Weaver, sendo que os outros integrantes sempre são convidados e rotativos.

[7] O bosque é cheio de sons selvagens/ As canções dos pássaros enchem a floresta nessa nova manhã/ Esse será meu novo lar/ Bem no fundo do mais sagrado arvoredo/ O Deus Sol nasce novamente

Manguezais de carnes e moscas para Adriana Varejão

Antonio Almeida da Silva [1]

Resumo: Inventamos outra maneira de coabitar nas obras de Adriana Varejão, entramos na obra como se estivéssemos invadindo um mangue, com seus devires subterrâneos e repletos de galerias da memória e do tempo, onde podemos nos afundar na lama das histórias do presente e passado e das diferentes temporalidades que nos atravessam e ao mesmo tempo criar novas narrativas mais aeradas de vida. As obras de Varejão se abrem para um ritual antropofágico sobre as camadas da carne, pele e imagens que experimentam múltiplas materialidades e linguagens. Somos "contaminados" por um processo estético e experimental de escrita atravessados pelos encontros com a filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1992 e 2012) e Deleuze (2002) com os trabalhos da artista plástica Adriana Varejão, intitulados "Carnes e mares" (2009) e a "Pele do tempo" (2005). Nosso procedimento de escrita se faz pelo/com afeto, o que produz pensamentos e atravessamentos com a experimentação através das obras.

Palavras-chave: Adriana Varejão. Maguezal. Filosofia.

Mangrove of flesh and flies for Adriana Varejão

Abstract: We invent another way of cohabiting the works of Adriana Varejão. We go into her work as if we were entering a mangrove, with its underground upcomings filled with galleries of memory and time, where we can submerge amidst mud stories of past and present and different temporalities that cross us through and, at the same time, create more aired new life narratives. The works of Varejão open up to an anthropophagic ritual on layers of flesh, skin and pictures that experience multiple materialities and languages. We get "infected" with a aesthetical and experimental writing process that is crossed by encounters between the philosophy of Gilles Deleuze, Felix Guattari (1992; 2012) and Deleuze (2002) and the works of plastic artist Adriana Varejão, entitled "Entre carnes e mares " (2009) and "Pele do tempo" (2005). Our writing procedure is constructed by/with affection, which lifts up thoughts and crossings through experimentation inside her works.

Key words: Adriana Varejão. Mangrove. Philosophy.

[1] Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. E-mail: almeida.uefs@gmail.com

- Seu Pedro, onde começa o mangue?
- Professor! Olhe o mangue! Não tem nem começo, nem fim: o mangue só tem meio!
(Diálogo com um velho pescador, na Ilha do Pinto, em Fortim, Ceará apud LINS, 2005).

Encenamos e performatizamos de forma impulsiva algumas escritas e composições de imagens e elementos da cultura, hibridizando e criando novas camadas de carne e pele às escritas com as obras da artista plástica Adriana Varejão.[2]

Instauremos um rito, que dispara um ritmo desejante de compor com as carnes, mares, mangues, palavras e imagens, um gesto barroco, quase performático de reivindicar nosso lugar no mundo, de proliferar pensamentos e escritas através da experimentação com as imagens.

Uma escrita "contaminada[3]" pelos encontros com a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992 e 2012) e Deleuze (2002), especialmente os conceitos de "devir" "rizoma" e "afeto", com os trabalhos da artista plástica, Adriana Varejão, intitulado "Carnes e mares" (2009) e a "Pele do tempo" (2005).

Nosso procedimento de escrita se faz pelo contágio, produzimos pensamentos e atravessamentos pelo encontro com a experimentação nas e com as obras, em constante exercício de não nomear, de não classificar, escapando de qualquer armadilha que nos capture e nos prenda à representação ou que enfatize o conceito.

> Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias (...). Encontram- se pessoas (...), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um ziguezague, algo que passa ou que se não passa entre dois sob uma diferença potencial: (...) 'efeito Kelvin'. Dizíamos a mesma coisa para os devires: não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, único devir que não é comum aos dois, já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas está entre os dois, que têm sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução a-paralela (...), núpcias, sempre 'fora' e 'entre' (Deleuze; Parnet, 1998, p. 14-15).

Figuras - Despacho para Varejão. Antonio A. Silva, 2017.

Para Deleuze (2012, p.20) "(...) Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não se conduz a parecer, nem ser, nem equivaler, nem produzir", ou ainda, no exemplo clássico da vespa que captura o código da orquídea em outro devir, o devir vespa da orquídea. O enquanto devir é ação infinita, afecto ou intensidades vibratórias, que permite a composição no plano molecular, pigmentos ou partículas de qualquer espécie.

"Às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Os afectos são devires" (Deleuze e Guattari, 2012, p. 42).

Assim, afetados pelo devir carne, devir mosca, devir varejar, dispusemos uma oferenda para Iemanjá/Adriana Varejão para aliviar a fumaça que sopra nas nossas narinas[4] vestígios de uma recente colonização e suas histórias às margens. Em "carnes e mares" e a "Pele do tempo" Adriana Varejão abre seu laboratório da experimentação, a artista experimenta com o tempo, com a ilusão, cria um movimento contra histórico, resgatando histórias marginais, ocultas, esquecidas e negligenciadas pela história tradicional.

Parafraseando Walter Benjamin (1994), a artista escova a história a contrapelo, ou seja, constrói outra visão do passado que retira o conformismo e a inércia diante dos fatos, escovando assim a fumaça que paira sobre as nossas narinas. A artista olha o passado numa esperança de quem sabe o futuro vir a ser uma coisa diferente do sempre igual.

Dispomos as imagens da artista, livros, pedras, elementos do mangue como uma oferenda para ativar contágios entre corpos distintos, entre a palavra e fotografia, entre a fala e a performance, entre a escrita e a história.

As obras de Varejão se abrem para um ritual antropofágico sobre as camadas de carne e imagens que transfiguram um tempo inacabado. Tela-corpo, tinta-sangue se experimentam, múltiplas materialidades e linguagens rasga sua própria história, coexiste com a varejeira em um bloco de devir, cava a água, o sangue, o tubo de tinta e o calcário, não se torna mangue e não se mantém Adriana, entre a Adriana e a mangue habitam uma multiplicidade de gente, uma multiplicidade que está sempre à espreita, tal como uma mosca varejadora de histórias, que adentra as galerias do mangue. Mestiça animal-gente que constrói, desconstrói e reconstrói no embalar das ondas, nas forças que atravessam os materiais e o corpo da artista, ora gerando total repulsa, ora sedução, nesse enquanto infinito, ela sobrepõe temas, apaga o tempo, rasga e perfura a tela.

Experimenta através de co(rpo)m posições um culto misterioso. Carne exposta ao altar como uma oferenda, um desperdício em favor do prazer das moscas. Um gesto que não somente seduz as moscas, mas também atrai a todas as vidas que se interessam por carnes, peles e mares. Que tipo de escrita "Carnes e mares" e a "Pele do tempo" inventam e experimentam? O que tem de mangue? O que tem de carne nas obras de Adriana Varejão?

Adriana mergulha, especialmente, "Entre as carnes e mares" e "Pele do tempo", e cria um novo verbo: Varejar. Tal como uma mosca varejeira que não desassossega nunca ao observar um pedaço de carne, encontrando no azul do mar sua insanidade, paz, brisa, tranquilidade e criação. Adriana varre estes

símbolos para outro lugar. Aqui carne, pele e mar não se opõem, mas se complementam.

A carne brota da sua pintura como uma ferida aberta, deixa vazar algo que estava cravado e reprimido na tela, como se a pintura revelasse seus segredos e mistérios mais ocultos. A pintura talvez quisesse dizer do que ela é feita, ou mostrar sua violência, sua agressividade. Num desejo agonizante, periclitante de extirpar seus males e seus desejos.

Na série "Extirpação do Mal por overdose", "Extirpação do Mal por incisura", "Extirpação do Mal por revulsão" e "Extirpação do Mal por curetagem" (Varejão, 2009, p. 104-109), o que vemos não é uma iguaria discursiva, mas uma narrativa que se deixa circunscrever pela força expressiva da encenação e pela força quimera que desenraíza uma potência monstruosa, um desejo abortivo. Uma protrusão do corpo quimera, fruto do incesto entre as anomalias da história e das aberrações da colonização.

O exorcismo se faz pelo desejo de vazar e se materializar em outros corpos. Acende as velas e inicia um rito de passagem para permitir que nasçam outros desejos.

Prepara-se a água numa temperatura de 36 ºC. Prepara-se as imagens, a bandeja, tesouras, bisturi, pinça fórceps, emplastos, entre outros objetos cirúrgicos, ceda-se, anestesia-se, assepsia-se, contudo, antes tem que se gorar e curetar o mal e dar lugar à imanência. A vida espera por esse procedimento. O que está ao leito a agonizar é o desejo pelo devir, uma agonia feliz, que ao vibrar escapa da pele-tela.

Escapa da pele, são carnes e vísceras dispostas aos azulejos como uma oferenda às moscas. Carne exuberante, queremos tocá-la. Carne repugnante que nos repele, nos assusta, diante dessas contradições, a obra de Adriana Varejão inventa em nós uma escrita agonizante e varejeira.

Há certa escrita do/com corpo nas obras de Varejão. Apesar desse laboratório de experimentação ser híbrido e polifônico, há um elemento que atravessa toda sua obra: o corpo, esteja ele disposto em pedaços, rasgado, borrado, dissolvido, esquartejado, desfigurado, metamorfoseando em telas, paredes, azulejos, pessoas e objetos. Varejão encena uma linguagem com o corpo. Um corpo do passado, corpo barroco, que atualiza-se, virtualiza-se dando outros contornos.

Um corpo exorcizado. O exorcismo se faz pelo desejo de vazar e se materializar em outros corpos. Uma pintura que quer ter um corpo, mas não o possui. Resta à pintura, nesse momento, apenas a opção por serem fragmentos de vísceras e sangue.

Nas ruínas do charque[5], algo sempre escapa da história, é através dessas fissuras da história que a obra de Adriana Varejão abre na carnadura nossa memória asséptica, contaminando as histórias ingênuas e românticas com feridas e vísceras, dando outros rumos às narrativas do presente e do passado e nas diferentes temporalidades que constantemente nos atravessam.

O que esse artigo propõe é acessar a obra com nossa própria história, inventar outras narrativas com a nossa pele, nossa carnes e mares. Propondo-nos uma experimentação escrita duvidosa e às vezes precária, tal qual uma escrita em ruína, "mais vale converter tudo em ruínas e assim abrir caminho para o novo" (Duarte apud Varejão, 2005, p.14).

É na precariedade dos materiais, que se apresentam de forma arbitrária, que o ente-artista aposta nas narrativas e (des)arranjos mais ilustres.

"Tudo para tratar do intangível, inexorável à condição, às formas, às manifestações humanas e o próprio homem em sua relação com as coisas" (Queiroz *apud* Varejão, 2005, s/p).

Uma escrita em estágio de putrefação, o próprio mangue como um texto. O mangue existe, e resiste a uma falsa ideia de desorganização e precariedade, ele se inventa o tempo todo. O mangue é rizomático, se espalha por todos os lados, cria e prolifera seres distintos através dos seus canais subterrâneos.

> O rizoma que é meio, intermezzo, inter-ser, que não tem alto nem baixo, nem começo nem fim: um ponto do rizoma é conectado a todos os outros pontos, fazendo da escola um imenso manguezal que se espraia num entrelaçamento de proteínas, calorias, gazes, lama, gozos, prazeres, detritos e… ouro (o caranguejo, em particular, e os crustáceos, em geral, são o ouro dos mangues), esquecimento ativo e devires, sem simbiose nem filiação, mas alianças, intercessões, vizinhanças (Lins, 2005, p.1241).

Encontros entre mangue e carne, pele e mares abrem possibilidades para pensar nos fluxos rizomáticos que escapam do pensamento vertical para brotam relações horizontais entre arte, filosofia e escrita.

> Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore-imagem, nem reprodução interna como a estrutura-árvore. O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma refere-se a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 2000, p. 32-33).

Somente o mangue com os seus canais poderá abrir a terra para outras ocupações oceânicas, assim, a superfície ciência, arte e filosofia, já não mais é a mesma dado ao encontro de forças da natureza e pelo embate constante entre terra e o oceano. O mar quer engolir a terra e o mangue, espalhando suas inúmeras ilhas de afeto, cabe a terra e o mangue persistirem sob o mar engolindo e consagrando e incorporando suas intensidades em sua superfície. Um povoamento mangue-nômade de nossa própria morada, inventar assim, uma potência exploratória e inventiva para com as forças sensoriais, subjetivas e existenciais.

"(…) é sempre também um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência (…). São os estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 125-126).

Apresentamos nesses territórios, galerias e espaços desse imenso laboratório de experimentação com as imagens, fluxos de imanência capturados pelos diferentes encontros com as obras de Adriana Varejão por meio da sensação, da experimentação com diferentes materialidades da natureza, aqui entendemos que a imanência é algo inseparável de uma experiência, ato de experimentar que se realiza na reinvenção de outra ordem, de outro mundo por meio da arte. "Pois que inventar aumenta o mundo" (Barros, 2007, p.29).

"Território se define pela experiência de procurar e traçar um lugar, uma espacialidade, e essa experiência se constitui como efetuação e expressão de múltiplas forças e agenciamentos" (Santos, 2013, p.65).

Mangue com seus devires animais, devires vegetais, devires minerais, devires subterrâneos, etc. Como explicar um território, se não for pela lista de seus afetos?

O mangue é todo afeto e está aberto aos afetos dos outros: afetos marítimos, afetos rios, afetos cidades. Afetos cravados na rocha, na lama, nas águas; são afetos minerais, vegetais, animais e por vezes humanos.

O mangue e as obras da Adriana Varejão se contaminam e ao mesmo tempo se relacionam entre as noções e afinidades dos afetos.

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele, ele nos apanha no composto. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 227-228).

Para Deleuze e Guattari os afetos se expressam através de sensações, que vão além das nossas percepções que remetem a um objeto ou referente. Nesse sentido esse conjunto de sensações pode ser entendido como perceptos.

Se a semelhança pode impregnar a obra de arte, é porque a sensação só remete a seu material; ela é o percepto ou o afecto do material mesmo. [...] E, todavia, a sensação não é idêntica ao material, ao menos de direito. O que se conserva, de direito, não é o material, que constitui somente a condição de fato; mas, enquanto é preenchida esta condição (enquanto a tela, a cor ou a pedra não virem pó), o que se conserva em si é o percepto ou o afecto. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 216).

Os encontros com as obras de Varejão nos invadem por todos os lados de afetos. São afetos deixados pelo vento, desejos subterrâneos e rizomáticos, com suas raízes pneumatóforas inventam outros modos de vida,

buscando oxigênio a todo custo na superfície. Suas criações anti-narrativas oscilam entre o real, ficcional, plural, apresentando relação instáveis e incômodas entre sujeito, cultura e natureza.

Nesse barroquismo todo que essa escrita-artigo experimenta um procedimento antropofágico, onde mistura mangue com carne, mares, pele e imagens trazendo como um banquete-oferenda outros pensamentos e experimentações com a arte e a filosofia. Inventamos inquietantes formas de dizer, criar conexões e novas existências com a arte. Nas diferentes produções, a artista instaura e habita um mangue primitivo, sensitivo, delicado, sensorial, insubmisso, subversivo, crítico e ao mesmo tempo criativo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Retrato do artista quando coisa**. 3. Ed. Rio de Janeiro, Record, 2007.

BENJAMIN, Walter. A pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio Jeanne Marie Gagnebin.7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1), p. 91–107.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Ed. 54, 2012.

DELEUZE, G. **A dobra, Leibniz e o barroco.** 2. ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 2000.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

LINS, Daniel. Mangue's school ou por uma pedagogia rizomática. **Educação & Sociedade,** Campinas, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez.2005. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br, 15 fevereiro de 2018.

SANTOS, Zamara Araujo dos. **A Geofilosofia de Deleuze e Guattari.** Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Tese de Doutorado em Filosofia. 2013.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo.** (Trad. Jamile Pinheiro Dias). Chão da Feira. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: http://chaodafeira.com/cadernos/reativar-o-animismo. Disponível em 10 de fevereiro de 2018.

VAREJÃO, Adriana. **Entre carnes e mares.** Between flesh and oceans. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó Ltda, 2009.

_____. **Pele do tempo.** Luisa Duarte. São Paulo: Base7 Projetos Culturais, 2015.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[2] A escrita acontece pelas relações e afetos trazidos durante as "Imediações aberrantes" – no grupo "Conexões entre manguezais e (des)territórios (des)conhecidos" durante o VII Seminário Conexões, realizada no espaço Lume – Campinas-SP, em novembro de 2017.

[3] Contaminada – tal qual dizem os yanomamis para falarem quando estão apaixonados por alguém ou alguma coisa.

[4]Fazemos referência ao texto de Isabelle Stengers (2018), quando fala que em nome de certo entendimento de verdade muitas bruxas morreram queimadas. "A fumaça das bruxas queimadas ainda paira nas nossas narinas". A autora menciona que em algumas vezes é necessário reativar essa fumaça para pensarmos nas decisões que estamos tomando.

[5]Fazemos referência à série "Ruína de charque" de VAREJÃO, 2009, p. 237-253.

Uma flora amazônica: conexões eco(flor)arte nas aquarelas de Margaret Mee

Helane Súzia Silva dos Santos [1]

Resumo: Este texto tem como objetivo experimentar outras possibilidades para pensar a Flora Amazônica, percorrendo vias fronteiriças da ciência e da arte. A partir das aquarelas da pintora inglesa Margaret Mee sobre essa flora, levantam-se alguns questionamentos: como é possível percorrer as linhas entrelaçadas da arte e da ciência? Que linhas escapam dos sistemas de classificação taxonômicos para percorrer o campo das sensações? Que Flora Amazônica é possível sentir nas aquarelas de Margaret Mee? Não há intenção de responder tais questionamentos. Mas, sugerir outras imagens do pensamento e proliferar sensações que atravessam a Flora Amazônica, como um deserto, como paisagem para se pensar um novo mundo, uma "nova terra", tema caro a Deleuze e Guattari.

Palavras-chave: Flora Amazônica. Ciência. Arte.

Una flora amazónica: conexiones eco(flor)arte en las acuarelas de Margaret Mee

Resumen: Este texto tiene como objetivo experimentar otras posibilidades para pensar la Flora Amazónica, recorriendo vías fronterizas de la ciencia y del arte. A partir de las acuarelas de la pintora inglesa Margaret Mee sobre esa flora, se plantean algunos cuestionamientos: ¿cómo es posible recorrer las líneas entrelazadas del arte y de la ciencia? ¿Qué líneas escapan de los sistemas de clasificación taxonómicos para recorrer el campo de las sensaciones? ¿Qué Flora Amazónica es posible sentir en las acuarelas de Margaret Mee? No hay intención de responder a estos cuestionamientos. Pero, sugerir otras imágenes del pensamiento y proliferar sensaciones que atravesan la Flora Amazónica, como un desierto, como paisaje para pensar un nuevo mundo, una "nueva tierra", tema caro a Deleuze y Guattari.

Palabras-clave: Flora Amazónica. Ciencia. Arte.

[1] Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Doutora em Educação em Ciências. E-mail: helanesantos@yahoo.com.br

Esboçando outras possibilidades...

A Flora Amazônica é vista, hegemonicamente, pelas vias taxonômicas, pelas estratificações aprisionadoras das intensidades, fixadoras das singularidades em sistemas de redundância, consolidados pela ciência, que binariza a existência, classificando tudo que passa pelo campo vital.

Produzir conhecimento sobre esse ecossistema, tradicionalmente, é recorrer à ciência, como via formal para tal produção. A Botânica, como ramo da Biologia que estuda as plantas, sedimentariza todo o conhecimento produzido no campo biológico, reduzindo-o aos seus preceitos e desconsiderando outras possibilidades.

No entanto, a Flora Amazônica também é inspiradora para experimentações artísticas, como as da pintora inglesa Margaret Mee, que viveu na Amazônia entre 1956 e 1988, período em que produziu várias aquarelas, principalmente de orquídeas e bromélias (ALMEIDA, 2014).

Embora, suas telas sejam de cunho artístico, também foram utilizadas como modelos para identificação das espécies vegetais. Tal apropriação pode ser pensada, a partir de Deleuze e Guattari (2012b), como uma molarização dos fluxos moleculares, que compõem as aquarelas.

A ciência opera por códigos, regras, leis, manuais, por um conjunto de linhas molares que dependem de máquinas binárias classificatórias, assim é a taxonomia botânica. Deleuze e Guattari (2012b) denominam Ciência Régia para esse modo de produzir conhecimento, mas eles enfatizam que essa Ciência pode se apropriar de outras produções, as quais não seguem o método científico.

Nesse contexto, como fissurar essas sedimentações produzidas pela ciência? Como pensar outras possibilidades? É possível percorrer as linhas entrelaçadas da arte e da ciência, onde as "fronteiras" são como um horizonte com delimitação inexistente? Que linhas escapam dos sistemas de classificação taxonômicos para percorrer o campo das sensações?

Partindo dessas problematizações, este texto tem como objetivo experimentar outras possibilidades para pensar a Flora Amazônica, percorrendo vias fronteiriças da ciência e da arte.

Essas vias são pensadas a partir dos escritos de Deleuze e Guattari sobre ciência e arte, na obra *O que é Filosofia?* Portanto, esses autores são tomados como intercessores para movimentar este ensaio.

Flora Amazônica como um deserto...

Sentir a imensidão da Flora Amazônica como um deserto povoado por multiplicidades, como uma proliferação de vidas, sensações potencializadas pelos escritos de Deleuze e Guattari (2012a), onde eles dizem que no deserto o horizonte delimitador entre a terra e o céu não existe. A orientação e o movimento, segundo um sistema de referência fixo, não encontra lugar.

A ciência opera com o plano de referência (DELEUZE e GUATTARI, 2010), que no estudo da flora se traduz pela produção de chaves taxonômicas para classificar as plantas. Ela não se importa com a diferença entre espécimes[2], mas sim com as similaridades, que compõem os functivos utilizados para a construção do plano de referência da Sistemática Botânica.

É importante enfatizar que para Deleuze (1999) o ato de criação é comum a todas as áreas, mas elas se diferenciam pelo componente operatório com que cada uma delas compõe sua criação, à ciência cabe criar funções e às artes blocos de sensações. Para este autor, "...a pintura inventa um tipo totalmente diverso de bloco. Não são nem blocos de conceitos, nem blocos de movimento/duração, mas blocos de linhas/cores..." (DELEUZE, 1999, p. 3).

As vias de produção de conhecimento, nem sempre se mantêm com suas bordas fixas. Vazamentos são possíveis! A produção artística de Margaret Mee percorre as vias das duas formas de produzir conhecimentos, a ciência e a arte, borrando suas fronteiras. As suas telas não foram *a priori* produzidas com o rigor exigido pelas regras taxonômicas, configurando-se como produção artística, como experimentações que perpassam pelo campo das sensações. Posteriormente, no entanto, foram utilizadas por institutos botânicos servindo de objeto de estudo para sistemática da flora, como coloca Almeida (2014, p. 45): "... a Desenhista desempenhou um grande papel para a Ciência, ilustrando espécies de plantas através de suas expedições, algumas que ainda não tinham sido descritas pela Ciência...".

Essas produções artistícas foram amplamente capturadas pela taxonomia botânica, inclusive como instrumento para a identificação de novas espécies, pois em algumas telas a artista tentou fazer a identificação das plantas através do nome científico. No entanto, apesar de ser considerada também uma ilustradora botânica (desenhista que representa a realidade de forma fiel, fugindo de elementos simbólicos que venham a distorcer características comuns da espécie representada), não seguiu o rigor científico, fugiu dos padrões que a ciência exige para uma leitura universal, utilizando cores, brilhos e texturas inspiradas na sua experimentação com a flora, que parece conotar uma relação simbiótica, já que Margaret Mee viveu na floresta produzindo suas telas em contato direto com as plantas. Por isso, seu trabalho também pode ser sentido como potencializador de processos vitais, que vão além do organicismo.

Deleuze e Guattari (2012a) consideram o organismo como um fenômeno de sedimentação ou coagulação, que impõe ao corpo fluído formas dominantes e hierarquizadas de organizá-lo, conferindo-lhe um sujeito e atribuindo-lhe uma significação. Para esses autores, o organismo impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair trabalho útil.

Muitos trabalhos, publicados nos campos da taxonomia botânica e de outras áreas, incluindo livros, dissertações e artigos, seguem esta lógica de pensamento organicista, quando fazem a leitura da produção de Margaret Mee, a partir de um sistema binário, em que um sujeito dá significações a um objeto estudado, ignorando outras "possibilidades", outras imagens do pensamento fomentadas pelas sensações.

Neste texto, considera-se que as telas de Margaret Mee esfumaçam as fronteiras entre a ciência e a arte. A Flora Amazônica também pode ser pensada como um deserto, onde a segmentação taxonômica não a reduz a uma existência fixa. Nesse deserto proliferam vidas! Os fluxos vitais escapam, compondo linhas flexíveis que passam pelo campo das sensações.

Eco(Flor)Arte...

... Então, a primeira pétala começou a se mexer, depois outra e mais outra, e a flor explodiu para a vida...
Margaret Mee

Margaret Mee percorreu linhas moleculares através da produção de suas aquarelas, ao se lançar no deserto amazônico, povoado por sensações, compondo um campo de intensidades, proliferador de outros modos de pensar a ecologia e a flora em interação com a arte – experimentada neste texto como Eco(Flor)Arte.

Que Flora Amazônica é possível sentir nas aquarelas de Margaret Mee? Não há intenção de responder tal questionamento neste texto. Mas, proliferar pensamentos que esbocem possibilidades, as quais (des)construam o rigor científico, como representação fiel da ecoflora que compõe as aquarelas, como única possibilidade de compreensão deste ecossistema. Considera-se importante retirar a ciência de um status de hegemonia sobre as outras vias de conhecimento, pois ela é tão necessária quanto à arte. Deleuze e Guattari (2010) enfatizam que uma não deve ter nenhum privilégio sobre a outra.

Assim, é possível movimentar sensações que atravessam a experimentação com a Flora Amazônica nas aquarelas de Margaret Mee, percorrendo linhas entrelaçadas entre ciência e arte, que esboçam outras paisagens possíveis nesse ecossistema, como nos traçados e cores que produzem uma flora nas telas dessa artista.

Figura 1: Ilustração de uma orquídea feita por Margaret Mee
Fonte: MEE, M. Flowers of the Amazon Forests. Ney York: Garden Art Press, 2006.

A flora pintada por Margaret Mee embaralha fronteiras, (des)funcionaliza esses "organismos" como componentes bióticos dos ecossistemas amazônicos, produtores de alimento e oxigênio apenas, que precisam ser identificados para endossar a molarização pelas vias da sistemática vegetal. Não é somente através dos functivos, construtores de um plano de referência, que se conhecem as plantas de um ecossistema.

As misturas de cores e as sensações hápticas, encontradas nas telas, podem movimentar outras imagens do pensamento acerca dessa vegetação, passando a ser visualizada não apenas como estratos, compreendidos a partir de populações, de sistematizações, de chaves

taxonômicas, mas do que difere. Há uma potência criadora nesses processos artísticos.

> […] Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações. As sensações, como perceptos, não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios, e o sorriso sobre a tela é somente feito de cores, de traços, de sombra e de luz. Se a semelhança pode impregnar a obra de arte, é porque a sensação só remete a seu material: ela é o percepto ou o afecto do material mesmo […] (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 215).

Margaret Mee criou uma flora amazônica atravessada por singularidades, que destoa das cores pálidas da segmentarização, tingindo-a por manchas resultantes das misturas coloridas e vivazes. Nesse sentido, ela se aventurou a ocupar o deserto Eco(Flor)Arte como um espaço povoado por sensações que transbordam os limites fronteiriços entre ciência e arte, lacerando a unidade da experiência vivida. Tais sensações arrancam o pensamento do torpor organicista, forçando-o a movimentar outras possibilidades para pensar a Flora Amazônica.

Para Deleuze e Guattari (2010), a sensação é feita de perceptos e afectos, e cabe à arte criar e compor sensações. E o artista é alguém que sente algo que o ultrapassa, mas que ele terá que tornar visível através das sensações que cria e compõe, excedendo os estados perceptivos e as passagens efetivas do vivido.

Qualquer artista, como um pintor, por exemplo, procura recortar do mundo uma possibilidade através de sua obra. As aquarelas de Margaret Mee são recortes de uma Flora Amazônica singular, atravessada por um plano de composição, que gera múltiplas sensações sobre essa flora.

Uma Flor da Lua…

"… um incessante murmúrio de vida."
Margaret Mee

A Flor da Lua inspirou uma das aquarelas mais caras à Margaret Mee, retratada em seus diários. Ela teve muita dificuldade em encontrá-la, devido a sua existência efêmera, pois esta flor vive apenas uma noite, durante a lua cheia. E assim como é possível conhecer suas estruturas pelas vias da ciência, também é possível ter sensações potencializadas pela sensibilidade artística de Margaret Mee.

A artista ficou à espreita na floresta, durante várias excursões, até sentir o murmúrio de vida da Flor da Lua. Uma paisagem transitória da Flora Amazônica, atravessada por tantos outros murmúrios vitais. Intensidades potencializadoras de vida!

A Flor da Lua povoa esse deserto, a Flora Amazônica, como uma paisagem transitória. Que sensações podem proliferar da sua existência, mesmo numa aquarela? A potência vital desse ecossistema é atravessada por um campo de intensidades, onde cabem quantas Flores da Lua forem possíveis de serem criadas.

Figura 2: Flor da lua Selenicereus witti feita por Margaret Mee
Fonte: MEE, Margaret. Flowers of the Amazon Forests. Ney York: Garden Art Press, 2006.

Através das telas dessa pintora foi possível pensar sobre os planos de referência, utilizados pela ciência, e sobre os planos de composição como geradores de sensações, ligados à arte. Transitar entre esses dois campos de criação, sem privilegiar nenhum deles, possibilitou reinventar uma Flora Amazônica, a qual compõe uma nova imagem do pensamento sobre esse ecossistema.

Assim, este trabalho sugere, através das aquarelas de Margaret Mee, outras imagens do pensamento e sensações que atravessam a Flora Amazônica, como um deserto, como paisagem para se pensar um novo mundo, uma "nova terra", tema caro a Deleuze e Guattari, onde se faz sentir por via da dilaceração da experiência vivida.

Torna-se urgente, nesses tempos de degradação antrópica acelerada dos ecossistemas, criar meios de resistência para intensificar a proliferação de vidas, para reinventar o mundo, para compor uma nova imagem do pensamento, para criar blocos de sensações, para movimentar potências criativas… para construir uma Eco(Flor)Arte de uma Flora Amazônica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. S. de. **O Desenho de Margaret Mee: Contribuições para a taxonomia Botânica.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. 80 p. 2014.

DELEUZE, G. **O ato de criação.** Tradução: José Marcos Macedo. In. Folha de São Paulo, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs.** Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

MEE, M. **Flowers of the Amazon Forests.** Ney York: Garden Art Press, 2006.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[2] Designam individualmente uma planta ou uma parte identificável, usada como amostra representativa para o estudo das propriedades de uma população da espécie a qual pertence.

ASFALTO em intervenções urbanas: imagens em performance e o fabular de um povo por vir

Juliana Soares Bom-Tempo [1]

Resumo: Como se dão as tramas sociais, políticas, linguísticas, arquitetônicas e corporais que organizam os fluxos do espaço urbano? Como intervir e ensaiar procedimentos para propor fissurações nos "asfaltos" e nas linhas que endurecem a cidade? Estas são questões que mobilizam sobremaneira o Grupo Asfalto e este propõe enfrentá-las criando intervenções performáticas no meio urbano e cotidiano. Tais intervenções têm como mote desalojar as espacialidades, os dizíveis e as visibilidades que configuram o ordinário da cidade, criar imagens em performances que abram os signos e os sentidos a proliferações. O espaço-tempo que entra no jogo de forças diante de uma intervenção, passa a ter os signos e os corpos desalojados e violentados diante do *non sense* e do *não racional* de ações que intervém nos planos ordinários de uma cidade. Tudo que não é consonante e correspondente ao que está dado para certo espaço, para aqueles discursos e para determinadas visibilidades, faz de uma intervenção artística uma criadora de problemas. Assim, tais procedimentos problematizam as questões *quid juris*? e *quid facti*?, enfatizando o que temos de mais urgente frente ao contexto urbano, afinal *Quid vitae?*.

Palavras-chave: Grupo Asfalto. Intervenção Urbana. Quid vitae?.

ASPHALT in urban interventions: images in performance and the fabulate of a people to come

Abstract: How do the social, political, linguistic, architectural, and corporeal patterns organize the flows of urban space? How to intervene and test procedures to propose fissures in the "asphalts" and in the lines that harden the city? These are issues that mobilize the Grupo Asfalto and this one proposes to face them by creating performance interventions in the urban and daily environment. Such interventions have as a motto dislodge the spatiality, dizibles and visibilities that make up the ordinary of the city, to create images in performances that open the signs and the senses to proliferations. The space-time that enters the game of forces face to face an intervention, begins to have the signs and the bodies displaced and violated in front the non sense and the non-rational of the actions that intervenes in the ordinary planes of a city. Everything that is not consonant and corresponding to what is given to a certain space, to those discourses and certain visibilities, makes of an artistic intervention a creator of problems. Thus, such procedures problematize the *Quid juris*? and *Quid facti*?, emphasizing what we have of most urgent in front the urban context: *Quid vitae?*.

Key words: Asphalt Group. Urban Intervention. Quid vitae?.

[1] Professora Adjunta do Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Educação pela UNICAMP. E-mail: ju_bomtempo@yahoo.com.br

ASFALTO: do latim ASPHALTUM ou do grego ASPHALTOS, desmembrando-se em A-SPHALLEIN no sentido de "não fazer cair", "não falir". Um tipo de aderência que funciona como tessitura segmentarizando e impermeabilizando as transições, construindo bordas opacas. Solo para andar: o tecido da cidade. Um pavimento se constrói enquanto espaço de toques e trocas. O grupo de pesquisa *Asfalto – texturas entre artes e filosofias* se constituiu em fevereiro de 2016, vinculado ao Curso de Dança e ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, junto a vontade de realizar pesquisas prático-teóricas com a urbanidade, tendo na ideia de "asfalto" as estriagens que direcionam os trânsitos, os modos de perceber, de estar e de viver uma cidade. Assim, somos movidos pelas questões: como se dão as tramas sociais, políticas, linguísticas, arquitetônicas e corporais que organizam os fluxos do espaço urbano? E diante disto, como intervir e ensaiar procedimentos para propor fissurações nos "asfaltos" e nas linhas que endurecem a cidade? Para tanto, nos interessa as concepções filosóficas de Gilles Deleuze, de Félix Guattari, Michel Foucault e Gilbert Simondon, bem como as estratégias ligadas às Artes do Corpo e Artes Visuais.

Lançarmo-nos ao encontro com o que nos provoca as questões supracitada e nos valemos da filosofia no intento de construir ferramentas conceituais e de "transduzir", utilizando um termo de Gilbert Simondon, conceitos em imagens performáticas, as quais intervém nos espaços da cidade. Diante das proposições performáticas formuladas e executadas pelo Grupo Asfalto entre os anos de 2016 e 2017, vimo-nos diante de um primeiro impasse: do que se trata uma intervenção artística que opere na cidade? Vale ressaltar que, da maneira como tomamos uma intervenção, esta se configura de modo diferenciado em relação a uma "apresentação" artística, já que a última , além de ser, na maioria das vezes, realizada em espaços já legitimados nos campos das artes, tais como museus, teatros, galerias, etc., espaços já estabelecidos e destinados à fruição artística, também se dá de modo a apresentar alguma construção estética que esbarre nos planos do sensível a partir da manutenção de certo *status quo* da figura do artista e do lugar do espectador.

A intervenção, por sua vez, sob o prisma que adotamos, tem um caráter ruptivo, em que se está lidando a alguma dimensão do cotidiano não propriamente ligada às artes. Uma intervenção, nesse sentido, cria alguma ruptura no que está estabelecido em termos de espacialidade, de discursividade e de visibilidade. Dessa maneira, esta opera desarranjos no próprio espaço, já que este não se configura enquanto um contexto próprio para aquela ação, para aqueles gestos, para aqueles modos de habitação; além disso, as narrativas propostas por uma intervenção não estão dadas ou formuladas *a priori* e podem ser construídas não estando em acordo e não correspondendo aos enunciados coletivos ali estabelecidos e reproduzidos; e há, ainda, a dimensão de visibilidade em que se produz um tipo de figuração e de paisagem que não são prontamente reconhecíveis como pertencentes àquele ambiente.

Tudo isso que não é consonante e correspondente ao que está dado para certo espaço, para aqueles discursos e para determinadas visibilidades, faz de uma intervenção artística uma criadora de problemas. O espaço-tempo que entra no jogo de forças diante de uma intervenção, passa a ter os signos e os corpos desalojados e violentados diante do *non sense* e do *não racional* de ações que intervém nos

planos ordinários de uma cidade. Tomamos a pergunta de Deleuze (1992, p. 32) para afirmar o que nos interessa: "o que são as tuas máquinas desejantes? Qual é a tua maneira de delirar o campo social?". Do modo aqui apresentado, a intervenção artística rompe com a dimensão já estabelecida para um espaço, para um discurso, para um visível. Ela cria um tipo de desorganização, de corte nos fluxos desejantes já direcionados para otimizar a performance urbana, para fazer funcionar a máquina de poder que tende à homogeneização, às capturas das heterogeneidades, às palavras de ordem e aos controles. Consideramos que as heterogêneses, as heterotopias e as heteronomias habitam o urbano num paradoxo entre àquilo que tende a uma estratificação pautada na lógica racional e capitalística; assim, nossa aposta é operar junto às forças transgressoras, convocar certo levante das sensibilidades, das percepções e dos sentidos a se mobilizarem e se desalojaram do que tende a estabilizá-los. Buscamos com intervenções performáticas no espaço urbano, pesar as máquinas que tais ações produzem, fazendo variar todo um regime de racionalidades e de previsibilidades.

Na provisoriedade de uma intervenção performática, temos como mote fazer algo funcionar, operar, maquinar em um construtivismo lógico do não racional. "Somos puramente funcionalistas: o que nos interessa é como alguma coisa anda, funciona, qual é a máquina". Quando pensamos as máquinas em suas dimensões desejantes, criadora de devires imperceptíveis, e a performance em intervenção urbana enquanto uma maquinaria desejante que vai fazendo conexões imprevisíveis, apostamos que tal "(…) funcionalismo impera no mundo das micromultiplicidades, das micromáquinas, das máquinas desejantes, das formações moleculares" (DELEUZE, 1992, p. 33).

Criar pequenos desvios, devires mínimos, seria produzir e agenciar minúsculos movimentos aberrantes, nos articulando ao que propõe David Lapoujade, e colocando a questão *quid juris?* sob suspeita de modo a desalojá-la do correspondente *quid facti?* e operar junto aos espaços, aos discursos e aos visíveis o que teríamos de mais urgente: *Quid vitae?*. Isso nos coloca a questão da criação na intervenção artística junto aos signos que esta mobiliza – em Deleuze, e, para nós – enquanto processo que sempre corre o risco de implodir nele mesmo; ou seja, toda potência criativa se dá no limiar de se engatar em um esfacelamento de si e dos próprios territórios que se experimentam construir. Um risco inerente aos processos de criação e intervenção artística que se dá enquanto combate de forças e põe em jogo a urgência por se exprimir modos outros, fazendo vazar os previsíveis e problematizando os possíveis enquanto dados.

> Desse ponto de vista, a questão *quid juris?* não implica apenas determinar o direito próprio a este ou aquele fato, mas a combater, a lutar em prol do que tais movimentos aberrantes *exprimem*. A expressão é como um grito – e há numerosos gritos em Deleuze. É como que um derradeiro estado da pergunta: que direito esses movimentos aberrantes reinvidicam? Em prol de que novas existências testemunham? (LAPOUJADE, 2015, p. 23 – 24).

Uma intervenção tem um caráter impróprio para o que já está estabilizado e codificado em termos de arranjo espacial, enunciado coletivo, figuração do visível; ou seja, opera na ordem do que não ter o direito de existir enquanto fato. Assim, ela problematiza os regimes de signos, de relações e de visibilidades estabelecidos em algum contexto. Levando em conta, mais especificamente, o recorte espaço-

temporal que nos interessa, uma intervenção urbana pretende problematizar o que está dado e o que tem o direito de existir para uma cidade e, além disso, colocar aquilo que está estabelecido em movimento, mobilizando os regimes e os modos que configuram o urbano. Uma intervenção cria uma mobilização dos signos que estão em relação para configurar o que chamamos de cotidiano da e na cidade. É nesse lugar que pensamos a intervenção artística, já que ela intervém, cria um corte, um problema e uma ruptura naquilo que já está dado como plano de possibilidades e para aquilo que tem o direito de fato para os modos de estar e de habitar o urbano.

Os transeuntes, diante dos inusitados das intervenções performáticas que operam problematizando os modos, os gestos, os espaços, os discursos, os visíveis e os dizíveis presentes nos contextos da cidade, são convocados a estarem, a ensaiarem sentidos e a comporem problemas com o que uma intervenção faz maquinar naquele espaço-tempo, fazendo valer o direito a criar seus próprios problemas que, na nossa cultura educacional-midiática-publicitária, já estão dados e se configuram a partir dos direitos que estes têm de existir enquanto fatos, com soluções prontas, significadas e legitimadas. "Como se não continuássemos escravos enquanto não dispuséssemos dos próprios problemas, de uma participação nos problemas, de um direito aos problemas, de uma gestão dos problemas" (DELEUZE, 1988, p. 228).

No entre das concepções aqui exploradas, nos localizamos em meio aos fluxos que já estão e estavam operando no urbano. Os processos que configuram, mas também os que escapam, se dão co-implicados quando das intervenções performáticas. Estamos no movimento de "inserção numa onda pré-existente" (DELEUZE, 1992, p. 151); não começamos um movimento, não nos colocamos na origem de uma ação, mas buscamos colocar algo em funcionamento para engendrar novos movimentos, outras ações, outras espacialidades, discursividades e visibilidade; buscamos "chegar entre".

No *intermezzo* dos fluxos que, numa diferenciação contínua, des-reterritorializam o urbano criamos e efetivamos ações que interviram nas relações de forças presentes na cidade. Entre as intervenções urbanas realizadas pelo grupo em 2016 e 2017, gostaríamos de destacar algumas para tecermos conexões junto ao nosso modo operante de entrar nos fluxos já existentes, construir pequenos desvios e gestar movimentos aberrantes, mesmo que mínimos.

Figura 1: Jardindigente. Evento: Sala Aberta. UFU. Jul/2017.
Fonte: fotografia de Joabe Romed.

Jardindigente foi o título de intervenções que se deram em três contextos: um canteiro que corta uma das principais avenidas da cidade de Uberlândia/MG (abril/2016), no espaço de convivência Jambolão da Universidade Federal de Uberlândia (julho/2017) e no espaço da Prainha na PUC de São Paulo (setembro/2017). A performance consistiu em corpos (cinco na

primeira ação, treze na segunda e nove na terceira) que, durante 1 hora e 30 minutos, em horário de rush no trânsito e de grande movimento de pessoas nas duas Universidades, territorializaram um espaço a partir de uma dinâmica de jogo e dança entre homens e mulheres com vestidos coloridos e esvoaçantes e, num certo momento, param em um ponto do espaço suspendendo, lentamente, os vestidos, deixando os rostos encobertos e estando completamente nus por baixo. Nessa intervenção, os passantes; às vezes de carro, ônibus e motos, noutras passando para almoçarem no Restaurante Universitário, ou sentados em bancos conversando; olharam, ignoraram, pararam para fotografar, falaram sobre o PT, disseram que era uma pouca vergonha, deram os parabéns pela ação, postaram cenas da nudez nas redes sociais afirmando que não deveria haver investimento público em cursos de artes para se fazer isso nas Universidades, fingiram não estarem olhando com certo constrangimento, tocaram os corpos nus dos performers. O canteiro da via urbana, o gramado do Jambolão, os bancos e concretos da prainha da PUC passaram a ter uma visibilidade inusitada, uma discursividade que nem imaginamos, uma espacialidade que agenciou novos regimes corporais, gestuais e de signos diante das cabeças viradas para trás nos veículos, dos fluxos que paravam para tentar decifrar o que era aquilo, das falas e dos humores que se divertiam e se irritavam frente ao problema ali friccionado e ficcionado que fez com que o ordinário desses espaços cotidianos, dos discursos ali recorrentes e dos visíveis já percebidos fosse mobilizado e abalado gestando movimento que poderíamos chamar aberrantes, já que convocam o direito de existir e de habitar a certa problematização.

Figura 2: Ata-me em teus braços coletivos. Praça central de Uberlândia/MG. Abril/2016.
Fonte: fotografia de Thiago Crepaldi.

A intervenção ***Ata-me em Teus Braços Coletivos*** foi realizada três vezes em uma praça central na cidade de Uberlândia/MG (abril/2016, agosto/2016 e agosto/2017), uma vez na XIV Semana de Artes do Corpo da PUC SP (setembro/2017); uma vez na Universidade Federal de Uberlândia ligada ao evento ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) (novembro/2017); uma vez na Praça do Rosário em Campinas/SP (novembro/2017). Tal performance constituiu-se a partir de uma estratégia que teve como procedimento a realização de laboratórios corporais de rolamento e pesquisas de encaixes, abertos a participação do público e conduzidos pelo Grupo Asfalto, para transmissão da técnica que desemboca na performance *Ata-me*; ou seja, oferecemos em um espaço público uma oficina-intervenção para preparar os corpos, energética e tecnicamente, compartilhando formas de encaixar dois corpos de maneira a dar mobilidade no rolamento de um sobre o outro. Após a oficina-intervenção, deslocamo-nos todos para um espaço aberto próximo, chegamos performando, territorializando o espaço com algumas caminhadas e duplas em ritmos distintos em tempos distintos, param,

olham-se, abraçam-se, abaixam-se atados até o chão, deitam um sob o outro e rolam abraçados até encontrarem um obstáculo intransponível, soltam-se, levantam-se separadamente, cada um vai para um lado, voltam a andar, encontram outra pessoa e recomeçam o procedimento de atar-se. As intervenções foram acompanhadas por falas e, também, gestos: disseram que era promessa de casamento, que alguém deveria perdoar, que houve traição, que o amor é lindo, que aquilo era vergonhoso, que tinham que parar, se questionaram: "mas o que está acontecendo?". Pararam diante de corpos acoplados rolando um sobre e sob o outro; estranhamentos, pausas, olhares acompanharam o deambular rolante tendo o chão como plataforma de encontros, não mais verticalizados, separaram os que estavam abraçados atados e impediram a ação de continuar. Agora na horizontal o rebaixamento dos órgãos, dos rostos, das superfícies que envolvem o corpo; o chão como plano de troca e toques, de suportes e de impulsos. Rolar acoplado, criar um trajeto, fazer valer os pesos e os apoios, incomodar por atar-se e acoplados sentiram o peso de uns sob os outros; um abraço mobilizador.

Figura 3: Multicolors. Evento: IX Semana das Artes da UFOP. Ouro Preto/MG.
Fonte: fotografia de Carla Fernanda.

Multicolors (outubro/2016) – tal ação consistiu em um desdobramento da oficina *Ata-me em Teus Braços Coletivos*, ministrada pelo Grupo Asfalto junto a IX Semana das Artes da Universidade Federal de Ouro Preto, onde criamos e executamos a performance/intervenção. Esta, teve como procedimento inicial a construção de uma linha de balões multicoloridos e, após a linha criada como mais ou menos 20 balões, cada um dos oito performers presentes foi envolvido pelos balões, se deitou em uma ladeira de Ouro Preto e seguiu rolando até que todos os balões tivessem estourado. A intervenção se deu na cidade turística e haviam as fotos dos visitantes em paralelo aos corpos cheios de balões coloridos rolando pelos morros íngremes de Ouro Preto/MG; diante das composições estrangeiras, paisagens se insinuavam no colorido brincante de corpos descendo ladeira abaixo, fazendo barulhos, criando estouros. Um devir-criança que fazia rir e brincar, coloria o ocre, o úmido, os anos de escravidão virtualmente impregnado e operante naquela arquitetura.

Figura 4: Marcas Profanatórias. Evento: IX Semana das Artes da UFOP. Ouro Preto/MG.
Fonte: fotografia de Carla Fernanda.

Marcas Profanatórias (outubro/2016) ocorreu duas vezes, em Ouro Preto/MG e em Uberlândia/MG, em que, a partir dos apoios do corpo sob superfícies a cidade, fez-se marcas com giz branco e spray de espuma. Uma pichação provisória das marcas que o corpo deixa ao colocar seu peso sob o chão. Estas ações trouxeram a tensão de estarmos profanando o espaço público, com o agravante em Ouro Preto/MG de ser uma cidade histórica e em Uberlândia/MG de estarmos "pixando" a Universidade, um prédio público. Ambas as ações operaram nos jogos de tensões entre "o que vocês estão fazendo?" e a construção de uma marca efêmera, que desaparece em pouquíssimo tempo, mas que gesta a tensão de marcar, danificar e se inscrever na arquitetura que precisa ser poupada das intemperes próprias das ações humanas. Uma inscrição que dura em certa temporalidade do precário, própria de um tempo que marca e que passa e insiste em passar. As reações, frente tal intervenção, foram de certo espanto, de tensão frente a um limite do que é permitido para inscrição das pessoas e do que é proibido diante das construções e pedras e concretos que regem espaços públicos.

Figura 5: Espanto e Hesitação. Praça central de Uberlândia/MG. Janeiro/2017.
Fonte: fotografia de Cristiano Barbosa.

A ação **Espanto e Hesitação** (novembro/2016 e janeiro/2017) teve como disparador a concepção apresentada na sinopse: "Não há repouso, microscopicamente é sempre movimento. A transmutação de corpos em paralisia. As peles metamorfoseiam-se pelo passar dos minutos. Cabelos-cabeças rodopiam, pernas se entrelaçam, criam circuitos, desenham poeira. Paradoxos do tempo: ressecamento e paralisia, espanto e hesitação". Consistiu-se em 9 performers cobrirem-se com argila, ficarem paralisados por cerca de 40 minutos, esperarem a argila secar para voltarem ao movimento, os movimentos, tanto de cobrirem-se de argila quanto de retirar a argila após secar, compuseram uma dança improvisada. Com a proposta que oferecemos ao espaço público, do tempo em que ficamos paralisados com as pernas entrelaçadas, cobertos por

argila e deitados no chão, ninguém foi obrigado a ficar ou a parar para ver o que se passava, entretanto, tal intervenção gerou situações de os transeuntes chegarem e pararem diante da performance que teve a duração de 1 hora e 30 minutos, sendo que algumas pessoas ficam ali observando e tecendo comentários a intervenção inteira. Algumas dessas pessoas, na duração da intervenção, começam a produzir e a ensaiar falas como, por exemplo, "isso que vocês estão fazendo não faz sentido algum"; "o que vocês estão fazendo? Vocês precisam explicar"; "vamos jogar água neles para eles pararem com isso"; "vou ficar aqui até que alguém me explique o que é isso!". Estávamos paralisados, sem nos comunicarmos e nem mesmo abrir os olhos. Os transeuntes pareciam narrar possíveis estórias e situações diante do que se apresentava. Estas falas produziram reverberações e tensionamentos nos nossos corpos, criando encontros e ressonâncias com as narrativas e as ameaças ensaiadas pelos transeuntes, que passaram a compor aquela cena.

Figura 6: Amarrações Coletivas. Evento: Festival de Inverno da UFUlândia. Uberlândia/MG. Jul/2017. Fonte: fotografia de Carla Fernanda.

"Existem 20 mil espécies de aranhas, e cada uma delas tem sua maneira de tecer, da qual a forma da teia depende. Tensionar as relações entre os habitantes e os espaços, criar variações de lugares de trânsito para engendrar outras sensibilidades". Esta é a sinopse da performance/instalação "Amarrações Coletivas" que foi contemplada pelo edital do Festival de Inverno da UFUlândia, ocorreu em julho e agosto de 2017, nos três campus da UFU de Uberlândia/MG. As ações ocorreram durante três semanas diariamente e teve por objetivo questionar as formas dadas do espaço cotidiano a partir da ação de conectar pontos distintos com barbantes, gerando outro modo de habitação do espaço público, fazendo deslocar as linhas estruturantes de tais arquiteturas, compondo em linhas uma habitação nômade e movente gerada pelo agir. Um trabalho desenvolvido por "arquitetos erráticos", termo inspirado nas proposições de Peter Pál Pelbart (2016), junto ao trabalho de Fernand Deligny, presentes no texto Linhas Erráticas. A ação proposta, seguiu as concepções da Performance Arte ligadas ao *site specific*, no sentido de considerar a arquitetura já presente em cada espaço para a realização da intervenção "Amarrações Coletivas", agindo nessa arquitetura, junto e a partir dela.

Ainda gostaríamos de expor um tipo de ocupação que também provocou intervenções no ordinário da rua. **Piquenique no canteiro** tratou-se de encontros realizados em espaços públicos para viabilizar um grupo de estudos. Realizado uma vez por semana (das 17:00 às 19:00 horas), desde fevereiro de 2016 até julho de 2017, o grupo se propôs a estudar filosofia contemporânea com temáticas ligadas a arte, ao corpo e a cidade, principalmente com base nos conceitos de Deleuze e Guattari, e aconteceu em canteiros e praças da cidade de Uberlândia/MG. Por ser uma ação que se repetiu muitas vezes, em algumas delas, pessoas se sentaram conosco tentando entender nosso movimento de estudos, alguns se indignaram

dizendo que estávamos ocupando o espaço público, alguns paravam de carro e moto na avenida e tentavam conversar um pouco sobre o que era aquilo, sobre política ou apenas dizer "isso mesmo, temos que ocupar as ruas".

As intervenções operadas pelo Grupo Asfalto, na maioria das vezes, geraram estranhamentos e desconfortos diante de ações que não têm mensagens a transmitir e que não querem comunicar algo. O que está em jogo e em questão é a criação do que chamamos *imagens em performance*; ou seja, a "transdução" de outras imagens que não estão configuradas nos regimes de relações que organizam os ordinários da cidade; outras imagens que se individuam e modificam o meio abrindo os sentidos e mobilizando os signos para que os transeuntes, as arquiteturas, as palavras de ordem, os modos, os gestos, os corpos que operam junto à cidade sejam convocados a gestar novos regimes nos entremeios das construções espaciais, dos dizíveis e dos visíveis que, com as rupturas criadas por intervenções, são violentados e entram em movimentos de experimentação. Um tipo de convocatória desta ordem incomoda, principalmente em um mundo em que os signos, os sentidos e as imagens já estão prontas e dadas; as palavras de ordem, as mídias, as publicidades fazem um trabalho intenso de já fixar os dizíveis e os visíveis do que está dito e do que é visto; afirmam, assim, o que é para ser entendido de um enunciado e o que deve ser captado de certa imagem, de certo signo, de certa ação. As forças operam para responder as questões *quid juris*? e *quid facti*? e para efetuar uma inquisição diante daquilo que não tem direito de existir enquanto fato para os ditames que regem o cotidiano. A performance em intervenção urbana está na contramão disto, já que justamente vai criar um tipo de procedimento e de imagem em que os signos não estão fixados em significações e significantes pré-concebidos e em que o espectador é convocado a construir sentidos. O que nos interessa é servir de disparadores aos delitos de fabular, de delirar, de inventar discursividades e visibilidades que não têm o direito de existir. Flagrar alguém cometendo o delito de inventar um povo que não tem o direito de fato.

> O que é preciso é pegar alguém que esteja 'fabulando', em 'flagrante delito de fabular'. Então se forma, a dois ou em vários, um discurso de minoria. Reencontramos aqui a função da fabulação bergsoniana... Pegar as pessoas em flagrante delito de fabular é captar o movimento de constituição de um povo. Os povos não preexistem. De certa maneira, o povo é o que falta, como dizia Paul Klee (DELEUZE, 1992, p. 157).

Fazer falar um povo que não tem o direito de existir, fazer funcionar um tipo de produção desejante e delirante que abre o urbano e o ordinário aos encontros com o que não existiria se fossem outras condições. Um tipo de encontro que opera entre singularidades ao agenciar de forma precisa cada ponto de conexão, de fabulação, de discurso indireto livre, de outridade que passa a existir desvanecendo as questões *quid juris?* e *quid facti?* para fazer proliferar uma junção da arte com o existente que convoca forças para o problema que mais interessa aos modos de habitar o urbano e o cotidiano: *quid vitae*?

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Conversações**, 1972 – 1990. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **L'Image-Mouvement**. Cinéma 1. Paris: Les Éditions de Munuit, 1983.

_____. **L'Image-Temps**. Cinéma 2. Paris: Les Éditions de Munuit, 1985.

_____. **Deux Régimes de Fous**: textes et entretiens 1975 – 1995. Édition préparée par David Lapoujade. Paris: Les Éditions de Munuit, 2003.

LAPOUJADE, D. **Deleuze**: os movimentos aberrantes. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: N – 1 edições, 2015.

PELBART, P.P. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. 2ª ed. São Paulo: N – 1 edições, 2016.

SAUVAGNARGUES, A. Écologie des images et machines d'art. En: **Pourparlers**: Deleuze entre art et philosophie. Reims, França: Épure; Édition de Presses Universiteire de Reims, 2013a, p. 169 – 186.

SIMONDON, G. **L'individuação psychique et coletiva à la lumière des noções de forme**: informação, potentiel et métastabilité. Paris: Aubier, 1989.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

O corpo na produção de novas terras afetivas: por uma política e criação de novas ambiências

Fernando Yonezawa [1], Angela Vieira [2]

Resumo: Este artigo tinha a intenção de apresentar nosso trabalho de produção de experimentações corporais, relacionando os campos da clínica e da educação com a criação de novas terras afetivas, trazendo os efeitos de uma sessão de experimentação que houvesse sido realizada na sessão "Imediações Aberrantes" do evento *VII Seminário Conexões* (2017). Porém, na medida em que não foi possível realizar esta experimentação devido à proposta colocada pela organização do evento para a apresentação dos trabalhos, alteramos também nosso texto escrito, de modo a focarmo-nos na noção de nova terra. Assim, baseando-nos nas obras de Deleuze e Guattari, temos a intenção de discutir aqui a sua noção de nova terra junto da possibilidade de pensarmos a produção de novas terras afetivas e de novas ambiências constitucionais para nosso viver. Cartografando o aparecimento da noção de nova terra ao longo das obras destes autores, buscamos mostrar que encontramos uma produção incessante de novas terras afetivas, as quais portam a potência de germinar novos campos de valor e de sensibilidade. Veremos os aspectos políticos ligados à nova terra, a qual faz frente à lógica de estado e ao axioma capitalista, possibilitando que os corpos se constituam a partir das novas terras afetivas.

Palavras-chave: Nova Terra. Afeto. Política.

El cuerpo en la producción de nuevas tierras afectivas: por una política de creación de nuevos ambientes

Resumen: Este artículo tenía la intención de presentar nuestro trabajo de producción de experimentaciones corporales, relacionando los campos de la clínica y de la educación con la creación de nuevas tierras afectivas, trayendo los efectos de una sesión de experimentación que hubiera sido realizada en la sesión "Inmediaciones Aberrantes" del evento VII Seminario Conexiones (2017). Sin embargo, en la medida en que no fue posible realizar esta experimentación debido a la propuesta planteada por la organización del evento para la presentación de los trabajos, alteramos también nuestro texto escrito, para enfocarnos en la noción de nueva tierra. Así, basándonos en las obras de Deleuze y Guattari, tenemos la intención de debatir aquí su noción de nueva tierra junto a la posibilidad de pensar la producción de nuevas tierras afectivas y de nuevos ambientes constitucionales para nuestro vivir. Cartografando la aparición

[1] Psicólogo, Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: fefoyo@yahoo.com.br

[2] Psicóloga formada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: angelitacaju@yahoo.com.br

de la noción de nueva tierra a lo largo de las obras de estos autores, buscamos enseñar que encontramos una producción incesante de nuevas tierras afectivas, las cuales llevam la potencia de germinar nuevos campos de valor y de sensibilidad. Veremos los aspectos políticos asociados a la nueva tierra, la cual hace frente a la lógica de estado y al axioma capitalista, posibilitando que los cuerpos se constituyan a partir de las nuevas tierras afectivas.

Palavras-clave: Nueva Tierra. Afecto. Política.

Neste artigo, inicialmente tínhamos a intenção de apresentar os efeitos de uma experimentação corporal que houvesse sido realizada na sessão "Imediações Aberrantes", destinada a apresentações de trabalhos, dentro do evento *VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolítcas e Ecologias Radicais e Nova Terra e…* (UNICAMP, 2017). A partir daquilo que os participantes houvessem experenciado na experimentação iriamos discutir a possibilidade de construção de novas terras afetivas e sua relação com os campos da clínica psicoterápica e da educação. Porém, não pudemos realizar esta experimentação, diante da proposta trazida pela comissão organizadora do evento para a sessão de apresentação de trabalhos; por isso, decidimos alterar também o texto escrito final, mantendo o foco em aspecto relacionado ao tema do Seminário.

Então, a partir da obra de Deleuze e Guattari, focando-nos em um dos aspectos constantes na proposta original deste trabalho, discutiremos a possibilidade de produção de novas terras afetivas dentro do capitalismo contemporâneo, relacionando o conceito de nova terra com o de afeto e de corpo. Iremos tecer, ainda, a ideia de que a constituição de uma nova terra se funde também com a emergência de uma nova ambiência para nosso viver e, graças a isso, de uma possibilidade de constituição de novos corpos. Para tanto, navegaremos ao longo de algumas obras destes autores, cartografando o aparecimento da noção de nova terra, de modo a compreendermos os diversos sentidos e usos que ela vai ganhando neste trajeto.

Nova terra, corpo e novo afeto

Logo de início, é preciso destacar que *nova terra* é uma expressão utilizada muito esparsamente por Deleuze e Guattari, em contextos de escritos distintos; não se trata, pois, de conceito sistematicamente elaborado na obra dos autores, tal como poderíamos falar dos conceitos de devir, ou máquinas desejantes.

Em uma de suas aparições na obra dos autores, a nova terra aparece sempre ligada à sua potencial produtividade, ou, mais precisamente, à sua natureza virtual. No platô em que Deleuze e Guattari tratam do conceito de corpo sem órgãos, a noção de nova terra aparece ligada à produção de uma corporeidade capaz de escapar ou correr paralelamente aos grandes estratos de captura do corpo, a saber, subjetivação, organismo e significância.

> Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, *ter sempre um pedaço de uma nova terra.* (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.24) [grifo nosso]

Para os autores, o corpo está sempre tomado por formas de limitação ou aplainamento de suas diferenças e processos de mutação. O corpo, na concepção dos autores, é um composto de válvulas e vasos conectivos (DELEUZE e GAUTTARI, 1996, p.13), através das quais nos ligamos com outros corpos e alteramos nossos regimes de fluxo, de sensibilidade, de funcionamento. Todo encontro gera fluxos de intensidades, os afetos, os quais podem ser sentidos de inúmeros modos: ondas de frio, aceleração cardíaca, excitação, intensificação das cores, mensagens místicas, alterações temporais, produção de pensamento etc. Estes afetos, contudo, são apenas efeitos dos encontros e denotam todo um processo de transformação da multiplicidade que forma o

corpo; ou seja, os encontros geram o desgaste das formas atuais de um corpo e passagens para uma diferenciação. Neste processo, no momento mesmo da desterritorialização é que intervêm os estratos. A subjetivação identifica os processos corporais a um suposto sujeito, o qual circunscreve o corpo a uma forma individual, necessariamente conjuntada e incapaz de disjunções e fendas. Já a significância atua colmatando as rachaduras que invariavelmente surgem dos desfazimentos das formas atuais do corpo: é preciso tapar cada rachadura com sentidos prontos, com argamassa de traduções para tudo o que, nos encontros, foge do saber estabelecido. Mas, muito antes, o organismo está pressuposto ao corpo, como esquema estruturante das relações entre seus órgãos, seus intervalos, seus conductos e escoamentos. O organismo é a coerência transcendente colocada sobre o corpo, é o seu enraizamento na moral do poder-saber médico. Os estratos são, portanto, modos de institucionalização e amansamento dos processos diferenciais nascidos dos encontros, são formas de recolocar os fluxos corporais em terras já lavradas em cartório.

Porém, como dizíamos, há sempre uma nova terra fertilizando novamente os tecidos corporais. Todo encontro promove diferenciações, pequenos terrenos férteis, dos quais não se sabe o que pode germinar: novas terras que se gestam virtualmente, paralelamente a toda tentativa de acomodação dos encontros. Quando referida aos processos corporais, a nova terra aparece como uma composição de afetos inusitada, singular, um pedaço de multiplicidade que, insuspeita, mantém-se germinando em novas terras afetivas.

Seguindo os rastros do conceito de nova terra, encontramos mais algumas pistas no platô *Sobre Alguns Regimes de Signos*. Ali, a nova terra aparece ligada a uma estranha linhagem de deriva, traição e constituição de nova vida. A nova terra aparece ligada à deriva do povo judeu, a qual consistiu, para Deleuze e Guattari, em um traçado de uma linha de fuga do império egípcio. A trajetória errante do povo judeu é tomada pelos autores como andança desterritorializada em direção a uma nova terra. Ora, todos sabemos que esta promessa de uma nova terra fez o povo judeu caminhar por quarenta anos no deserto. Os autores entendem que se trata de uma forma de vida que se desgarra do império, mas ao mesmo tempo se desgarra de seu próprio centro significante, que é a face de Deus.

> Moisés como sujeito de enunciação, que se constitui a partir das tábuas de Deus substituindo o rosto; o povo judeu, constituindo o sujeito de enunciado, para a traição, *mas também para a nova terra* [grifo nosso], formando uma aliança ou um "processo" linear a ser sempre retomado, ao invés de uma expansão circular. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.82)

A linha dos judeus segue uma tecitura incerta, ambígua, guiada por uma tábua de leis, ao mesmo tempo que lançada no horizonte esvaziado, a ser preenchido pela nova terra. Esta linha precária e ambulante que Deleuze e Guattari enxergam no trajeto judeu seria, na realidade, um exemplo de linhas inúmeras constituídas por pedaços de nova terra, que se passam na história e são feitas por uma sucessão de traições, rupturas e trapaças, as quais confrontaram os grandes sistemas significantes, os territórios e faces divinas: reis que trapaceiam para tomar o poder, Lutero que trai o cristianismo católico. Nessa passagem, a nova terra aparecerá conceituada de modo mais ambíguo. Ela novamente aponta para um fluxo

de desterritorialização dos significantes, da história, dos centros divinos ou imperiais, mas sempre expressa como se invocasse uma terra original, o Antigo Testamento, o verdadeiro. De qualquer modo, a nova terra é ainda campo virtual – nem atual, nem possível (portanto, também não impossível) – constituído pelas linhas que fogem de um sentido já instituído, culminante em sua dominação. A nova terra é o campo desenhado pelo movimento que trai a terra dos homens dominantes, dos senhores, dos majoritários e, no entanto, se apresenta como sentido mais genuíno, como verdade a ser recuperada em meio aos verdadeiros traidores.

> Há sempre um retorno ao Antigo Testamento nessas novas figuras da traição: eu sou a cólera de Deus. Mas a traição se tornou humanista, ela não ocorre mais entre Deus e seus próprios homens, se apóia em Deus para ocorrer entre seus homens e os outros, denunciados como trapaceiros. A rigor, há apenas um homem de Deus ou da cólera de Deus, um único traidor contra todos os trapaceiros. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.80)

Aqui é muito fácil lembrarmo-nos de Nietzsche, quando este diz que tudo aquilo que surge como novo valor ou nova verdade na história, em seu nascedouro histórico, toma as faces das verdades atuais, disfarça-se nelas. Com efeito, a nova terra é o prolongamento da linha original, linha de criação e, por isso mesmo, a linha de traição, que profundamente denuncia a traição dos homens atuais, denuncia a trapaça que existe em sua dominância. Ela é terra de um povo errante, ou que se colocou em errância por força de uma intensa desterritorialização, cuja força o lança a buscar novo espaço concreto correlativo à criação de um novo espaço afetivo. Nas palavras de Deleuze e Guattari (DELEUZE; GUATARI, 1995, p.82), a nova terra deriva de uma linha de paixão delirante, oposta à linha despótica imperial, sedentária e paranoica; como linha, continua-se num fluxo errático, escapando ao centro ou ao raio do círculo despótico. Fuga da jurisdição, nova paixão expressa no delírio de uma nova terra.

Até aqui já pudemos ver desenhados dois aspectos da noção de nova terra: ela é, por um lado, fruto de uma experimentação corporal que, a partir dos fluxos intensivos produzidos, destitui as impregnações do organismo, do sujeito e da significação, nova terra que se opõe aos solos lavrados pela medicalização, pela psicologização e pelo dogmatismo de semântico; por outro lado, a nova terra é também paixão desterritorializada, despegada do latifúndio senhorial, uma nova terra afetiva, cujo delírio intrínseco é justamente seu motor de produção de nova realidade.

Vejamos, agora no platô dedicado à máquina de guerra, que a nova terra aparece novamente ligada à possibilidade de fazer estremecer a lógica estatal. Enquanto perspectiva do dinamismo típico da máquina de guerra, a nova terra é imanente ao modo nômade de vida. Contudo, aparece aí uma especificidade. Até o momento caracterizou-se a nova terra como se ela fosse uma espécie de vislumbre louco ou efeito insuspeito de uma ação conflitiva entre o império e um povo fugidio, ou entre fluxos intensos e o corpo amansado. Quando emparelhado com a sofisticada caracterização conceitual da máquina de guerra, a nova terra aparece, ao contrário de ser um efeito, como um campo constitutivo do nomadismo, algo até mesmo norteador de seu funcionamento. É que a máquina de guerra sempre se constrói a partir de uma relação inventiva com uma linhagem maquínica, um *phylum* maquínico, que necessita tomar para si algum material para lhe dar expressão e vida. Este material é justamente

encontrado na terra e seguido como se fosse um fluxo, um rio. Assim, os ferreiros e o ferro, os artistas com o cobre e o estanho para fabricar bronze, algumas tribos norte-americanas e os fluxos de búfalos, os esquimós e a gordura e sangue da baleia. A máquina de guerra, na medida em que é máquina de ocupação singular de um espaço liso a partir de uma matéria de expressão, acaba sendo exterior e oposta ao aparelho estatal justamente por não se constituir a partir de um ponto ou comando irradiante; muito diversamente, a máquina de guerra é impelida por um fluxo primeiramente inumano, inorgânico, de certo modo não-subjetivo e não-social. São as matérias de expressão que forçam o deslocamento nômade, determinando sua singularização e territorialização móvel: o fluxo da matéria é que constitui lança a novas terras. Mais precisamente, é o a nova terra que já sempre está lá, consistindo a máquina nômade, fazendo emergir seu material no espaço liso do mar, da estepe, ou de um terreno rochoso.

> Mas a terra faz valer seus próprios poderes de desterritorialização, suas linhas de fuga, seus espaços lisos que vivem e que *cavam seu caminho para uma nova terra*. [grifo nosso] (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.110)

Assim, a nova terra não é uma outra terra, mas a própria medula germinal da Terra, que a constitui e se impõe involuntariamente em todo processo, em todo movimento. Medula inorgânica, sem sujeito, sem vontade, sem homem, mas à qual o funcionamento nômade se conecta para constituir sua própria nova terra.

Nova terra e capitalismo

Ora, se não esquecemos que a criação de uma nova terra tem sempre o sentido político de escapar ao funcionamento estatal dogmático, também precisamos lembrar que este sentido político ainda se realiza na incomodação que a produção de uma nova terra causa na axiomática do capitalismo.

> Ele [o capitalismo] não opera a "conjugação" dos fluxos descodificados e desterritorializados sem que os fluxos se dirijam ainda para mais longe, escapem tanto à axiomática que os conjuga quanto aos modelos que os reterritorializam, e *tendam a entrar em "conexões" que desenham uma nova Terra* [grifo nosso], que constituem uma máquina de guerra cujo fim não é mais nem a guerra de extermínio nem a paz do terror generalizado, mas o movimento revolucionário (conexão de fluxos, composição de conjuntos não numeráveis, devir-minoritário de todo mundo). (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.177)

Falando de outro modo, a nova terra opera um outro tipo de conjunção, a conjunção de uma série de linhas de fuga, linhas minoritárias, para formar um território não atado sobre o dinheiro e sobre a lei dogmática. A nova terra é a composição de inúmeras linhas de fuga que ejetadas pelo próprio capital, vão se conectando para formar, pelo menos temporariamente, terrenos não-monetarizados, não colonizados.

> *A D* [desterritorialização] *é absoluta, conforme o primeiro caso, cada vez que realiza a criação de uma nova terra*, isto é, cada vez que conecta as linhas de fuga, as conduz à potência de uma linha vital abstrata ou traça um plano de consistência. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.226) [grifo nosso]

Portanto, a desterritorialização própria da nova terra será chamada absoluta por não se fazer território neutro ou mesmo flexível dentro da lógica do capitalismo. Não se trata, pois, de uma terra imediatamente capturável, ela

não é produzida como amolecimento das leis essenciais do capitalismo ou como possibilidade de diálogo com este. A desterritorialização absoluta é parte do capitalismo, é seu efeito, mas um efeito que consiste numa exterioridade ingovernável, um fora-moeda, o qual não se contenta com melhorias legais, aumentos salariais, ampliação de direitos, democratização do consumo e acesso às mesmas instituições. A desterritorialização que é conduzida pelo movimento germinal da nova terra é ferrenha pulsação por outros valores, outros modos de sentir, lança com ponta diamantada, tão mais dura quanto mais flexível a natureza essencial do capitalismo.

Em *O que é a Filosofia*? Deleuze e Guattari também apresentam esta intransigência da nova terra em relação às reterritorializações produzidas no capitalismo. Esta desterritorialização absoluta opera-se no capitalismo como movimento do infinito – isto é, da multiplicidade – impondo-lhe um limite, desfazendo sua desterritorialização apenas relativa, "voltando-o contra si, para chama-lo a uma nova terra, a um novo povo" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.129). Nesta obra, preocupada com a ação com que a Filosofia se ocupa, os autores destacam justamente que esta desterritorialização absoluta, que impinge uma nova terra ao capitalismo, desconstrói sua axiomática. A desterritorialização própria da nova terra desfaz os mecanismos que respaldam a conjunção potencialmente totalizante do capitalismo, ela interrompe as continuidades da comunicação, da troca, do consenso e da opinião (Deleuze e Guattari, 1992, p.130), formas conjuntivas civilizatórias, apaziguantes, burguesas, tipicamente sedentárias, que flexibilizam as diferenças para fazê-las recair (ou decair) em possibilidades já dadas – ampliação de direitos, 'satisfação para ambas as partes', permissão de acessos etc. "A revolução é desterritorialização absoluta *no ponto mesmo em que esta faz apelo à nova terra*, ao novo povo." (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.131) [grifo nosso]

A nova terra implica, por isso, na criação de novos modos de pensar, novos conceitos e nova gente, novo coletivo. O capitalismo ancora-se sobre um modo de pensar que visa o consenso morno e legalizado, o diálogo bom moço das opiniões inofensivas ou conservadoras – sempre tão formadas por midiatismo e propaganda -, a comunicação dos slogans e novas tendências apenas reiterantes de um mesmo ambiente afetivo. Fazendo frente a essa ambiência, a nova terra enxerta movimentos de afetos selvagens, abruptos e aberrantes, fende as terras colonizadas com pensares desrazoados, abjetos, execráveis para a moral de homens atuais. "A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, *invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda*." (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 140) [grifo nosso] Vemos, pois, que é também no nível do pensamento, em favor da construção de novas maneiras de pensar que a nova terra intervém como gleba portadora de uma razão discrepante e como ambiência que escorre internamente ao capitalismo, sulcando-o. Destarte, um povo que não existe ainda, a desterritorialização absoluta da revolução são movimentos e possibilidades que invocam a nova terra como futuro insuspeito, num diacronismo disjuntivo do tempo e do pensamento. Mas, a nova terra já está sempre aqui, virtualmente operando um sutil afloramento de devires que tocam o menor grau possível acima dos limiares do imperceptível e do invisível. O absoluto nesta desterritorialização se encontra justamente nesta sutileza e delicadeza próprias da diferença em seu nascedouro, a qual desposa o assombro do infinito ao invés de assegurar-se

civilizadamente sobre o terreno do relativo, do democrático, do consenso parlamentar.

Por isso é que Deleuze e Guattari fazem questão de alertar que a nova terra não se confunde com a utopia, cuja inscrição ainda se dá na História e em seu evolucionismo progressivo, na democracia dentro de seu tom tranquilizante. "A utopia não é um bom conceito porque, mesmo quando se opõe à História, refere-se a ela ainda e se inscreve nela, como um ideal ou como uma motivação." (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.143) A nova terra não é propositiva, não guarda um projeto de mundo ou de sociedade, não tem um programa para a revolução, ela é revolucionária por si mesma, já que emerge como prado de diferenças e já 'subsiste' na terra atual, carcomendo sua realidade, tal como as galerias de cupins internas à estrutura de um móvel ou de uma fundação doméstica. Destas galerias só se captam pequenos acúmulos de serragem aqui e ali, e fracos murmúrios, só audíveis muito de perto e no silêncio inabitado da noite; porém, não se pode ter ideia do tamanho da ruína que podem provocar. Neste sentido, a nova terra tampouco poupa à democracia, já que esta só pode se dar entre os iguais já transpassados pelo crivo da verdade. Dizem os nossos autores que a nova terra é justamente a torção que deforma o pensamento fundante da democracia grega (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.143), berço da Filosofia e de nossa razão política.

Em *O Anti-Édipo*, os autores também apresentam a nova terra como efeito e/ou virtualidade constituinte de um modo de funcionamento absolutamente distinto da dominante no capitalismo. Para compreendermos isso melhor, é importante que entendamos como os autores veem o que denominaram de axiomática do capitalismo.

Em primeiro lugar, dizem os autores, o capitalismo, diferentemente das formações sociais precedentes, não fornece um código, uma tábula de referências, símbolos ou pontos direcionais que cubra o campo social todo. Ao invés disso, ele opera uma "axiomática das quantidades abstratas", que opera por desterritorialização do social cada vez mais intenso, veloz e incessante (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.51). O dinheiro é o corpo desta axiomática das quantidades abstratas e arbitrárias; a ele pode ser atribuído qualquer valor emergido de um vazio e, ao mesmo tempo, tudo pode ser ligado a um valor qualquer, tudo pode ser enganchado neste corpo-dinheiro. Lembram os autores, que o capitalismo se construiu em cima de fluxos decodificados, ou seja, sobre uma torrente de diversos elementos e faces do campo social que perdiam seus lugares e funções originais se punham a defluir em direções incertas: o trabalhador do campo que perde sua terra e vaga em direção a uma cidade que não lhe tem lar prévio, a floresta que se perde para a expansão urbana, o artesão que se desgarra da oficina, a própria moeda que deixa os castelos e passa a circular promiscuamente por toda parte, os bandos de animais que têm suas viagens migratórias alteradas pela perda de ecossistemas, etc.

Ora, destacam Deleuze e Guattari (2010, p.317), o que surpreende na axiomática capitalista é justamente que ela não é rígida e violenta como a codificação despótica. Pelo contrário, ela é sempre flexível e capaz de recuperar aquilo que dela foge, de modo a sempre estar pronta para expandir sua capacidade engolfante. Esta axiomática trabalha por um movimento intenso de desconstrução constante e recuperação imediata sob a modulação abstrata do dinheiro. Os dois movimentos acontecem simultaneamente. E nada escapa à axiomática exatamente porque ela é muito mais precisa que

uma codificação despótica, ela não é genérica como a lei soberana e trabalha capturando corpo por corpo, vida por vida, especialmente destinando um axioma especial para cada um, especializando sua lei da quantidade abstrata vazia para injetá-la com um valor arbitrário e específico para cada vida. "…você será sempre reencontrado nos limites ampliados do sistema, ainda que seja preciso fazer um axioma para você." (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.333)

Contudo, nesta axiomática, o que lhe garante o controle não é a colagem dos valores arbitrários, mas o novo papel que o Estado ganha. "O Estado capitalista é o regulador dos fluxos descodificados como tais, enquanto tomados na axiomática do capital." (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.334) Esta regulação aparece, por um lado, por uma militarização mais tecnológica e intensa do Estado e pelo controle de elementos estratégicos no seio do sistema: (des)controle da saúde, da educação, dos impostos e aposentadorias, das identidades étnicas e sexuais, controle dos discursos científicos, dos bens etc. Nas palavras de Deleuze e Guattari (200…,p.334) o Estado sempre reemerge dentro do capitalismo para efetuar reterritorializações e conjunções dos fluxos desterritorializados, ou seja, se a desterritorialização incessante garante o lucro de toda forma através da arbitragem da quantidade monetária vazia, por outro lado, o Estado amarra o escape de fluxos para que não vão longe demais, não se diferenciem a ponto de desterritorializar a linha original da própria máquina capitalista. É que, evidentemente, se o tempo todo ocorrem desterritorializações para gerar excesso de produção de valores arbitrários, este descontrole intencional do sistema requer sempre um grande artefato de recaptura, recolocação em cima de linhas domesticantes, que impeçam aberrações e anomalias distintas demais do que interessa.

Ora, mas é nesse ponto que também germinam novas terras. Elas são o próprio acontecimento contra-constituinte da maquinação capitalista, na medida em que nascem desta, mas exatamente como secreções bastardas. N´*O Anti Édipo*, primeiramente a nova terra aparece ligada ao fim da História. Deleuze e Guattari conseguem, surpreendentemente, dar um sentido singular a este mito teórico do fim da História. Se nova terra se distingue da utopia, por ser esta ainda muito inscrita na História, é porque ela é, por sua vez, um dos aspectos do fim da História (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.176), pois é nela que se encontra um desejo desterritorializado, motor vital desvinculado de fundamento dogmático, de meta e linha de progresso. No fim da história é que está a nova terra, porque ela não é o fim dos tempos, mas o próprio terreno em que o tempo se faz novo, outro, uma vez esgarçado pela própria produção capitalista de desterritorialização do social levada ao limite. É no ponto mesmo em que a axiomática capitalista leva à exasperação seu movimento desterritorializante que é secretada também a nova terra, como limite do tempo atual, do tempo instituído.

Deste modo é que a nova terra consta ainda, no pensamento de nossos autores, como produção típica do processo esquizo, processo multiplicitário de produção de vida, o qual advém de uma desterritorialização, porém, não como exasperação de uma axiomática doente e sim como dinâmica constituinte da própria realidade e da vida em sua auto-fabricação. Trata-se, pois, da

> …exaltação *do processo como processo esquizofrênico de desterritorialização que deve produzir uma nova terra* e, no limite, o funcionamento das máquinas desejantes contra a tragédia, contra "o funesto drama da personalidade" [grifo nosso] (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.394)

Vemos, então, que a nova terra aparece aqui também como territorialização possível contra um elemento típico da recuperação do capitalismo através da lógica estatal; "o funesto drama da personalidade" se refere à fabricação de sujeitos identitários por parte da maquinação estatal: 'você será sempre lançado para fora do contexto do mundo de algum modo, mas antes que isso lhe dê ideias revolucionárias, antes que isso te enfureça e você se perca, você precisará ser alguém de novo, ter um jeito que queiramos tomar, que possamos reconhecer e não trepide ou cause ruído, te daremos um nome, uma face, um estilo, uma alma que você chamará de verdadeira, mas nunca irá encontrar.' A nova terra é ambiência ou atmosfera onde linhas de fuga se conectam para constituir outros corpos, desta vez, despregados de supostas essências subjetivas, personalidades e 'seu verdadeiro eu'.

Por isso, a nova terra é este é território de multiplicidades germinais, estrangeiras ao território em que é fabricado o dramalhão da neurose, típica do homem médio, do tipo dominante de vida dentro do capitalismo, a existência burguesa (ou potencialmente burguesa), vendedora de força de trabalho e, atualmente, de sua própria existência como fetichização narcísica da própria vida. "…a nova terra (…) não está nas reterritorializações neuróticas…" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.506) Os autores realizam corrosiva crítica ao homem da neurose, o homem eminentemente capturável pela axiomática do capital porque é ele constituído sobre a falta, sobre a culpa e a castração. Ele é um tipo de existência, de individuação, em que sempre há um buraco de falta, um buraco que a cada vez se faz outro, porque a cada vez é deslocado; essa caracterização é apenas um outro modo de dizer que é por enxertar uma falta supostamente constituinte em toda forma de desejo e de vida, que o capitalismo consegue sempre alcançar uma renovada desterritorialização: inserir falta no coração de todos é o próprio meio de operar a axiomática da desterritorialização doente que culmina numa equiparação tosca sobre um valor monetário qualquer.

A este funcionamento despotencializador das vidas, "…terra arcaica, residual, ridiculamente restrita…" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.482) a nova terra consiste em opor um solo esquizo, multiplicitário,

> *que relança o movimento (…) para devir índices da nova terra.* É isto a efetuação do processo: não uma terra prometida e preexistente mas uma terra que se cria ao longo de sua tendência, de seu descolamento, de sua própria desterritorialização. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.426) [grifo nosso]

Com efeito, a nova terra não é um mundo vislumbrado, sonhado ou mesmo possível. Ela é uma terra virtual, a qual não está dada e, no entanto, está sempre presente, como camada imanente, loucura poética paralela ao real atual, composta por linhas de fuga, por devires, por vida em estado larvar, células tronco do real, campo medular, sem forma e sem ser, e mesmo assim reais; futuras sem ser previstas, revolucionárias só que sem a imagem da revolução: mundo insuspeito, apto a fazer claudicar o rumo das reterritorializações capitalistas, outro mundo já sempre nascente neste mundo. Como dizem os autores, com a nova terra nos deparamos com a possibilidade de levarmos a inventividade e o artifício a um ponto ainda mais extremo ou literal que o do capitalismo. "…mais perversão! mais artifício!, *até que a terra devenha tão artificial que o movimento de desterritorialização crie*

necessariamente por si mesmo uma nova terra." (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.425) [grifo nosso] Porque não se trata de retorno a uma terra paradisíaca perdida, a um mundo mais natural porque menos investido de artifício, tecnologia e urbanidade; ao contrário, trata-se de assumir a 'alma' artística da própria natureza, tomar como mote seu próprio processo esquizo e multiplicitário de criação de vida, para admitir que o capitalismo, sua axiomática e perversão são apenas mais uma arte burlesca, um pequeno quadro pintado na história imemorial do mundo, malabar inventado em certo período e que deve se deteriorar por ação de suas próprias tintas e movimentos.

Notas finais: por novas terras afetivas, por uma nova ambiência, por outros corpos

Tendo cartografado diversas modulações da noção de nova terra ao longo de diferentes obras de Deleuze e Guattari, podemos, então, sintetizá-las minimamente e extrair algumas conclusões para pensarmos a possibilidade de novas terras afetivas e de uma nova ambiência.

Um primeiro aspecto da nova terra é sua relação com o corpo, mais propriamente com os fluxos e afetos singulares que podem nascer de uma constante postura de experimentação dos encontros. A nova terra se mostra sempre presente, na medida em que todo encontro pode trazer afetos inusitados, singulares, os quais furam os estratos que recaem sobre nosso corpo. Notamos, pois, que a nova terra está intimamente ligada à produção de uma nova sensibilidade, portanto, de nova maneira de sentir e afetar-se, uma nova terra afetiva.

Em segundo lugar, a nova terra aparece como gleba que impulsiona uma linha de fuga desgarrada de um aparelho estatal. Aqui a nova terra se mostra como delírio passional que produz um povo, portanto um corpo, o qual escapa ao círculo imperial e se coloca a vagar numa trajetória assignificante. Eis um primeiro ponto do caráter político da noção de nova terra, ela é zona de conjunção de linhas de fuga, pequena terra em que desertores e refugiados podem construir uma nova vida: quilombo intensivo, lar possível para as singularidades de um povo desprendido do Estado.

A partir deste aspecto anti-estatal, a nova terra também se insere numa nova política de temporalidade, a qual não se inscreve na História, nos registros documentados pelos homens dominantes, mas determina pontos em que justamente a História se acaba, é interrompida, descontinuada, fendida por uma temporalidade produzida sobre este território de linhas não colmatadas por um saber e um poder transcendentemente-reguladores. Terceira face, portanto, da nova terra. Ora, uma outra dinâmica temporal se efetua necessariamente através de peculiares sensações de passagem e duração nos corpos. Assim, com a tecitura de novas terras tem-se também a urdidura de novos corpos, novas terras afetivas.

Tal modulação temporal 'extra-histórica' implica, pois, uma quarta caracterização: que a nova terra seja expressão de uma desterritorialização absoluta, cuja imposição recai sobre a axiomática capitalista, sempre apta a capturar os corpos e as vidas sob o signo da falta e sobre a equiparação com um valor monetário arbitrário. A nova terra opõe uma desterritorialização esquizo, à desterritorialização flexível e doente do capitalismo. A nova terra é a terra desterritorializada pela diferença, pelos devires, não pela axiomática do dinheiro. Temos aqui outra direção política da noção de nova terra.

Ela impõe uma anti-axiomática ao capitalismo, levando a artificialidade a uma literalidade disruptiva, que disjunta a modulação de vida neurótica do homem normal do capitalismo. Neste sentido, a nova terra constitui um campo afetivo, uma ambiência revolucionária, povoada de uma processualidade que instiga movimentos inventivos. Como dizem Deleuze e Guattari (1992, p.117) a desterritorialização não prescinde a territorialização, "mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir".

Por fim, uma quinta perspectiva da nova terra: a constituição de uma nova maneira de pensar. Ora, se ela se faz como terreno em que há outro tempo, outra afetividade para os corpos, outro espaço, então necessarimante ela implica uma nova racionalidade, uma planície povoada por ideias esquizo, aberrantes diante da razão dogmática, mas singularizantes, condutoras de uma nova realidade.

Pois bem, a partir destes elementos e da compreensão da lógica de funcionamento do capitalismo, entendemos que a terra atual é feita da vitória da axiomática capitalista, a qual, em nossos tempos, tem como efeito a escatologização e estreitamento das sensibilidades e o recrudecimento de valores arcaicos. Supomos, então, que problemas ecopolíticos, ambientais e de produção e/ou gestão de potências e recursos nos complexos aspectos que formam o processo vital são, simultaneamente, efeitos e fontes de uma falência valorativa típica do capitalismo atual. Por outro lado, é preciso lembrar que esta terra atual não é privilégio nosso; ela é sempre atualizada de um novo modo, seja em que época for. Toda era teve sua terra atual, sua terra escatológica, desértica. Ao mesmo tempo, em qualquer época, uma nova terra também é sempre contemporânea a toda terra atual, ela forma um devir das terras. Se a terra atual é escatologia capitalista, a nova terra advém quando, de dentro desta terra, se podem produzir novas estepes afetivas, novas zonas de indeterminação ou territorialização singular, novas formas de relação, uma nova ambiência dentro da qual os corpos podem ser produzidos, emergidos de outro tempo, outra história, outros afetos, outras ideias. Aí, na nova terra, os corpos e os recursos são tomados em um caldo de cultura de novas sensibilidades. Trata-se de uma ambiência micro-revolucionária, que não altera somente as formas e sedimentações legais, mas também os sentidos, os modos de relação, os corpos e sua sensibilidade.

Diríamos, enfim, que a nova terra é pedaço de solo que dá matéria à fabricação de corpos potentes, outros corpos, ainda não muscularizados, solo que faz desacontecer a produção de corpos colocados sob a falta e sobre uma terra de fertilidade cansada, consumida.

"Porque aqui é que se acha o deserto propagado pelo nosso mundo, e também a nova terra e a máquina que ronca, em torno da qual os esquizos giram, planetas para um novo sol." (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.177)

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia.** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

ENSAIOS

Performances e cidade: por uma "temporalidade do precário" em processos artísticos "solidatários"

Raphael Gonçalves de Faria[1], Juliana Soares Bom-Tempo (professora orientadora)[2]

Resumo: Corpo e cidade. Se traz aqui uma maquinaria de corpo que opera em um modos que busca gerar novas ecologias, no sentido guattariano, nos territórios molarizados da cidade. Corpo aberrante que ilumina as margens do limitado, abrindo ao caos os territórios da cidade; devires que fazem flutuar os limites, esperança de novas terras. Agenciamento por linhas da arte, que buscam desreterritorializar as semióticas do Capitalismo Mundial Integrado, em uma micropolítica da existência que, junto aos transeuntes, desloca a cidade e a si, na práxis artística "solidatária".

Palavras-chave: Nova Ecologia. Solidatário. Temporalidade do precário.

Performances and city: for a "temporality of the precarious" in artistic processes "solidatários"

Abstract: Body and city. It brings here a body machinery that operates in a ways that seeks to generate new ecologies, in the guattarian sense, in the molarized territories of the city. Aberrant body that illuminates the borders of the limited, opening to chaos the territories of the city; becomings that make the limits float, hope of new lands. Agencement by lines of art, which seek to dereterritorialize the semiotics of Integrated World Capitalism, in a micropolitics of existence, which, along with passersby, displaces the city and itself in the "solidatária" artistic praxis.

Key words: New Ecology. "Solidatário". Temporality of the precarious.

[1] Graduando em Artes Visuais pela UFU- Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista de iniciação cientifica FAPEMIG. Membro do grupo de pesquisa vinculado ao CNPq "Asfalto – texturas entre artes e filosofia" – http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7855832596713047 . E-mail: raphaelfaria@ufu.br

[2] Professora do curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Líder do grupo de pesquisa vinculado ao CNPq "Asfalto – texturas entre artes e filosofia" – http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7855832596713047 E-mail: ju_bomtempo@yahoo.com.br.

> Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.11)

Introdução

Começo em uma busca por criar relações com certa multiplicidade presente nas urbanidades. Como gerar fissuras nas segmentaridades duras que constituem as cidades? Como reivindicar o direito às vozes das multiplicidades que habitam essa maquinaria urbana? Como gerar encontros e atravessamentos moleculares dentro dessas solidificações do urbano? Como pensar a distribuição de uma terra coletiva? Como construir uma Nova Terra de modo a engendrar planos de composições junto às multiplicidades que ali coexistem? Tais questões atravessam minhas leituras junto a filosofia de Deleuze e Guattari e servem de material para gerar e forçar os pensamentos que atravessam as produções contemporâneas em arte na relação com os contextos urbanos.

Eleonora Fabião (2011), também em conversações com Deleuze e Guattari (1996) e a conceituação prática "Como criar para si um corpo sem órgãos", propõe uma abordagem para pensar e criar performances, tendo como força de produção o que a autora chama de "temporalidade do precário". Com um cunho político, Fabião afirma que a performance possui em suas operações uma tendência de confronto as representações e uma valoração da experiência e do corpo. Uma temporalidade do precário, por acontecer no passageiro e no instável, sempre se faz na distribuição de fluxos mutantes, que se voltam para o ato e para a experiência. É sobre e sob os sedimentos da cidade e em uma relação indissociável entre arte e vida que se dão os agenciamentos em arte contemporânea que venho produzindo.

As proposições artísticas que empreendo se dão em um atravessamento direto com minha rotina diária de relações com a cidade, deslocando e habitando os espaços com meu corpo em ato e experiência, gerando, como proposto por Deleuze e Guattari (1996), um Corpo sem Órgãos (CsO), posto a circular, que o socius não deixa experimentar quieto, o que faz dessa maquinaria a rodar um corpo político que excede a norma, a opinião, e, por (re)existência, denuncia as redundâncias de tais doxas. Uma micropolítica do território, numa relação de contraponto com a cidade, improvisação, que recorta procedimentos do capitalismo e da cidade, iluminando as margens dessas semióticas, fazendo problema nas "verdades" capitalísticas.

Divido as proposições em dois modos de operação, que se atravessam e se complementam, mas operam de maneiras distintas com os transeuntes. O primeiro dos modos de operação, chamo de "temporalidade do precário", inspirado nas propostas de Fabião, e nele as ações performáticas são realizadas enquanto realizo meus deslocamentos de bicicleta, em meu trânsito diário pela cidade, onde a performatividade do corpo acoplado a outros corpos (bicicleta, mochila, placas, palavras), gestam nos encontros afectos e perceptos que fissuram, mesmo que minimamente, as representações e os modos estabelecidos de habitar a cidade. Corpo acoplado à bicicleta, às mochilas, às cargas que carrego, às placas com alguns dizeres; materiais compostos principalmente de uma materialidade de papelão. Esses corpos acoplados ao meu,

geram certa aberração na paisagem da cidade, pois rompem com a racionalidade por meio dos modos aos quais me coloco nesse pedalar acoplado aos dizeres, às cargas que carrego e a própria precariedade do material utilizado – papelão. O segundo modo de operação foi intitulado de "solidatário", e se engendra ao agenciar um processo coletivo que se realiza na noção de coautoria entre proponente e transeuntes. Por meio da participação dos transeuntes e das multiplicidades de forças que habitam os locais de passagem e de trânsito, pessoas são convidadas, de maneiras diversas, a entrarem em um processo colaborativo e intervirem com seus corpos junto ao espaço, utilizando acoplamentos em formatos variados que devem se dispor e comporem conexões e desconexões umas com as outras, criando variações na paisagem arquitetural da cidade. Um modo de operação "solidatário" trata-se de um processo artístico desinstitucionalizado, por isso solitário; e, ao mesmo tempo, depende de certa solidariedade dos transeuntes e do artista para que o processo aconteça e se gere uma Nova Ecologia.

Transeuntes? Aqueles que passam por um território que não lhes pertence? Cidade – maquinaria de transeuntes. A cidade se apodera do corpo, não se habita, se passa; movimento que faz passar no ritmo do relógio, do carro, da rua. Demarcações horizontais e verticais, espessura solida e lisa, cúpula Capitalismo Mundial Integrado (CMI), que dita o corpo e oprime os desejos. Torna-se necessário criar territórios coletivos, que façam rodar outros modos de ser-em-grupo, de habitar a cidade assim como ela nos habita.

Com relação ao modo de operação da "temporalidade do precário", a bicicleta, as mochilas e as placas funcionam como "objetos utilitários", os quais lanço mão diariamente e são elaborados a partir de um material pobre, coletado do lixo: o papelão. O acoplamento deles ao meu corpo gera deslocamentos dentro das representações do vestuário e da paisagem urbana higienizados e seus modos de habitação, pelos meios de transporte e seus ritmos e direcionamentos, pelos dizeres e palavras de ordem próprios a este contexto. O corpo em estado de exaustão, que ofega, que transpira e encharca de suor a si, e o papelão dos corpos que compõem tais acoplamentos performam pela cidade. Agenciar com o lixo e seu deslocamento para um plano de composição, fazendo conjunto, gera um movimento que curto-circuita as semióticas da cidade, ao passo que se faz música com os ruídos. Opera-se na coleta desses materiais descartados, percebendo aí, um fracasso do sistema capitalista escancarado.

Temporalidade do precário – corpo problema

Meu corpo e o papelão se aproximam, fundem-se peles e papéis, que geram nessa conexão um corpo mutante que contrasta a potência de deslocamento de um corpo que pedala e se movimenta no trânsito da cidade com a precariedade material do papelão. Exploro o trânsito da cidade e me aproprio de sua condição para realizar atos performáticos, como é o caso das proposições: "Pró-pagando Nº 1" e "Pró-pagando Nº 2", que utilizam das vias asfálticas como contexto de atualizações. Em "Pró-pagando Nº 1" utilizo meu corpo como um outdoor ao me deslocar de bicicleta, como um "pixo" móvel, que divulga mensagens polêmicas. Por meio de uma placa de papelão, a qual acoplo a mochila em minhas costas, com alguns jogos de palavras, que possam gerar fricções ambíguas nas relações políticas que atravessam a cidade. Nessas ações me interesso

por causar ambiguidades com jogos de palavras, com os dizeres: "SEM TEMER", "PARABÉNS GENTILEZA" ou "POVO DAS ARTES". No trânsito diário com essas placas, um dos processos que gero ocorre na repetição exaustiva da ação em alguns transeuntes específicos, que têm uma rotina que coincide com a minha e que, portanto, refazem os seus trajetos diários nos mesmos horários, gerando uma exaustão visual da ação. Operação que aproprio dos modos propagandistas utilizados na lógica esquizofrenizante do capitalismo.

Guattari (1990) em "As Três Ecologias", propõe quatro principais regimes semióticos, nos quais o Capitalismo Mundial Integrado (CMI) opera, direcionando seu foco e seu regime de operações para "estrutura de signos, sintaxe e subjetividade" (GUATTARI, 1990, p.31). Dessa maneira, Guattari reagrupa modos sobre quatro semióticas: econômicas, jurídicas, técnico-cientificas, e de subjetivação. Esta última é atravessada pelas outras três, mas também se compõe de outras "relativas à arquitetura, ao urbanismo, aos equipamentos coletivos etc." (GUATTARI, 1990, p.31). Regimes semióticos que operam por instrumentos monetários, títulos, regulamentações, diagramas, estudos, entre outros, gerando universos de valores, pelo intermédio das mídias e da publicidade. Forças do capitalismo que introjetam um poder repressivo nas ecologias sociais e de subjetivação, numa homogeneização das opiniões e do mundo. Behaviorismo do ideal de status, da moda, axiomas de adestramento sustentados por uma lógica da repetição. Lógica que aproprio para uma repetição contrariante, atravessando a ordem "normal" das coisas, deslocando suas funções e significações, operando esses instrumentos enquanto materiais existenciais descorporeificados, que apelam à outras intensidades para comporem novas territorialidades. Cultiva-se o dissenso a fim de gerar novos agenciamentos produtivos.

Figura 1 - Foto anterior a uma das ações dos "Pró-pagando Nº 1", Uberlândia/MG. (Foto: Raphael Faria).

Em "Pró-pagando Nº 2", performance que se apropria de práticas urbanas de semáforo, que dentro das operações cotidianas da cidade, podem tornar-se espaços des-reterritorializados, utilizados então como local de venda de ambulantes, de esmolas e do compartilhar de práticas artísticas. Assim, utilizo do espaço-tempo que o semáforo cria no trânsito para realizar intervenções. Palco precário, onde, de ciclo em ciclo, renova sua plateia. Há, nesse modo de operação, certa subversão da funcionalidade dos semáforos que se distribuem pelas cidades na tentativa de controlar esses grandes conglomerados de veículos e passam a servir de espaço-tempo para fazeres desinstitucionalizados, que operam nesses semáforos des-re-territorializações fazendo funcionar "temporalidades precárias", que criam, assim, vazões, fissuras, nos fracassos dessas estruturas. Durante as ações de "Pró-pagando Nº 2", incorporo algumas operações recorrentes nas práticas de semáforo e dobro-as a ponto de causar uma inversão em suas

maneiras de funcionar: me posiciono abaixo do sinaleiro, erguendo uma placa com as inscrições “todo corpo é um artista / tornai o segredo produtivo”. Após alguns segundos vou em direção aos automóveis e distribuo cédulas de dinheiro antigas carimbadas com o mesmo texto utilizado na placa. Em uma relação direta com a cédula de dinheiro e todos esses deslocamentos de valores que se dão no contexto operacional da performance, inverto as proposições de transferência monetária que se têm preestabelecidas nos semáforos com os pedintes, propondo, assim, friccionar a lógica capitalista que “confunde” as relações de preço e valor. Tal procedimento cria uma ressonância molecular que atravessa diretamente as segmentariedades molares geradas pela economia capitalista, desloca as macros dimensões de representações do sistema nessas micro instâncias de encontros e afectos.

Solidatário

No segundo modo de operação que proponho, “solidatário”, busco um agenciamento mutante, em que afectos e perceptos atravessam indistintamente transeunte e artista, coexistindo nas elaborações das experiências realizadas. Por meio da solidão, busco mergulhar solidariamente nas multiplicidades, no coexistir das singularidades e das experiências presentes na cidade. Peter Pál Pelbart (2006) aproxima as ideias de solitário e solidário para falar de seres que caem no buraco negro em busca por novas conexões, novos cosmos; o autor afirma, também, como esses seres sempre atravessaram a filosofia de Gilles Deleuze como aqueles que trazem o sem-fundo à superfície. Indivíduos solitários e, ao mesmo tempo, que se abrem a agenciamentos coletivos nas superfícies e nos planos dos encontros. Habitar a solidão positiva, de modo que com sua passividade esses agentes esvaziam a mola do sentido

> […] que garante a dialética do mundo e põe tudo a correr numa desterriteriolização da linguagem, dos lugares, das funções, dos hábitos, ele não foge do mundo, mas faz o mundo fugir. Do fundo de sua solidão, tais indivíduos não revelam apenas a recusa de uma sociabilidade envenenada, porém são um chamamento para um tipo de solidariedade nova, o apelo por uma comunidade por vir. (PELBART, 2006).

Fissurar a segmentaridade da cidade, de sua arquitetura, de seus valores culturais e psicossociais, como afirma Fabião, se dá numa atividade paradoxal, onde não se recusa os valores da tradição, mas cria uma nova estética do precário “e assim dialoga com a tradição (simultaneamente mantendo-a, reinventando-a e abolindo-a) ” (FABIÃO, 2011, p. 70). Propor experiências artísticas com os transeuntes, que convoque as multiplicidades, gestar atos que atravessam as crostas que segmentam as vidas na cidade, novos modos de habitar, novos cosmos de relações: estas são buscas que me guiam na produção artística.

Figura 2 - cédulas carimbadas para a ação “Pro-pagando n° 2”. (Foto: Raphael Faria)

Encadeando os agenciamentos práticos propostos na filosofia de Deleuze e Guattari, juntamente às proposições de Eleonora Fabião e na articulação teórica de Pelbart entre solidário e solitário, proponho o modos operacional o qual chamo de "solidatário", para pensar e criar práticas artísticas pautadas em gerar fissuras experimentais nas máquinas estruturantes segmentarizadas da cidade, ao passo que agenciam novos coletivos efêmeros. Penso essas operações pautado na noção de experiência em ato e coautoria, em que as relações entre arte e vida se implicam, e os processos artísticos são constituídos em parceria com o transeunte-artista, engendrando Novas Terras que podem ser habitadas de modos diferenciais e mutantes, junto a ecologias que des-re-territorializam os modos de habitação e também as organizações urbanas.

As ações que proponho, que operam nesse modos "solidatário", são as proposições "Jogos Nº 1" e "Birutas Nº 1". Em "Jogos Nº 1" elaboro colagens em placas de papelão, composições abstratas que utilizam basicamente o elemento gráfico linha. Proponho aos transeuntes que elaborem composições, por meio de operações que desejem, criando "novas organizações" com o material. As placas que compõem os "Jogos Nº1" apresentam uma potência de relação por suas formas geométricas e materiais, entretanto, não é claro o modo como essas relações podem se dar, e é o transeunte, coautor, que por um agenciamento criativo propõe essa nova composição. Estas placas quando dispostas pelos espaços, criam uma interferência na paisagem, gestando uma possibilidade de habitação, que brota dos espaços de trânsito da cidade. Este convite a habitar, a viver junto por um momento que seja, para gerar em coletivo agenciamentos criativos e micropolíticas do convívio, em busca de uma Nova Ecologia. Esses agenciamentos "solidatários" buscam atravessar as dinâmicas estratificadas dos espaços de encontro da cidade. A proposição dos "Jogos Nº 1" articula com os princípios da arquitetura, da agrimensura e dos monumentos, demarcando territórios, espaços e tempos novos junto aos transeuntes de modo "solidatário", formando coletivos efêmeros que fomentam o encontro das multiplicidades presentes na cidade, des-reterritorializando em bando.

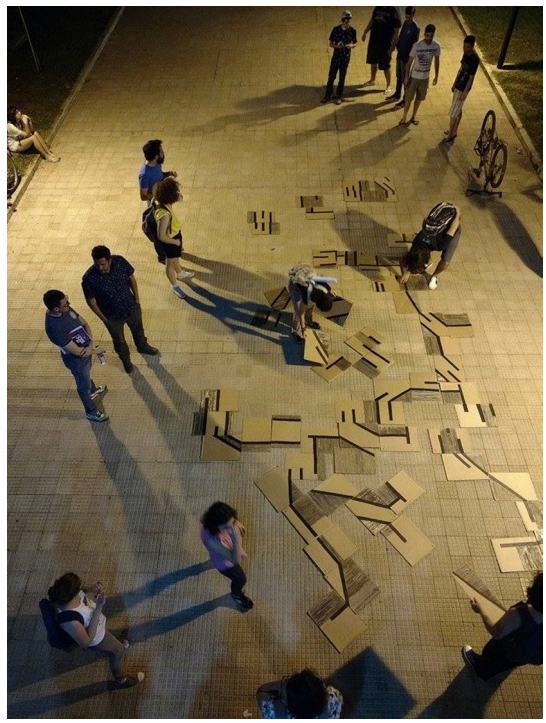


Figura 3 - Ação "Jogos Nº 1". Universidade Federal de Uberlândia. 30/08/2016. (Foto: Calisson Alves)

É na lógica incompleta da operação, que não direciona a operação criativa, que se dá a abertura para que se possa buscar uma ecologia entre os indivíduos que operam

a prática. A questão do direito que se dá na ação, surge ao passo que afloram problemáticas nos diferentes modos de operações que esses agentes compartilham dentro processo, gerando coletivos impossíveis, de multiplicidades, que entendo como agenciamentos "solidatários", que compartilham uma comunidade de encontros. O interesse no trabalho é gerar espaço-tempo de encontros, Novas Terras, Novas Ecologias.

Figura 4 - Ação "Birutas Nº1" - Uberlândia. 18/11/2016. (Foto: Leticia Ferrucci)

Na proposição "Birutas Nº1" que também se agencia dentro do modo de operação "solidatário", ocorrem ações que vão explorar as possibilidades de encontros, em que os (co) autores investigam variações de movimento do seu corpo em relação com sacolas plásticas e o vento. Os agentes participam ativando seus corpos e o espaço, onde as especificidades físicas e motoras de cada agente, ao ativar-se, soma-se, gerando uma comunidade de "birutas" que habitam esses espaços aéreos. O interesse no trabalho é ativar os corpos por meio da possibilidade de movimento que o vento cria nas sacolas e, dessa maneira, gestar experiências psicofísicas que vão afetar os corpos dos transeuntes que participam das proposições e a paisagem urbana que eles constroem em coletivo durante a ação. Um "balé maluco" que acontece no cuidado do compartilhar do espaço-tempo com o outro, na sutileza de agenciamentos, semelhantes aos de um devir criança. Busco por meio dessa proposição gerar a possibilidade de agenciamento que entendo como "solidatário".

Cidade – Nova Ecologia – Uberlândia sou eu

Para que a cidade? Compreendo a cidade como uma complexidade de multiplicidades que estão lidando com estruturas de poder, se relacionando, se afetando, sendo afetadas, se envelopando, em uma terra governada e estratificada pela lógica esquizofrenizante do capitalismo, que segmenta dentro de um processo de unidade e homogeneização, não potencializando as multiplicidades. Lido com a cidade de modo a propor operações artísticas propositivas, agenciando a possibilidade de individuação das multiplicidades que convivem nos meios urbanos, gestando coletivos que se articulem em uma Nova Ecologia. De modo "solidatário", empreendo práticas de me infiltrar nas estruturas solidificadas da cidade (rua, praças, instituições públicas e privadas), e des-reterritorializar esses espaços como locais potenciais de encontro e de vivência. No desejo de criar um mínimo de territórios existenciais, por meio de práticas que gerem movimentos de subjetivação, engendra-se nessas operações de deslocamentos materiais e imateriais, agenciamentos moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.

Pelas aproximações das proposições com os transeuntes, na relação com o espaço urbano, é preciso destacar que os locais onde são realizadas as ações não são locais específicos de arte e o desejo de trabalhar em tais locais, aposta no potencial de agenciamento dos próprios afetos da cidade, reivindicando territórios:

> Possuir um território, não é isso que pretende toda reivindicação, toda expressão? Toda reivindicação, toda pretensão não é, primeiro territorial, territorializante? Chegar num meio, nele criar hábitos, nele inscrever suas marcas e suas referências como delimitações, nele adotar condutas de acordo com determinados ritmos, em suma, compor um ritornelo, já não reivindicar um território, à maneira de um direito consuetudinário? Há reivindicação territorial, assim que há composições de espaços-tempos determinados, mesmo quando provisórios ou móveis. [...] Com efeito, as pretensões não passam de composições de espaços-tempos – ou de ritornelos, isto é, uma vez mais, de territórios. (LAPOUJADE, 2015, p. 40).

Essa construção territorial é feita junto aos transeuntes que participam das ações, transformando esses locais de passagem que não fomentam afetos e relações em locais de arte. As ações desenvolvem uma des-reterritorialização desses espaços-tempos, onde eles se tornam locais de encontro, permissivos a relações de sensibilidade sobre a arte e a cidade, promovendo o encontro de diferentes individuações que trafegam pelos espaços em que ocorrem as ações. Para além da construção de uma nova relação estética com o espaço, há a construção de uma nova paisagem ética para o local. Mais fluida e participativa, essa arquitetura vai sendo trabalhada pelos coautores que operam construindo e modificando as composições dos espaços-tempos com seus corpos, de certa maneira agenciando questões que são congruentes aos processos de organização da cidade e os processos de segmentariedade.

As modificações que tais ações criam nesses espaços-tempos influenciam a relação do trânsito, muitas vezes desacelerando a temporalidade dos locais de passagem. As características dos locais de trânsito são des-reterritorializadas como locais de encontros, modulando esses espaços que já estavam enquadrados nas rotinas diárias dos transeuntes, que não eram mais percebidos em suas multiplicidades potenciais. Esses agenciamentos de espaços-tempos e matérias possuem características de apropriação e composição com as próprias estratégias do que aqui chamamos urbano: "O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial" (DELEUZE; GATTARI, 1997, p.132).

Trabalhando com princípios de agenciamentos criativos, por meio da presentidade do corpo que se desloca e dos recursos oferecidos pelo meio, a práxis das ações se encontra nesse fissurar das segmentações, em busca por construir Novas Terras, novos planos de composição e monumentos coletivos. Os processos no capitalismo negam as multiplicidades. A relação "solidatária" perpassa um pensar cósmico onde as propostas se realizam em respeito a essas multiplicidades. Uberlândia sou Eu! Tomo o conceito de ecologia social de Guattari (1990), para mapear as relações operadas, que se propõem a deslocar o contexto urbano, as redundâncias do trabalho, do comportamento, das vizinhanças, convidando os transeuntes a experimentações de novos modos de ser-em-grupo, por efêmeros agenciamentos ético-estéticos, se abrindo ao caos, ao passo que iluminam um potencial institucionalizante da experimentação.

Os locais em que ocorrem as ações, espaços não formais, não institucionalizados como espaços de arte, são des-reterritorializados junto aos transeuntes, que agenciam essa nova arquitetura urbana. Dessa maneira, deslocando o transeunte enquanto artista, enquanto (co)criador, enquanto aquele

que possui, dentro de uma relação social e micropolítica, potencialidade para engendrar Novas Terras, estabelecer territorializações, reterritorializações e desterritorializações dos espaços-tempos e dos planos de segmentos que pertencem às semióticas solidificadas. As ações agenciam reterritorializações dos espaços da cidade, aproximando as relações entre os corpos e meio, entre os agenciamentos de subjetivação e arte, entre arte e vida, na busca por gestar novos mundos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3; tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** . tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e Precariedade**. Em: A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea. Fortaleza: Coleção Juazeiro; Série LICCA, 2011, p. 63 –85.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papirus, 1990.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: Edições n-1, 2015.

PÉLBART, Peter Pal. **Como viver só**. Palestra de 04 de agosto de 2006. Disponível em :< http://www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/semin-bienal/bienal-vida/vida-doc/video/conferencia-6-como-viver-so> Acesso em: 11/04/2017.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

Devir-descarte: habitar transbordamentos

Tamiris Vaz[1]

Resumo: A partir de uma fotografia, transbordada de uma investigação sobre aprendizagens inventivas e visualidades urbanas, venho traçar um breve itinerário de pensamentos e encontros com mundos habitados por excessos. Recombinando palavras, imagens, objetos e pensamentos heterogêneos, experimento as imprevisibilidades da ocupação e criação de novas terras junto a encontros dados na sétima edição do Seminário Conexões Deleuze, na Unicamp. Sem a busca frustrada por origens do saber, é criada uma postura investigativa exposta a riscos e atenta às imprevisibilidades, abrindo brechas para que novos mundos existam no cotidiano atual. Invisto, assim, na cartografia de percursos gerados a partir dos descartes que nos atravessaram e que atravessamos com imagens, inclusive as de pensamento. Este texto não traz o conteúdo apresentado em um seminário, mas acontecimentos transbordados entre pessoas e movimentos.

Palavras-chave: Devir-descarte. Excesso. Aprendizagens.

Becoming-discard: dwell overflows

Abstract: Starting from a photograph that overflowed from an investigation of inventive learnings and urban visualities, I draw a brief itinerary of thoughts and encounters with worlds inhabited by excesses. Recombinating words, images, objects and heterogeneous thoughts, I experiment with the unpredictability of occupation and the creation of new lands together with meetings that are given in the seventh edition of the Seminário Conexões Deleuze at Unicamp. Without a frustrated search for the origins of knowledge, an investigative stance is created. It is exposed to risks and alert to unpredictability, and it opens gaps so that new worlds can exist in the current day-to-day life. I invest thus in the cartography of paths that are generated from the discards that have crossed us and which we have crossed, with images, including those of thought. This text does not bring content presented in a seminar, but overflown events between people and movements.

Key words: Become-discard. Excess. Learnings.

[1] Docente do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Email: tamirisvaz@gmail.com

Algo excede, escapa, vaza, sobra, fica suspenso pela não necessidade de uso. O excesso foge às expectativas, não se encaixa aos recipientes projetados, aos itinerários demarcados. É preciso, então, traçar novos caminhos, inventar novas terras onde o deslocamento seja possível, ou abrir brechas, criar desvios, reorganizar os terrenos de modo a comportar o que não se comporta.

A proposta levada por mim para o Seminário Conexões parte de uma pesquisa de doutorado em Arte e Cultura Visual concluída no início de 2017. Nela foram investigados caminhos educativos possíveis pelo encontro com visualidades de uma cidade, explorando narrativas que trataram de aprendizagens sobre e com a cidade, e também sobre e com a prática de pesquisar. Inúmeras narrativas ditas e 'interditas' ao longo dos anos de investigação seguem me fazendo pensar sobre os múltiplos discursos possíveis, postos e sobrepostos em acontecimentos banais flagrados por meus ouvidos e minha câmera fotográfica.

A imagem que movimenta esta proposta emerge de alguns desses transbordamentos narrativos. É uma fotografia de excessos e é também excesso em si mesma, ao passo que, após a conclusão da tese, seguiu se espalhando em pensamentos que não couberam em um percurso de doutorado. É literalmente de um tapete e da sujeira jogada para debaixo dele que venho tratar aqui, ou de algo que, tendo um dia recebido o nome de tapete, adquiriu a função de se estender sobre superfícies e de ser pisado por pés humanos ou mobiliários. Flagrado por minha câmera fotográfica se elevando, se dobrando sobre outros objetos também descartados, resta nele apenas uma semelhança a algo que um dia foi um tapete, pois se abriu em outras possibilidades, virou esconderijo, compôs um universo visual estranho e aparentemente inútil. Expôs, em plena rua, uma nova terra com elementos nada novos. Excessos a se proliferar.

Em diálogo com as 'filosofias da diferença', os excessos não são aqui classificados como opostos ao 'conforme', não são sobras de algo, mas potências em constante diferenciação. Como destacado por Gallo (2012), trata-se de uma diferença que, ao contrário das filosofias de representação, não constrói suas ideias no âmbito da unidade. Em vez disso, se interessa pelo movimento em vez da comparação, desenvolvendo um pensamento que abala a ideia moderna de sujeito centrado em si mesmo, para pensar o outro em suas diferenças. Excede o que? Excede a si mesmo. Ponto. São devires que, como explicam Deleuze e Guattari (1997), não podem ser confundidos com uma associação de semelhanças graduadas – a se assemelha a *b*; *b* se assemelha a *c*… – ou uma similaridade entre diferentes estruturas – o homem é para outro homem o que o lobo é para o cordeiro –, pois tanto a primeira analogia, de série, quanto a segunda, de estrutura, remeteriam à mimese. O devir, segundo eles, não imita nem é aquele que ele devém. Desse modo, podemos entender que não há descendência, que entrar em devires com excessos na cidade não implica na comparação com aquilo que não excede, mas em alianças pelas quais não assimilamos a cidade enquanto saber. O que fazemos é nos movimentar com ela, rumo à criação de saberes moventes.

Entre diversos devires movimentados em minha investigação de doutorado, o devir-descarte trazido por essa imagem me levou a pensar sobre elementos que, ao mesmo tempo em que pertencem à cidade, incomodam, escapam às lógicas de planejamento do uso

dos espaços, provocam desconfortos e abrem brechas para habitantes clandestinos. Esse devir, normalmente negado, recusado pelos moradores de uma cidade, se movimenta pelo anonimato. Ninguém assume a autoria dos amontoados de lixos, entulhos, móveis velhos que aparecem da noite para o dia em qualquer canto do bairro. São descartes que, embora totalmente visíveis, tendem a ser ignorados, negados, pois já não servem para mais nada além de produzir mal estar. É a sujeira jogada para debaixo do tapete, mas que, vez ou outra, acaba sendo exposta e expõe a efemeridade de nossas certezas.

Devires-descarte que abandonam o 'ser', perdem uma utilidade até então segura e única. Não servem para nada. Servem para qualquer coisa. Tornam-se múltiplos, imprevisíveis, desacomodando a ordem. Springgay (2008) escreve que a pesquisa, a escrita e a pedagogia tradicionalmente são práticas que visam conter e regular o excesso. Segundo ela, os excessos podem lidar tanto com o desperdício, a sobra, quanto com invisibilidades e experiências sublimes – tudo depende das relações com eles estabelecidas. A experiência de exceder nos provoca a dizer algo que ainda não foi dito ou dizer de outros modos aquilo que, por excesso, se calou.

A partir de uma imagem flagrada em uma rua qualquer, heterotopias de desvio na cidade e na pesquisa em educação instigam outros modos de ver e dizer sobre a vida urbana. Foucault (2001) chama de "heterotopias" espaços em desacordo com as normas produtivas da sociedade. Ao mesmo tempo em que são lugares intimamente ligados à realidade de uma cidade, elas sobrepõem territórios que por si só seriam incompatíveis. Quando sobre uma calçada de cimento é criado um sítio que permite a proliferação de pequenas plantas, animais e sabe-se lá quais outras espécies visíveis ou invisíveis, surge uma heterotopia. Quando esse mesmo espaço nos permite pensar outros modos de habitação, nos provoca, nos obriga a olhar com mais atenção, a desviar, movimenta nossos pensamentos para outras formas de vida, surge a potência de habitação de uma nova terra no pensamento urbano.

Um tapete, alguns galhos secos, pranchas de armários e elementos que já perderam seus nomes próprios abrigam vidas transbordadas da umidade e proteção proporcionadas por essa combinação improvável. Quando tornado fotografia, nos provoca a curiosidade de não encontrar um ângulo de visão que permita ver o que há debaixo dele. É preciso adentrar não mais o lugar em si, mas as incertezas de uma imagem impressa que segue a se deslocar.

Das Origens

Imagem 1: devir-descarte
Fonte: acervo da pesquisadora

Ao chegar no grupo de 'imediações aberrantes'[2] junto ao Seminário Conexões Deleuze 2017, fui levada a uma situação de continuidade desses pensamentos. É como se a fotografia que levei tivesse se desprendido do papel impresso e se espalhado pela sala dentro da qual nos encontrávamos. Fragmentos de textos, objetos cotidianos despidos de suas funções originais compunham convites à manipulação.

Da mesma forma que quando me deparei pela primeira vez com aquele tapete, foi inevitável a curiosidade de saber de onde vieram todos aqueles elementos.Que pés terão pisado sobre esse tapete? Que móveis eram compostos por essas pranchas? Para quê foram concebidas? O que abrigavam? Quem as descartou? Por que estão ali? Tendemos a buscar explicações para os acontecimentos atuais em memórias que não nos pertencem. Queremos entender a origem, como se houvesse um ponto neutro de partida capaz de esclarecer todas as nossas dúvidas, de justificar todo o percurso até o ponto aonde chegamos. Acreditamos que ao obter essas respostas acharemos o sentido da vida, as explicações para todas as nossas indagações, até o momento em que percebemos que cada percurso é único (em relação aos outros) e múltiplo (em relação a si mesmo) e exige que reconheçamos que nosso olhar e nossos repertórios são parte compositiva das possíveis verdades produzidas sobre os acontecimentos vividos.

Tijolos, papéis, cadeiras, objetos compõem paredes, mobiliários e atividades de qualquer sala de aula, mas não da maneira como foram dispostos, não deslocados de suas funções utilitárias, não como descartes resgatados e expostos em suas desrazões de uso.

Se fôssemos à busca de supostas origens daqueles elementos não precisaríamos ir muito longe: restos de alguma construção (tijolos, areia, luvas,…), documentos descartados através de uma máquina de picar papel, fragmentos de textos submetidos ao evento pelos participantes, fotografias de elementos da natureza. No entanto, essas informações pouco influenciariam no impacto da presença deles durante o encontro. Não foi o passado individual de cada elemento que importou naquele momento, mas suas potências de deslocamento, de reordenamento temporário e fugidio, exigindo atenção ao presente para que algo se atualizasse pelas fricções entre elementos heterogêneos.

O desafio colocado ali estava em aprender com o outro aquilo que ele não nos ensinou (GALLO, 2012), voltando-se ao aprender inventivo (encontro) mais do que ao aprender ensinado (transmissão). Não havendo muito o que fazer com as funções anteriores dos elementos ali expostos, seria preciso adotar uma postura de aprender não reprodutiva do já dito, mas exploradora de potencialidades singulares e transversais com o que estava disposto. Somei a esse território minha imagem (e os pensamentos disparados a partir dela) e passei aos perigos dessa investidura.

Dos Perigos

Adentrar um novo território, ainda não pavimentado, ainda não nomeado e institucionalizado, implica riscos. Os galhos que protegem possuem espinhos que podem nos machucar, a umidade que permite a proliferação de plantas pode se tornar foco de mosquitos e nos contaminar com doenças. Aranhas, escorpiões, plantas venenosas… avançar para uma terra estranha exige coragem para enfrentar os riscos do desconhecido. Nesse caso, vale se prevenir, calçar botas longas, mangas compridas, vacinar-se, escolher as ferramentas adequadas e se jogar nas fendas escuras do aprender.

Poderia ter levado para esse evento o resultado de minha pesquisa de doutorado e apresentado alguns resultados obtidos ao final desse percurso. No entanto, minha escolha foi de levar um transbordamento, uma imagem ainda pouco explorada, quase como um resíduo de uma

obra onde nem toda a matéria-prima pôde ser aproveitada. Uma imagem como provocação, como pergunta e não como resultado de uma investigação. Imagem ferramenta a partir da qual me lancei em um território em construção, transformado a cada momento por objetos, falas e movimentos das pessoas que ali se encontravam. Ao falar sobre essa fotografia, ao lançar perguntas, rasgá-la e oferecer algumas outras ferramentas exploratórias como uma lupa, um binóculo, um barbante e uma tesoura, minhas narrativas foram se tornando parte do que ali se construía. Aos poucos ele deixava de ser um território estranho. Devagar, me despia do hábito de querer apresentar ao outros meu território investigativo individual. Uma nova terra poderia ser gerada na cumplicidade coletiva do momento.

Sentei-me no chão, aguardei um momento propício e li manipulando as ferramentas que dispunha. Minhas palavras já não cabiam apenas nos limites da imagem levada, elas já estavam, literalmente, espalhadas pela sala em pequenos papéis impressos, bem como nos textos dos outros participantes. Estavam também naqueles objetos, alguns já quebrados, desorganizados, sujando o espaço e nossos pensamentos. Uma sujeira que, de onde vinha, era inútil e descartável, e que precisou ser deslocada para um novo lugar que pudesse lhe possibilitar um porvir. Pardo (2010) nos provoca a pensar sobre o que fazer quando para essa sujeira que busca um porvir já não há esperança de reciclagem ou regeneração. De uma maneira um tanto pessimista, o autor enxerga a sociedade atual imersa em um fenômeno degradativo alimentado pela descrença em um equilíbrio ambiental e social, passando a aceitar o lixo (basura) como inerente ao seu cotidiano. Empregos-lixo, famílias-lixo, cultura-lixo comporiam uma globalização esvaziada de identidade. O lixo, para ele, seria a classificação de práticas genéricas que não se ocupam em deixar legados. Uma 'coisidade' fluida, sem qualidade.

A partir do medo demonstrado por esse autor com relação à fluidez contemporânea podemos constatar o quanto o descarte carrega consigo a potência provocativa de ser impreciso e efêmero. Em vez de nos chocarmos com a impossibilidade de retorno a uma tradição até então intocada, um caminho possível é o de nos aproveitarmos dessa provocação para arriscar a criação de caminhos singulares, mais criadores que recuperadores ou descartadores, experimentando combinações inesperadas.

O risco de invasão de territórios alheios nas experimentações compartilhadas durante o seminário era superado com pedidos de licença, palavras medidas, exercícios cuidadosos entre silêncios, interrupções e continuidades. Sem estipular um tempo de apresentação nem regras de interação, foi necessário tatear possibilidades, observar a reação do outro, escolher o tempo propício para encaixar um ruído, um movimento, um conceito pesquisado. O ritmo foi quebrado com a chegada de uma pessoa que não acompanhou os primeiros passos. Ela trouxe outro tom, fez perguntas formais e um novo ritmo passou a se construir, nos levando a ampliar falas anteriores, desfazendo a linearidade tomada no início dos compartilhamentos. Ellsworth (2012) fala de um processo de aprendizagem a partir das relações entre nossos corpos, os lugares e os outros – um processo no qual podemos nos comprometer corporal e espacialmente com experiências sem uma função pedagógica implícita. Podemos entender isso como a criação desses ritmos, expostos à instabilidade de não saber exatamente o que há para aprender, pois não

há um conhecimento pronto a ser repassado, mas uma construção colaborativa e única.

Trocar apresentações por presenças implica riscos. Haveria lógica? Teríamos repertório? Chegaríamos a resultados seguros? Em caso negativo, como chegaríamos a inventar novas lógicas, novos repertórios e suportar a instabilidade de resultados provisórios?

Tal qual a imagem do tapete sobre galhos na calçada, lidávamos com habitantes incertos, utilidades questionáveis, perigos de uma imediação. Essas imprevisibilidades características das aprendizagens ali ocorridas exigiram de nós aprendizes uma postura ativa para que o encontro acontecesse. Nenhum produto pronto foi exposto. O que levamos foram ferramentas exploratórias. Ferramentas estas dadas tanto por objetos quanto por nossos corpos e desejos. O risco de erro estaria em esperar por respostas já projetadas a priori, buscando resultados específicos sem permitir-se envolver-se em novos processos.

Talvez seja esse um grave erro da educação tradicional, confundir aprendizagem com reprodução, e querer aprender o que já se sabe. Foi preciso ocupar não como preenchimento, mas como criação de territórios habitáveis.

Das Ocupações

Imagem 2: fotografia integrada às 'imediações às imediações aberrantes'
Fonte: acervo da equipe

Plantas, animais, seres que também excedem, que não são domesticados. Onde encontramos abrigos para nossos pensamentos não domesticados? Aqueles pensamentos que nascem fora das normas da ABNT, que não se encaixam em metodologias já existentes, que não encontram passagem nos itinerários já traçados?

Muitas vezes eles nascem e se escondem ou se disfarçam. Damos-lhes nomes para que sejam aceitos, mesmo que se tratem de nomes provisórios, de lugares temporários. São abrigos não muito seguros, que a qualquer momento podem ser desmontados por ações de despejo. O que fica são as marcas da experiência vivida em territórios nômades.

Buscamos, então, outros lugares para reativar essa vontade de movimento. É preciso abrir brechas, cavar vazios que permitam ao excesso ser algo que ainda não é, viajar, encarar situações novas que exigem de nós atenção para coisas que, pelo hábito, já se faziam invisíveis e automatizadas. Ao escapar de uma tese, por descarte, transbordamento ou desejo de continuidade, uma imagem ocupa novas visibilidades, interage com novos pensamentos e encontra novas combinações.

A imagem levada por mim ocupa, depois de rasgada, um pote de vidro que reflete em suas superfícies partes distorcidas dos acontecimentos ao seu redor. Rolando pelo chão, ela se torna novamente tridimensional e ainda mais indefinida. O vidro a protege e, ao mesmo tempo, a submete ao movimento instável. Ela compõe território junto ao silêncio de uma meditação, ao susto de um chute e tijolos quebrados, ao som contínuo do desenrolar de um rolo de barbante que amarra elementos distintos. Ocupa, com passos e vozes, territórios temporários sem com isso despir a

potência do indeterminado. Sua sutil presença impressa, dentro de um vidro, me conecta ao pensamento sobre o 'comum' e o 'estranho' ou ainda, sobre nossa capacidade de produzir estranhamentos sobre o comum, extraindo novas possibilidades dele. A instabilidade do vidro rolando pelo chão a qualquer movimento próximo a ele faz com que a imagem nunca seja a mesma. Assim somos nós em nossas tentativas de constituir um território fértil ao longo do encontro, explorando a potência de cada material ao ser empilhado, amarrado, quebrado ou apenas observado por um ângulo diferente.

Uma imagem fotografada em outra cidade, outro contexto, explorada e transbordada de uma investigação acadêmica, se torna parte de uma conversa entre corpos, objetos e conceitos. Ela não é apenas uma visitante, não é algo que saiu de um território e se colocou em outro. Ela compõe intervalos de força, expressividades de ritmo composto coletivamente (DELEUZE; GUATTARI, 1997). É constituidora, portanto, do próprio território que se diferencia por meio do encontro, gerando conexões que jamais existiriam da mesma maneira na ausência de seus pensamentos. Ocupa-se o movimento.

Das invenções

Inventar não é partir do zero, de algo totalmente novo e estranho. Inventar é recombinar, tramar novas possibilidades a partir do mesmo. Quando algo excede podemos descartar, considerar que seu uso atingiu o limite, ou podemos gerar novos mundos com os mesmos elementos, olhar por outros ângulos, duvidar do óbvio, descascar sua superfície para gerar novas camadas de saber.

Criar uma nova terra para a pesquisa em educação não é abandonar tudo o que já foi produzido, negar todos os poderes e saberes que envolvem ensinar e aprender. Trata-se mais de explorar outros atalhos, inventar desvios que nos permitam ver diferente.

O que pode um tapete quando elevado sobre galhos em uma calçada? O que pode uma planta quando brotada das rachaduras do concreto? O que pode a cidade quando pensada enquanto pesquisa? O que pode a pesquisa quando produzida de banalidades cotidianas? Enfim, que aprendizagens deixamos brotar dos transbordamentos de nossos percursos?

Não se trata apenas de uma imagem ou de um evento acadêmico, mas da criação de uma postura investigativa exposta a riscos e atenta às imprevisibilidades. Mais do que preparar-se para o imprevisível, de modo a amenizar possíveis erros, essa postura deseja o inesperado, acredita no desviante como um espaço potente, desde que trabalhemos para isso.

Ellsworth (2012) afirma que nenhuma narrativa pode antecipar o trabalho do conhecimento, que é inteiramente da ordem da surpresa, do encontro com o novo. 'Novo', aqui, não se confunde com original, mas trata da produção de sentidos singulares para os saberes. Nunca os sabemos de antemão, mas precisamos estar preparados, atentos às possibilidades e aos encontros passíveis de produzir diferenças a partir de nossos olhares inventivos.

Pesquisar com imagens de um ponto de vista não representativo nos traz o desafio de mirar nas conexões presentes, atuando por contaminações e produzindo novos pensamentos a partir da experimentação. Sem nos despir dos referenciais, os tomamos como campo fértil, pois maleável, sujeito a interrogações, transferências e provocações. Eis um dos papeis sociais da arte.

Habitando novas terras

Que ferramentas podem ser necessárias para enfrentarmos os perigos de criar novos mundos? Quem ocupa esses territórios e por quanto tempo? Quais lugares cada um de nós percorre dentro dele? Quais nossas relações com seus tempos e espaços? Como abrir brechas para que esses novos mundos existam em nossos cotidianos atuais? A fotografia que levei para se integrar ao cenário do Seminário Conexões compôs com as experiências coletivas daquele grupo um tecido híbrido, intenso e inacabado. Empilhar e desempilhar objetos, quebrá-los, conectá-los, falar, calar, ouvir, caminhar, sentar no chão, falar sobre pesquisas anteriores e sobre presenças atuais fizeram com que aquela fotografia-descarte se agigantasse no encontro com desconhecidos dispostos a compartilhar vivências ao longo de um dia.

Desde os elementos heterogêneos que se colaram acidentalmente no sapato de uma participante até a areia que se espalhou na sala e fora dela e os objetos intencionalmente conectados por um barbante, foi possível perceber criações estéticas (na manipulação dos elementos), corpóreas (na postura dos participantes), narrativas (nas continuidades e descontinuidades dos diálogos), que geraram pensamentos sobre fazer pesquisa no mundo e com o mundo, entendendo as diferenças como aquilo que nos aproxima do ato criador, sem romantismo ou assepsia, mas com flexibilidade, desejo e coragem de não conter os vazamentos e acasos.

Ao final desta escrita não pretendo trazer afirmações ou resultados, mas algumas perguntas que nascem desses encontros e seguem transbordando para outros mundos criados pela combinação de descartes com objetos, ideias e repertórios, a fim de que novas regras, usos e possibilidades de habitação sigam mobilizando a ocupação dos territórios movediços da pesquisa e da vida. E, afinal, o que aprendemos de nós e do mundo pela exploração daquilo que transborda?

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Ed. 54, 1997.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços: heterotopias. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos – Vol. III.** Trad. Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 410-416.

GALLO, Silvio. As múltiplas dimensões do aprender… In anais do **Congresso de Educação Básica:** aprendizagem e currículo. Florianópolis: Unicamp, 2012. p.1-10.

PARDO, José Luis. **Nunca fue tan hermosa la basura.** Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2010.

SPRINGGAY, Stephanie. **Body Knowledge and Curriculum.** Pedagogies of Touch in Youth and Visual Culture. New York: Peter Lang Publishing, 2008.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[2] O Seminário Conexões Deleuze de 2017, ocorrido na Unicamp, teve como proposta de compartilhamento de pesquisas a composição de sessões chamadas de 'Imediações Aberrantes' onde os participantes eram convidados a compor experiências coletivas, deixando-se contaminar pelas pessoas e pelos espaços sem apresentar algo ensaiado e acabado.

Ambient-ARTE

Anna Carolina Barcelos Vasconcelos[1], Priscila Correia Fernandes[2]

Resumo: Quais os sentidos de diversidade podemos produzir a partir de encontros com signos emitidos do ambiente ordinário? Quais ambientes, relações e vidas podemos inventar a partir de nossas singularidades? Experiências, afetos… Durante a disciplina de Etnobiologia, na turma de formação de biólogos, fomos provocados a criar uma feitura coletiva que pudesse nos envolver mais com questões sobre/com o ambiente. O ensaio por aqui apresentado é uma linha da tessitura que foi a pesquisa desenvolvida no mestrado de educação em São João del Rei, nos anos de 2014, 2015. Investigação que culminou a dissertação *"Cartografia de afetos: educação, ambiente e fotografias num baile em sentidos biodiversos"* em que fomos atravessados pela vontade de pensar a educação de um jeito mole, como campo de criação, de invenções fugidias onde se instalam possibilidades de existências. Fotografias, poéticas, questionamentos surgiram em passeios que fizemos na Avenida Leite de Castro, lugar que selecionamos para nos instigar a *criativizar* nossas potências ao tornarmos ambiente. Esses expressos parecem querer capturar o belo, o verde, o movimento, diversidades de interações da vida que nos são muitas vezes furtados ao estudar sobre o ambiente em uma sala de aula.

Palavras-chave: Ambiente. Criação. Sentidos.

Environment-Art

Abstract: What meanings of diversity can we produce from encounters with signs emitted from the ordinary environment? What environments, relationships and lives can we invent from our singularities? Experiences, affections… During the discipline of ethnobiology, in the group of biologists, we were provoked to create a collective work that could involve us more with questions about / with the environment. The essay presented here is a line of the texture that was the research developed in the Master of Education in São João del Rei, in the years 2014, 2015. The research produced the dissertation *"Cartography of affections: education, environment and photographs at a dance in senses of biodiversity"* in which we have been trespassed by the will to think of education in a soft way, as a field of creation, fugitive inventions where possibilities of existences are installed. Photographs, poetics, questions arose in tours that we made in Avenue Leite de Castro, place that we selected to drive our creative powers by becoming-environment. These expressions seem to capture the beautiful, the green, the movement, the diversities of life interactions that are often stolen from us when studying about the environment in a classroom."

Key words: Environment. Creation. Senses.

[1] Mestra em Educação pela Universidade Federal de São João del Rei; email: barcelosannacarolina@yahoo.com

[2] Professora Doutora na Universidade Federal de São João del Rei, Departamento de Ciências Naturais; email: priscila@ufsj.edu.br

> *Não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras*
> (DELEUZE, 2013, p. 183).

A maioria dos problemas ambientais são tratados, muitas vezes, por vieses que são fabricados por ideologias que determinam formas de tecnologia e progressos a favor de um pensamento que leve as nações rumo ao "desenvolvimento". Comumente elas são debatidas em nível de capitalismo, indústrias, tecnologias, ou seja, em territórios nos quais as relações de forças são bem visíveis, deixando para lá relações mais invisíveis como a sensibilidade, seja individual ou coletiva.

> As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política — a que chamo ecosofia — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (GUATTARI, 1990, p. 8).

Guattari então acredita numa resposta transversal à crise ecológica proporcionada pela ecosofia, ao considerar elementos como mudanças técnico-científicas em escala planetária, o aumento da densidade populacional e reorientações de objetivos na produção de bens materiais e imateriais operados por uma revolução política social e cultural, que se manifeste não só nas relações de força visíveis, "[…] mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo" (GUATTARI, 1990, p. 8). Um convite a sacudir uma educação ambiental que determina "[…] ambientes que poderíamos apenas conheceCópia de Ambient-ARTE1r entre narrativas e demarcações conceituais" (ANDRADE e SPEGLISH, 2011, p. 128) e talvez, o ambiente e ecologia sob novos olhares. Olhares fugidios da mesmice, banhados na singularidades.

Nesta investigação quisemos produzir olhares durante nossas travessias pela avenida Leite de Castro, e muitas vezes por meio de uma câmera fotográfica, nós congelamos olhares ao sermos afetados por signos biodiversos de uma avenida-cotidiano. Ao longo da investigação, experimentamos potencias ao produzir fotografias, principalmente por que éramos testemunhas e também participantes das coisas que aconteciam. Queríamos materializar momentos, encontros, emitidos singularmente para compor diversidades de ambiente que nos afeta sendo o ato fotográfico *mais que uma observação passiva* (SONTAG, 2004, p.22). Compor com ambiente ia alem das discussões em sala e de quando passeávamos, era como um rio que recebe diferentes deságues de afluentes ricos em ações, pensamentos, conceitos plurais.

Figura 1- Retalho de uma fotografia produzida pelo nosso grupo de investigação. As próximas figuras virão sem legendas propositalmente, pois não se sabe quem tirou essa ou outra foto.

Habitar o mundo. Quais mundos podemos inventar sem tantas demarcações? Estabelecer relações de proximidade e familiaridade pelo/com lugar que vivemos. Sentir o ainda insensível. Pintar conexões que não pertencem mais ao mundo dado, mas aos mundos que vivemos e interagimos em tempo real: encontros, acontecimentos... Fabular ambientes: "[...] desejar deslocar essas ideias para pensarmos em imagens, ambientes e educação ambiental. Encontros que só podem ser sentidos, que agitam a alma abrindo-a para o impensável, o imemorial, o insensível" (ANDRADE; SPEGLICH, 2011, p. 127).

Por aqui, estamos provocados "[...] pela crítica a mito da ciência única e objetiva, pela crítica ao dualismo que opõe homem e natureza, que opõe fazer e pensar, que opõe conhecer e criar" (TREIN, 2008, p. 123). Queremos o pensamento que move, que arrasta em meio a paisagem cotidiana, que cria outros tons de ambientes inventivos.

Arriscar em linhas de fugas que permitam a coexistência da ciência com as artes[4], fluindo por uma *criativização* com/sobre ambiente nos encontros do cotidiano. Aguçamos nossos sentidos e nunca ouvimos tanto os barulhos das horas que se desembrulham nos afazeres. Os saberes que se irrompem da experiência do encontro, encontros com signos, um saber tão particular, tão singular que pode se transformar a cada trombada do dia a dia. A vida se emaranhando na eterna novidade do mundo, produzindo uma educação como obra de arte.

> A arte é uma prática que compõe paisagens existenciais, cria um território, um locus de vida onde imagens virtuais intensas misturam-se aos vetores da matéria concreta e extensa. Para Deleuze e Guattari, o conceito de território implica o desenvolvimento da arte. (...) Como plano de pensamento, a arte é produção de virtualidades. Material, um território é agenciamento

> de superfícies terrestres, corpos, água, luzes, calor, atmosfera, velocidades e pensamentos. Corpos complexos, povoados por forças desterritorializadoras e reterritorializadoras, os territórios criam paisagens, imagens de pensamento e sentidos incorporais. Virtuais, os territórios sobrevoam a matéria para realizar nela o pensamento. O território virtual que é povoado pelo que Deleuze e Guattari chamam "afectos e perceptos" constitui o plano da arte. Antes de ser matéria para conceitos ou estabelecer funções dentro de um plano de referências, a arte é o plano de pensamento traçado pelas sensações (ZORDAN, 2005, p. 262).

O trabalho criador, traçado pelas sensações talvez nos livre de muitas de tensões que sempre estão presentes em nosso modo de agir, principalmente quando somos pertencentes a comunidades que frequentemente reproduzem "certos e errados" exclusores de possibilidades. Na criação que se desprende das formas, produzimos "[…] regras facultativas que produzem e existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida" (DELEUZE, 2013, p.127).

Figura 2- Desenho de Anna Carolina Barcelos

Sugerimos que, ao abandonar a aprendizagem *sobre* o ambiente delimitada por narrativas e conceitos do mundo já dado, podemos criar condições de modos de existência *com* o ambiente nos mundos *devires*. Deleuze junto a Foucault nos diz de modos de existência implicados na estética e na ética, sendo que esta última "[…] é o conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica" (DELEUZE, 2013, p. 130). Se vamos habitar territórios existenciais que nos façam agenciar, estender relações de força ao produzir sentidos com o ambiente desejamos a arte como plano que traça linhas de sensações no agenciamento molecular[5] dos territórios. As pistas emitidas pela ecosofia parecem vir ao nosso encontro e fazem soar um trajeto multiplicador de conexões. Acreditamos que esta articulação ético-política propõe um horizonte de ligações fecundas entre as coisas do mundo e a pesquisa, tecendo artefatos em conjunto com processos culturais, coletivos e individuais; em conjunto com a arte que sempre cria mundos…

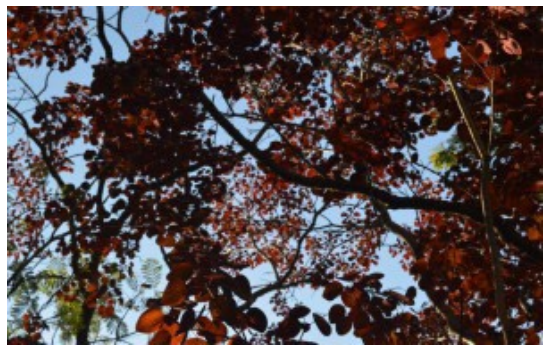
Compor com cheiros, contrastes, melodia de cores… Quando queremos compor o que pode ser um ambiente a partir de uma aprendizagem inventiva aberta aos devires das experimentações, é na produção de expressões artísticas que também encontramos forças para fazer transitar afetos. Tomada como constituidora de modos existenciais, a arte aqui é como vento que abala, e se aproximarmos "[…] o pensamento da educação como obra de arte, as questões relativas aos sujeitos, conhecimentos, aprendizagens e ensino – temáticas que interessam ao campo pedagógico – têm no encontro com as culturas, a sua diferenciação e a sua união" (AMORIM, 2007, p. 4). A arte do encontro de culturas.

Quando começamos as aulas de Etnobiologia, nos empenhamos em compreender o que seria essa tal de *Etno*. Uma discussão surge sobre a predominância de uma visão da formação da cultura do povo brasileiro, que diz que 3 grupos se miscigenaram e fizeram a cultura do Brasil. E a professora nos dá pistas: "*Na real existe um mosaico. Há saberes tradicionais reproduzidos, resistidos e reinventados. Podemos provar violências culturais, hibridização cultural… A tecnologia também é um ponto importante nas mudanças culturais…Culturas que foram silenciadas e que ainda existem com diversas formas de ser e estar no mundo…. Quais culturas podemos enxergar aqui no Campo das Vertentes? Como podemos compreender as relações entre cultura e diversidade biológica aqui, no lugar onde estamos? " Muitas ideias brotaram: Quais as relações da estrada de ferro pela qual passa a Maria Fumaça com as pessoas que moram ao redor? Com os biomas? Quais os impactos na região? Quais as relações da Serra de São José com os seres que vivem nas proximidades? Como podemos investigar sobre o conhecimento popular de hortaliças, já que aqui em São João existem muitas pessoas que cultivam hortas?(DC)*[6]. E se circularmos aqui mais perto da universidade, podemos tentar perceber a diversidade cultural e biológica na Avenida Leite de Castro. Então a professora

faz a proposta de que o trabalho final no curso de Etnobiologia seria sobre diversidade na avenida, permeado por diversos elementos: fotografias, vídeos, textos, poesias… P*ara essa disciplina, anseia por expandir os olhares para entender que na diversidade de cultura não há uma verdade absoluta, existem modos de se perceber, de ser no mundo. (DC)*

Uma linha de fuga compositora da compreensão do diferente, apropriada da arte.

Ativar diferentes exercícios do pensamento, atormentar a alma e *trazer para a voz um formato de pássaro*. Andando pela Leite de Castro, nos deixamos afetar por suas conexões um tanto ordinárias. Um ambiente comum sobrevoado por entremeios de educação. Com o corpo de afetos, atravessamos, paramos, apreciamos, enfocamos e batemos uma fotografia, ou batemos um papo. Uma linha de avenida que nos puxa a curiosidade de saber o que as pessoas sentem quando passam por lá. Sobrevoamos com olhos miúdos e olhos ampliados, mas quase nunca era só aquilo que se via. Quando o nosso grupo parou em baixo de uma árvore de sombra bem fresca, era ali também o ambiente que desejávamos! Ao tentar descobrir sobre o nome científico ou popular da árvore, um exercício de resgate das memórias dos estudos da fisiologia dos seres, percebemos que o que era possível de saber sobre ela, além das suas características físicas, era que agora seria a *árvore-sombra-boa*.



De um jeito cientifico ou não, produzimos saberes que se põem em relação com saberes de outros domínios, mobilizamos aprendizagens pra investigar as nossas próprias produções de sentidos. Muitas vezes acariciamos as folhas das plantas, recolhemos galhos com epífitas, cheiramos frutos e flores e observamos fungos. Passamos por debaixo da copa da árvore em cabeleira e uma surpresa para muitos de nosso grupo: as folhas quando levemente esmagadas pelos dedos, tem cheiro de manga (árvore popularmente conhecida como salgueiro chorão ou cientificamente como *Salix babylonica*)…

Um dos meninos do nosso grupo então diz: no nosso dia a dia, a gente esquece rápido o nome científico, a gente tem preguiça, é mais difícil. Cópia de Ambient-ARTE18Mas é importante as pessoas saberem, pois elas podem pesquisar mais. Existem também vários nomes populares para cada ser. Existe para nós uma diversidade na identificação dos seres (DC). Ao longo dos passeios pela avenida, fomos percebendo que biologia, cultura, ciências são produzidos por diferentes pessoas num amplo espectro de expressões subjetivas. Lá na avenida as preocupações parecem se dissipar. Movidos pela criação, produzimos algo que não existia. As interações em coletivo se abriram para sentidos inesperados do silêncio da sala de aula às coversas disparadas durante as travessias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. C. P; SPEGLICH, E. Imagens a fabular ambientes: desejos, perambulações, fugas, convites. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 6, n. 1, 2011.

AMORIM, A.C.R. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 15-16, 2007.

DELEUZE, G. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 3ª ed, 2013.

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

SONTAG, S. **Sobre fotografia.** Trad. por Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TREIN, E. Desafios à educação ambiental: entre o legado da modernidade e a crítica pós-moderna. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 1, 2008.

ZORDAN, P. Arte com Nietzsche e Deleuze. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 2005.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informações, Rio de Janeiro, 2004.

Créditos de imagens

Coletivo da turma de Etnobiologia.

Agradecemos à FAPEMIG pelo apoio ao projeto de pesquisa “O espaço sempre inacabado do tornar-se professor…”

Edital Universal 2015 (APQ 00233/15).

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[3] O NINJA (Núcleo de Investigações em Justiça Ambientais) é um grupo da UFSJ que trabalha e pesquisa processos engajados em educação popular, justiça ambiental, conflitos ambientais. Em conjunto com os grupos GESTA (da UFMG) , o NIISA (da UNIMONTES) e movimentos sociais, construíram o Mapa dos Conflitos Ambientais de Minas Gerais, com o objetivo da “elaboração de um mapeamento qualitativo dos conflitos ambientais em Minas Gerais ocorridos entre os anos de 2000 a 2010, a partir da identificação, caracterização e classificação dos casos de violação do direito humano ao meio ambiente, considerando a existência de denúncias institucionalizadas e/ou manifestação de sujeitos sociais. A intenção é que tal mapeamento funcione como um instrumento de defesa dos direitos e também de elaboração e execução de políticas públicas voltadas à sustentabilidade e à democratização da apropriação dos territórios e condições naturais para grupos política e economicamente fragilizados”. (http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/)

[4] “As definições da arte e as soluções que dizem “por que o homem faz arte”, “no que se constitui a arte, “qual o teor da arte”, talvez não sejam importantes para pensarmos qual

o sentido da arte no campo da Educação. Junto a filósofos como Nietzsche e Gilles Deleuze, a arte pode constituir os movimentos de uma pedagogia dionisíaca; prática que não se preocupa em emitir juízos de valor, separar a arte da produção mundana, apontar o que é divino e o que é demoníaco, dizer que a arte é isso e não aquilo" (ZORDAN, 2005, p. 262).

[5] Quando falamos em agenciamento molecular, dizemos dos agenciamentos variáveis e remanejáveis imanentes da existência. Deleuze diz de dois polos do conceito de agenciamento, um molar (polo estrato do agenciamento), ligado aos agenciamentos sociais, "[…] definidos por códigos específicos, que se caracterizam por uma forma relativamente estável e por um funcionamento reprodutor: tendem a reduzir o campo de experimentação de seu desejo a uma divisão preestabelecida"; e o outro molecular quando o indivíduo participa dos agenciamento molares, e essa participação depende de agenciamentos locais, que podem introduzir "irregularidade, seja porque procede à elaboração involuntária e tateante de agenciamentos próprios que "decodificam" ou "fazem fugir" o agenciamento estratificado: esse é o pólo máquina abstrata (entre os quais é preciso incluir os agenciamentos artísticos)" (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9)

[6] DC é a sigla que designa Diário de Campo. Esse diário foi mantido por toda a pesquisa e traz escritas importantes para um cartógrafo, que pode buscar nele as releituras das próprias vivências.

Da ecologia à afetividade radical: por uma educação ambiental orientada aos afetos

Luiz Gabriel Catoira de Vasconcelos[1]

Resumo: O ensaio tem o objetivo de compartilhar movimentações no pensamento que o autor vem desenvolvendo sobre sua prática de Educação Ambiental, produzidas a partir de sua pesquisa de mestrado, realizada em torno de seu envolvimento em um projeto de Gestão de Resíduos Sólidos em escolas de educação básica. A experiência gerou um crescente desinteresse pelo plano transcendental das informações racionais, direcionando sua atenção ao plano imanente das relações. Em resposta a ideia de Ecologia Radical, o autor sugere o conceito de Afetividade Radical como orientador de sua prática educativa. Afetividade que abre para a convivência legítima, da correspondência entre vidas, que passam a modular umas às outras. Afetividade que se sintoniza às tonalidades afetivas dos eventos relacionais em busca de gestos menores que possam fazer variar a experiência, dando expressão às vozes da vida que mobilizam o comprometimento ecológico, e disponibilizando-as para a composição de agenciamentos que produzam percepções e atitudes que levem a modos de vida mais respeitosos e responsáveis com a mais ampla ecologia, mas também com a realidade social local.

Palavras-chave: Educação ambiental. Afetividade. Imanência.

From radical ecology to radical affectivity: orienting environmental education towards affects

Abstract: This essay intends to share the movement experienced in the author's thought about his Environmental Education practice, produced in the context of his master's degree research on his own engagement in a Solid Waste Management project in schools. The experience triggered a lost of interest in the transcendent plane of rational information, directing his attention to the immanent plane of relations. In response to the idea of a Radical Ecology, the author suggests the concept of Radical Affectivity as the orientation of his educational practice. Affectivity that opens to a legitimate conviviality, to the correspondence of lives, that start to modulate each other. Affectivity that tunes in to the affective tonalities of the relational events in search of minor gestures that can open experience to variation, giving expression to the voices of life that mobilize the ecological commitment, thereby making them available to the composition of agencements that produce perceptions and attitudes that may lead to more respectful and responsible modes of life, regarding the wider ecology, as well as the local social reality.

Key words: Environmental education. Affects. Immanence.

[1] Engenheiro Sanitarista e Ambiental, pesquisador no Laboratório de Pesquisa em Resíduos Sólidos, educador no Núcleo de Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: luizgabrielcv@gmail.com

"Eu não estou interessado em nenhuma teoria,
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas me interessa mais"
Belchior

Um desinteresse semelhante ao do músico Belchior em "Alucinação" tem tomado a forma com que venho fazendo sentido de minha prática como educador ambiental. Um desinteresse no plano das teorias, racionalidades, transcendências, que compõem os discursos ambientalistas. Uma ecologia, enquanto "logia", em que "logos" equivale-se a "ratio"[2], parece não me servir mais. Informações racionais sobre a crise ecológica podem ter me ajudado a perceber que o mundo grita por uma transformação radical dos modos de vida que nós humanos temos desenvolvido. Porém, propagar informações e razões não tem sido de muita ajuda no esforço de dar corpo a uma real transformação necessária. O caminho que tenho encontrado é o de retirar minha atenção do plano das informações e dos discursos transcendentes e mergulhá-la na imanência das materialidades e forças com que me envolvo enquanto educador: relações entre pessoas, corpos em interação. Desejo compartilhar nesse ensaio como tem-se dado essa movimentação ao longo da minha experiência como educador ambiental em um projeto relacionado à gestão de resíduos sólidos em escolas, sobre o qual desenvolvi minha pesquisa de mestrado em Engenharia Ambiental (VASCONCELOS, 2018). Mas sobretudo, ao propor esse trabalho, originalmente para o VII Seminário Conexões Deleuze, desejo oferecer um tributo a Deleuze e Guattari, pelas movimentações significativas que seu pensamento tem ajudado a produzir em minha prática profissional e em meu pensamento sobre ela, confesso que com a ajuda de outros autores que me ajudaram nessa aproximação, que também serão aqui valorizados[3]. Desde já, peço licença aos filósofos para me arriscar nessa aventura. Considerem que aqui quem vos fala é um educador, com formação em engenharia, e alma de artista: à filosofia me direciono por espontânea necessidade de pensar minhas experiências, não por me considerar preparado. Minha proposta nesse texto é partir desse referido desinteresse, e como ele surge da minha experiência nas escolas. Em seguida passo a desenvolver um pensamento em torno da perspectiva relacional que venho desenvolvendo em minha pesquisa de mestrado, que tem reorientado minha prática enquanto educador ambiental. Isso é feito em diálogo com Deleuze e Guattari, Tim Ingold e mais recentemente Erin Manning, que fortuitamente vim a conhecer no mencionado Seminário que originou esse trabalho, mais um dos generosos encontros propiciado pelo evento.

O desinteresse no plano transcendente das informações

Para começar, é preciso esclarecer que, na verdade, trata-se de um duplo desinteresse pelo plano das informações e da racionalidade transcendente: desinteresse de ordem pragmática e de ordem ética. Pragmática pelo fato de que uma consciência racional dos impactos ambientais de certas atitudes não implica na mudança dessas atitudes. Já na década de 1990, a maioria da população já afirmava saber da importância de cuidar dos resíduos sólidos, como demonstrado em pesquisa nacional. Ainda assim, nas palavras de Samyra Crespo (2003), tal consciência superficial se dava descolada de uma real transformação de

hábitos e atitudes cotidianas. Décadas depois, com ainda maior difusão de informações sobre o tema, vemos que as atitudes ainda não mudaram consideravelmente, ano após ano refletindo no aumento da produção de resíduos sólidos por habitante no país, até mesmo em situações de crise econômica, como têm demonstrado os panoramas da Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública (ABRELPE, 2015).

As informações sobre os impactos ambientais do uso de copos descartáveis, como exemplo, parecem estar em um plano distinto do costume de utilizá-los, ou ainda da disposição a carregar um copo reutilizável sempre consigo. Um experimento retórico: quantas pessoas você conhece que sabem da incoerência do uso dos descartáveis mas continuam a utilizá-los diariamente? Sim, possivelmente você é uma delas, assim como eu até pouco tempo atrás. Hoje, carrego um copo reutilizável sempre comigo. Posso até justificar tal atitude segundo minha preocupação sincera com os impactos ambientais, porém, embora já soubesse destas informações há muitos anos, foi só quando passei a atuar como educador ambiental em um projeto de gestão de resíduos sólidos em escolas que realmente assumi tal atitude. Vejam, foi o envolvimento em uma nova configuração de relações pessoais que desencadeou tal transformação, não uma maior eficiência de informação sobre impactos ou mesmo de emoção de preocupação com estes, embora tudo isso também componha esse novo agenciamento que conseguiu produzir uma nova atitude. Sim, agenciamento é um conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari que tem me sido de grande utilidade, ajudando a perceber o complexo rizoma que se estende muito além das atitudes em si, e que faz parte de sua produção. Não adianta arrancar plantas daninhas, o rizoma volta a produzi-las. Não adianta argumentar racionalmente contra certas atitudes, os agenciamentos em que aquela pessoa está envolvida voltam a produzi-las quando quem argumentou se foi.

Isso nos leva à dimensão ética de meu desinteresse com o plano das informações e discursos racionais na prática de educação ambiental. Como disse, eles realmente fazem muito sentido para mim, sendo parte de minha história e do como acabei passando a atuar como educador ambiental. Assim como acontece a muitos "ecologistas", ficamos indignados ao ver pessoas agindo de forma incoerente com essas informações, por exemplo, jogando resíduos no chão. Imergir na realidade de algumas dessas pessoas tem ajudado a modificar esse tipo de reação raivosa, com bastante ajuda do pensamento deleuziano.

Deixar-se afetar por essas realidades fez com que antigas certezas arrogantes começassem a se fissurar em muitos questionamentos. O que me autoriza a chegar em uma comunidade com suas próprias materialidades, necessidades, urgências e exigir um comportamento justificando-o com um discurso produzido em condições completamente estrangeiras? Somente por considera-lo e impô-lo como verdades objetivas e universais? Não é esse mesmo o procedimento de colonização? Maturana em sua biologia do conhecer já nos alertava que toda afirmação de objetividade universal é uma petição de obediência; palavras de ordem, diria Deleuze, e não uma referência à natureza das coisas. Como conceber uma educação não colonial em meio a um paradigma moderno e um inconsciente colonial que ainda permeia nossas vidas contemporâneas?

É fácil julgar e condenar as pessoas daquela realidade segundo critérios racionais quando

não há nenhuma forma de afetividade entre você e elas. Quando você passa a conhece-las e desenvolver vínculos afetivos, a situação muda bastante. Já não quero condenar, quero-as bem. Já não consigo julgar, compreendo a realidade que tanto contribui para aquela atitude que me incomoda.

Mas isso não torna as coisas mais fáceis. Ora, como fazer conviver tal entendimento ético de respeito à legitimidade do outro com a "verdadeza" que experimento ter certos pensamentos, como o da necessidade ecológica de evitar a geração de resíduos? Como agir eticamente frente a meu desejo de que o outro também compartilhe desses pensamentos-atitudes sem apelar ao poder de uma racionalidade objetiva universal para subjugá-lo? Mesmo porque o resultado disso seria uma superficial absorção do discurso, mantendo o agenciamento de materialidades, relações, desejos que produz a atitude intacto. Como reflito em minha dissertação,

> por mais hábil que possamos ter sido nas aulas, em problematizar e mostrar com clareza a urgência dos diversos problemas relacionados à geração de resíduos, o que é parte importante da prática pedagógica, parece que as vivências cotidianas deles impunham urgências e necessidades de maneira que didática nenhuma conseguiria superar. A urgência social deles não neutraliza a urgência ecológica que eu percebia, contudo reconhecer a coexistência de ambas me tirava qualquer vontade de insistir em discursos racionais sobre a importância de uma sobre a outra. Como afirmei em outro trabalho (VASCONCELOS, 2017), minha atenção se retirava do plano das informações racionais abstratas, revirando a prática da educação ambiental em busca de seu fora-da-linguagem, voltando-se assim para o plano imanente das relações. A vontade era simplesmente de estar com eles, afetivamente. (VASCONCELOS, 2018)

A urgência de uma ecologia, nas três dimensões apontadas por Guattari, de fato nos exige uma radicalidade, porém caso essa radicalidade se dê no nível do discurso, estaremos repetindo a radicalidade do colonizador, aniquilando a materialidade local com um discurso transcendente. Subjugando a imanência do "eco" em prol de uma "logia". A radicalidade que acredito ser necessária é a de uma afetividade radical. Afetar-se pelas preocupações da ecologia, sim. Afetar-se com o sofrimento de tantas formas de vida sucumbindo aos nossos modos de vida modernos é fundamental. Mas se faz necessária uma afetividade disposta a despir-se das armaduras de certezas, vestidas para atacar o problema ecológico. Uma afetividade disposta a entregar-se antropofagicamente à realidade que se deseja transformar. Devorar e ser devorado, para fazer corpo com ela. Cultivar o solo, e não arrancar incessantemente as plantas daninhas. Tecer novas conexões, sensibilidades, afetos, compor rizomas que produzam inflorescências outras. Ou ainda, como diria Deleuze, "Não julgar, fazer existir".

Mergulhando a prática educativa na imanência das relações

É em torno desses pensamentos que tenho reorientado minha prática de educação ambiental. Um trabalho de educação ambiental que possa resultar em mudanças de atitudes deve ter por matéria prima esses agenciamentos, esse tecido complexo de relações entre pessoas, suas subjetividades, identidades, relações de poder. O trabalho do educador ambiental não é o de colonizar com racionalidades prontas, mas participar da composição de agenciamentos micropolíticos que tragam a possibilidade de incluir a preocupação ambiental de maneira única, local, específica.

Mais rigorosamente, essa perspectiva relacional que venho desenvolvendo sobre minha prática, envolve o direcionamento da atenção ao plano imanente das interações e relações, que exploro em minha dissertação, em que a perspectiva dos Processos Responsivos Complexos[4] teve papel importante, que aqui não destacarei. Se começamos esse ensaio distinguindo o duplo aspecto de meu desinteresse com o plano transcendente das informações, por acaso também são dois os aspectos que vim a distinguir dessa minha prática de atenção: seu caráter de itinerância e correspondência, e seu caráter de iminência e ato. A primeira noção componho em correspondência com Tim Ingold, enquanto a segunda ganhou forma nos movimentos relacionais com Erin Manning, especialmente seu entendimento do conceito de agenciamento de Deleuze e Guattari.

Correspondências no habitar de um território existencial

Em minha dissertação falo da importância que passar a habitar o território existencial da escola Donícia teve na forma com que o projeto se desenvolveu. Tínhamos planejado um conjunto de atividades de educação ambiental e de participação da comunidade escolar na definição e implementação das ações de gestão de resíduos, organizadas em torno da metodologia do Desafio Lixo Zero, desenvolvida junto ao Colégio de Aplicação da UFSC no ano anterior (VASCONCELOS, 2015). Mas o que marcava a experiência dessa chegada nessa escola era menos a identificação da problemática a ser resolvida, e mais o encontro com as pessoas que habitavam esse lugar.

> A cada interação que íamos tendo, parecia que dávamos um passo na direção de habitar aquela realidade da escola. Conhecíamos um pouco mais dela, nos dávamos a conhecer, mas não tanto um conhecer racional, quanto afetivo, existencial. Em cada interação um início de uma relação, ou nos termos de Tim Ingold (INGOLD, 2015) o início de um processo de correspondência, em que os envolvidos vão desenvolvendo uma maior capacidade de afetar e ser afetado, de co-responder um ao outro. (VASCONCELOS, 2018)

Itinerávamos pela escola em seus espaço-tempos, o recreio, a sala de professores. Experimentávamos seus dinamismos, a experiência de estar em pé na frente de uma sala de aula desejando silêncio para falar, a recorrência das emergências que acabam na sala do diretor, a informalidade e carinho na relação com os alunos. Percorríamos e habitávamos atentamente os diferentes lugares dentro desse lugar[5]. Qualquer sinal era suficiente para me fazer começar uma interação, uma conversa, em que genuinamente colocava toda amorosidade que podia. Ao longo dessas ocasiões, íamos cultivando relações sinceras e vínculos afetivos com as pessoas com que partilhávamos aquele espaço, pouco a pouco nos tornando parte daquela comunidade, e passando a compreender melhor o operar de seus modos de viver.

Essa é a primeira distinção que proponho de minha prática no projeto. A prática dessa atenção que se desloca no espaço-tempo daquele território, deixando-se afetar e cativar pelas vidas que nele habitam, deslocando também seus modos de ver e entender, em correspondência com elas, no sentido que Ingold atribui ao termo (INGOLD, 2015).

Aqui nos deparamos novamente com o desafiador paradoxo de fazer conviver essa compreensão e respeito à legitimidade do outro com a indignação e desejo de mudança de certas atitudes que ali vivenciávamos.

Atitudes que, embora passassem invisíveis para muitos que ali habitavam, disparavam em mim sentimentos e pensamentos que as conectavam causalmente aos diversos impactos ambientais que desejo que sejam evitados. Foi habitando esse paradoxo de compreensão e crítica, de passar a habitar aquela realidade e ainda trazer formas de pensar e agir diferentes das que ali predominam, que se deu a nossa prática no projeto. Nossa participação não era uma imposição de uma verdade objetiva de um "certo", tampouco uma passiva adaptação àquela realidade.

> Ao longo da convivência expressávamos sinceramente nosso comprometimento com a questão dos resíduos, em conversas e atitudes, como, por exemplo, em nosso manusear dos resíduos com disposição, que rompia com o padrão cotidiano de indiferença e transferência da responsabilidade quanto ao seu cuidado. (VASCONCELOS, 2018)

Já nas conversas que desenvolvíamos, menos do que convencer os outros do que acreditamos ser o certo, buscávamos dar expressão à forma com que a problemática nos afetava, sem apelo a uma verdade objetiva última, mas ao mesmo tempo sem hesitação na inteireza com que demonstrávamos nosso comprometimento com a importância do cuidado dos resíduos. Talvez seja algo próximo da prática da Parrhesia grega[6], que Foucault (1983) recupera, em que quem fala "deixa claro e óbvio que o que fala é sua própria opinião […] evitando qualquer tipo de forma retórica que encubra o que pensa" (p. 2, tradução própria). Outra característica que Foucault ressalta nessa modalidade de fala, é a de falar sua verdade mesmo diante do risco que ela pode trazer para si. Muitas vezes ao dar voz ao incomodo que sentia, por exemplo, de ver um professor utilizando copo descartável,

> sentia em meu próprio corpo uma reação que oferecia resistência, como que antecipando o incômodo que meu pronunciamento poderia causar, ou ainda a ansiedade de que esse incomodo pudesse prejudicar a forma com que eu era visto e tratado por eles. Sem dúvidas seria mais fácil ficar quieto, fingir que não vi. Mas transformar as relações com os resíduos passa por transformar também essa relação de se calar diante de um evento que sustenta uma atitude de descaso. Da perspectiva dos Processos Responsivos Complexos trago o entendimento que essa resposta corporal de restrição sentida é uma espécie de generalização da resposta dos outros, antecipando-a corporalmente, a partir do esperado como padrão vivenciado em relações anteriores (MEAD 1934 APUD STACEY, 2001). Ou seja, essa "voz interna" que diz, "não fale, vai incomodar, vai gerar conflito" faz parte do padrão de relações que sustentam o estado atual de falta de cuidado com os resíduos. Portanto, o primeiro passo para romper com ele é romper a si mesmo e falar a verdade que a situação te chama a falar! É claro que existem distintas formas de fazer isso, e buscávamos evitar qualquer agressividade, ou critica pessoal ao outro, buscando expressar o que sentíamos e acreditávamos em relação àquela situação, ou atitude, entretanto de uma maneira a manter a afetividade e a compreensão da realidade do outro. (VASCONCELOS, 2018)

Portanto, trazendo de volta a ideia de afetividade radical, como um dos possíveis nomes dessa minha prática educativa, não se trata apenas de uma afetividade nesse sentido mais cotidiano de afeto e carinho, do cultivo de relações e vínculos afetivos, que faz parte do processo de correspondência com a realidade da escola, fundamental em minha prática do projeto. Mas também de uma afetividade enquanto sensibilidade aos afetos, no sentido filosófico desde Espinosa, passando por Deleuze, até Manning, a que se relaciona a segunda qualidade de atenção que orienta essa prática. A noção de correspondência de

Tim Ingold, em seus termos, diz respeito a uma atenção longitudinal, que se estende ao longo das linhas de vida, que se entrelaçam em nós de vínculos afetivos, que deixam rastros de chão batido na formação de territórios, e , nessa convivência, na diferenciação intersticial entre elas, produz-se o comum e a individuação, simultaneamente (INGOLD, 2015, 2018). Porém – embora Ingold traga Deleuze para enfatizar a natureza de devir do traçado dessas linhas, enquanto seguir adiante de *uma vida*, sempre *pelo meio*, e ressalte que o fazer ("to do") se dá no seio de um sofrer ("undergo") de uma atencionalidade ao ambiente – em meu uso de seu pensamento sinto uma certa aptidão da figura das linhas em realçar um caráter de continuidade. Continuidade ao longo do tempo necessário para se visualizar o traçado das linhas de vida, tempo de habitar um território, de cultivar relações. Mas também continuidade matemática das curvas traçadas, privilegiando a percepção das transformações gradativas e diferenciais, em detrimento dos movimentos mais discretos, pontuados, descontínuos, e às vezes abruptos, que também compõem, mesmo que microscopicamente, tal traçado – na forma de eventos.

Compondo agenciamentos no habitar dos eventos relacionais

Portanto, embora a correspondência com as linhas de Ingold ajude na produção da primeira noção orientadora de minha prática, já explorada, sentia necessidade de falar mais claramente, não das linhas, mas do traçar do lápis. Não do que se estende no tempo e espaço, mas o que se dá enquanto duração no plano das intensidades, ressoando o pensamento de Bergson; aquilo que se dá no-ato, no ainda-não do processo de tomar forma de um evento, de uma actual occasion na filosofia de Alfred North Whitehead (MANNING, 2016). A figura do lápis traz a tentação de substituir a ideia de atenção longitudinal às linhas, por uma ideia de atenção vertical do lápis, que em parte atenderia minha necessidade de falar do que escapa à unidimensionalidade de uma linha do tempo, expandindo-se no presente vivo (STACEY, 2001). Todavia, para evitar o risco dessa direção vertical ser má interpretada como para cima, apontando para a cabeça de quem segura o lápis, evitarei essa adjetivação. Mais precisamente, a atenção de que quero falar aponta para o *fora imanente* do lápis, para o *movimento incipiente* e a infinidade de potenciais que ele contém, dilatando-se nos *intervalos* que *pre-aceleram* seu traçar iminente (MANNING, 2012). Agora com Erin Manning já posso deixar o lápis de lado, pois encontrei em sua filosofia conceitos úteis para produzir um pensamento que se aproxime desse segundo caráter de minha prática no projeto. Diga-se de passagem, como Erin, esse pensamento também se entrelaça com minha prática artística em dança[7], o que, contudo, não explorarei nesse trabalho.

Em cada uma das interações que íamos tendo havia sempre uma tendência à reprodução do padrão maior estabelecido anteriormente, mas também o potencial de transformá-la, de produzir algo novo. Acessar esse potencial transformativo exigia primeiramente evitar cair no estabelecido, resistir às preensões habituais da percepção, às capturas por políticas identitárias que atribuem categorias pre-estabelecidas, encaixando tudo na cartografia existente da realidade (ROLNIK, 2009). Para isso é necessária uma capacidade de habitar o fora imanente dos eventos relacionais, suspendendo-se em meio às tonalidades afetivas do evento, a fim de conseguir dar expressão a gestos menores que possam fazer variar a experiência

habitual estabelecida, abrindo caminho para alguma outra possibilidade de movimento e percepção, para outros modos de viver-a-vida (MANNING, 2016).

Era esse tipo de prática da atenção que era mobilizada nos momentos descritos,

> ocasiões em que percebia uma dissonância entre a atitude de descaso com a questão dos resíduos que presenciava, e os agenciamentos que mobilizavam minha atenção, disparando respostas emocionais e pensamentos que traziam para minha experiência presente as implicações negativas daquela atitude. É preciso evitar colapsar esse evento intensivo dissonante na forma de um "eu ecologicamente consciente" que desaprova a "atitude errada" do "outro" (VASCONCELOS, 2018).

A noção de agenciamento é muito útil para isso, especialmente da forma com que é tomada por Manning, em relação às noções de técnica, hábito e habilidade.

O paradigma moderno, que inclui a neurotipicalidade questionada pela autora, segue um modelo que atribui a agência ao indivíduo, que de forma independente e voluntária tem uma intenção mental a partir da qual realiza a atitude projetada. Manning traz William James, para apontar que muito do que é tomado como resultado de uma intenção individual prévia ao ato, resulta do funcionamento relacional da atenção ao longo do processo em que um evento toma forma, seja em um ato de percepção ou movimento. O ato é uma resposta ao funcionamento da atenção em relação ao campo relacional de elementos que a afetam e mobilizam. Segundo James (APUD MANNING, 2016), o que a atenção faz é extrair dos inúmeros potenciais desse campo um "término" que organize a experiência em um ato. Em indivíduos neurotípicos, digamos que essa dança da atenção está bem ensaiada, de maneira a se coordenar com o que a pessoa considera sua intenção inicial. Isso é bastante diferente na condição de autismo, em que a atração que os diferentes aspectos do ambiente exercem sobre a atenção é tão forte que esta não consegue organizar um término, detendo-se suspensa entre os complexos aspectos sensoriais intensivos, sem conseguir aterrissar. Ou ainda, no exemplo de Manning, a pessoa autista se levanta para pegar uma maçã, mas a insistência dos raios de luz de um vaso em sua visão levam ela a acabar pegando o vaso.

Todavia, embora o autismo seja um caso paradigmático para pensar esse funcionamento relacional da atenção, o mais interessante no ponto que Manning traz é que isso também se estende ao espectro neurotípico. Diversas atitudes habituais revelam como nossa atividade é atraída por certos estímulos, nem sempre de forma voluntária como, em outro exemplo da autora, quando nos pegamos com a porta da geladeira aberta sem ter tido um porquê. "Foi por força do hábito", alguém poderia dizer. Segundo Manning, essa dança da atenção está sempre em ação, e o que fazemos é desenvolver técnicas para treiná-la a percorrer certos caminhos, inibindo outros. Esse treinamento pode se dar de forma inconsciente, através das experiências que vamos vivendo, ou mais intencionalmente no desenvolvimento de habilidades através do treino, em que se refina a sintonia da atenção a certos aspectos intensivos das experiências de forma a produzir atividades desejadas. Porém tanto no hábito, quanto na habilidade, é o habitar de certo tipo de experiência, seja através do cotidiano ou do treino, que produz esse treinamento da atenção de forma a produzir certas respostas em conexão a certos aspectos do campo relacional que se habita.

Portanto, agenciamento é entendido como esse "funcionar organizado" da atenção coordenando aspectos do ambiente a respostas corporais – sejam pensamentos, emoções, ou movimento. Falar em agenciamento, a meu ver, é outra forma de se referir ao que, com termos da complexidade, se diria ser o padrão que emerge no histórico de interações, que é atualizado na interação presente, contribuindo para que esta tenda a certos formatos (STACEY, 2001). Enquanto o conceito de técnica, adquirida por hábito ou treino, diz respeito ao operar corporal do indivíduo, o agenciamento é o "funcionar organizado" da relação entre esse operar corporal e o campo relacional imediato da interação presente, ao qual ele responde. Nesse sentido, esse conceito evidencia que o indivíduo não produz a atitude de maneira completamente autônoma e intencional, dependendo dos padrões adquiridos em suas relações anteriores. Virtualmente, não só o indivíduo tem parte na produção do ato, mas também as configurações sociais que ele habitou até então. Por outro lado, esses padrões devem ser sempre atualizados no presente imediato, no funcionamento da atenção em relação direta com os aspectos afetivos do fora imanente dos eventos, em que sempre sobram elementos que poderiam levar a outras possibilidades. Portanto, afirma-se também certo tipo de liberdade, não aquela do modelo de indivíduo independente da modernidade, mas a liberdade que reside nos intervalos desses eventos relacionais, nos potenciais ali presentes que escapam ao estabelecido, e, portanto, permitem que, eventualmente, seja possível fazer variar a experiência, produzir outras atitudes, outros hábitos, outras formas de viver-a-vida. Esse é o lugar da prática educativa que tenho buscado apresentar.

Ninguém julga alguém que não fala certa língua estrangeira incomum como incapaz intelectualmente, pois compreende-se o necessário histórico de experiências ao longo das quais se pratica uma língua a ponto de tê-la como fluente, habitual. Porém julgamos como sem consciência aqueles que não agem em correspondência com a linguagem do discurso ambientalista. Sugiro que, se revirarmos o plano do discurso rumo ao plano de imanência em relação ao qual ele se produz, poderemos nos reencontrar com as vozes intensivas com que as demais formas de vida do planeta vêm nos alarmando dos nossos impactos sobre elas. É na escuta intensiva a essas vozes que se produzem atitudes coerentes com elas, que posteriormente são categorizadas como ecológicas e justificadas com discursos racionais. Nessa perspectiva, as atitudes que a educação ambiental almeja produzir, são atitudes produzidas por agenciamentos que incluam tais vozes, que tragam para nossa atenção a dimensão ambiental de nossas atitudes, que produzam consciência de como afetamos um corpo ecológico maior do qual fazemos parte, que produzam o prazer de escolher um modo de vida mais harmônico com as demais vidas do planeta.

Contudo, como vimos até aqui, não se trata da simples transmissão e inclusão de informações sobre esses impactos.

> Em minha experiência, como busquei demonstrar, a possibilidade de inclusão da preocupação ecológica nos agenciamentos em que estamos envolvidos, não se dá de forma objetiva e neutra, mas sim regada de afetividade e amorosidade na convivência. Nesse sentido esses agenciamentos incluem também o senso de identificação entre as pessoas envolvidas no projeto, em cuja convivência amorosa nossas formas de dar atenção ao problema dos resíduos disponibilizam-se para a educação da atenção daqueles com quem

> convivíamos; podendo incluir ainda um senso de pertencimento a um movimento civilizatório mais amplo, do compromisso de gerações rumo a sociedades sustentáveis, e até mesmo um sentido maior que sentir-se integrado à ecologia mais ampla pode oferecer, o que alguns chamariam de uma espiritualidade ecológica (VASCONCELOS, 2018).

Educação Ambiental como prática de uma Afetividade Radical

Portanto, essa transformação de hábitos e relações que a educação ambiental almeja só pude encontrar através da prática dessa afetividade radical. Afetividade que abre para a convivência legítima, da correspondência entre vidas, que passam a modular umas às outras. Afetividade que se sintoniza às tonalidades afetivas dos eventos relacionais dessa convivência em busca de gestos menores que possam fazer variar a experiência, de forma a dar expressão às vozes da vida que mobilizam o comprometimento ecológico, disponibilizando-as para a composição de agenciamentos que produzam percepções e atitudes que levem a modos de vida mais respeitosos e responsáveis com a mais ampla ecologia, mas também com a ecologia social local.

Em suma, a perspectiva que hoje tenho sobre minha prática de educativa fala dessa entrega ao campo existencial das pessoas com que passo a trabalhar, em que passo a tecer e cultivar relações pessoais sinceras, relações micropolíticas com valor próprio e não instrumental. Em cada relacionamento que se compõe, o outro é amorosamente valorizado como legítimo, ao mesmo tempo em que livre e espontaneamente expresso meu comprometimento com as questões da educação ambiental, disponibilizando-o aos novos agenciamentos que se compõe com minha presença. É nesse processo de contágio mútuo que emergem possíveis novas subjetividades, identidades, agenciamentos que possam incluir de forma única, local e específica o comprometimento ecológico e com a questão dos resíduos. Agenciamentos que produzam atitudes coerentes com a Ecologia, mas também com a realidade local.

Acredito não ser por acaso que Belchior uniu "amar" com "mudar as coisas". Sozinhos, nem um nem outro verbo parecem oferecer um caminho rumo a uma nova Terra que povoa os sonhos de tantos educadores ambientais. Não "a" nova Terra segundo "uma" Ecologia, universal, mas a nova Terra que germina na multiplicidade dos modos de vida que podem emergir do solo micropolítico de uma afetividade radical.

REFERÊNCIAS

ABRELPE. **PANORAMA DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO BRASIL** 2015. [S.l: s.n.], 2015. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2015.pdf>.

CRESPO, S. Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990. In: TRIGUEIRO, A. (Coord.) (Org.). **Meio Ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FOUCAULT, M. **Discourse and Truth**: The Problematization of Parrhesia. (six lectures given by Michel Foucault at Berkeley, Oct-Nov. 1983). [S.l: s.n.] , 1983.

INGOLD, T. **Anthropology and/as Education**. London: Routledge, 2018.

INGOLD, T. **The life of lines.** [S.l.]: Routledge, 2015.

LAPOUJADE, D. Deleuze: política e informação. **Cadernos de Subjetividade**, p. 160–167, 2010.

MANNING, E. **Relationscapes**: Movement, Art, Philosophy. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2012.

MANNING, E. **The Minor Gesture**. Durham: Duke University Press, 2016.

ROLNIK, S. Políticas del fluido híbrido y flexible. Para evitar falsos problemas. **Nómadas**, p. 157–164, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502009000200011&lang=pt>.

SHAW, P. **Changing conversations in organizations**: A complexity approach to change. London: Routledge, 2002. v. 6.

SILVA, C. V. DA. **Corpo e Pensamento:** Alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

STACEY, R. D. **Complex responsive processes in organizations:** Learning and knowledge creation. London: Routledge, 2001.

STACEY, R. D.; GRIFFIN, D. **A complexity perspective on researching organizations:** Taking experience seriously. London: Routledge, 2005.

VASCONCELOS, L. G. C. de. Revirar a educação ambiental: do plano das informações ao plano das interações. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v.12, n.3, 2017.

VASCONCELOS, L. G. C. de. **Uma abordagem relacional para a gestão de resíduos sólidos em escolas:** reflexões desde o projeto escola lixo zero. 2018. Dissertação (Mestrado em Engenharia Sanitária e Ambiental) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[2] Essa distinção devo ao amigo filósofo Abraão Costa Andrade: o entendimento de que aquilo que é afirmado como "logos" define a operação que conecta pensamento e mundo, de forma que a equivalência, na história da filosofia ocidental, de logos a "ratio" é que opera a cisão entre pensamento e mundo. Qual seria o resultado de afirmar "logos" enquanto "filos", um pensar como relacionar-se que se dá no mundo e não rachado (ratio) dele? Acredito que nessa direção vá minha proposição de uma ecologia radical enquanto afetividade radical.

[3] Outras referências importantes no desenvolvimento de meu pensar com Deleuze foram David Lapoujade (2010) e Cíntia Vieira da Silva (2013).

[4] A perspectiva dos Processos Responsivos Complexos (SHAW, 2002; STACEY, 2001; STACEY; GRIFFIN, 2005) teve papel fundamental na minha pesquisa e prática, embora nesse trabalho tenha privilegiado as mais recentes referências que diretamente se relacionavam ao pensamento de Deleuze e Guattari. A perspectiva articula analogias das ciências da Complexidade ao pensamento social de George Herbert Mead, John Dewey e Norbert Elias, de forma a ressaltar a capacidade intrínseca das interações humanas de se auto-organizar em padrões, em que significados, hábitos, narrativas, identidades pessoais, culturais, e relações de poder são padrões que emergem na própria interação social humana, não existindo objetivamente independentes dela, ou sistemicamente, acima dela.

[5] Escrever essa frase me fez lembrar da fala do caro prof. Leandro Guimarães, na ocasião de uma banca de TCC também relacionado ao projeto, em que ele fazia alusão ao romance A MESA DA RALÉ de Michael Ondaatje, que não li, mas guardei a imagem do protagonista que em sua infância percorria inocentemente os diferentes lugares daquele

navio, ouvindo sempre as melhores conversas, da primeira classe, até a mesa da ralé.

[6] Essa relação com a ideia de Parrhesia devo a Bruno de Mattos Almeida, que trouxe o conceito durante as conversas sobre nossos trabalhos nas sessões denominadas Imediações Aberrantes do IV Seminário Conexões Deleuze.

[7] Através da rica convivência e pesquisa artística na Grão Cia de Dança, e da parceria com Juliana Schneider, como professores da Escola Schumacher Brasil, onde, em muito inspirados por Patricia Shaw da Schumacher College, temos explorado o tango como forma de desenvolver esse olhar relacional que as ciências da Complexidade nos chamam a ter.

Geofilosofia, anarquismo e o povo novo: uma sugestão

Alexsandro Sgobin [1]

Resumo: Queremos neste texto sugerir uma conversa entre o conceito de Geofilosofia de Deleuze e Guattari, o anarquismo e a sala de aula, considerando que ambos os três elementos carregam consigo um *asselvajamento*, uma potência de movimento que extravase os limites do ordenamento, do pensamento representativo, declarando esse asselvajamento possível de ser convidado para que se experimentem suas possibilidades e se assuma os riscos – em busca de pensamentos vigorosos, curiosos, potentes, pensamentos-criança, cujas linhas de fuga sejam bem-vindas, seja qual for a natureza que assumam.

Palavras-chave: Anarquismo. Geofilosofia. Ecologia.

Geo-philosophy, anarchism and the new people: an idea

Abstract: In this paper, we want to suggest a conversation among the concept of Deleuze and Guattari's Geophilosophy, anarchism and the classroom, considering that both three elements have the potential to be "wild", a power of movement that goes beyond the limits of ordering, declaring this "savagery" worthy of being invited, to experience its possibilities, taking all the risks – in search of strong thoughts, curious, powerful thoughts, child-thoughts, whose lines of escape are welcome, whatever nature they take.

keywords: Anarchism. Geophilosophy. Ecology.

[1] Doutorando da FE-UNICAMP, professor da rede particular de Campinas. E-mail: a_sgobin@hotmail.com

Este texto deseja propor que se encontre algo em comum entre o conceito de Geofilosofia de Deleuze e Guattari, o anarquismo e a sala de aula, sendo este último o *local* em que se deseja haver frutos e rizomas vicejando? Águas plácidas, maremotos, oceanos insondáveis, o ribombar da catarata e o marulho do riacho… na sala de aula, onde o que existe é a contingência, cremos poder afirmar que a conversa a qual nos dispomos a empreender entre geofilosofia, anarquismo e um ambiente de aula deixa entrever possibilidades e potências de haver-se aí o Novo, o Povo Por Vir, a *diferença*, quiçá…

Mas seria possível aproximar conceitos de Deleuze e Guattari e o anarquismo?

Na verdade, isso já não é novo: algo existe entre a riqueza do pensamento dos dois autores e a riqueza do anarquismo, e trata-se, parece-nos, do que chamaremos *asselvajamento* que grassa em ambos, um atrevimento de dizer, de escrever (e de fazer, no caso do anarquismo – ação direta) o que fere ao ser dito e escrito, uma insubmissão aos cânones de uma sociedade, de uma filosofia, de um modo de pensar sobre o mundo e as gentes por demais recatado, tímido, representativo.

Também há algo que escapa em ambas as usinas, o pensamento e o texto dos dois autores, e o anarquismo – não se pode agarrar cada linha que explode de ambos. E há linhas de força e de tensão que fogem por todos os lados, selvagens!, diremos, e a selvageria então é boa, e nos sugere caminhos alvissareiros e atrevidos. E, a título de curiosidade, se percorrer a filosofia de Deleuze e Guattari exige atenção e cuidado, definir o anarquismo não é tarefa menos difícil; preferimos, neste momento, acatar Edson Passetti, quando diz que "é impossível definir o anarquismo. Ele é um fluxo de singularidades que coexistem" (PASSETTI, 2000, p.4).

Este fluxo de singularidades, e a filosofia de Deleuze e Guattari, guardadas as devidas proporções, carreiam consigo, acreditamos, potências para gerir *certas liberdades* (uma vez que falar da Liberdade é por demais grandioso, ou por demais insuficiente…): em demanda de uma forma de pensar mais generosa e potente, no primeiro caso, em busca do socialismo libertário, no segundo. Mas tanto um como outro são irredutíveis às demandas que aventamos aqui; tanto um como outro podem produzir rizoma, fazer explodir linhas de força, abrir infinitos poros e rasgos e tocas no tecido social/filosófico/psicossocial, fazer a guerra ou permitir microguerrilhas.

O anarquismo nunca se furtou a denunciar a exploração do ser humano pelo ser humano, nem a fazer a guerra aos exploradores quando julgou preciso; o texto dos dois autores em questão nunca se furtou a deixar correr microguerrilhas por entre as palavras, nas palavras, nas entrelinhas, nas margens, no "extra-campo" do texto mesmo… mas isso também é pouco, é falar apenas de combates, que são acontecimentos extremos, tanto num campo como no outro (um livro dos autores discutidos. ruas tomadas por anarquistas. a bandeira negra em meio ao povo que se subleva); estamos mais interessados nas linhas de força que correm entre a palavra impressa entre um, seja, *Mil Platôs*, e as muitas formas de viver do anarquismo.

Compreende-se o que desejamos sugerir?

Entre os dois mundos citados o que mais nos parece instigante é que tenham a potência e o atrevimento de extravasar conceitos por rasgos talhados no tecido do pensamento representativo, filho do controle e de uma ordem assustadiça, irmão da Moral (e o que preferimos, concordando com Deleuze e

Guattari e com o que acreditamos querer o anarquismo, independente de sua corrente? A Ética, em detrimento de uma moral), em uma palavra, o *Velho*, diríamos, parafraseando Rancière. O caminho perigoso, falto de estradas retas e sinalizadas, repleto de charcos, abismos, florestas, planícies silenciosas, platôs, onde qualquer daqueles que não seja desassombrado pode se perder, é justamente esse caminho vagabundo que nos sabe à viandas dignas de deuses, ainda que terríveis de se alcançar.

[Daí nossa séria dúvida em relação a qualquer coisa que se chame "deleuzeana", e nosso riso frente a uma hipotética codificação do anarquismo – o quê? – : ter-se-á diluído exatamente a força do asselvajamento, a mais vigorosa (cremos) possibilidade deixada pelos dois franceses e pela essência dos movimentos que requisitam a bandeira negra sobre suas ações e pensamento].

Mas note-se que insistimos na palavra "texto": diremos que é justamente no texto, do texto que emergem muitas das potências do pensamento de Deleuze e Guattari. Ao apresentarem um bailado com as artes, a literatura, a filosofia, as ciências exatas, um bailado, dizíamos nós, mãos e pés irmanados com rigor conceitual e teórico, os autores crianceiam, fazendo brotar, aqui e ali, microexplosões (potências de…) – dir-se-ia rizoma, que anarquizando sob/sobre/junto/dentro da terra, faz brotar pontos inusitados e ruidosos de pensamentos-criança, frescos, novos, atrevidos, de letras, frases, parágrafos.

As microexplosões nesses textos; o rizoma frenético, semprevivo, que a qualquer momento aí pode surgir, sugerindo a terra em frêmito, com a raiz se espalhando selvagem sobre ela, contaminando-a com o movimento da descoberta ou do impensado, os corpos que marcham na terra negra e quente artificial sob o troar da revolta botas sobre a terra terrível de piche palavras de ordem sangue suor e cassetetes potência da palavra do pensamento e do pontapé, eis que!…

A terra: em "O que é a Filosofia?", Deleuze e Guattari pedem uma relação entre o pensamento e a terra, é preciso um chão, um solo para o pensamento, ainda que este jamais esteja seguro sobre esta terra; ele treme, corre, dormita, escava buracos, explode o solo em mil fragmentos, desliza sobre camadas e estratos em evoluções/revoluções com as coisas e os objetos, as pessoas e as ideias, *que lá já estão e estiveram*: assim se compreende porque se falade uma filosofia alemã, ou uma filosofia francesa!

Pensar, dizem os autores, é estender um plano de imanência que "adsorve" a terra, podendo desterritorializá-la (potência), ligação pensamento-terra de múltiplas conectividades que inicia uma dança em turbilhão, irmanado, esse pensamento com a terra prenhe de contingência e de história, de ideais, ideologias, ideias, de fixos e de fluxos… como coloca SANTOS (2013, p.57-58):

> O pensamento, então, tem antes uma geografia de circunstâncias e contingências que precedem a sua própria história, se orienta menos pelo artifício de um método que por uma experimentação tateante, uma zona de presença de relações vitais, um meio de imanência que se refere às condições de um meio intensivo de relações variáveis que liga a terra ao território.

Não se pode, assim, escapar completamente da própria história da terra, do local, de suas idiossincrasias, de seus aconteceres, eis uma "linha dura" (e, ainda assim, fugidia); mas outra linha convida ao tatear, à experimentação, á

dúvida háptica, ao movimento do pensamento: eis uma linha explosiva. Anarquia no pensamento, pensamento anarquizado.

Mas desse pensamento se dirá que há um meio, de largas fronteiras, onde se bailará mais cuidadosamente pois não se ficará nem preso à geografia de uma terra (pois então só se haveria uma descrição), nem nos lançaremos ao caos, o que nada nos daria de útil, uma vez que é preciso ter algo às mãos. Esse meio, esse entre extremos de largas fronteiras deslizantes conecta-se a terra, desterritorializa-a e territorializa, em absoluto – contato com o puro plano de imanência -, ou relativizando-se, pois antes do pensamento fazer visita a uma dada terra, muita gente lá já havia, muito se passou e se construiu. Mas não se trata apenas disso: Deleuze e Guattari sugerem um Povo Por Vir, necessário fundar um Novo Povo, poroso ao pensamento asselvajado, tinto de certas liberdades, carreando consigo a vastidão do deserto e/ou a pureza do ar das alturas, sem receios; nisso também o Anarquismo funda esperanças, num Povo Por Vir, poroso ao pensamento asselvajado, tinto de certas liberdades, carreando consigo a vastidão do deserto e/ou…ou…

Mas faremos aqui uma ressalva: parece-nos que se fala, em ambos os casos, num povo demasiado grande para o que desejamos sugerir nesse texto; nossas pretensões são infinitamente mais modestas, e sobretudo, *efêmeras*, falarão de um povo efêmero…

II- A terra sala de aula: o povo novo efêmero

A terra da qual queremos falar é a sala de aula, terra rica, terreno de contingência, complexo, múltiplo; efetivamente, Milton Santos dizia que quanto menor o espaço em questão, maior é o número de elementos que nele incidem, do cósmico ao local: eis a imensa porosidade de uma sala de aula. Terra escorregadia, que por vezes tem sobre si a mais férrea ordem, mas também vê amiúde o quase-caos se instalar. É esse terreno escorregadio que nos fornece inspiração para um atrevimento, que é sugerir que o Povo Por Vir *já está dado*, e o que é preciso é atualizá-lo, ainda que essa atualização seja efêmera, pois o ethos da sala de aula comum ainda é a norma, a normatização, a ordem, a disciplina…e a punição.

Em que nos amparamos para sugerir que já existe um "povo novo"?

Na hipótese de que todas as possibilidades de emancipação de um saber, um pensamento, um corpo, já estão dadas de antemão, simplesmente (?) porque nada há que negue que essas possibilidades estejam ali; resta, então, atualizá-las, se o momento se oferece, ou se procuramos convidar à atualização – pode ser que jamais se mostrem [Ordem! Norma! Moral! Cuidado!]. Se todas as possibilidades já estão, latentes, o que se aponta ao Anarquismo, a uma pedagogia anarquista, é que pense a partir/junto/dentro de uma geofilosofia, abrindo convites a essas possibilidades, anarquizando a terra e desterritorializando-a, dando lugar ao Novo, fazendo mesmo o Velho bailar ao som da terra renovada, cáustica, porejante.

Anarquizai-vos!, dirá uma pedagogia anarquista, traçando, dolorosamente, um pensamento com a terra-sala-de-aula, na qual estenderá um plano de imanência adsorvendo essa terra rica, tentando fazer atualizar-se a virtualidade do Povo Novo, que já estava, mas não ousava emergir. Seja, por exemplo (irmanando-nos, por conveniência, com os subtítulos desse Seminário) pensar uma aula sobre Ecologia: é possível dizer (por um mero recorte didático!)

que ao menos três adensamentos conectivos aí sejam possíveis, a saber:

– a história, os elementos sociais, materiais, psicossociais, as ideologias… que impregnavam a terra-sala-de-aula;

– o plano de imanência que se procura estender em demanda do Novo;

– a riqueza da vida, expressa de alguma forma no estudo da Ecologia.

E quem fará a tentativa de estabelecer miríades de conexões possíveis, quem fará o convite para as conectividades, que quiçá atualizem o Povo Novo? O Anarquismo, ou, como se queira, uma pedagogia anarquista, que desdenhe da normatização escolar, que permita certas liberdades, instile a crítica à dominação, qualquer dominação, inclusive a que vem do mestre, que se abra à aventura, revolva a terra e a esboroe. Mas não se trata, convém dizer, de uma busca do caos, senão da mais cuidadosa construção: o Anarquismo não advoga a anomia, mas uma outra disciplina, a coletiva, solidária, talvez por isso mesmo mais exigente.

Mas é uma construção que admite fazer barro da terra, deslizando perigosamente sobre ele, manchando a pretensa alvura da Ordem; falemos de populações, da tremenda complexidade do movimento de populações, falemos da inebriante riqueza da flora e fauna de um local, de sua biogeografia carregada de movimento e de sobreposições, atravessamentos de fronteiras, desterritorializações frequentes, a Ecologia não é, não pode ser, uma ciência que fale apenas de ordenações e decalques, mas que também fale de caos, de microexplosões e de mapas – a vida, como se apresenta à intuição (é de Bergson, essa intuição da qual falamos).

Certo, é preciso dizer da fila indiana e da hierarquia do formigueiro, mas também sói dizer do caos que se instala quando o toco com uma vara e revolvo, explosão de movimento, caos, dir-se-ia a natureza em microrrevolução, assim o texto, façamos uma conexão, dos autores discutidos em nosso presente escrito, ele corre também em fila indiana, mas uma palavra, uma sugestão, um gráfico… e eis que o movimento se instala no leitor, no pensamento do leitor, formigas em debandada por todos os pontos, terremoto no cérebro, harmatã no pensamento.

Ares anarquizantes, contingência, a história da terra-dala-de-aula, suas culturas próprias, o mundo exterior e as ideias, uma aula de Ecologia… quem poderá dizer que daí não nasça um Povo Novo, ainda que efêmero?

E por que seria efêmero?

Por se encontrar imerso no sistema capitalista, no sistema de ordenações e costumes da escola, num habitus de controle e disciplina, de dissimulações e de receios; quase certo que o Povo Novo que surgiu na sala de aula voltará à Velhice (mas existirá uma Velhice?…), eis que finda a aula, ou a novidade, ou o interesse… nada a recear ou a lamentar! É preciso estar pronto para a volta ao terreno estriado, à terra temerosa de trepidações, corre-se o risco, conscienciosamente.

O Povo Novo… quem o despertará? Não o professor, não é ele o herói, mas antes, qualquer elemento pode despertar esse Povo, uma palavra, uma aula, um filme, um olhar, um trejeito, bem difícil serial procurar "encontrar" um disparador e dele dizer: "certamente daí advirá a diferença"…

O que vimos sugerir neste escrito é que todas as condições para uma filosofia de linhas "anarquizadas", ainda que seja uma filosofia efêmera, já estão dadas de antemão; e o que nos cabe, então, fazer? Ora, tentar *atualizá-las*; isso equivale dizer que possivelmente o Povo Novo já exista dentro de uma sala de aula, sendo preciso então abrir tocas e rasgos, convidar linhas de tensão a atravessarem o tecido do costume e do hábito, permitir o asselvajamento sem temê-lo. Mas não se trata de convidar o caos: a anomia *não* é uma opção, em nenhum momento, nem no rico pensamento dos dois autores discutidos neste texto, nem no universo da teoria e práticas anarquistas. O que nos ensinará, assim, a convidar a diferença e a namorar com suas possibilidades sem resvalar para o assustador do Caos?

A *experiência*; o ousar tentar e o ousar aprender com as quedas pelo caminho que, inevitavelmente, virão. É bem possível que carreguemos cicatrizes das quedas por toda a vida, de modo que é preciso, também, não temer as marcas e saber conviver com a dor enquanto ela se faz presente. De fato: qual será o maior erro que o de, a força de sofrimentos sem par, procurar navegar sempre em águas plácidas, felicitando a nós mesmos dizendo: "eis que mais um dia findou… *sem nenhuma aventura*!…"…

Que autoengano seria mais terrível? Mais *triste*?

Deixar advir, ainda que pelo tempo de uma hora, um dia, um mês, um Povo Novo! Que extravase, crie rizoma, pela adsorção da terra-sala-de-aula… deixar surgir! Deixar que venha, e, desejando, ou pelas contingências do mundo, se vá. Havendo as portas abertas, os rasgos e as tocas nas paredes, é possível que *retorne*…

Mas esse [eterno] retorno é uma outra, vastíssima, discussão.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

PASSETTI, Edson. **Anarquismos e Sociedade de Controle.** 2000. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Edson_Passetti.pdf>. Acesso em 15/03/2017.

SANTOS, Zamara Araújo dos. **A geofilosofia de Deleuze e Guattari.** Tese de doutoramento, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000917481>. Acesso em 17/03/2017.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

“Ser e não ser. Eis a questão?”: nas dobras de línguas traídas, um pensar educação matemática

Diego de Matos Gondim [1], Danilo Olímpio Gomes [2]

Resumo: Este ensaio quer fazer-se material-forças para operar três movimentos de traição: no primeiro, exercitamos uma traição da proposta de trabalho enviada ao VII Seminário Conexões, “Ser e não ser. Eis a questão?”: (des)licenciaturas matemáticas; o segundo entra em um movimento com alguns intercessores da Educação Matemática e Filosofia da Diferença buscando escapar da dualidade existencial operando um devir-outro, desejando fazer-se experimentação. No terceiro, não se busca uma relação entre o primeiro e o segundo, mas apenas proliferar em conexões “e… e… e… ” produzindo um pensar educação matemática junto às experimentacões do grupo de trabalho “Imediações de uma língua aberrante”.

Palavras-chave: Educação Matemática. Filosofia da Diferença. Identidade e Diferença.

“To be and not be. That´s the question?”: in the folds of betraied speeches, a thinking about mathematical education

Abstract: This essay wishes to become itself material-forces to operate three movements of betrayal: in the first, we exercise a betrayal the proposal of work sent to the VII Connections Seminar, “To be and not to be. Is that the question?: (dis)degrees in mathematics; the second enters into a movement with some intercessors of Mathematical Education and Philosophy of Difference seeking to escape from the existential duality operating a becoming-another, desiring to make itself experimentation; in the third, we do not seek a relation between the first and the second, but only to proliferate in connections “and … and … and …” producing a mathematical education thinking together with the experiments of the working group “Surroundings of a aberrant language”.

keywords: Mathematical Education. Philosophy of Difference. Identity and Diference.

[1] Doutorando e Mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Rio Claro/SP. E-mail: gondiminit@hotmail.com.

[2] Doutorando e Mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Rio Claro/SP. E-mail: danilo.o.gomes@gmail.com.

Este texto convida a uma prática acerca da lógica identitária do ser: ocuparemos o território da identidade no intuito de criar uma dobra, uma ruptura neste solo característico daquilo que é; um fora que permita o vislumbre de uma *terra de novos possíveis*, onde *ser* e *não ser* deixem de ocupar posições binárias em uma lógica existencial e se dissolvam em possibilidades outras de devir. Para tal, realizaremos atos, dissolvidos neles mesmos e sem começos nem fins: ora produziremos *ocupações*, ora operaremos *passagens*, nos lançando em um espaço caótico, onde o ser e também o não ser encontram-se com uma *tragicidade* do caos e são desterritorializados pelos movimentos de invenção e de produção de vidas – agenciamentos.

Sendo assim, operaremos, no mínimo, três traições: a primeira será do texto enviado ao VII Seminário Conexões Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… "*Ser e não ser. Eis a questão?": (des) licenciaturas em Matemática*; a segunda será de alguns educadores matemáticos, aqui nossos intercessores, buscando com eles rastros de uma terra de novos possíveis – seus textos serão traídos, e ela, a traição, será como uma espécie de funcionamento desses textos neste ensaio; e, por último, a terceira trará um exercício de criação de uma linha transversal entre uma traição e outra, a fim de produzir um pensar educação matemática junto ao que foi experimentado no grupo de trabalho do VII Seminário Conexões, *Experimento: imediações de uma língua aberrante*.

Entendemos que essa prática só pode funcionar estando aquele que escreve – e também aquele que lê – envolvidos por tantas linhas discursivas quanto forem possíveis, de forma que a densidade de cada parágrafo faça com que o leitor e o próprio parágrafo funcionem como *nós* de uma rede rizomática. E, sendo assim, para podermos mergulhar nas discussões que propomos, para que seja possível nos e vos deixar envolver por essas linhas, é necessário uma abertura, uma entrada pelo meio – em nosso caso, a Educação Matemática e o que possa ser pensado e refletido e concebido e… sobre as conexões destes dois termos semanticamente aglutinados, amplamente reconhecidos e operados em práticas discursivas educacionais, que o tomam como identidade do fazer e do pensar e do agir e do produzir e…

Se aqui exercitamos uma entrada na *Cidade* (Educação Matemática) produzida por Silva e Miarka (2017), há que se ter em vista que o fazemos para pensar as *eDucAçÕeS MAteMátiCAs AefeTIvAs* possíveis, como em Clareto e Miarka (2015), como passagens de movimentos em avessos, versos e anversos. Um dos objetivos é *operar com uma diferença e não como o(a) diferente*, como diz Silva (2002)[3], *mas uma diferença como funcionamento*.

Se para Silva (2002, p. 66) a "diferença é um movimento sem lei", Geni em Silva e Miarka (2017) faz-se diferença, pois ela, mais do que uma anormalidade, é uma *anomalia* para a Cidade, "ela é feita pra apanhar/Ela é boa pra cuspir/Ela dá pra qualquer um…"[4]. Assim como, com Vianna (2016), é possível dizer que *educação matemática* designa uma *coisa* (em movimento) enquanto Educação Matemática designa um nome, uma área, e por isto é possível falar de [E]educação [M]matemática, área e movimento, como diz Silva e Miarka (2017) e Clareto e Miarka (2015).

Reflexões traidoras internas - Problema 1

> **Horácio**: Então soarão aos seus ouvidos actos carnaes, incestos, sangue, expiações, assassinios fortuitos, mortes causadas pela

> perfidia ou por força maior, e para desfecho traições que feriram os próprios auctores; [...] (SHAKESPEARE, 1880, p.184)

"Diferença é funcionamento". Nesta frase, o verbo ser, transitivo direto, demanda um complemento, pois se diferença é, é alguma coisa. Tudo poderia se modificar se a frase fosse reconstruída, dizendo que "diferença funciona", pois a pergunta em relação ao verbo seria: "funciona como?". Problema estrutural: Quando se diz "Geni ***é*** *diferença", Geni é diferença?*

Temos que dizer, no entanto, que Silva (2002), Clareto e Miarka (2015), Vianna (2016), Silva e Miarka (2017) e outros – já operados aqui – não estão/serão assumidos neste ensaio com o intuito de uma descrição das educações matemáticas exercitadas por eles, mas como disparadores de educações matemáticas possíveis; como intercessores não para dizer *o que é* ou *o que não é*, pois, para nós, importa apenas um funcionamento deles num exercício de pensar novas terras possíveis junto a uma filosofia da diferença.

Assim, ocupamos um território, a *Cidade*, Educação Matemática, em vez de medi-lo. Ocupamos porque somos acolhidos por este território, que nos nomeiam educadores matemáticos. É uma ocupação que envolve, também, um "acordo", de modo que a entrada seja "pacífica"; somos "desordeiros" com certa cautela, com certo pudor. E não é porque somos membros deste território que não iremos declarar que, do mesmo modo que há em nós um tanto de Geni, há outro tanto de padre, comandante, e outros personagens[5]. Portanto, se objetivamos operar uma diferença como funcionamento de uma experiência, a identidade não será a "não-experiência", mas apenas um dos estratos que compõem esse processo de ocupação de um território.

Tentaremos vagar nos múltiplos identitários – *ser* e *não ser*, *saber* e *não saber*, *poder* e *impoder*, *ensinar* e *aprender*, e... –, junto aos nossos intercessores, repetindo-os até que se tornem diferentes, buscando subtrair desses múltiplos a unidade e produzir uma multiplicidade sempre aberta a agenciamentos.

Deste modo, pretendemos fugir de conclusões – mesmo que a decisão por essa fuga seja já, ela mesma, algo tomado por uma espécie de conclusão. Gostaríamos de pedir para que não tomem este texto como algo pronto, feito, mas, tão somente, como um ensaio com *identidade* e *diferença*, uma preparação para um ato, para uma peça – a qual pode nunca sequer ocorrer, devido ao fato de que, a cada ensaio, novas performances surgem e passam a fazer parte da peça principal. Acontecimento preparatório permanente de práticas, de encontros sobre ser, não ser e tudo o que possa estar *entre* e *para além* desses dois polos existenciais[6].

Primeira traição: a roda

Entra Hamlet*: Ser ou não ser, eis o problema. Uma alma valorosa, deve ella supportar os golpes pungentes da fortuna adversa, ou armar-se contra um diluvio de dores, ou pôr-lhes fim, combatendo-as? Morrer, dormir, mais nada, e dizer que por esse somno pomos termo aos sofrimentos do coração e ás mil dores legadas pela natureza á nossa carne mortal; e será esse o resultado que mais devamos ambicionar? Morrer, dormir, dormir, sonhar talvez; terrivel perplexidade. Sabemos nós porventura que sonhos teremos, com o somno da morte, depois de expulsarmos de nós uma existencia agitada? E não deverei eu reflectir? É este pensamento que torna tão longa a vida do infeliz!. (SHAKESPEARE, 1880, p. 78)*

Figura 1: A Roda da Fortuna.
Fonte: http://polaroidesdaalma.blogspot.com.br/2014/04/a-roda-da-fortuna-o-destino-como-uma.html

Não sabemos precisar ao certo em que momento o nome de uma deusa passou a fazer referência ao acúmulo de capital – talvez com a desestruturação do sistema feudal e a ascensão do que conhecemos hoje por capitalismo, donde o sinônimo de sucesso está diretamente relacionado aos bens e valores monetários adquiridos, tenha potencializado isso, mas as cortinas do tempo certamente já esconderam muitas práticas anteriores que poderiam falar muito mais desta naturalização etimológica. Fato é que Shakespeare, na tentativa de elucidar a questão existencial mais célebre, estava invocando Fortuna, a deusa dos destinos, responsável pelo sucesso *ou* fracasso das pessoas, da cidade, da sociedade. A roda, representada na figura, é girada pela deusa, mudando o sentido de rotação e proporcionado, aos homens que nela estão dependurados, sorte *ou* azar, sucesso *ou* fracasso. Os olhos vendados caracterizam um ar de aleatoriedade com que Fortuna gira seu instrumento. Uma aleatoriedade regida pela dualidade, afinal, geralmente não se pode conceber um entre a sorte e o azar ou um outro que não seja nenhum dos dois, ou nos dois em um processo de devir-outro.

O nobre poeta inglês lança a célebre questão discutindo a bilateralidade existencial de quem pisa sobre os solos do mundo e nele se identifica como alguém apto a nele estar. É estando no mundo, no movimento contínuo de se tornar, que o ser humano fica de frente às duas opções levantadas: *ser* ou *não ser*. Inicialmente, é interessante notar que Shakespeare não nos dá uma terceira opção, sendo exclusivo o conectivo *ou* utilizado na sentença – *ou* se é *ou* não se é. Não há espaço para outra possibilidade, o que faz com aquele que se dispõe a responder a questão não tenha outra escolha que não seja pertencer a um dos dois conjuntos e se *identificar* com seus elementos, de forma que fica clara a aplicação da lei lógica do *terceiro excluído* em seu último grau para a existência humana: entregamo-nos nas mãos de Fortuna e aceitamos o que for decidido para nossos destinos, ou deixamos que a morte nos leve para um sono eterno? Ser ou não ser, existência ou morte?

E são justamente os sonhos desse sono duradouro que são temidos por aqueles que ainda não se deixaram levar pela ponta da faca a rodear as tripas, que persistem em aceitar as vontades da

deusa e permanecem sendo: o que aconteceria a um *não ser* quando dorme e sonha? Que imagens viriam à mente atormentada daquele que *não é*? De que sonhos serão acometidos os que negam a dualidade imposta por Fortuna? Seríamos alvejados?

Impertinência 1: "A diferença não tem nada a ver com o diferente. *A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença à identidade*" (SILVA, 2002, p. 66, grifos nossos).

A questão existencial colocada por Shakespeare, regida pelas mãos de Fortuna, ainda que operada por uma dualidade existencial – *ser* ***ou*** *não ser* – produz também um movimento "emergente", uma *escolha*. Por exemplo, entre *ser* ou *não ser* educador(a) matemático(a), a escolha de estar dentro ou fora da Educação Matemática opera um movimento "emergente" que subjetiva um sujeito e produz, também, uma subjetivação. Subjetiva-o enquanto aquele que exerce um saber-poder dentro deste território e produz também uma subjetividade, pois, nesse "exercer" um saber-poder, um modo de vida é singularizado em seus diversos processos de individuação.

Desse modo, antagonizar o *ser* e o *não ser* com o conectivo shakespeariano "*ou*", o mesmo dos cursos de lógica matemática que estudamos na graduação, é reduzir a diferença à identidade. É dizer que, sendo **o** *ser* aquilo que se é (identidade), *não ser* é aquilo que se não é (diferença). Para nós, junto a Silva (2002), esta é uma proposição falsa. O não ser, nesse caso, pode ser entendido como o diferente e não como uma diferença, certo de que *ser* é **diferente** de *não ser*.

A fuga que estamos tentando empreender, a qual se mostra um exercício muito difícil, traduz-se nesse distanciamento da dualidade, pois ela, diríamos, produz uma *abstração*; dizer que a Educação Matemática "é" é abstrair aquilo que ela não é, é deixar de fora coisas em virtude da nomeação e da definição. No entanto, temos clareza da necessidade de uma nomeação. Não se trata de crucificar a nomeação em prol de algo sem nome, que seja apenas movimento, mas de perguntar *o que fazer com isto*: a nomeação, os movimentos involuntários etc. O que isto produz no mundo? O que isto produz de mundos? Portanto, nesse novo ensaio que produzimos, aproveitamos da cegueira de Fortuna, para não nos alvejar, e escapamos desse aleatório destino dual para perguntar: o que isso produz no mundo? O que isso produz de mundos? Assim, *ser* **ou** *não ser* já não é mais a questão, mas *ser* **e** *não ser* como possibilidade de devirem-outro, de serem diferença e não diferentes.

Reflexões traidoras internas – Problema 1.3

> ***O Rei**: O que deu azo, Laerte, a uma rebellião, que assumiu proporções tão colossaes? Está tranquilla, Gertrudes, por nós nada receies; graças ao caracter sagrado que protege os reis, a traição não lança senão um olhar timido e incerto para o resultado que anhelam os seus desejos, e os effeitos estão longe de corresponder á sua esperança. (SHAKESPEARE, 1880, p. 135)*

Diz-se ser e não ser como possibilidade de devir, de serem diferença e não diferentes. Se ser e não ser, bloco aglutinado pelo conectivo lógico ***e*** *tornar-se diferença, se passarem a ser diferença, terão uma identidade, pois quando se é, é alguma coisa, e todo o resto que poderia ser dissolve-se nos cristais naturalizadores do movimento identitário. Ser* ***e*** *não ser* ***são****?*

Impertinência 4: "A identidade é predicativa, propositiva: x é isso. A diferença é experimental: o que fazer com x" (SILVA, 2002, p. 66, grifos nossos).

Assim, perguntamos "*o que fazer com Educação Matemática? O que isto produz no mundo? O que isto produz de mundos? O que fazer com ser e não ser?*" em vez de "o que é Educação Matemática?". Para não operar com a predicação da Educação Matemática, (que produz **o** *diferente*) junto à proposição *ser* **ou** *não ser*, perguntamos: que acontece quando lançamos mão ao experimental?

O grupo de trabalho do VII Seminário Conexões propôs, em vez de uma predicação, um *algo* experimental para os trabalhos apresentados. Se saímos da predicação, da identidade, e perguntamos do funcionamento desse *algo*, dessa *coisa*, operamos com diferença? Que produz no mundo? Que produz de mundos? Para dois educadores matemáticos, também ali envolvidos nessas tramas rizomorfas, produz um pensar educação matemática? Junto aos intercessores, que educação matemática? Que pensar?

Impertinência 12: "A diferença não tem a ver com a diferença entre x e y, mas com o que se passa entre x e y" (SILVA, 2002, p. 66).

Desse modo, não nos importa a diferença **entre** *ser* e *não ser*, mas no que se passa entre ser e não ser; o "e" não expressa a relação do ser com o não ser, mas a conexão… "e… e… e…" como agenciamento. Não se trata da relação entre *o que é* Educação Matemática (o que a define) e *o que não é* (o abstraído), do que é *ser* educador(a) matemático(a) e do que *não é ser*, mas no que se *passa* **entre** um e outro, e por isto afirmamos que estamos a operar é um ato de passagem, do que se *passa* **entre** a predicação e o experimental, entre nomeação e movimento.

Estamos entendendo, assim, que esse ato que chamamos de *passagem* produz **movimentos emergentes**, movimentos que fazem com que ser educador(a) matemático(a) produz alguma *coisa* no mundo e produz mundos… Do mesmo modo, pensamos que essas passagens – que produzem movimentos involuntários – fazem com que educação matemática opere diferença: pensamento que produz alguma coisa no mundo e produz mundos.

Por isso, em vez de problematizarmos o que acontece quando se é (Educação Matemática e educador(a) matemático(a)) e quando *não se é*, ao modo que fizemos no texto enviado ao evento, propomos esse exercício de traição do nosso próprio texto para pensar no que essas passagens, esses movimentos involuntários, produzem no mundo e no que elas produzem de mundos.

Reflexões traidoras internas – Problema 1.4

> ***Hamlet**: Para saír salvo dos laços d'esta infame traição, appellei para a minha intelligencia, e depressa formei o meu plano. Sentei-me, e redigi um despacho com a melhor letra que pude fazer. […] Queres saber o que escrevi? (SHAKESPEARE, 1880, p. 166)*

*Geni, olha você aqui. Você **é** você? "Pensamos que essas passagens fazem com que educação matemática seja diferença […]." educação matemática **é** diferença?*

> *E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir pra casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.*
> *Mas – eu também?!*
> *Não esquecer que por enquanto é tempo*

de morangos.
Sim. (LISPECTOR, 1984, p.98)

Segunda traição: passagem como um instante

Impertinência: "O instante é aquele átimo de tempo em que o pneu do carro correndo em alta velocidade toca o chão e depois não toca mais e depois toca de novo. Etc., etc., etc." (LISPECTOR, 1984, p. 97).

Silva e Miarka (2017) lançam ao exercício de pensar a pesquisa em [E]educação [M] matemática junto à canção de Chico Buarque, *Geni e o Zepelim*, de 1979. Tendo Geni como uma diferença, a Educação Matemática é a Cidade que joga pedra em Geni por ter uma vida promíscua, "dando" para qualquer um. No entanto, em outro movimento, que muda o ritmo da canção pela aflição da cidade, Geni deixa de ser "maldita" para ser "bendita".

Não queremos nos ater em uma problematização que já fazem Silva e Miarka (2017) em torno do movimento de passagem de *maldita* Geni a *bendita* Geni, mas nos movimentos emergentes, os quais se dão por aquele átimo de tempo em que a coisa toca o chão e produzem processos de subjetivação, criação de territórios existenciais. Desse modo, Silva e Miarka (2017), aqui, é nossa possibilidade de traição, de funcionamento em vez de referente.

Se Geni-"educações matemáticas", em Silva e Miarka (2017, p. 755), é uma diferença e não o diferente da Cidade-"Educação Matemática" por produzir um devir-outro daquilo que se espera ser enquanto morador da Cidade, ela, nas palavras de Silva (2002), mais que uma anormalidade, é uma espécie de *anomalia*, sempre em conexão com uma marginalização: "de tudo que é nego torto/Do mangue e do cais do porto/Ela já foi namorada/O seu corpo é dos errantes/Dos cegos, dos retirantes/É de quem não tem mais nada"[7].

Nesse tocar o chão, o giro livre até tocar de novo é um movimento emergente que faz com que a roda toque, outra vez, o chão… em uma terra de novos possíveis, produzindo outros processos de subjetivação. Nessas passagens em um acontecimento entre *ser **e** não ser* Educação Matemática e *ser **e** não ser* educador(a) matemático(a), esses x e y passam a funcionar de outros modos, que não os anteriores, eles devêm-outros. As narrativas de Silva e Miarka (2017) salientam o que Vianna (2000; 2016) vem apontando quando diz [E] educação [M]matemática. Com as palavras de Vianna (2016), a com letras maiúsculas designa substantivos próprios, ela evoca uma nomeação, enquanto que a com letras minúsculas designa substantivos comuns, evocam coisas, ela é uma *coisa*.

Reflexões traidoras internas – Problema 1.5

***Hamlet**: Que tem a rainha?*
***O Rei**: Desmaiou á vista do sangue.*
***A Rainha**: Não, não! a bebida, a bebida!*
meu Hamlet, a bebida! a bebida!
envenenada… (Morre.)
(SHAKESPEARE, 1880, p. 181)

*"Ela é uma coisa". Aqui uma é artigo indefinido. Uma coisa então remete a indeterminação. Mas se é educação matemática **é** uma coisa, não passaria a ser? educação matemática **é**?*

Impertinência 6: "A diferença não é uma relação entre o um e o outro. Ela é simplesmente um devir-outro" (SILVA, 2002, p. 66).

O que opera no texto de Silva e Miarka (2017, p. 755, grifos dos autores) é "**o quanto de**

área e quanto de movimento suporta uma [E]educação [M]matemática?", mas ficamos um pouco mais com alguns de seus últimos questionamentos, quais sejam: "em meio a todo esse jogo de pertencimento da área, nos perguntamos "E quanto às Genis?". O que tem sido feito delas em meio a esse jogo?" (SILVA; MIARKA, 2017, p. 766). E continuamos com, "mais do que buscar a escolha por uma ou outra identidade, perguntamo-nos: Quais personagens já não aceitamos em nome de uma área?" (SILVA; MIARKA, 2017, p. 766).

Esse movimento de traição opera um exercício de tentar produzir um *outro* no **fazer-com** *ser* **e** *não ser* Educação Matemática e educador(a) matemático(a), no que *passa* entre esse movimento de *maldita* Geni a *bendita* Geni que traz Silva e Miarka (2017), isto é, na Geni enquanto anomalia, cuspe da Cidade, e na Geni enquanto bendita e salvadora da mesma. Queremos operar junto ao Zepelim, aquele que mata a "força" esse movimento de produção de subjetividades e faz Geni devir-outra, do diferente à diferença; uma repetição produz uma diferença. Então, em vez de perguntamos juntos com Silva e Miarka (2017) o que tem sido feito das Genis nesse jogo, perguntamos: que movimentos produzem um Zepelim em sua passagem pela Cidade? Que movimentos emergentes são criados? Entre ser e não ser, como operam movimentos que deslocam subjetividades e as subjetivam?

Vejamos o trecho da música de Chico Buarque: "Um dia surgiu, brilhante/ Entre as nuvens, flutuantes/ Um enorme zepelim/ Pairou sobre os edifícios/ Abriu mil orifícios/ Com dois mil canhões assim". A Cidade estava no seu ritmo normal de vida, tudo acontecendo como sempre aconteceu, Geni em sua errância, a deitar-se com que (e quem) tivesse vontade, a planar em sua existência nômade, e os moradores a vê-la como sempre a viram, a tentarem imprimir um ser naquilo que apenas acontece – a imprimir o freio identitário a algo que é puro movimento. Se tudo permanecesse da forma como estava, Geni seria sempre a puta da cidade, a amiga dos marginais, dos loucos e dos errantes, e a cidade permaneceria com seu território estabelecido, com Geni sempre fora de suas linhas, em seu movimento nômade e desterritorializado. Para a cidade, Geni seria sempre puta. Para Geni, Geni aconteceria a cada movimento.

No entanto, a chegada do Zepelim faz operar um funcionamento de uma outra coisa que ainda não estava lá. O medo pela destruição em massa, pelo fim catastrófico e avassalador oriundo das balas de canhão operou um movimento até então desconhecido no interior dos muros da cidade. E que ruptura desencadeia esse movimento?

*"Mas do zepelim gigante/ Desceu o comandante/ Dizendo: **"Mudei de ideia!"**/ Quando vi nesta cidade/ Tanto horror e iniquidade/ Resolvi tudo explodir/ Mas posso evitar o drama/ Se aquela formosa dama/ Esta noite me servir" (grifo nosso)*.

Inicialmente, poderíamos pensar que o desejo que faz com que Geni vá para a cama com o capitão do Zepelim advém da cidade, pois, após essa observação do comandante do aeróstato, os cidadãos veem em Geni a única possibilidade de salvação, e usam todo o seu poder persuasivo para fazer com que ela, a puta da cidade, se deite com aquele que poria fim em tudo. Inicialmente ela nega, pois não gosta de cheiro de brilho e cobre, mas após medidas persuasivas, da romaria em que o prefeito fica de joelhos, o bispo beija sua mão e o banqueiro lhe enche de dinheiro, Geni, agora a dama bendita, deita-se e livra a cidade de todo o mal.

Mas, novamente, tudo isso se deu pela chegada do Zepelim. Vem de outro lugar, de um não se sabe onde, talvez de um não-lugar. Pode ser outro errante, pode ser de outro território, pode não ser nada disso, pode poder coisas outras que não se caracterizam pela identidade e o diferente. A chegada do Zepelim opera uma diferença. Com ele acontece diferença. Funciona uma subjetividade, uma subjetiviação… Deitar com o comandante, ainda que para a Cidade parecia ser a mesma coisa, para Geni era diferença:

"Acontece que a donzela/ E isso era segredo dela/ Também tinha seus caprichos/ E ao deitar com homem tão nobre/ Tão cheirando a brilho e a cobre/ Preferia amar com os bichos"

Impertinência:

> Anjos do céu, poderes misericordiosos, protegei-nos. Genio bemfazejo, ou demonio infernal, que exhalas os perfumes celestes, ou as emanações do averno; que sejam sinistras ou caridosas as tuas intenções, appareces-me debaixo de uma fórma tão grata que te quero fallar. Interrogo-te, Hamlet, senhor, meu pae, rei de Dinamarca, oh! responde-me, não me deixes, na ignorancia, morrer de emoção; mas dize-me, porque teus bentos ossos encerrados no ataude romperam os sellos; porque te levantaste do tumulo em que te haviamos depositado; porque se ergueu a lapide sepulchral para te lançar a este mundo?. (SHAKESPEARE, 1880, p. 30).

Neste trecho da obra de Shakespeare, Hamlet, o príncipe da Dinamarca, após ouvir das sentinelas do castelo sobre visões acerca do espírito do rei Hamlet, seu pai, que fora morto tempos atrás, decide ir, à meia noite, ao local onde as aparições haviam ocorrido, e para sua surpresa vê, com os próprios olhos, a figura paterna em forma de aparição. Ele implora ao pai para que diga de que forma ocorreu seu óbito, e o espectro revela que foi o próprio irmão, sucessor ao trono, que o mata. A partir disso, Hamlet passa a fingir-se louco e a arquitetar um plano para que seu tio seja desmascarado.

Sem adentrarmos no que poderia ser um riquíssimo exercício hermenêutico acerca da obra shakespeariana, gostaríamos de chamar a atenção para as relações existentes entre o espírito do rei Hamlet e o capitão do Zepelim. Vejamos algumas coisas: na história, o fantasma começa a fazer aparições no castelo, às sentinelas, e após levarem ao conhecimento do filho, este vai ao seu encontro. Não é Hamlet que conjura o espírito do pai morto, este aparece pela sua própria vontade, e é a partir desta aparição que tudo muda – Hamlet passa a conhecer uma verdade sobre o assassinato do pai, passa a ser louco, passa a ser traidor, passa a ser assassino, passa a ser cadáver sob uma salva de canhões.

Mas, de onde vem esse espírito? Porque ele aparece naquele momento, não antes, nem depois? O que é aquele espírito? Que lugar ele habita? Para onde ele vai depois das aparições? Ele aparece e some, vem de um não-lugar e volta para um lugar-outro. Entendemos, assim, que ele não se encaixa na lógica identitária do ser, residindo exatamente no conectivo e, de *ser **e** não ser*. Ele acontece no entre as polaridades identitárias, paira livre para acontecer, sem ser ou não ser.

Com o Zepelim acontece coisa semelhante, pois repentinamente aparece para acabar com a Cidade. De onde ele vem? Para onde vai após usar e abusar de Geni? O que o levou a estar ali e em nenhum outro lugar? Vejamos que estava tudo preparado para a aniquilação total da Cidade, mas é no momento em que o capitão fala "Mudei de ideia" que tudo acontece. O que o fez mudar de ideia? Algum sentimento de

pena por aqueles pobres coitados sob a mira de seus dois mil canhões? Desejo visceral por Geni e pela vida que levava? Se assim fosse, bastaria que levasse Geni em seu dirigível tornando-a sua escrava sexual. Porque decidiu ter relações com ela ali, na Cidade, e a deixar ali, na Cidade, poupando todos os seus cidadãos? Se seu desejo de destruir a cidade era por ver nela tanta iniquidade, por que Geni tornar-se-ia aquela que salvaria a Cidade? Oras, porque assim desejou. Um movimento desejante que nem *é* nem *não é*, uma vontade potencializada pelo desejo de que assim fosse. Zepelim é uma pulsão de um movimento emergente… sua passagem faz com que Geni passe de maldita a bendita. Nesse entre Geni não produz apenas processos de *individuação*, mas é também *individuante* de uma Cidade, de um comandante e…

Dentro desta perspectiva, pensamos que uma conexão – um **e** –, que sempre está no entre os acontecimentos, opera passagens, uma travessia, um processo, entre *ser* e *não ser*. A aparição do espírito faz com que Hamlet também produza uma travessia, e essa travessia é um *processo* de produção de subjetividades. O mesmo acontece com Geni, de maldita a bendita, e depois puta novamente – mas não a mesma puta, pois sua errância foi sugada pela subjetivação operada pela vontade do capitão e o incentivo da Cidade; não se trata do diferente, nesse caso, mas de uma diferença, onde Geni funciona como individuação e individuante.

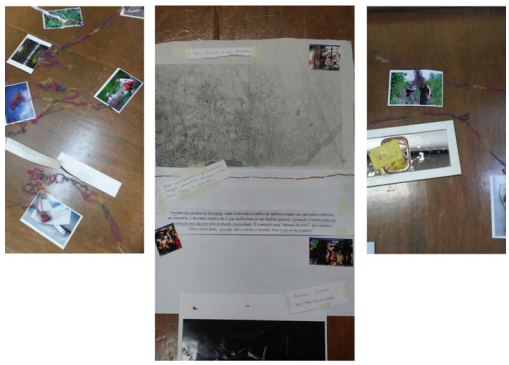
Agora, trazendo para nossa discussão em Educação Matemática, perguntamos: como um *entre* funciona, como um *entre* acontece e opera movimentos emergentes junto aos sentimentos de pertencimentos e não-pertencimento a determinado território? Como um entre devém um movimento clandestino entre o tocar e no não tocar o chão? Que produz isso no mundo? Que produz isso de mundos? Como isso funciona em Educação Matemática? Que produz? Educações matemáticas?! A passagem de um Zepelim traz consigo uma multiplicidade de afetos que faz com que Geni-"educações matemáticas" e Cidade-"Educação Matemática" – assim chamadas em Silva e Miarka (2017, p. 755) – devêm-outras num processo contínuo de individuação. Não é apenas Geni que foi individuada pela vontade da Cidade, mas a Cidade, também, foi transbordada pelos processos de individuação de Geni. Sendo assim, Geni-"educações matemáticas" e Cidade-"Educação Matemática", nessa travessia entre *ser* e *não ser*, pertencer e não pertencer, afirmam uma *morfogênese* dos processos de individuação, entre *ser* e *não ser*…, sempre um devir-outro (SIMONDON, 2009).

Impertinência: "O que importa não é tanto o fato em si, mas aquilo que ele afirma, reivindica ou pretende. Um fato deve ser concebido como uma *pretensão*, uma exigência ou uma reivindicação […]" (LAPOUJADE, 2015, p. 25, grifos do autor).

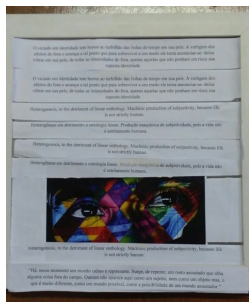
Antes de trairmo-nos, pensávamos que o desejo de pertencer a tal área do conhecimento residia ou naquele que quer adentrar ou no próprio território, que quer subjetivar. Aquele que entra pensaria em alisar territórios estriados mediante seus desejos de não ser um Educador Matemático ou desejaria estriar para ser integrante da área, e aqueles que estão dentro pensariam em atrair para a área sujeitos para ampliar suas terras, seus campos de pesquisas, transformando educações matemáticas em Educações Matemáticas, e vice versa, num movimento despolarizado de *ser* ***e*** *não ser*. No entanto, esse movimento fez surgir reflexões internas à nossa escrita, os quais chamamos *traidores*, resultando em problemas

que demonstraram que uma terra de novos possíveis pode ser produzida com travessias em um movimento errante que devém-outro, que difere, que produz algo no mundo e mundos etc. É com Geni-"educações matemáticas" e Cidade-"Educação Matemática" de Miarka e Silva (2017) que conseguimos pensar no funcionamento do Zepelim nesses processos de subjetivação; Zepelim produz uma Geni-outra, uma Cidade-outra. Por isto, perguntamos: que produz Zepelim no mundo? Que produz de mundos? Que produz de/com/para/em Geni-"educações matemáticas" e Cidade-"Educação Matemática" e [E]ducação [M]matemática e eDucAçÃo MAteMátiCA AefeTIvA e...?

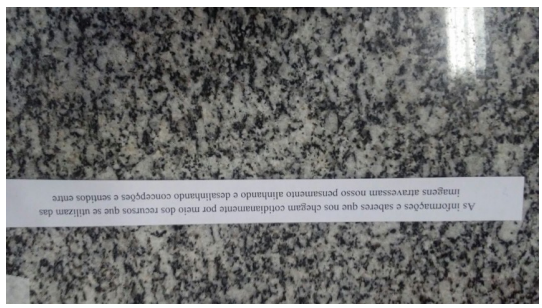
Terceira traição: onde está o Zepelim ou que fazer com isso?



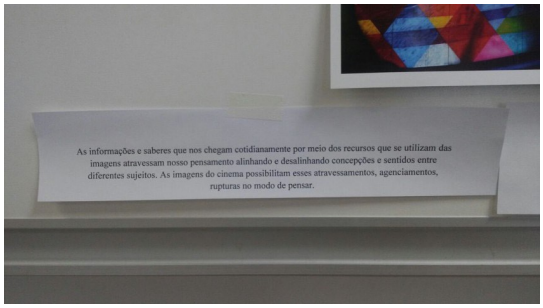
Impertinência: Percorrer um longo caminho, criar uma travessia, é produzir uma terra de novos possíveis.

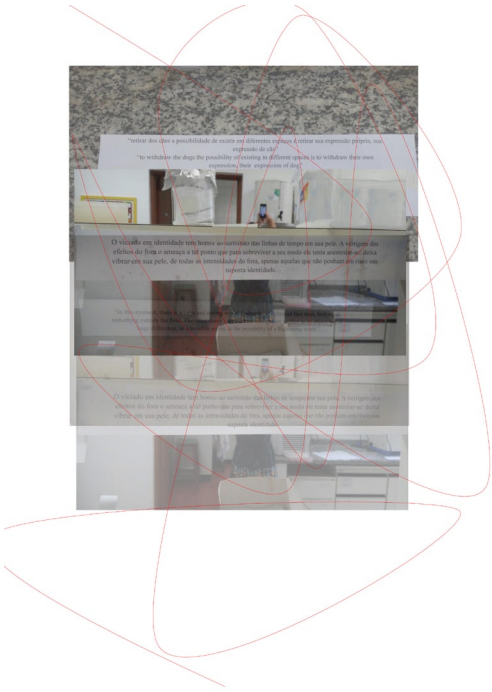


Impertinência: Em vez de colorir o mundo, desejamos corar-nos de mundos, pois "o branco me [nos] corrompe[m]" (BARROS, 1997, p. 71).



Impertinência: "A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado. A força de um artista vem das suas derrotas. Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro. Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo" (BARROS, 1997, p. 75).





Criar movimentos emergentes que se fazem reivindicação de devires-outros com expressões cães, expressões mendigos, expressões lazarentos, expressões padres, expressões loucos, expressões retirantes, expressões comandantes, expressões capitão, expressões Genis, expressões Cidade e…

Impertinência 5: "5. A identidade é da ordem da representação e da recognição: x representa y, x é y. A diferença é da ordem da proliferação; ela repete, ela replica: x e y e z…" (SILVA, 2002, p. 66).

Com um experimental, este ensaio quer fazer-se um material-forças que mergulhou de cabeça em emaranhados processos de proliferação, repetindo e repetindo e repetindo e repetindo e repetindo e repetindo e repetindo e repetindo e até que opere diferença…

[8]

Impertinência (n-1):

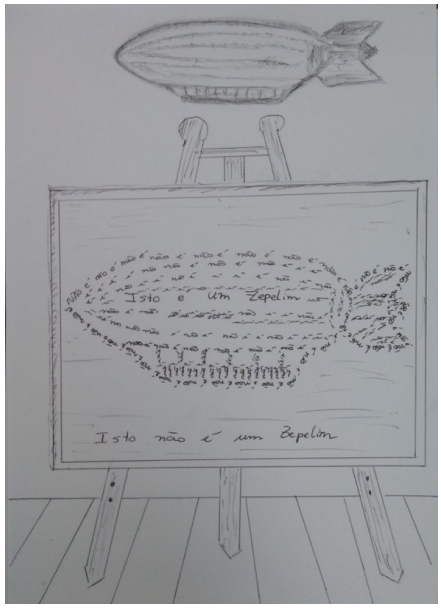


Figura 2: Composição dos autores inspirada na obra de René Magritte, "Os dois mistérios", de 1966.

INTERCESSORES E AUXILIADORES NAS TRAIÇÕES

BARROS, Manoel de. **Livro sobre Nada**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CLARETO, Sônia Maria; MIARKA, Roger. eDucAçÃo MAteMátiCA AefeTIvA: nomes e movimentos em avessos. **Bolema**, Rio Claro, v. 29, n. 53, p. 794-808, Dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-636X2015000300794&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 30 Jan. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachinbo**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes.** Tradução: Laymert Garcia dos Santo. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**: Drama em cinco atos. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 23, n. 79, p. 65-66, Aug. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01017330200200300005&lng=e &nrm=iso>. Acessado em: 30 Mar. 2017.

SILVA, Márcio Antônio; MIARKA, Roger. Geni, a pesquisa em [E]ducação [M]atemática e o Zepelim. Campo Grande, MS: **Perspectivas em Educação Matemática:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). v. 10, n. 24, p. 752-767, 2017. Disponível em: < http://seer.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/5331/4129>. Acesso em: 30 jan. 2018.

SIMONDON, Gilbert. **La individuación a la luz de las nociones de forma y información.** Buenos Aires: Ediciones La Cebra y Editorial Cactus, 2009.

VIANNA, Carlos Roberto. Apontamentos para uma antifilosofia da Educação Matemática. **Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática**, Florianópolis, v. 11, p. 67-76, jan. 2017. ISSN 1981-1322. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2016v11nespp67>. Acesso em: 30 jan. 2018.

VIANNA, Carlos Roberto. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, 2000.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

A proposta do grupo objetivava "construir formas de expressão que hibridizem a linguagem falada ou escrita; desenvolver uma língua traída que possa ser pensada como suporte para uma Nova Terra". Assim, todos participantes foram convidados a experimentar recortes dos trabalhos, imagens, vídeos e… que grafavam diversos espaços de um Laboratório de Análise Genética Molecular. As produções, parte fotografadas, produziram um devir-coletivo que não clamava por uma maioria em comum, mas por afetos que atritavam junto a uma multiplicidade de quereres e forças que devieram um corpo coletivo outro.

[3] Para Tomaz Tadeu da Silva, em sua primeira impertinência, "A diferença não tem nada a ver com o diferente. A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença à identidade" (SILVA, 2002, p. 66). Declarar ***x*** ou ***y*** é dizer que ***y*** é *diferente* de ***x***, no entanto, não é *diferença*. A diferença é um funcionamento de ***x*** e ***y***.

[4] Apesar de a canção *Geni* e o *Zepelim* ser composta por Chico Buarque e, claro, de amarmos quase tudo que canta Chico, sugerimos que os versos heptassilábicos, metrificados e ritmados de Geni e o Zepelim sejam escutados na interpretação de Letícia Sabatella, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJrWg98pXq4>. Acesso em: 26 jan. 2018. Com ela, experimentamos uma viceralidade em um movimento que produz uma *diferença* rítmica, uma experimentação de Geni e o Zepelim que devém-outra.

[5] É que, ultimamente, nesses tempos "pós-modernos", tem virado "moda" dizer que é diferença, no entanto, segundo Silva (2002, p. 66) "A identidade é. A diferença devém", desse modo, não faz sentido dizer *ser* diferença, pois diferença não clama por *ser*, ela devém. **Problema 1.1: Porque *Geni é diferença*, então?**

[6] Essa peça começou a ser ensaiada, em 2016, sob a "direção" de Diego de Matos Gondim, no Encontro das Licenciaturas do IFSul de Minas, campus Inconfidentes, sobre o título de "*Ser **ou** não ser. Eis a questão*?": nas dobras da licenciatura. Em 2017, Danilo Olímpio Gomes compõe a "direção" da peça no VII Seminário Conexões Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e…, sob o título "*Ser **e** não ser. Eis a questão?": (des)licenciaturas em Matemática*. Os ensaios continuam em busca de operar com cosmopolíticas-ecologias radicais-novas terras-e…- outras possíveis e rastros do seminário.

[7]Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJrWg98pXq4>. Acesso em: 26 jan. 2018.

[8] Estas fotografias foram produzidas no encontro do Grupo-Experimento *Imediações de uma língua aberrante*.

De lobos e dragões: tributo a Gilles Deleuze e Félix Guattari

Marcelo Ribeiro dos Santos [1]

Resumo: Um processo que começa com visões de pequenos fantasminhas coloridos. Loucura? Imaginação? Como lidar com isso? Em um fluxo traduzido na linguagem poética/filosófica de Gilles Deleuze e Felix Guattari, faço com que meu corpo converse com esses fantasmas mutantes e torne-se massa de papel velho, farinha e cimento; resto industrial, resíduo quebrado e alquebrado que renasce do fogo como Fênix, ergue-se vagarosamente do chão, tropeça, fragmenta-se e se torna mais forte. Devir lagarto, devir lobo, devir dragão, devir humano, que faz com que a beleza possa voar e estar próxima aos corações. Reciclagem? Reiniciclagem.

Palavras-chave: Reciclagem. Deleuze. Guattari. Massa. Devir.

On wolves and dragons: tribute to Gilles Deleuze and Félix Guattari

Abstract: A process which starts with a vision of little colorful ghosts. Madness? Imagination? How to deal with this? In a flow translated to the poetic/philosophical language of Deleuze and Guattari, I engage my body in a conversation with these mutant ghosts and it becomes an aggregate of old paper, flour, cement; industrial waste, broken leftover and over, which is reborn from fire as a Phoenix, raising slowly from the ground, stumbling, turning to pieces and becoming stronger. Becoming lizard, becoming Wolf, becoming dragon, becoming human, who makes beauty fly and keep close to our hearts. Recycling? Reinicycling.

keywords: Recycling. Deleuze. Guattari. Aggregate. Becoming.

[1] Laboratório OLHO. Faculdade de Educação, Unicamp. Doutorando. jorgeodaragao@yahoo.com

O que poderia surgir primeiro que não o sonho? Mas sonho acordado, miração intrusa que se despe em estranhas roupas: pequenos fantasmas flexíveis e multiformes, vestidos de intensidades, fluxos, cores. Pequenos fantasmas que andam em uma paisagem de cidade pequena com casinhas e árvores. Raízes, troncos, casas, caixas e os pequenos fantasmas que perambulam nômades pelas vielas. Nos seus corpos sem órgãos, fantasmáticos, somente as faixas de intensidades marcam estrias, mas estrias alegres de arco-íris. E o que fazer com a visão? Interpretar, talvez? Interpretar alivia e todos ficam confortados. Será terapêutico descobrir o que essas pequenas figuras querem me dizer? O fantasma gigante de Freud ronda meus pequenos fantasmas coloridos tentando arrebanhá-los em padrões fisiológicos. Alegoria de fezes? Mas é aonde sempre chegamos quando interpretamos, não é? Fezes. Não me serve. Defecar somente não me serve. Os montículos fedorentos são ainda muito diferentes de meus pequenos fantasmas ambulantes e multicoloridos. Pequenos pintos excisados então? Castração? O Édipo que me cega e me impede de seguir um Mestre? Ou seguir rebelde sem rédeas, sem o mal estar da civilização? Mas também não me serve seguir ou não seguir. O que me serve? Faço a pergunta aos meus fantasminhas arco-íris. E eles me respondem: "Na pergunta de lobo fazemos matilha. Brotamos de teus poros como lobinhos moleculares." Como lobinhos? "Faça lobinhos! *Fiat Lupini*!" E surgem os *Lupini*:

"Coloque jornal picado de molho de um dia para o outro

Triture o jornal molhado com um garfo.

Coloque o jornal triturado para ferver, triturando mais com o garfo enquanto ferve

Ferva e triture até o jornal adquirir consistência pastosa e sem grumos

Alternativamente, pode-se bater no liquidificador a massa fervida e diluída em água

Filtre a pasta de jornal já resfriada em um pano, espremendo quase toda a água

Misture uma colher de sopa de farinha de trigo para cada 50 gramas da massa

Misture muito bem com as mãos, até não se diferenciar a farinha da massa de jornal

Coloque a massa de farinha e jornal em uma panela e aqueça em fogo alto

A farinha irá se coagular dando consistência lisa e maleável à massa

Se necessário adicione mais água enquanto a massa cozinha

A massa deve atingir a consistência lisa e flexível de massinha de modelar"

Agora pego esta massa lisa e moldo pequenos lobos. Deixo secar na sombra em temperatura ambiente por vários dias chuvosos, afrontando minha paciência que os quer prontos. Os *Lupini* vão surgindo eretos e vigilantes. Mas meus fantasminhas comandam: "Cores!" Vou comprar tinta acrílica e faço testes com diversos padrões. Posso fazer um sistema de oito colorações. Divertido isso. O número do infinito. Mas aqui ele só enumera meus limites criativos. Oito padrões: fundo homogêneo, fundo policrômico, fundo homogêneo decorado, fundo policrômico decorado, pátina, pontilhado, splash, paisagem. Uso os *Lupini* como tela. Experimento também pinta-los realisticamente como lobos. Padrões ensinam, padrões exercitam, padrões treinam, mas padrões não libertam. Sei que terei que

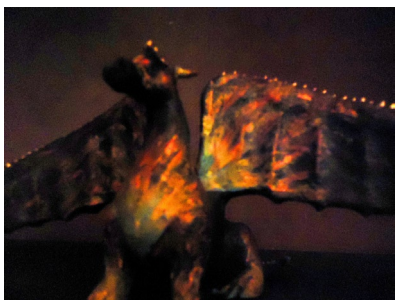
me libertar disso, mas por hora a brincadeira me faz cócegas. Crio tradições. Crio escolas, mas só para joga-las fora. Começo a romper as amarras. Começo a esquecer de minhas garras rígidas de lobo, tornando-as mais poderosas. Aumento o tamanho do lobo. Porém a massa mole cede com o peso e suas patas ficam grossas como patas de buldogues. Não é possível fazer *Lupini* grande. Preciso de algo achatado para crescer. Um lagarto. Moldo um iguana. Conheço iguanas. Criei iguanas. Ainda preciso do que conheço. *Lupini* e iguana confraternizam em minha louca escola.

Mas só posso criar figuras pequenas, ou maiores e achatadas. Atingi o limite dessa massa. Coisas minúsculas e rasas clamam por coisas grandiosas. Quero crescer. Quero voar. Ingênuo e bobo, ainda creio que é a técnica que irá me redimir. Ingênuo e bobo, ainda planejo e penso em linhas, em fórmulas, aprendiz de feiticeiro que ainda acredita nas normas. Mas aqui esbarro em muros físicos e me revolto. Quase desisto. Ah, mas meus fantasminhas me assombram, passeiam faceiros nos volteios de meu dia a dia. Mostram sua carinhas fugidias, que nunca vejo de fato, e exortam-me a seguir. Tenho mais o que fazer, oh fantasminhas! Sou acadêmico, anêmico, epidêmico. Não vão me deixar em paz? Ao menos me digam por onde ir! "Dizer por onde ir? Rir, rir, rir." Estão debochando de mim? Digam-me a fórmula mágica! "Só há fórmulas trágicas. Queres seguir? Deves deslizar, incorporar, romper, fugir. Encontraste um limite. Estás triste? Não, não. Deves gaguejar e rir, rir, rir." Como rir e deslizar no limite? Como ser linha de fuga? Pergunto novamente a meus fantasminhas o que desejam. Respondem: "De nosso desejo podemos falar. Desejamos o inumano. Até agora usaste o jornal, estrato humano da cultura que nada é senão massa. Usaste também o estrato biológico da farinha, corpo vegetal pulverizado que se coagula no calor. Tens ainda outro estrato mais distante e próximo de ti. O estrato mineral molecular que se cristaliza em molar." Penso então em pedras. Massa de pedras. Cimento. Busco cimento. Na massa pronta acima descrita misturo uma colher bem cheia de cimento comum de construção para cada porção de 50 gramas. Amasso bem até a massa ficar homogênea. Moldo então o primeiro dos Guardiões. A massa ainda mole obriga-me a fazê-lo deitado, porém bem maior que os *Lupini*. Posso erguer um afilado pescoço de cisne e orelhas finas e eretas. Não é mais lobo. Mistura de cão e cavalo, deitado como esfinge. Guardião de que? Eu sei: quero um ídolo que me guarde de errar. Coloco-o para secar. Um dia. Uma semana. Duas semanas. Ainda úmido e mole. Meu pequeno filho curioso quebra-lhe a cauda com um toque leve. Frustrado, arremesso o primeiro Guardião despedaçado no mato. Mas o que falta? Traíram-me, fantasminhas? Estão a debochar de mim? "Para de choramingar, pois aqui teu trabalho se torna violento. Como queres criar sem violência?" Mas sou pacífico, cívico, físico. Treinaram-me para ser bom. Querem me despir de meu treinamento também? Querem que eu viole minhas normas? "Como poderás criar sem violência? Queres criar? Sim, abdica de teus medos mesquinhos."

Mas de que violência se trata? Seriam vocês demônios ou algo assim? “Se assim queres nos ver, que assim seja.” Então, do fundo de meu inferno, respondam-me. De que violência se trata? “Que mais senão fogo?” Mas fogo não vai rachar o cimento? “Experimenta. Erra.” Moldo então o segundo guardião, quase idêntico ao primeiro. Temeroso, coloco-o no forno a 180°C. Queima por duas horas e sai triunfante, rijo e sem rachaduras. Pinto-o inteiro de preto como Anúbis, deus dos mortos egípcio. Após algumas semanas começa a mofar em reentrâncias ainda úmidas. Faço o segundo Guardião. Aumento a temperatura do forno para 220°C. Sai excelente e seco. Pinto-o de marrom avermelhado em homenagem ao fogo. Dou-lhe o nome de Xolotl ligando incas e egípcios em uma mesma Atlântida. O cão vermelho acompanha os mortos americanos. Não mofa mesmo após semanas de tempo úmido. Então, muito seguro, faço o terceiro Guardião: Tatanka, o cão branco dos ameríndios.

Os guardiões são hieráticos, quase idênticos. Esfinges na transição para a realidade. Dou-lhes coleiras em relevo de tinta dourada. Quero figuras realistas. Exploro outros cães deitados. Buldogues me convêm, com suas feições brutas e fortes, sem extremidades finas. Posso gastar meu tempo moldando sem que a massa comece a achatar-se. Animal de combate, submeto-o à temperatura máxima do forno: 280°C. Sai forte e rijo após duas horas, porém com uma grande bolha no dorso. Conserto a bolha com mais massa, que adere bem, e faço o teste a 250°C. Sai perfeito, dessa vez sem bolhas. Tenho a temperatura correta. Dominei o fogo. E agora? “Deves dominar a gravidade. Queremos voar.” Mas como assim? Pedem-me o impossível. “Pedimos-te o incompossível. Experimenta.” Começo cauteloso, ainda com um cão deitado e realista, porém de traços finos e orelhas eretas. Podengo. Um vira-lata brasileiro. Experimento com a textura dos pelos. A massa sustenta estruturas delicadas e de pequenas dimensões no corpo, mas o corpo em si não se levanta. Penso em suportes. Arames. Esqueleto de arame. Parece bom. Experimento com ousadia. Voarão, fantasminhas! Tento fazer um dragão. Primeiro o esqueleto de arame. A massa cuidadosamente preparada, parto para a moldagem. Impossível. A massa se esfacela sobre o arame. O arame deforma-se com o peso da massa. Preciso recomeçar com humildade. Faço um Buldogue apenas sentado. Ainda com a ideia de suportes, muletas, faço uma estrutura de lata de alumínio recortada. Um trapézio sob a barriga do cão, sustentando suas patas dianteiras. Parece bom na moldagem. Levo ao forno, ansioso. Retiro cedo demais, a massa ainda um pouco mole. Tiro o suporte para ver o primeiro cão se levantar. Junto vem sua perna direita. Desastre! Lembro-me da bolha que consertei e remendo a perna com massa fresca. O buldogue volta ao forno. Após mais uma hora sai perfeito. A perna remendada ainda mais firme que a original. A emenda melhor que o soneto. Faço então um Podengo sentado, de traços delicados e pernas mais finas. Mesmo com o suporte, suas pernas deformam-se e achatam-se. Podengo com pernas de Buldogue. Pinto-os todos de maneira simples, despojada: fundo homogêneo e fundo policrômico. São cães do sítio.

Parece que cheguei ao limite. Muito longe de voar. Como realizar o impossível? "Erra. Dá voz ao erro. Cria com o desastre." O erro. O desastre. A perna arrancada. O desmembramento. A luz repentina: "Tens uma massa obediente, que podes desmembrar e reunir conforme tua vontade. Tudo que precisas é de massa fresca e um forno quente." Ouso então novamente um dragão. Um dragão sentado ainda, feito com suporte de lata como os cães. Porém faço buracos em seu tronco e moldo duas asas desmembradas. Asas finas e abertas. Coloco no forno, separados, o dragão e suas asas. Após uma hora, já rijos, porém ainda úmidos, reúno as partes com massa fresca, encaixando as asas nos buracos do corpo. Incorporo as asas ao dragão. Completo, ele volta ao forno. Mais uma hora e sai lindo, com suas asas abertas e voadoras. Mas está sentado. Um dragão cão, ainda adestrado. O movimento me pede: "movimenta". Quero flamas. Quero fogo. Uso a técnica da pátina sobre fundo homogêneo preto para dar-lhe cores. Com a pátina posso fazer seu corpo em chamas. Dou-lhe um nome: Fogo da Noite.



Seu corpo negro refulge em brasas. Seus olhos brilham vermelhos. Suas asas têm cristas douradas. Fogo da Noite, filho do erro, abolição do correto, ebulição de afetos ainda ancorados, ancorados no chão. Mas seu coração já voa, levando consigo minha cora ação. Entendi, fantasminhas! Para voar não se pode ser certo, não se pode jogar fora o que é fluxo aberto. É necessário quebrar, fracionar, perder o inteiro, assumir as partes, esquecer das artes. Para voar é preciso abrir, esticar, arrebentar, queimar. Colar só depois. A bricolagem voa e essa lição não se aprende nas séries, não se aprende no sério. É preciso brincolar. E vamos brincar. "Agora podes fazer o que quiseres." Faço então outro dragão. Faço-o parte a parte, desmembrando, rompendo quebrando e reunindo no forno a cabeça, chifres, pescoço, asas, pernas, corpo, cauda e o fogo que ele sopra. Fogo fixo. Fogo contrário do fogo. Fogo que endurece ao fogo. O resultado impressiona, move-se, lança-se em voo. Levanta-se, batendo as asas em meio a um passo, soltando fogo pela boca, com seu pescoço sinuoso em movimento endurecido. Movimento concretizado, solidificado, cristalizado. Imagem cristal leve e voadora, sinergizando com seu fogo estático novas conjunções moleculares, cristalizando novos incompossíveis. Chamo-lhe Raio Turquesa, com sua pele azul metálica/prateada, texturizada em escamas, e seus chifres dourados.

"Já podemos voar. Que farás agora?" Mas não sou eu quem pergunta? Meus fantasminhas me respondem com silêncio. Estão felizes. Não precisam mais de mim. Estou feliz. Mas como responder à pergunta deles? Que farei agora? Um dragão pipa que voe realmente? A massa pode ser moldada bem fina e é leve devido ao papel. Com asas grandes, no tamanho certo, funcionará. Porém meu forno é pequeno. Não posso fazer asas grandes e o passo é tedioso, óbvio demais. Os fantasminhas já voaram. Esgotou-se então o poder da massa? Vem outro sonho e meus fantasminhas querem agora corpos. Nada me dizem, mas querem que os pedaços sejam um todo e não partes. Vem em notas como um hino de pautas móveis e como imagens de pingentes, para serem levados junto ao coração. Talismãs. Conjuradores da sorte, emuladores da morte, moléculas que dançam e vibram sem um corpo, cantando nos corpos de outros, *ritornellos* de paz e proteção. Aproximo-me das pessoas. Faço com minha massa obediente fragmentos de sonho. Cada fragmento deve ser retirado sem pensamento, sem plano. Os pequenos fluxos reencarnantes não gostam da consciência e do cálculo. São amigos do impulso. Precisam ser puxados sem dó nem permissão. Minúsculos pensamentos violentos, sem regras, sem tino, sem destino claro. Meu movimento é só de excisão. Sacrificador extático arrancando monturos de estética sem ética. Estética sem chavão. Beleza que surge de um relâmpago de nervos, de um espasmo de músculos. Não há contemplação. Há ação. Não há reconhecimento. Há pequenos grumos disformes de papel, farinha e cimento. Dizem formas. Não sou eu quem digo. Pequenos grumos excisados ao sabor da intuição. Ação sem dentro e sem fora. Atuação. A tua ação. A violência que não pensa, mas gera pensamento. Levo-os ao forno. Pinto com todas as cores e memórias que o momento me dá. Pinto como um louco. Só é possível pintar como um louco. Sujo potes, misturo motes, jogo gotas intrusas em poças homogêneas. Curvas criam caminhos de lama, de alma, de plumas falsas de colibri, de arranjos súbitos, desarranjos lúdicos. Pintar assim liberta. Não há o esfalfamento da regra gradual, da medida, da onda contida. São micro-terremotos sangrando ouro, prata, mata, mar e fuligem. Jóias preciosas onde se incrustam pedras, troncos, sementes, luzes semoventes. Uma nova ourivesaria mais rústica e simples. Ornamentos sem símbolos. Beleza que se move, que comove em quem se move. Tribos de arabescos. Alcatéias de uivos, onde não há mais lobos. Só o arroubo de partir, parir, abortar. Espíritos desgarrados e bruxuleantes daqueles *Lupini* antes imóveis e imbuídos de regras. Arte nômade por excelência. Quero espalhar fluxos ágeis. Quero beber de fontes frágeis, criando em cada gole um mar de sede de uma água que não sacia. Água corada de tinta. Tinta corada de água. Realizo. Pequenos seres coloridos andam por aí, sentindo o pulsar de corações próprios. Pequenas estrelas sem céu que me alimentam, atentam, falam comigo. "Mas as estrelas falam?", pergunta o poeta, agora sem meta. Falam com todos. Falam de todos. Falam em todos. Mas falar já não basta e escrever castra. Só posso gaguejar, falhar e assim criar. Só posso entoar meu *ritornello* violento: Experimente. Erre. Crie com o erro. Não siga. Não deixe de seguir. Voe. Caia. Voe.

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

Carta de um biólogo-artista para um artista-biólogo qualquer

Carlos Augusto Silva e Silva [1], Dhemerson Warly Santos Costa [2]

Resumo: Avisto uma pequena floresta-caverna-cachoeira ao longe. E nisso pergunto-me: o que podem os múltiplos encontros com tais ambientes? Não se sabe ao certo, apenas que, deles, surgiram duas cartas, e nelas não estão contidas apenas palavras, mas, sobretudo, forças que outrora foram produzidas pelos mil encontros a partir de experimentações. Encontros que ecoaram de vidas que estão conectadas à elas e embaralham-se. As cartas foram lançadas nas águas esverdeadas e misteriosas de um igarapé no meio da estrada, torcendo para que elas fossem arrastadas pelas águas a fim de promover novos encontros antes que as cartas morram, antes que tudo se apague, antes que as palavras se desmanchem. Não quero dizer aqui do que ao certo as cartas se tratam, apenas incentivar o leitor para que experimente o encontro-leitura. Movimente-se por entre prosas e versos, por entre cavernas e cachoeiras, por entre artes e ciências, por entre lugares: a caverna da Planaltina e um Laboratório de Ciências, neles os corpos-vozes experimentaram/ão pipetas, vidraças, cachoeiras, morcegos, jalecos, intensidades, devires… Compondo e ampliando outras existências onde nada se via, onde nada se sentia…

Palavras-chave: Cartas. Biólogo. Artista.

Letter from a biologist-artist to an artist-biologist anywhere

Abstract: I see a small forest-cave-waterfall in the distance. And in that I ask myself: what can multiple encounters with such environments? It is not known, only, that from them two letters have appeared, and in them are contained not only words, but above all, forces that were once produced by a thousand encounters from experiments. Encounters that echo from lives that are connected to them and shuffle. The letters were thrown into the greenish, mysterious waters of an igarapé in the middle of the road, hoping that they would be dragged across the water in order to promote new encounters before the letters die, before everything goes away, before the words disintegrate. I don't want to say here than for sure the letters are about just encouraging the reader to try the encounter-reading. Move between prose and verse, between caves and waterfalls, between arts and sciences, between places: the cave of the Planaltina and a Laboratory of Sciences, in them the voices would have experimented pipettes, panes, waterfalls, bats , coats, intensities, devires … Composing and expanding other existences where nothing was seen, where nothing felt…

keywords: Letters. Biologist. Artist.

[1] Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica carlos.s02@gmail.com.

[2] Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica dhemerson-santos@hotmail.com.

Um convite…

"As cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha. Há um vampirismo das cartas, um vampirismo propriamente epistolar."[3]
Deleuze & Guattari

Carta I

Floresta, entre cavernas e cachoeiras de uma lua cheia

Caro leitor, as suas cartas ainda estão fundidas em árvores, águas, rochas, terra, macacos, cigarras, rabiscos, partículas de tintas… Um multicolor vibrante enleado às folhas de papel. São cartas que me lembram as folhas das árvores que encontrei, as quais também estão fundidas à outras coisas… Experimentações im-possíveis, cartas-art(e)ciências que contam sobre as experimentações produzidas numa cachoeira, nas paredes frias e esverdeadas de uma caverna que exala guano, exala morte e vida nas fezes de Andirás ou Guandira, seres que enxergam e se comunicam com as narinas, revoam com as mãos, dormem de ponta cabeça e constroem uma amizade simbiótica com diversas plantas.

Aliás, preciso contar-lhes algo, acabo de retornar à cidade, estava foragido! Não aguentava tantas vidrarias, jalecos, pipetas, revestidos de tons de brancos e cinzas que se intercalavam e me intercalavam. Peço que me entenda, ansiava por outras aquarelas! Verde, vermelho, azul… Movimentos não foliados que afogam-me nos delírios mais profundos, na busca de uma realidade que não me asfixie, para que o território caótico se torne abrigo, onde possa colher passagens que me tiram de dentro de mim. Pois o ser já não me satisfaz, nem mesmo os movimentos foliados.

Antes de mergulhar-te-me nos experimentos desta caverna-cachoeira-floresta preciso contar-lhes algo que aconteceu comigo em 2012 numa aula de campo, a qual inicialmente fui com o intuito de fazer experimentos na e com a natureza, mas tudo já estava tão orquestrado, que me sentia ainda preso ao laboratório.

Então, era uma tarde qualquer quando tudo já estava pronto, a armadura que me compunha como um bio-experimentador estava trajada: bota, calça, camisa com mangas compridas; junto aos elementos essenciais para grande tarde de desbravanças: água, protetor solar, alimento, amizades, volição pelos encontros da tarde. A mata era fechada, e nela os bio-experimentadores seguiam o bio-experimentador mais experiente. Era uma única trilha distante, os espinhos incomodavam, a fadiga possuía o corpo, mas nada era mais gratificante do que experimentar o ambiente, imbuir-se na sua fauna e flora; ver aquilo que nunca foi visto, tocar naquilo que nunca foi tocado, é uma experimentação que extrapola o limite do estudo da vida, aliás, é um estudo que excede a própria noção de saber sobre algo, é sentir isto, aquilo, coisas…

Cada passo era uma experimentação, pudera, tratava-se de bio-experimentadores em busca de encontros com "coisas" da natureza. O discurso era: aplique aquilo que foi outrora ensinado, aplique a teoria aprendida. Lorota! Estávamos em um lugar que de prescrito não tem nada, todos nós sabíamos, mas era necessário inventar um protocolo experimentativo, que pouco servia naquele momento, mas, quem sabe um dia poderia servir.

As técnicas de coleta, os equipamentos para extração, a leitura feita da vida que ali

continha, caracterizou com grande tenacidade aquela tarde e muitas outras que foram produzidas ali e em outros lugares pouco desbravados por bio-experimentadores. Mas a ciência que ali latejava tinha seus momentos de alucinação, de outras experimentações, que não seguiam aquele protocolo que vos mencionei anteriormente.

Estavam novamente os bio-experimentadores prontos para desbravar mais um ecossistema, olhar para ele a partir de um sistema científico. Tolos, a ciência moderna não dá conta de todos os encontros vitais. O raiar do sol despertou os bio-experimentadores que resolveram experimentar as vidas que compunham todo aquele ambiente, insistindo sempre em dizer num tom messiânico – precisamos utilizar as pesquisas científicas para proteger a floresta, precisamos garantir a conservação das espécies deste e daquele ecossistema – não importa como se dê a manipulação, o governo precisa gerir a manutenção da vida.

A saga continuara e com ela, a vida se mostra aos bio-experimentadores: ninhos de tartarugas, ninhos de jacarés, macacos, todo um ecossistema que a ciência por si só não consegue explicar. E quem quer explicações? Quem precisa de explicações? Os bio-experimentadores?

Na busca de explicações, um encontro inusitado aconteceu, aquele que se dá na ordem dos acasos, que não é com pessoas, mas sim com… Silêncios! Estavam eles, os bio-experimentadores defronte a uma revoada de centenas de pássaros. Nessa hora todas as certezas, todas as explicações, toda razão proporcionada pela ciência racional entrou em delírio. Os pássaros os convidaram para uma dança de apenas trinta segundos, o suficiente para proporcionar outras experimentações com a natureza. O pensamento voou, dançou, se tornou pássaro, arrastou, naquele momento, outras possibilidades de sentir e ver o ecossistema, lugar em que os pássaros não são apenas concebidos a partir de mecanismos ecológicos, mas ainda, “virtuoses, artistas, e o são, antes de mais nada, por seus cantos territoriais”[4], ou seja, numa mesma revoada de pássaro vimos processos biológicos, e, também, processos artísticos.

Aqueles movimentos experimentativos daquela aula ins-piraram-me. Os encontros foram intensos, subvertendo a ciência e seu frio discurso, criando possibilidades-outras experimentativas e inimagináveis. O que antes era uma floresta onde habitavam coisas que precisavam ser manipuladas a partir de experimentos tornou-se uma floresta com outras vidas, verde, transgressiva, possibilitando outros sentidos.

E lá estou novamente, numa floresta-caverna-cachoeira, andarilhando por entre florestas, cavernas e cachoeiras, ziguezagueando com o movimento performativo da natureza, do ar e de tudo que a compõe. Parece-me que ali a vida estava embaralhada por todos os lados, criando-se e reinventando-se nas mais improváveis formas, um caos vital.

O oxigênio que saia da mata atravessava meu corpo para então transformar-se em gás carbônico pronto para ser consumido por outra forma de existência… Movimentos dessa complexa máquina da vida. No entanto, buscava por outros modos de oxigenação, outros modos de respiração, aquele ar que perpassava pela criação. Ar que nutre corpos. Cessando essa fonte ao corpo, este não mais aguentaria, poucos minutos seria o suficiente para jogá-lo no rio das representações. Poucos suspiros, um último fôlego, esta é a respiração de muitos

bio-experimetadores que estão sendo asfixiados para seguir regras, ou mesmo por não segui-las. Quem os privaria de tal manancial vital?

Voltando a pensar com o compasso das florestas, as imagens são re-in-ventadas. Gesto-corpo-riscado que desatam fios, nós, identidades. Forças-diagrama que germinam flora amazônica, e, ainda, derivas-cartográficas, que faz uma ciência não destinada aos laboratórios, ou mesmo uma arte não mais para as galerias, agora deseja aventurar-se pelas águas de uma cachoeira, pelas trilhas inexistentes de um recorte da Amazônia.

A ciência escapou por linhas de fugas trazendo consigo desterritorializações de atmosferas. Bio-experimentadores que esperavam pelo novo compasso da mu-dança, não por que mu-danças possuem maiores intensidades, mas, principalmente por que proporcionam outros encontros alegres ou tristes, e é claro, na ordem do acaso.

Uma mochila pesada nas mãos carregadas de tralhas tecnológicas, para coletar pequenos seres, que, por vez, pensa-se serem inferiores e passíveis de manipulações. Tudo isso ao som das árvores, macacos, ventos, musgos. Uma floresta cheia de armadilhas, encontros a povoam… O "homem da ciência" vive entre seus valores, seus mitos e suas necessidades. Onde armarei minha armadilha para capturar os meus afectos? Na escuridão da caverna seria um bom lugar, preferencialmente nos compartimentos mais profundos. Então, como isca, usarei um bocado de movimentos, processos inacabados, certamente conseguirei capturar meus afetos, paixões… Ser-me-ei tolo, eis que a armadilha estava todo tempo atada ao meu corpo, aliás, era eu minha própria armadilha, e assim como os encontros, os afectos também estão na ordem do acaso.

Mergulhando no suor da floresta, via corpos aberrantes. A pele do corpo é inundada. A pele da floresta é inundada. Ambas diluem-se. Os poros são rompidos e fissuram-se para uma possível respiração cutânea de um novo devir-artista. Um salto da jusante à vazante na fúria movediça. Água que devora e consome.

O sol reflete a cor das águas; verde, azul, cristalina, marrom… Um olhar mostra uma cor, outro olhar mostra outra cor. Diagramações coloristas/colorantes que permitem novas diferenças. Vamos, roube uma cor, duas cores, quantas quiser.

Invenções in-ventadas pela ciência que também ins-piram encontros artísticos, encontros de coisas… Encontros que criam, que comem a.r.t.(e).c.i.ê.n.c.i.a, e, além disso, incitam conhecimentos que beneficia, quem? Portanto, penso a art(e)ciência como uma possibilidade criadora de derrubar essas delimitações bobas de arte ou ciência, sempre como itinerâncias, transitando entre experimentações científicas, experimentações artísticas, experimentações artísticacientíficas. Experimentações que metamorfoseiam processos, eco-processos, multi-processos

Antes que você, leitor, pense que estou buscando instituir um maniqueísmo artístico ou científico na natureza, não é bem por aí que tentarei dialogar, quem sabe, talvez, suscitar possíveis encontros a partir de cartas-sensações que corroborarão outras experimentações, diferentes das que vivi.

Por isso, não vos mando esta carta na busca por um destinatário já pensado, mas um destinatário qualquer. Todavia, que diálogos surgiriam a partir desta carta sem paradeiro? Cartas-sensações que navegam por águas, poderiam encontrar ancoragem? Temo que sim,

temo que não… Temo pelas sensações que s(er) ão ativadas a partir deste encontro.

E neste bloco de sensações, termino esta minha carta, lançando-a num rio qualquer, entre o mar e um rio, talvez um rio-mar, que neste encontro gera ondas. Venha pororoca, arrebente os ambientes estabelecidos, arrancando-os do lugar fixador de vidas, com um barulho ensurdecedor, modifique-os, modifique-os, modifique-os… n'vezes… Viole com mansidão? Também, viole como desejares, inclusive com violência. Resista, re-exista, insista em novos fluxos! Aproveite e leve consigo minhas cartas a um biólogo-artista, artista-biólogo, a um(a) qualquer, mas antes pulverize pinceladas de vida por onde passares.

Para outro biólogo-artista qualquer…

Carta II

Saudações…

Prezado Biólogo-Artista escrevo-lhe esta carta, a qual nem sei dizer se posso chamá-la de carta-resposta. Aqui estou, sentado no laboratório, por entre vidraçarias, pipetas, jalecos e soluções. Acabo de ler tuas palavras, confesso que não sei como ela chegou às minhas mãos, é que em nada pareço com outro biólogo-artista qualquer. É fato que sou biólogo, por força de formação institucional, mas de arte, penso que nada sei.

Ainda estou em estado de delírio, tuas palavras foram arrancadas do papel, impregnaram na minha pele, provocou em mim sentidos únicos, um verdadeiro bloco de sensações, entre elas o desconforto! Ora, poderia um biólogo ser artista? Ou, um artista ser biólogo? Poderia a arte e a ciência dialogar? Poderia um corpo cientista performatizar artistagens em meio à floresta? Poderia um corpo artista performatizar pesquisas científicas no laboratório?

Assim como estas indagações floresceram a partir do encontro que tive com tua carta, lembranças que atravessaram meus pensamentos, de modo que já não era mais possível seguir nos teus versos sem, concomitantemente, transmutar-me imediatamente para uma caverna, explorada por dois corpos em um domingo desses qualquer.

Tudo começou com um convite inocente de um amigo para ajudar-lhe com um trabalho da universidade: experimentar a natureza. Confesso que de imediato relutei a aceitar aquela proposta, afinal era domingo. Porém fui vencido, é difícil um coração apaixonado permanecer firme na negação, e que bom foi perder essa batalha. Hoje, por meio de tua escrita, olho para aquele dia com outros olhos, quem sabe o olhar de um biólogo-artista.

Caminhávamos calmamente pela floresta, o destino a caverna da Planaltina. Ali, enquanto meu amigo performatizava conexões com os elementos da floresta: árvore, rocha, água, terra, vento, serapilheira, minha missão era "capturar", com a máquina fotográfica, os movimentos daquele momento.

Aqueles encontros potentes saltavam-me os olhos, corpo e natureza, em um verdadeiro estado de simbiose, corpo-árvore, corpo-água, corpo-rocha, corpo-solo. A princípio encantei-me pela beleza daquele corpo, logo aquelas conexões improváveis com a floresta agenciaram aberturas para pensar minha relação com a ciência por outras vias, ao final recolhemos nossas coisas e voltamos para o seio dos nossos lares, cercados pela cinza dos edifícios e o preto do asfalto.

Guardei os sentimentos produzidos naquela experiência comigo, porém, ao experimentar uma carta de um biólogo-artista, aquelas sensações explodiram dentro do meu corpo, (ins)pirando-me, movendo-me ao infinito, a navegar por mares nunca antes navegados, o da arte e suas conexões com a ciência.

Preciso despedir-me agora, aproveito os intervalos de uma esterilização e outra para escrever esta carta-quase-resposta. Peço que mantenhamos contatos, quem sabe combinar umas artistagens em um domingo desses qualquer.

Abraços afetuosos, de um biólogo qualquer

Recebido em: 15/02/2018

Aceito em: 15/03/2018

[3] Trecho da livro *Kafka*. Por uma literatura menor de Deleuze e Guattari, p. 20. 1975.

[4] Trecho da livro *Mil Platôs* v.4 de Deleuze e Guattari, p. 130. 2012.

Arte

ARTES

Ativando animismos

Alda Maria Abreu

Ativando animismos é uma Série Fotográfica criada pela pesquisadora Alda Maria Abreu a partir do encontro da proposta de trabalho Corpo Oráculo com as Imediações Aberrantes do VII Seminário Conexões.

* * *

28 de novembro de 2017

VII Seminário Conexões – Centro Cultural Casarão/UNICAMP

Barão Geraldo – Campinas/SP

Primeiramente foi necessário conceber para mim um corpo-oráculo, um outro modo de existência, um outro modo de ver e sentir. Foi preciso fechar os olhos intoxicados pela visão cotidiana rasa e superficial do mundo proto-físico culturalmente etiquetado, para abrir terceiros, quartos, quintos olhos… olhos sedentos por uma visão múltipla, não linear, oracular, tendo em vista colocar em prática a metafísica dos atos livres que move a presente pesquisa.

Como olhar e ver o mundo para além da história antropocêntrica?

Como olhar e ver cosmovisões inauditas?

Para responder a estas perguntas foi necessário mergulhar nas dobras temporais de experiências de governabilidade animal, vegetal e mineral. E a partir daí renovam-se as perguntas: O que pode uma filosofia nascida de um corpo prenhe? Ou melhor, o que pode fazer ver um pensamento nascido de corpos prenhes? Prenhes de ilimitado? Prenhes de novas ecologias? Prenhes de uma nova raça de homens? uma nova humanidade? O que pode um corpo que carrega dentro de si o fora em forma de semente?

Em meio a estas perguntAções, ungido pelas forças vulvânicas das terras de Barão Geraldo, sob as bênçãos poderosas das mulheres do Centro Cultural Casarão, o encontro do corpoMãe que habita a pesquisadora com os afetos aberrantes das imediações do grupo de trabalho aumentou vertiginosamente suas potências de olhar, ver e agir, permitindo assim que Gaia, o grande ventre, o grande olho, a mãe que tudo vê, a pachamama das cosmovisões inauditas viesse à tona. E foram essas insurreições de Gaia que atravessadas nas palavras de Isabelle Stengers inocularam os olhos da pesquisadora e, reativando animismos, ganharam corpo nas fotografias desta série.

> A fim de honrar a criação de conexões, de protegê-las contra os modelos e normas, pode ser necessário empregar um nome. O animismo poderia ser o nome atribuído a essa arte rizomática. Reativar o animismo não significa, então, que tenhamos sido animistas. Ninguém jamais foi animista, porque nunca se é animista "no geral", apenas em termos de agenciamentos que geram transformações metamórficas em nossa capacidade de afetar e sermos afetados – e também de sentir, pensar e imaginar. O animismo, no entanto, pode ser um nome a serviço da recuperação desses agenciamentos, uma vez que nos leva a sentir que a reivindicação de sua eficácia não nos cabe. Contra a insistente paixão envenenada por desmembrar e desmistificar, o animismo afirma o que todos os agenciamentos exigem para não nos escravizar: que não estamos sozinhos no mundo. (STENGERS, 2012)[1]

O dançarino animista "vê o mundo em que dança seu corpo" (Langer 1953). E se é fato que não estamos sozinhos no mundo, como afirma Stengers, na esteira da filósofa americana Susanne Langer, há uma arte rizomática da vidência que de fato nos permite

"ver o mundo", e o ato expressivo proposto por esta Série fotográfica nada mais é do que o resultado das visões desta arte, deste rizoma: as insurreições de Gaia. Certamente tratam-se de fotografias que tangenciam a linguagem do sonho e do delírio, buscando ser expressão daquilo que subjaz à forma, buscando responder às falências da cultura ocidental moderna, dito antropoceno, para responder por meio daquilo que reside no entre-mundos da imagem da força-forma, imagens que residem no sonho de uma humanidade porvir, ainda sem nome, idade ou tempo, ainda germinal, ainda animista.

A Série Fotográfica Ativando animismos é uma tentativa de responder a estas e outras perguntAções que a presença oracular de Gaia fez operar na anarco-arqueologia da maternidade, a partir das Imediações Aberrantes e das posteriores conexões produzidas pelo Seminário. Salve Salve Gaia, intrusa visão da vida viva que ainda resiste nos ventres, posto que o mundo não existe e ainda estamos todos por nascer.

[1] STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Caderno de Leituras, n. 62, Edições Chão da Feira, Belo Horizonte, mai. 2017.

Autor: Alda Maria Abreu

Dançarina/performer, pesquisadora, produtora e arte educadora, Alda Maria Abreu é bacharel em Artes Cênicas e mestre em Psicologia Clínica, uma artista independente que atua na cena cultural do eixo São Paulo-Bahia-Portugal há mais de 10 anos. Atualmente encontra-se nômade, num devir-transoceânico entre Brasil e Portugal, enquanto dedica-se às pesquisas de seu doutorado, intitulado "Metafísica dos atos livres", sob a orientação do filósofo Peter Pál Pélbart do Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC/SP. Desde 2016 participa do SENSELAB – rede internacional de artistas sediada em Montreal (Concordia University), onde colabora com uma produção de pensamento híbrida, no cruzamento entre filosofia, arte e ativismo. Criadora do LAB EROS – laboratório de práticas corporais e experimentos erótico-filosóficos sobre o tempo, e em paralelo aos seus estudos teóricos, realiza eventos performáticos que visam a criação de dispositivos expressivos que dialoguem e efetuem danças-pensamentos livres das coleiras da dita dança contemporânea. Androgyne – Sagração do Fogo (2015) e Visões da Terra (2017), recentemente publicados na seção de vídeo-arte da Revista ClimaCom, e Théos (2018), são frutos de longas trajetórias e parcerias artísticas, como por exemplo junto à Taanteatro Companhia em São Paulo, ao LAC – Laboratório de Atividades Criativas de Lagos/Portugal, às artistas do coletivo Gameleira Artes Integradas

em Salvador/BA, bem como uma série de artistas audiovisuais independentes, dentre os quais destaco Victor Negri e Lea Taragona, presentes em Peyote - Jardim dos Tempos (2016), imersão ecopoética criada em site specific fruto de sua última residência artística realizada no Centro Cultural São Paulo. E-mail: aldamariaabreu@gmail.com

Ficha técnica:

Concepção| Alda Maria Abreu

2017 – Brasil

polividros

AMOR
LEVE

animismo
AMOR

Pela janela, um rio

Davi de Codes

O vídeo Pela janela, um rio, traz imagens navegantes de um cinema ambiental amador e experimental. Imagens em movimento foram capturadas, articuladas, editadas e convidadas a compor um percurso de trajetos simultâneos dentro do fazer

pesquisa, do narrar, do viajar ao lado de um rio tão Doce quanto a lembrança que dele segue. Viagem que funciona como (des)caminho, sem pensar nas possibilidades de chegadas. Uma confecção que articula cultura e ambiente a partir de elementos ficcionais de uma rotina comum, mas ao mesmo tempo, agora icônica. Uma proposta de ensaiar no cinema, partindo da experiência de um professor ao viajar de trem às margens do Rio Doce, logo após o rompimento da barragem de Mariana, quando nele derramaram-se águas tóxicas e barrentas, no ano de 2015. Uma viagem acompanhada de alguns conceitos, atenção e curiosidade para a criação poética cinematográfica por um amador professor-artista. Um deixar-se demorar no olhar pela janela. Nada buscar, apenas deixar ver e ser olhado. Um rio que segue a correr.

Autor: **Davi de Codes**

Davi de Codes, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: davidecodes@gmail.com

Ficha técnica:

Concepção, edição e filmagem | Davi de Codes

2018 – Brasil

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9087

Desconvite à beleza

Steferson Zanoni Roseiro

O trabalho “Desconvite à Beleza” é uma série de infestações de resistência aos agenciamentos maquínicos capitalísticos muito focados na produção de estéticas corporais. O trabalho é composto de uma apresentação que é, de todo modo, um convite às evasões estetizantes e de sete imagens-texto (os [desconvites) que tanto declaram guerras ao regime estético quanto simplesmente se espraiam e ocupam territórios aos modos dos movimentos aberrantes do David Lapoujade, isto é, fazendo ruir qualquer princípio de fundamento demasiadamente sólido. Apresentamos uma reza do disforme e ao disforme em “rogai por nós, pecadores”; uma questão ao império farmacológico em “diga não às drogas”; uma pequena ode à feiura em “me-INfesto”; uma fábula bicha gorda em “prejuízos da carne em demasia”; um corpo bêbado em “amor próprio”; todo o infinito de feiuras e travessuras dum corpo infantil em “prestação de beleza”; e uma infestação política ecológica em “isso não é um manifesto”. A bem da verdade, os trabalhos são demasiadamente leves e breves, e, na criação, eles pareciam não passar. Todavia, é-nos também preciso lembrar que nem sempre os movimentos passam, nem sempre eles fazem sentido. Eles riscam o chão por onde passam e não necessariamente perduram. Criamos e, de repente, damo-nos conta que somente nós mesmos daríamos conta de sermos nossos próprios modelos, fotógrafos, editores, maquiadores, orquestradores e enfeiadores, somos, também, os escritores e os arranhadores desse lugar que, cada vez mais, emerge como uma exigência nômade… fugir das estéticas capitalísticas e fazer dos corpos feios exercícios de um sem-fundo.

Autor: **Steferson Zanoni Roseiro**

Steferson Zanoni Roseiro, Prefeitura Municipal de Cariacica/ES e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: dinno_sauro@hotmail.com

Ficha técnica:

Poesia | Steferson Zanoni Roseiro

Fotografia | Steferson Zanoni Roseiro

Edição | Steferson Zanoni Roseiro

À beleza desconvidamo-nos, eis nossa premissa. Fugimos de tantas lógicas cosméticas, estetizantes, medicalizantes, ortopedizantes. Tentam-nos dar todo um laudo da boa saúde, convidar-nos para a eterna juventude do bom vivant, mas, perdoem-nos, curtimos a selvageria da feiura, do corpo largado, ocioso, do corpo em overdoses doutras vidas. E o corpo feio sempre se arranja de acordo com os desejos que não lhe querem. Mais desejantes que desejados, muitas vezes rimos de nossas deselegâncias e noutras tantas rimos dos desesperos à face dos muito esbeltos, muito esmerados. Torcemos, secretamente, para que um belo sorriso, encarnando o esteticista, o médico ou o engenheiro corporal, aponte-nos dedos e nos diga aquelas palavrinhas mágicas: "SAIA DE CORPO QUE NÃO TE PERTECE!". Como nos apetecem esses genéricos técnicos da máquina beleza! Sendo nós corpos feios de doer, basta-nos um beijo para que toda aquela beleza rua. Um beijo para que também o outro fosse desconvidado da festa da beleza eterna. Um beijo daqueles de tirar o fôlego, de tirar a pele de bebê dermatologicamente criada. A estética, por direito de uma terra demasiadamente gasta e fanfarrona, distribui-se democraticamente demais, distribui-se bondosamente demais. A bem da verdade, o Reino da Beleza é carismático; coisa que nós, feiosos, jamais fomos. Fomos chamados de loucos, bandidos, doentes, gordos, macacos, putas, godzillas, demônios, monstros, bestas… "Oh não, fomos desfigurados", brincamos no tom de voz mais "vítima" que podemos falsear. Os belos não sabem que, no chão, empurraram-nos para ainda mais fundo, para ainda mais longe onde nada mais é sólido. Fizeram-nos um monte de coisas mas nós, feios, sempre fomos aberrantes.

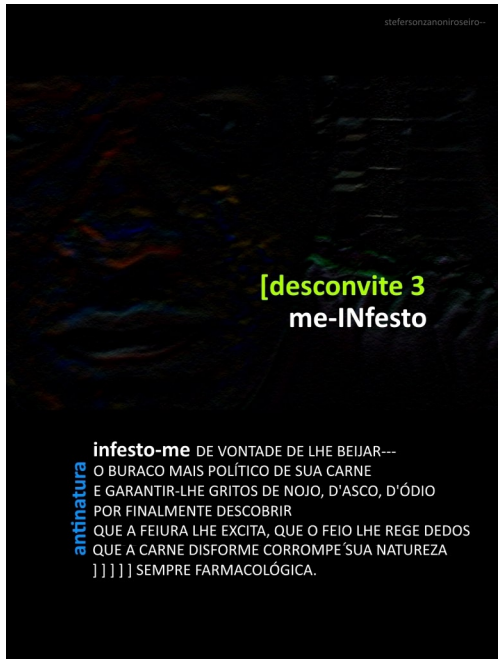
stefersonzanoniroseiro--

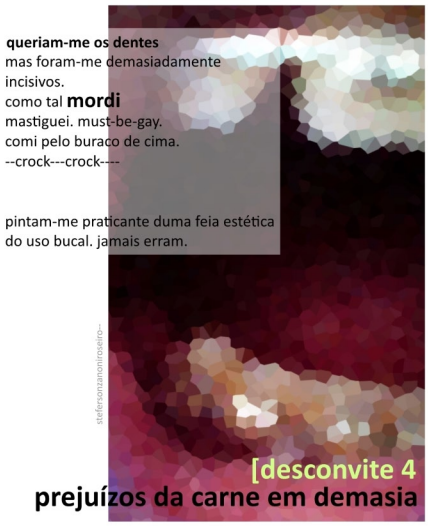
Rogo, na bela lógica da carne perfeitamente estetizada,
que tudo apodreça, que a flacidez a abasteça.
Rogo, diante do espelho, que ele rache toda vez que eu o veja,
que ele saiba-se temeroso de minha feiura, temeroso de...
Rogo, sempre melado, sujo, com dente faltando
[ou apenas malcomido]
que corram de mim, que não me cumprimentem, que não
me chamem para seus salões, seus esteticistas, dermatologistas
terapeutas [!], para suas boas vizinhanças.
não sou um bom vizinho.

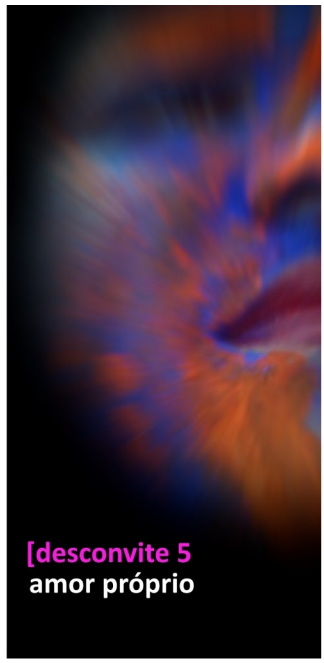
stefersonzanoniroseiro--

~~nasça~~
ou, antes,
rasgue
[sempre dermes [
torço que mais ninguém nasça
e barrigas sejam todas falsas
ou cheias de aborto
"ABORTAR, ABORTAR!"
gritarão corpos abortados
da vã economia cosmética.

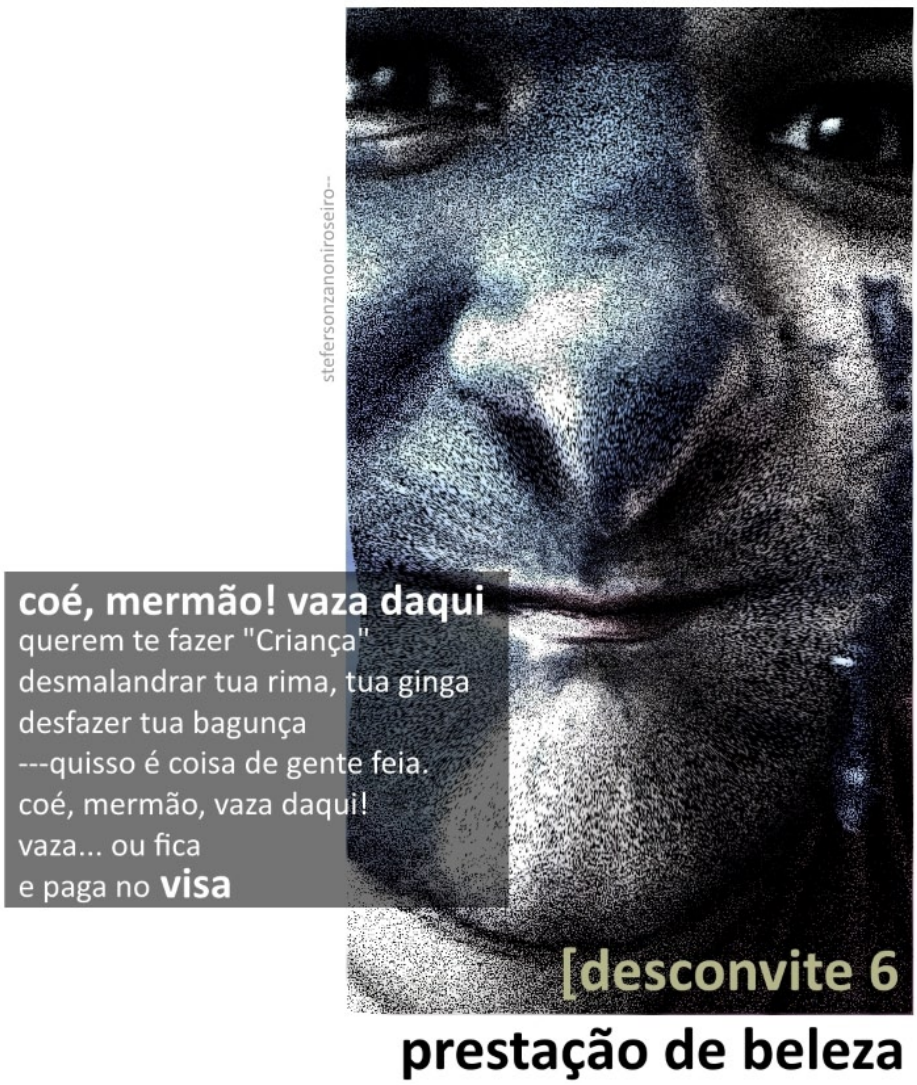
diga adeus à autoestima







ando pelas ruas, descalço, cabelo sujo,
sou evitado. um corpo para não se esbarrar.
adentro um ônibus pela porta do meio
- motorista gentil? motorista receoso? -
e abre-se um vasto espaço para mim.
OPA! dia de sorte!


stefersonzanoniroseiro--
coé, mermão! vaza daqui
querem te fazer "Criança"
desmalandrar tua rima, tua ginga
desfazer tua bagunça
---quisso é coisa de gente feia.
coé, mermão, vaza daqui!
vaza... ou fica
e paga no visa
[desconvite 6
prestação de beleza

stefersonzanonirosseiro--
[desconvite 7
isso não é um manifesto
ride de qualquer olhar vorazmente carnal
que te lançam. ride porque não poderia ser outra
coisa que desejo (maso, sempre maso!) de possuir
tua feiura. ride, na carne disforme que dança,
e não te quedes de amor por um sorriso bonito,
por um cabelo bem aparado, dente esbranquiçado.
caguemos para as belezas

O corpo desembestado de adivinhaadiva

Steferson Zanoni Roseiro

Ensaio fotográfico da ação performática “O corpo desembestado de AdivinhaaDiva”, realizado no baixo centro da cidade de Belo Horizonte/MG, no dia 20 de dezembro de 2017, utilizando-se de rolo de filme de cinema antigo e câmera analógica, que permitem texturas às imagens, levando-as à uma dimensão atemporal.

Autor: **Matheus Silva**

Matheus Silva, doutorando em Artes da Cena pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola da Belas Artes – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: matheus_silva84@yahoo.com.br

Ficha técnica:

Performer | Matheus Silva

Fotografia/Câmera | Lorena Zschaber

2017 – Brasil

BIXA
LOKA

BIXA
LOKA

LABORATÓRIO ATELIÊ

Pensamento rasteiro

Eduardo Pellejero (UFRN) e Vivian Pontin (Labjor-Unicamp)

Pensar é uma extensão de uma das pulsões animais mais elementares: explorar um território. Pensar é a elevação dessa pulsão à enésima potência; logo, o risco da sua desnaturação, da desterritorialização. O nosso grupo de trabalho pretende reproduzir esse movimento que é o movimento do pensar. Ora acolhendo-nos ao prestígio dos filósofos peripatéticos, ora arriscando-nos às alternativas de um road-movie, tentaremos que a partilha das pesquisas e das experiências de todos seja afetada por uma exploração comum, pelos imprevistos do percurso, pelo imponderável de ir ao encontro do desconhecido.

Autores: **Eduardo Pellejero (UFRN) e Vivian Pontin (Labjor-Unicamp)**

As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Eduardo Pellejero (UFRN) e Vivian Pontin (Labjor-Unicamp).

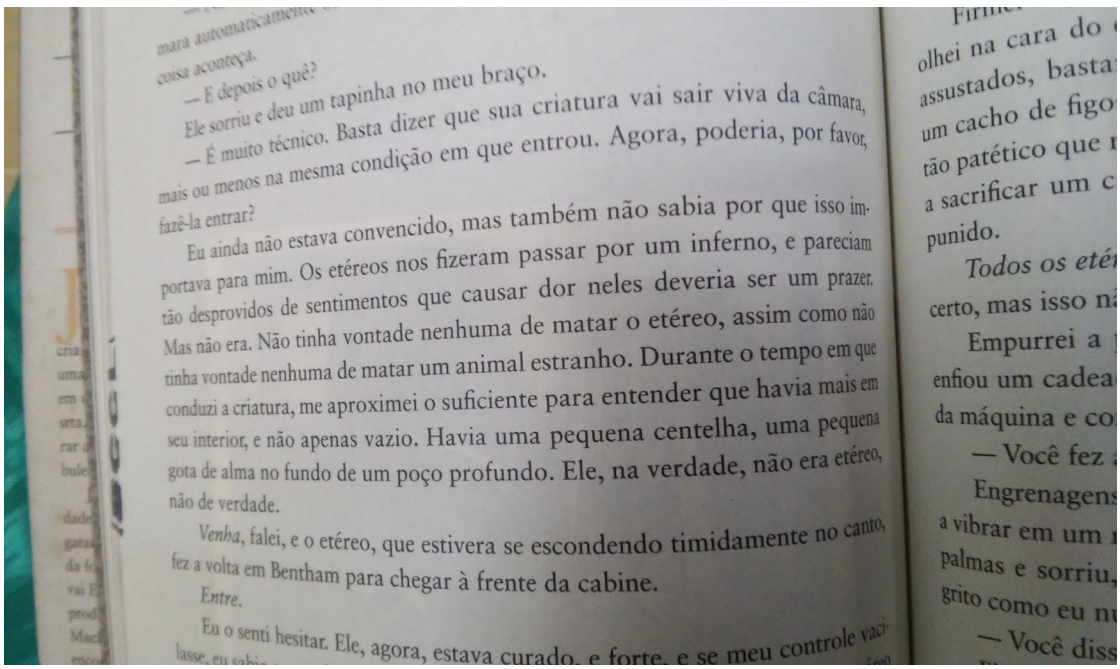
VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso

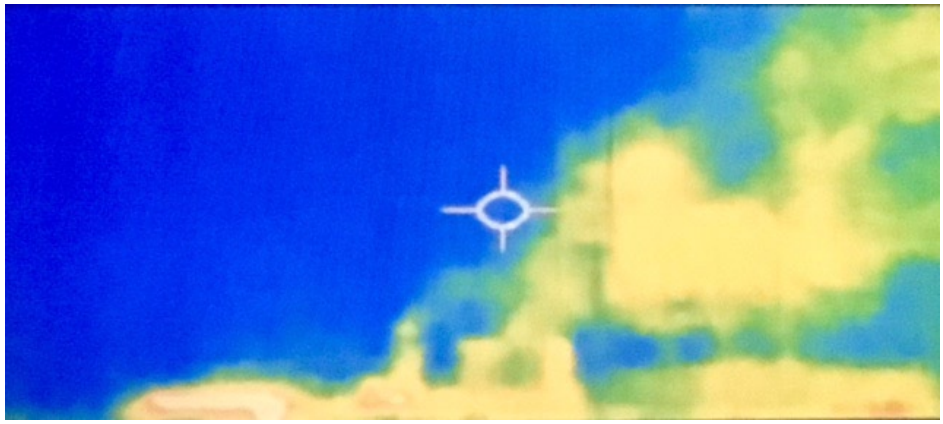
Projetos: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) – (Chamada MCTI/ CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Mudanças climáticas em experimentos interativos: comunicação e cultura científica (CNPq No. 458257/2013-3); Sub-projeto "Sub-rede Divulgação científica" da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais (convênio Finep/ Rede Clima 01.13.0353-00).

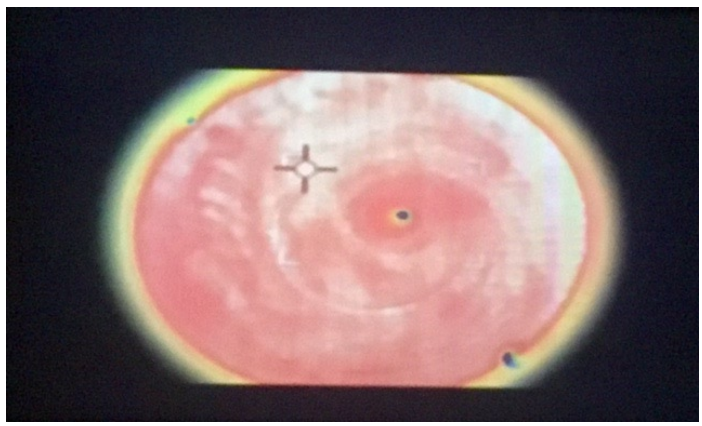


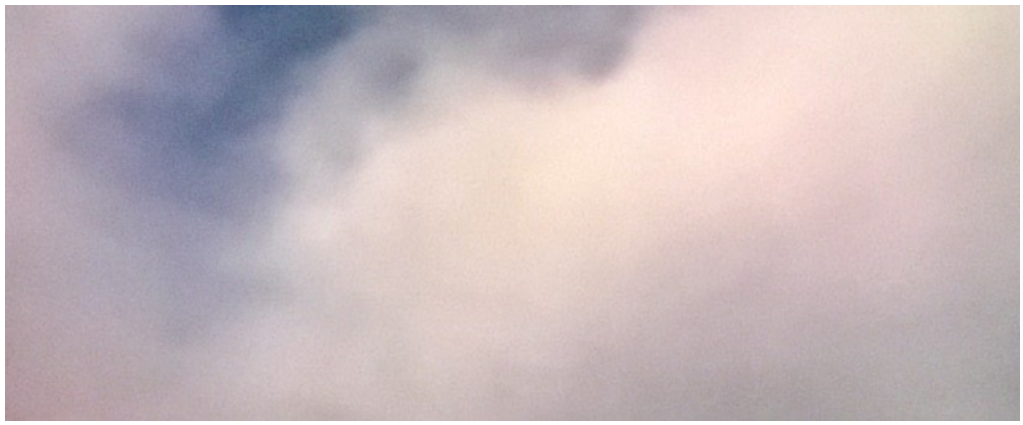
mara automaticamente
coisa aconteça.
— E depois o quê?
Ele sorriu e deu um tapinha no meu braço.
— É muito técnico. Basta dizer que sua criatura vai sair viva da câmara, mais ou menos na mesma condição em que entrou. Agora, poderia, por favor, fazê-la entrar?
Eu ainda não estava convencido, mas também não sabia por que isso importava para mim. Os etéreos nos fizeram passar por um inferno, e pareciam tão desprovidos de sentimentos que causar dor neles deveria ser um prazer. Mas não era. Não tinha vontade nenhuma de matar o etéreo, assim como não tinha vontade nenhuma de matar um animal estranho. Durante o tempo em que conduzi a criatura, me aproximei o suficiente para entender que havia mais em seu interior, e não apenas vazio. Havia uma pequena centelha, uma pequena gota de alma no fundo de um poço profundo. Ele, na verdade, não era etéreo, não de verdade.
Venha, falei, e o etéreo, que estivera se escondendo timidamente no canto, fez a volta em Bentham para chegar à frente da cabine.
Entre.
Eu o senti hesitar. Ele, agora, estava curado, e forte, e se meu controle vaci-

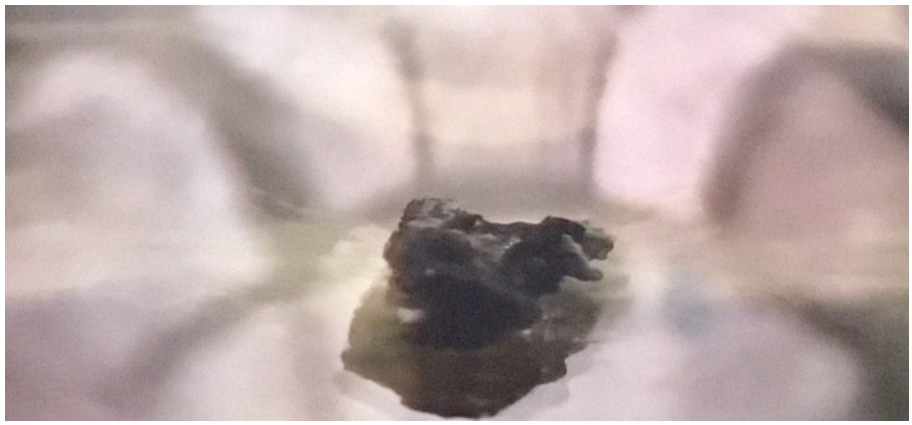
olhei na cara do
assustados, basta
um cacho de figo
tão patético que
a sacrificar um c
punido.
Todos os eté
certo, mas isso n
Empurrei a
enfiou um cadea
da máquina e co
— Você fez
Engrenagens
a vibrar em um
palmas e sorriu.
grito como eu n
— Você diss

RANSOM RIGGS
BIBLIOTECA DE ALMAS
LIVRO III DA SÉRIE
LAR DA SRTA. PEREGRINE
PARA CRIANÇAS PECULIARES









CIÊNCIA E ARTE
imaginário e descoberta
CAUÊ MATOS
ORGANIZADOR

Rizoma: corpos-textos-sentido

Rafaele Paiva (FE-Unicamp) e Silvio Gallo (FE-Unicamp)

Tato , tato, tato , encontro. Som, textura, cheiro. Exploro, exploro, exploro. Uma caixa preta que dilata a sensação de especulação, avoluma a atenção e em conjunto constrói cenários onde coreografam-se encontros, vozes, imagens e ruídos, bordando texturas e textos. Corpos textuais a texturizarem-se sinestesicamente.

O convite:
“O acaso me ampliou para formiga.
Aqui no ermo estrela bota ovo.
Melhoro com meu olho o formato de um peixe.
Uma ave me aprende para inútil.
A luz de um vagalume se reslumbra.
Quero apalpar o som das violetas.
Ajeito os ombros para entardecer.
Vou encher de intumências meu deserto.
Sou melhor preparado para osga.
O infinito do escuro me perena.”

Manoel de Barros

Autores: Rafaele Paiva (FE-Unicamp) e Silvio Gallo (FE-Unicamp)

As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Rafaele Paiva (FE-Unicamp) e Silvio Gallo (FE-Unicamp).

VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.

Anatomia de pesquisas, linhas de crimes

Gabriel de Garcia (UFRJ) e Renato Oliveira (Labjor-Unicamp)

Quais as alianças que atuam nos desequilíbrios em jogo no Antropoceno? Será possível escapar ao controle e às normatizações discursivas que se valem das ideias de verdade, de vida, de corpo? As questões se multiplicam e criam novos problemas, tal qual um interrogatório aberto ao nomadismo, uma investigação incessante de um crime por vir. Em seu texto "A filosofia da Série Noire", Gilles Deleuze havia marcado duas formas de se compreender a relação entre a investigação policial e a investigação filosófica: a primeira se vale da investigação para elucidar uma verdade, restabelecendo um equilíbrio; a outra evita as explicações finais apresentando, em seu lugar, a condição impura e subversiva da própria investigação. Diante das forças reativas que convocam a vida ao inquérito – em meio à iminência da catástrofe -, a atmosfera lúgubre do agora também favorece os conluios que conspiram os gestos de ruptura. Por exemplo: ao recusar o Humano, incorreríamos em um crime? Haveríamos de viver traçando estratégias de fuga, construindo relações que ressoem como apostas éticas da Nova Terra.

Autores: Gabriel de Garcia (UFRJ) e Renato Oliveira (Labjor-Unicamp)

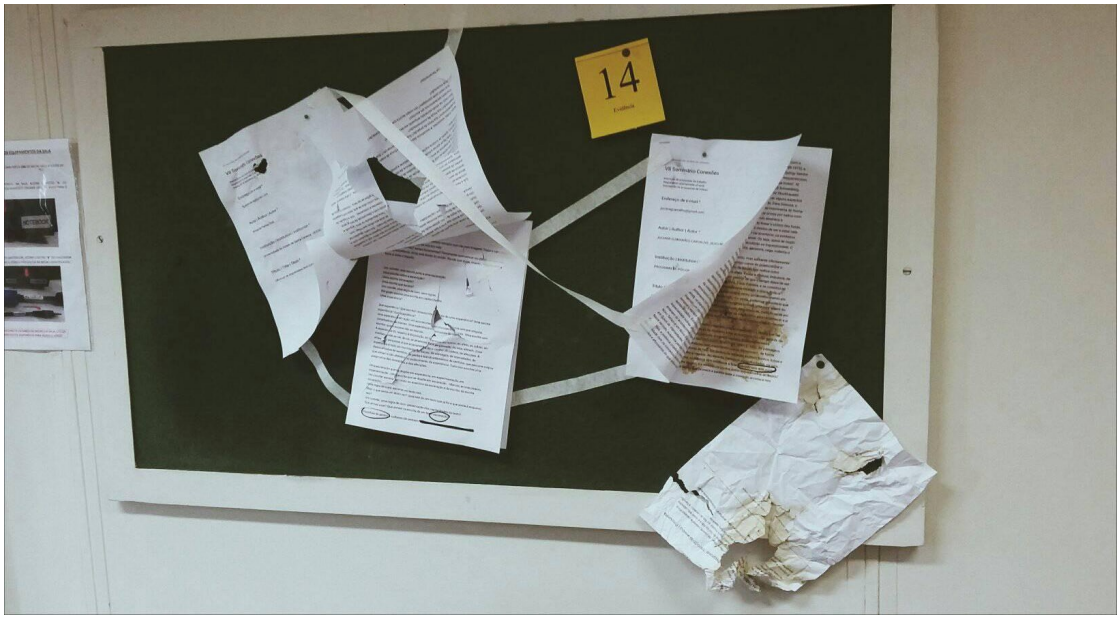
As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Gabriel de Garcia (UFRJ) e Renato Oliveira (Labjor-Unicamp).

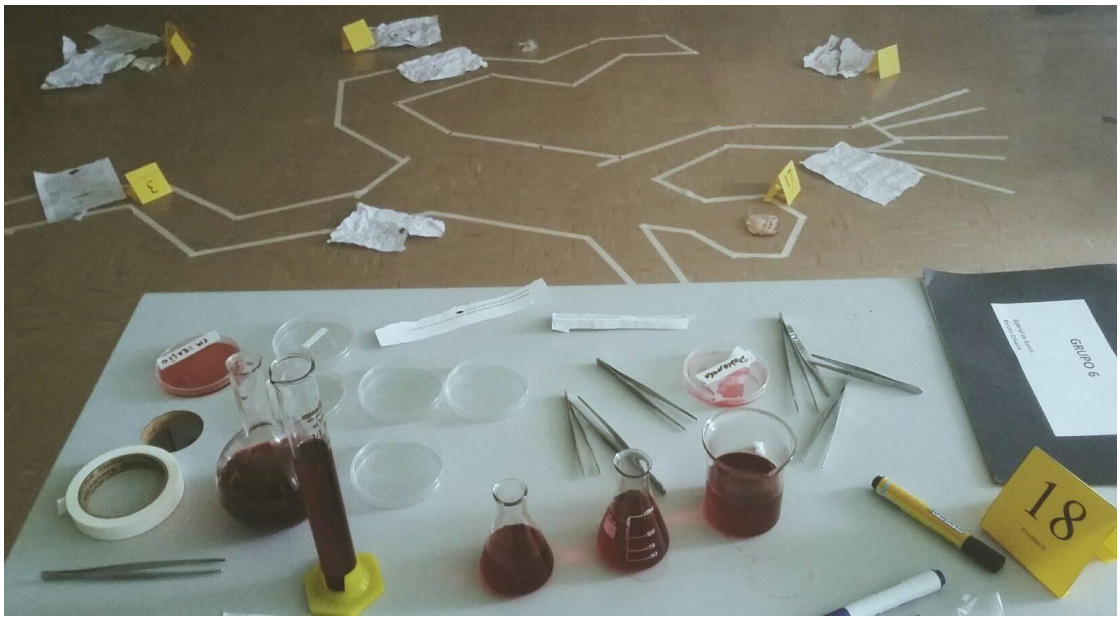
VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.

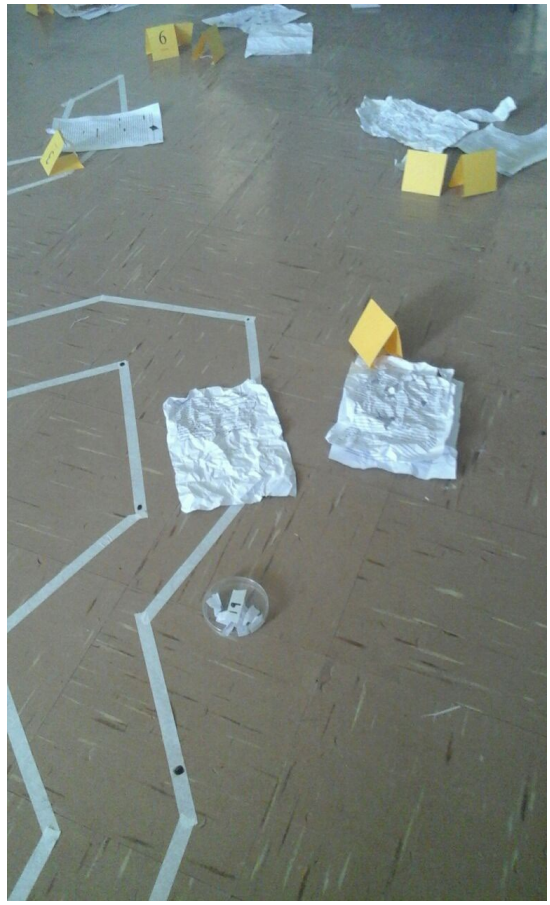

14


GRUPO 6
18

17

17
O CORPO

10
4


6

A vida por um fio

Susana Dias, Tatiana Oliveira, Maria Rita Zamproni e Bordadeiras do Grupo Entrefios e Memórias, coordenado por Marli Wunder e Neusa Aguiar

Propomos nos instalarmos nas negociações entre modos e mundos, a fim de fazer florescer outros arranjos multiespécies como uma necessidade vital para recompor as nossas forças, cientes de que essa recomposição é distinta de uma tentativa de evoluir, desenvolver ou regredir, de que é um esforço de atingir as coisas como processo, passagem, atravessamento, que não tem a ver com uma fusão ou um apaziguamento, mas com tecer uma teia especulativa entremundos e entremodos, sustentando os espaços vazios, mantendo essa tensão provocada pela violência que a invenção de um estar juntos nos impõe. Como não é nada seguro que um corpo vivo funcione em harmonia (Stengers), é necessário compor liames suficientemente soltos a fim de permitir a existência de uma distância e, ao mesmo tempo, possibilitar a formação de uma estrutura rudimentar que não se solte. Com esse intuito, propomos, assim, a construção coletiva de um desenho vivo que nos abra a uma terra desconhecida e amplie a nossa potência de existir. Dispomo-nos a tomar partido e fazer causa comum com as possibilidades vitais que atravessam papéis, palavras, imagens, linhas, seres, coisas, ventos, árvores, folhas, brincadeiras, pedras, forças, criando modos distintos de operar os fios da vida e de prolongá-los continuamente alçando os corpos que compõem essa teia especulativa à mais intensa potência de existir.

Autores: **Susana Dias, Tatiana Oliveira (concepção, coordenação e fotos)**

Maria Rita Zamproni (bolsista iniciação científica júnior e fotos)

Grupo Entrefios e Memórias, coordenado por Marli Wunder e Neusa Aguiar (grupo de bordadeiras convidado para oferecer uma oficina durante o encontro)

Elizabeth Vidal (pesquisadora estrangeira observadora da atividade)

As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Susana Dias (Labjor-Unicamp), Tatiana Oliveira (Labjor-Unicamp), Elizabeth Vidal (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina) e Maria Rita Zamproni (Programa de Iniciação Científica Júnior – Labjor-Unicamp) e as bordadeiras do Grupo Entrefios e Memórias.

VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

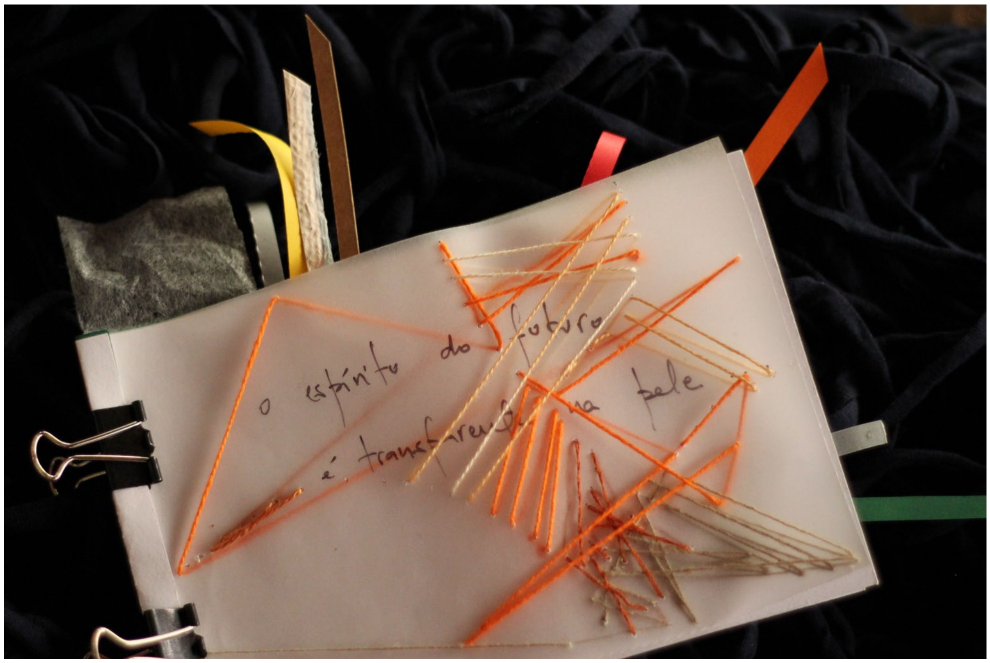
COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.

Projetos: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Mudanças climáticas em experimentos interativos: comunicação e cultura científica (CNPq No. 458257/2013-3); Sub-projeto "Sub-rede Divulgação científica" da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais (convênio Finep/ Rede Clima 01.13.0353-00).

ência dos bons encontros
dependência

No entanto, podemos tentar entender tudo que diz respeito a como o passado nos molda, mas compreendê-lo não quer dizer recuperá-lo. De fato, é esta a pergunta angustiada de David Abram, uma pergunta da qual não temos como escapar apenas apontando para o capitalismo ou a ganância humana: como pode uma cultura tão edificada como a nossa ser tão inconsciente, tão imprudente, em suas relações com o caráter animado da Terra? Abram diz que foi tocado por uma resposta a esta pergunta quando esteve em uma livraria em que havia uma única seção para todos os títulos sobre todas as tradições sagradas e fontes de sabedoria moral do presente e do passado.


o espírito do futuro
pele

Vulnerabilidade corajosa – como fazer da fragilidade uma força de vida

Carolina Cantarino, Carlos Martins, Sara Melo e Sandra Murriello

Experimentar uma performance/instalação coletiva a partir de procedimentos e práticas que componham gestos e movimentos de leveza com diversas superfícies/corpos/materiais: imagens, papéis, sons, folhas de árvores, ventos, barro, tecidos, peles … Experimentar a impermanência dos encontros ao longo do dia, suscitando momentos-criação de relações a serem abandonadas e (re) criadas novamente… Reinventar relações para que elas não se estabilizem… Reinvenção catalisada pela pergunta: quais relações somos capazes de criar?

Concepção e coordenação: Carolina Cantarino (FCA-Unicamp), Carlos Martins (Unesp-Rio Claro), Sara Melo (FE-Unicamp) e Sandra Murriello (Universidad Nacional de Río Negro, Bariloche)

Convidadas: Cibele Ribeiro (artista da dança) e Juliana Pires de Arruda Leite (FCA-Unicamp)

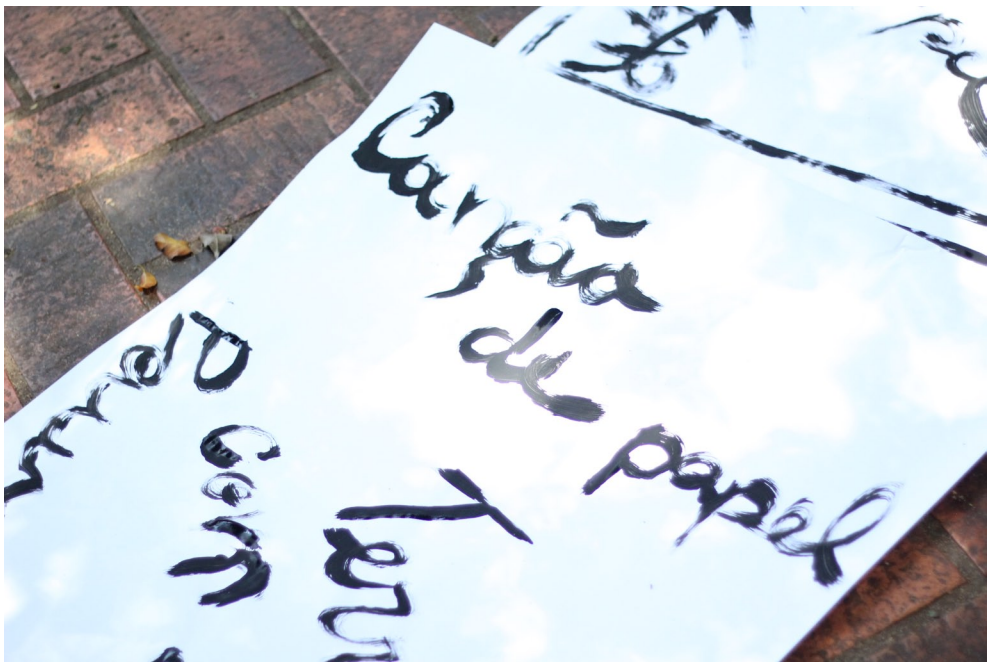
As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Carolina Cantarino (FCA-Unicamp), Carlos Martins (Unesp-Rio Claro), Sara Melo (FE-Unicamp) e Sandra Murriello (Universidad Nacional de Río Negro, Bariloche).

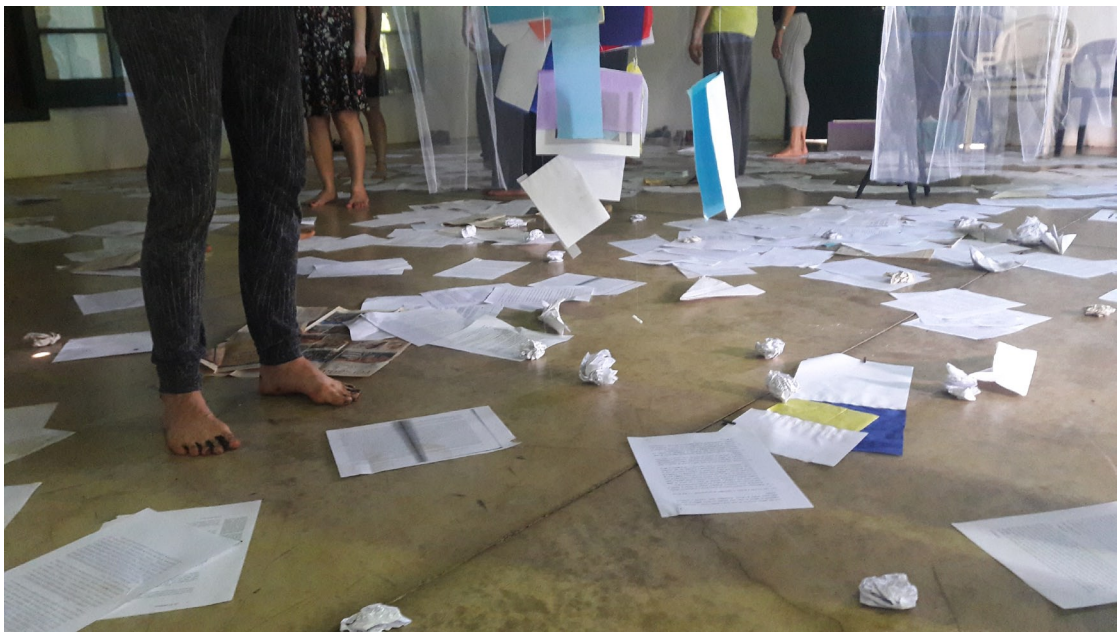
VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

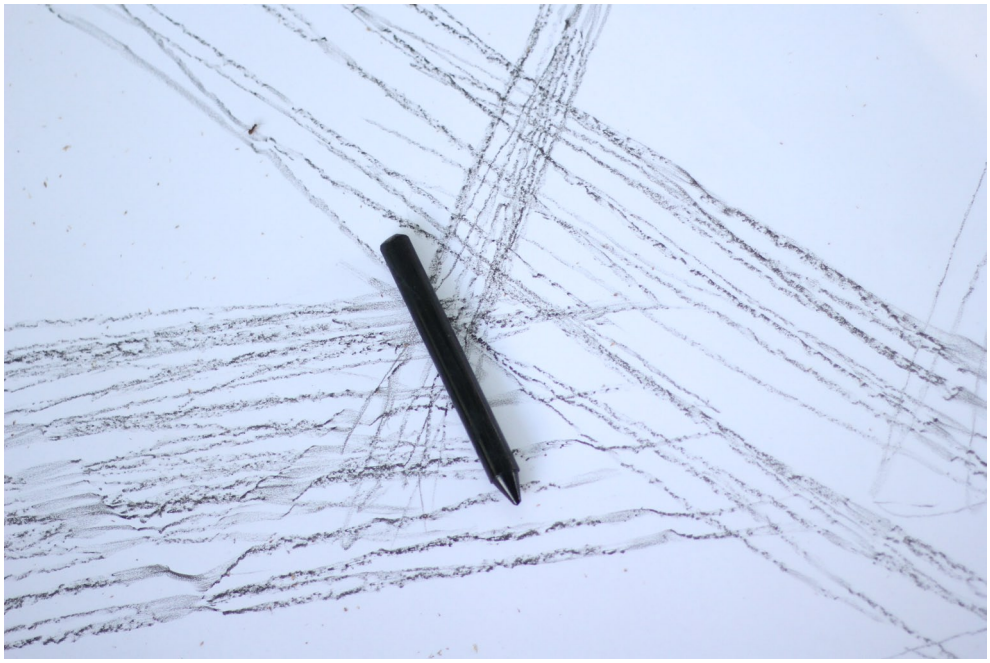
IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.







Imediations of an aberrant language

Érica Speglich, Marko Monteiro, Bruno Moraes e Michele Gonçalves

Considering that we are a group of people who speak different languages, we propose that we develop our work on the edge: the limits of a (mis)understanding, which can promote the creation of other languages, if taken as a force. Betrayed and betraying languages, hybridized with other words, or non-words, and with different kinds of materials, surfaces, ways of working and feeling, creating possibilities of new ways of talking (maybe communicating) our researches.

TÍTULO: Imediações de uma língua aberrante

Tendo como ponto de partida o grupo formado por pessoas que falam diferentes línguas, propomos um trabalho no limite. Limite de (des)entendimento que, utilizado como força, pode fomentar a criação de outras línguas. Línguas traídas e que traem, hibridizadas com outras palavras, sem palavras, com outros materiais, superfícies, modos de fazer e de sentir, criando outras maneiras de dizer (seria comunicar?) as pesquisas.

Autores: **Érica Speglich (FE-Unicamp), Marko Monteiro (IG-Unicamp), Bruno Moraes (Labjor-Unicamp) e Michele Gonçalves (UFSC)**

As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Érica Speglich (FE-Unicamp), Marko Monteiro (IG-Unicamp), Bruno Moraes (Labjor-Unicamp) e Michele Gonçalves (UFSC).

VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

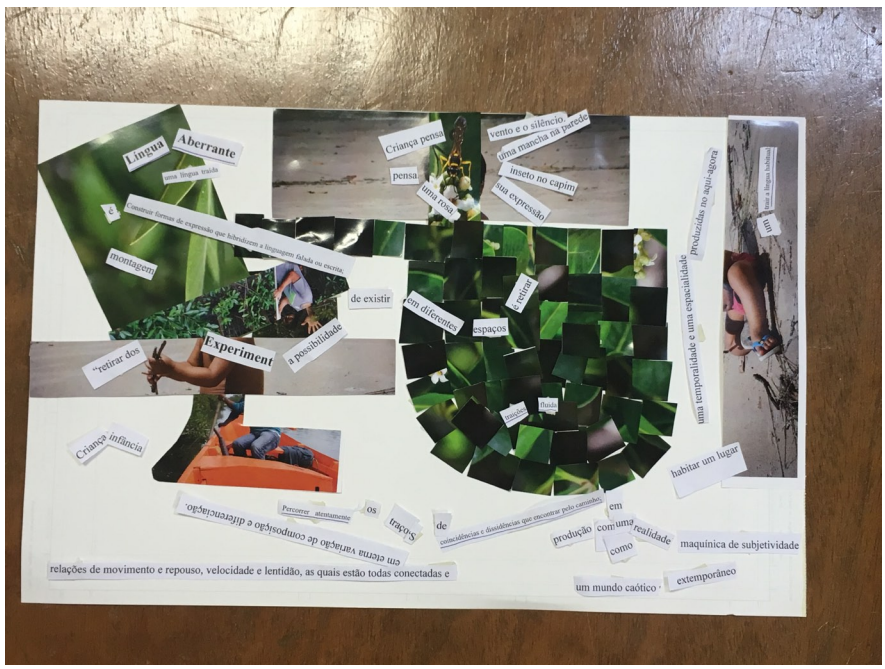
IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

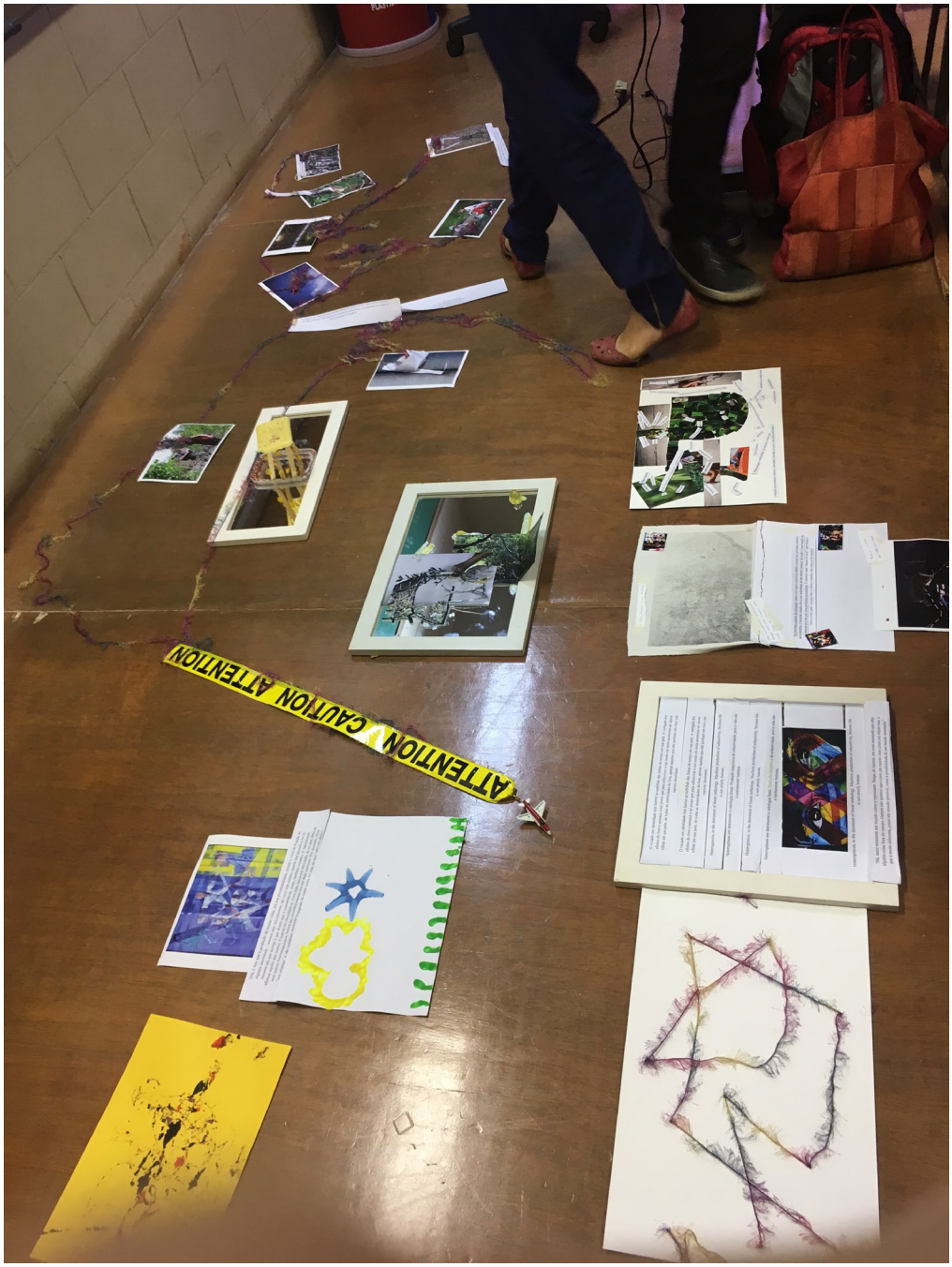
COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

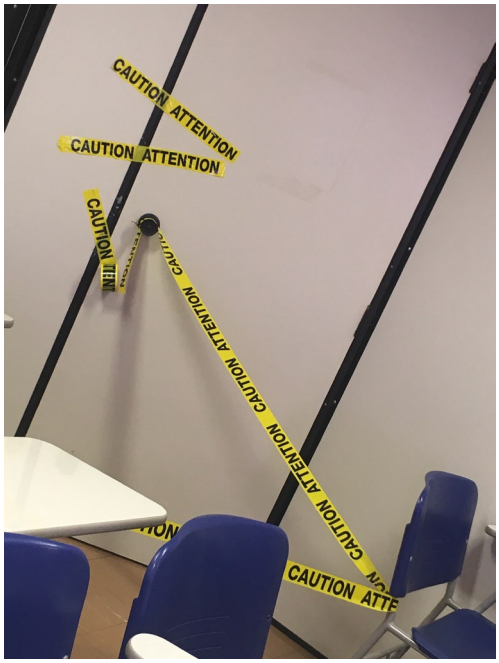
PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.

AUTION

ATTENTION CAUTION ATTENTION
CAUTION ATTENTION CAUTION


Língua
Aberrante
uma língua traída
é
Construir formas de expressão que hibridizem a linguagem falada ou escrita;
montagem
Criança pensa
pensa
uma rosa
vento e o silêncio.
uma mancha na parede
inseto no capim
sua expressão
de existir
em diferentes
espaços
e retirar
a possibilidade
"retirar dos
Experiment
Criança infância
produzidas no aqui-agora
uma temporalidade e uma espacialidade
habitar um lugar
em eterna variação de composição e diferenciação.
Percorrer atentamente
os
S-ãs
de
coincidências e dissidências que encontrar pelo caminho.
em
produção
com uma
realidade
como
maquínica de subjetividade
relações de movimento e repouso, velocidade e lentidão, as quais estão todas conectadas e
um mundo caótico
extemporâneo


ATTENTION CAUTION ATTENTION


CAUTION ATTENTION
CAUTION ATTENTION
CAUTION ATTENTION CAUTION ATTENTION CAUTION
CAUTION ATTE

BAC
CONSTRUCTION
AXYGEN
Quality
LICOR

Conexões entre manguezais e (des)territórios (des) conhecidos

Davina Marques, Alda Romaguera e Carlos Silva

Dá-me um barco [...] E tu para que queres um barco [...].
Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem,
Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso,
como se tivesse na sua frente um louco varrido [...],
A ilha desconhecida, repetiu o homem,
Disparate [...], Estão todas nos mapas,
Nos mapas só estão as ilhas conhecidas [...]

José Saramago

Autores: Davina Marques (IFSP), Alda Romaguera (Uniso) e Carlos Silva (UFPA)

As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Davina Marques (IFSP), Alda Romaguera (Uniso) e Carlos Silva (UFPA).

VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

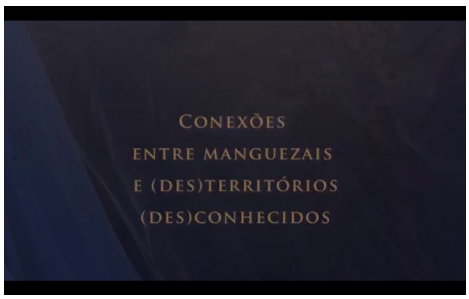
IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

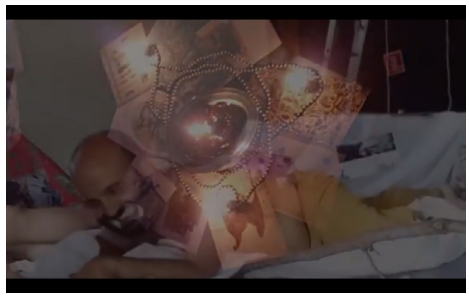
COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9006





Escritas labirínticas

Leandro Guimarães, Gustavo Torrezan e Glauco Silva

Em “Os detetives selvagens”, de Roberto Bolaño, nada é evidente, claro, preciso. Há invisibilidades. Há uma gambiarra proposta para montarmos algumas conexões que nos permitem tecer algo (im)pertinente. Convidamos você a experimentar-se como um detetive selvagem, embarcar na gambiarra proposta e compor corporalmente em palavras e imagens um grito, um silêncio, um sussurro, um rumor.

Autores: **Leandro Guimarães (UFSC), Gustavo Torrezan (Sesc-São Paulo) e Glauco Silva (FE-Unicamp e multiTÃO)**

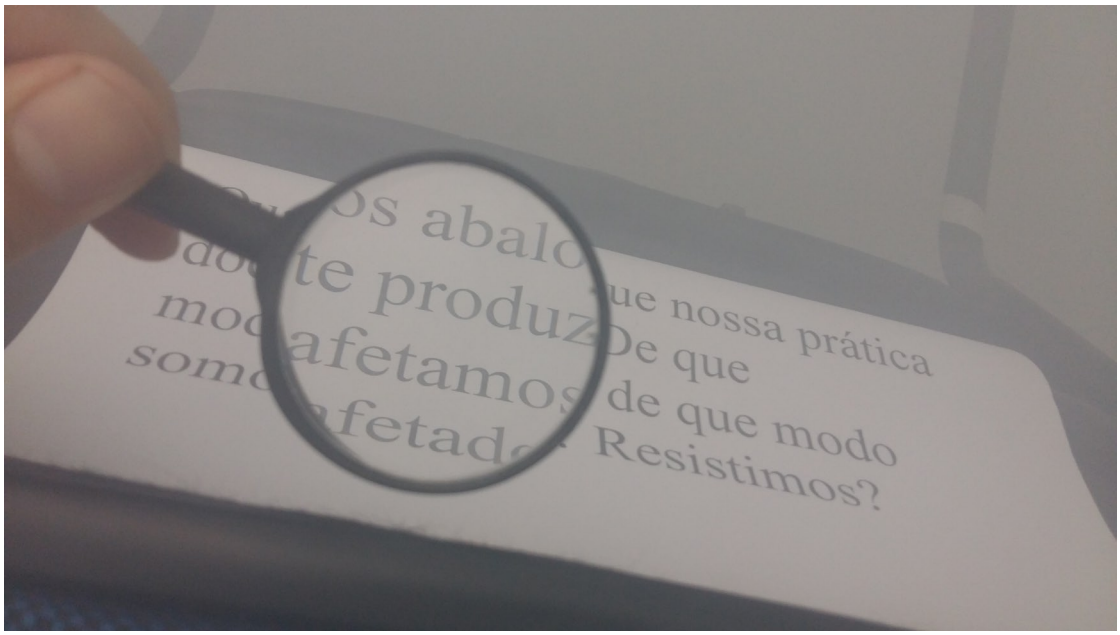
As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Leandro Guimarães (UFSC), Gustavo Torrezan (Sesc-São Paulo) e Glauco Silva (FE-Unicamp e multiTÃO).

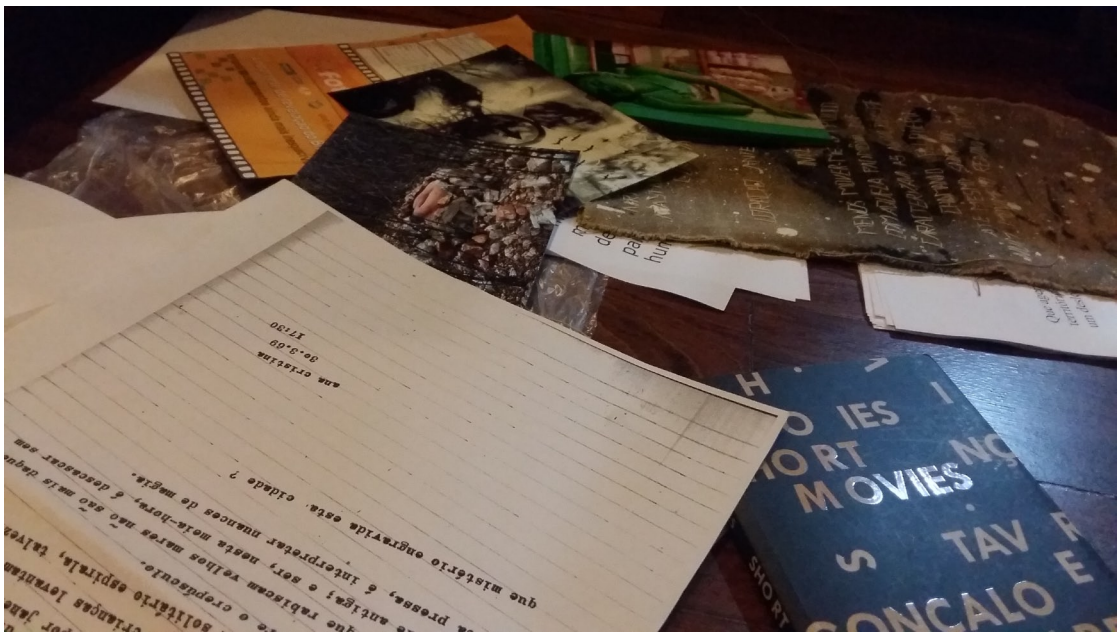
VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

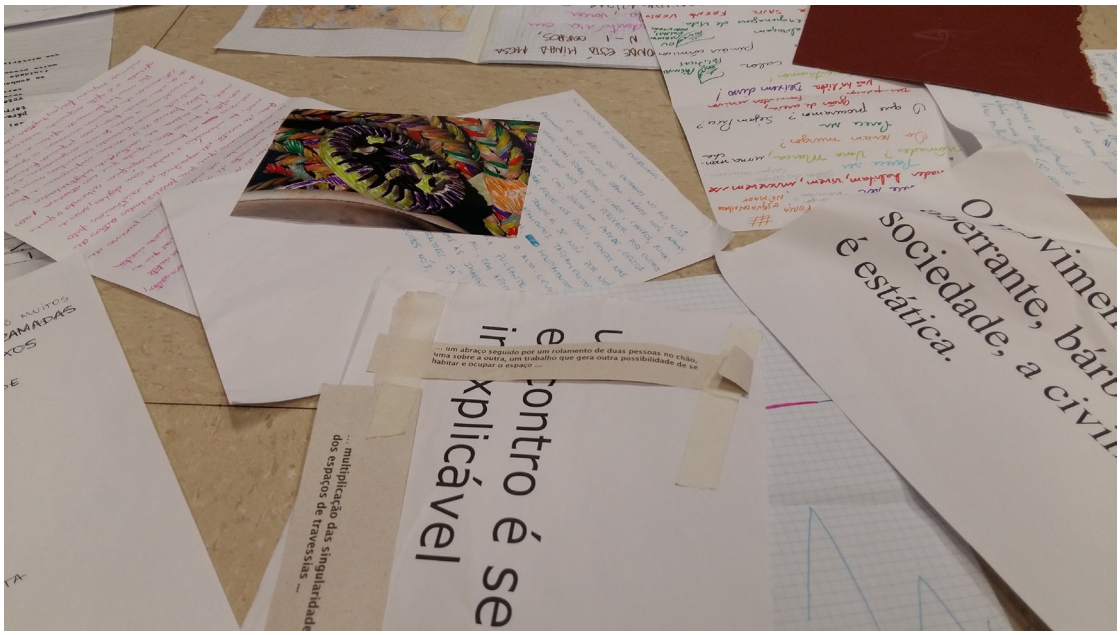
COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

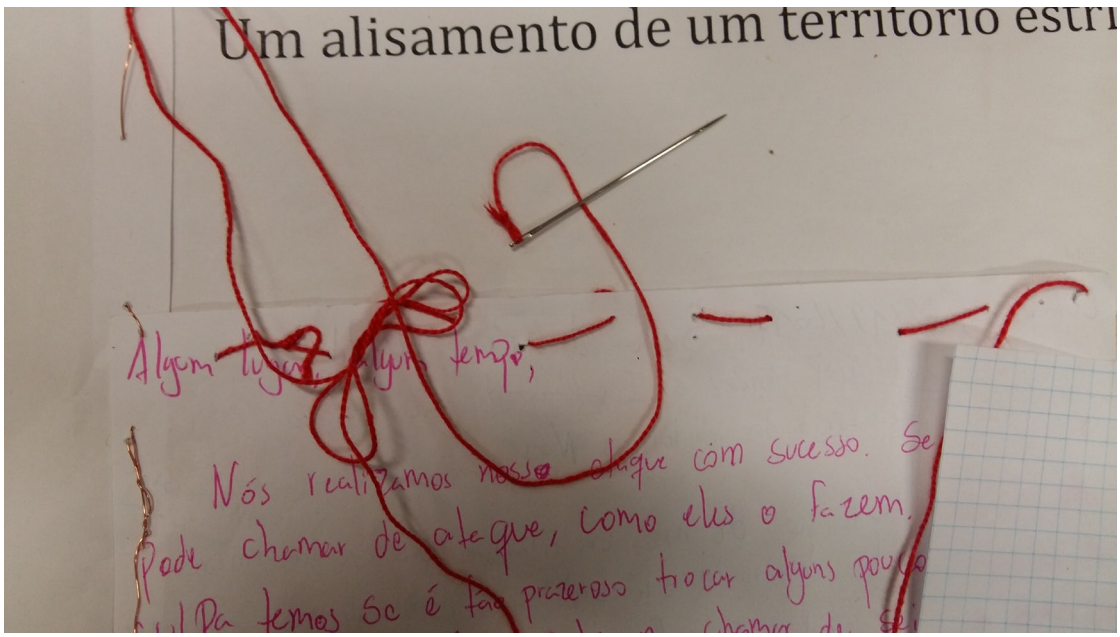
PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.


ue nossa prática
e que
de que modo
Resistimos?


MOVIES

MEIOS
IDEIAS EM FLUXO
RUPTURAS
ABRA JANELAS
CORPORAIS


... um abraço seguido por um rolamento de duas pessoas no chão, uma sobre a outra, um trabalho que gera outra possibilidade de se habitar e ocupar o espaço ...
... multiplicação das singularidades dos espaços de travessias ...
sociedade, a civi
é estática.


Um alisamento de um territorio estri
Nós realizamos nosso ataque com sucesso. Se
pode chamar de ataque, como eles o fazem.
temos Se é

Nova terra: construção comum em terreno movediço

Wenceslao Oliveira Jr., Isaltina Gomes, Ana Carolina Costa e Lavínia Rangel

Lugar, ambiente, terreno como encontro.

Desejo de tatear o terreno, aquilo que escapa do humano: áspero, sensorial, difícil… e ao mesmo tempo comum.

Experimentar percursos desviantes entre palavras e imagens e materiais contáveis, moldáveis, naturais, culturais e…

Construção comum do porvir… nova terra em terreno movediço.

Espaço que se move e se dobra no pensamento em proliferação entre corpos humanos e inumanos.

Autores: **Wenceslao Oliveira Jr. (FE-Unicamp), Isaltina Gomes (UFP), Ana Carolina Costa (FE-Unicamp) e Lavínia Rangel (Programa de Iniciação Científica Júnior – Labjor-Unicamp)**

As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Wenceslao Oliveira Jr. (FE-Unicamp), Isaltina Gomes (UFP), Ana Carolina Costa (FE-Unicamp) e Lavínia Rangel (Programa de Iniciação Científica Júnior – Labjor-Unicamp).

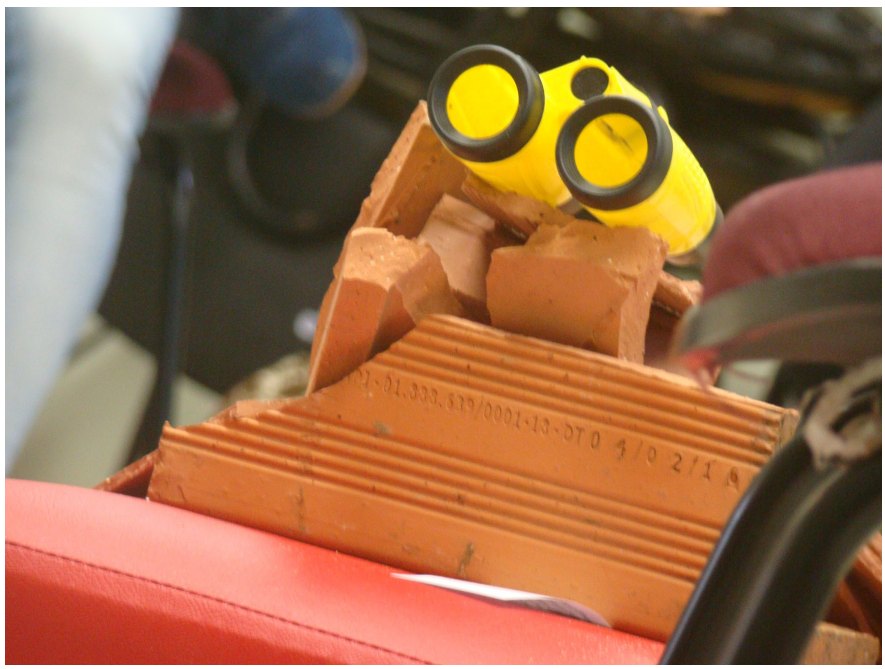
VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

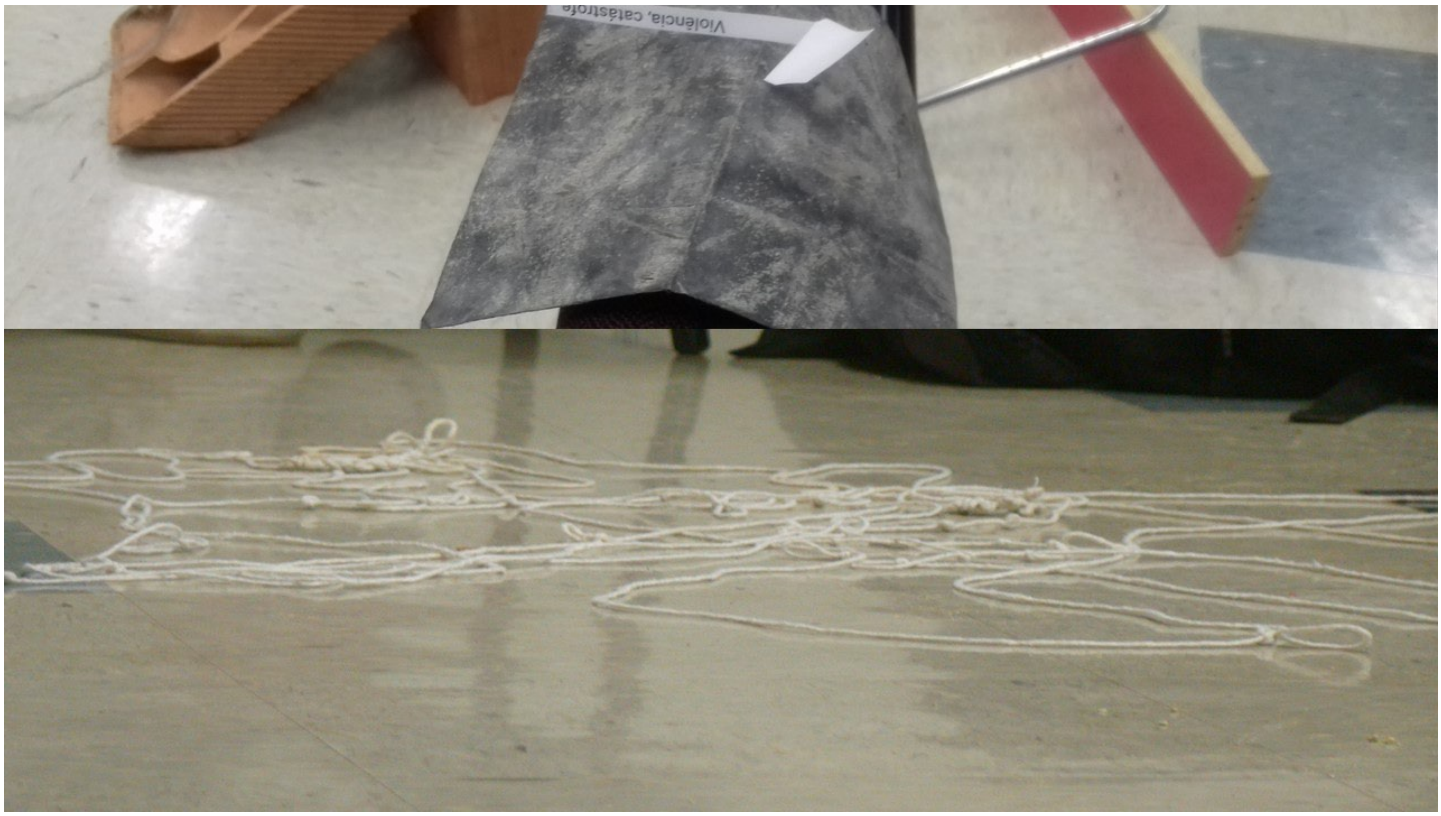
COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.

DESCOLA
MEU



tentativa de representar um lugar
é, mermão! vaza daqui
prestação


Violência, catástrofe

Camadas (im)pulso

Marcus Novaes, Maria dos Remédios e Jairo Perin Silveira

A composição “Camadas (im)pulso” é o resultado de um encontro entre pesquisadores de diferentes áreas (Educação, Arquitetura, Música, Filosofia, Antropologia…) em uma proposta das Imediações Aberrantes, durante o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e…, realizado na Unicamp em novembro de 2017.

Essa composição é o resultado de um triplo processo: 1- imersão dos pesquisadores em meio sonoro em que, através do uso de instrumentos não tradicionais, buscassem criar uma atmosfera musical, 2- apresentação das propostas dos pesquisadores enviadas para o seminário e a tentativa de se compor sonoramente algo comum entre elas; 3- edição das gravações sonoras e composição do som Camadas (im)pulso.

Partiu-se do princípio de que, para se alcançar a música, era necessário criar um pulso, uma Nova Terra que surgisse em meio ao caos. A busca por um pulso atrelou-se à vontade de criar um movimento e, assim, compor um diálogo. Trata-se, no entanto, de um diálogo pré-estrutural, que acontece em conjunto ou, simplesmente, não acontece. Dentro dessa experimentação, criou-se momentos de perguntas e respostas, ora ouvidas ora silenciadas, abafadas, sobrepostas.

Desse encontro de ruídos, barulhos e silêncios que incorporaram possíveis diálogos, constituíram-se vários tipos de camadas, que poderiam ou não flertar com a linguagem musical estruturada. Camadas de sons que oscilavam entre forte e fraco, entre o liso e estriado.

Ressalta-se que ao não se dar um privilégio exclusivo à música ou à arte já estruturada, ou à “verdade” da música, apostou-se no sentir, no afeto entre um som e outro e a potência de fragmentos se metamorfosearem em música.

Convidado para essa sessão do Conexões, o maestro Jairo Perin buscou amalgamar esses diferentes sons e possibilitar a construção de um comum que pulsasse e circulasse entre os componentes sonoros que eram tocados pelos participantes. De modo que os diferentes estímulos fossem recebidos e passassem de um lugar a outro, pulando de ideia em ideia, oscilando gradualmente entre níveis de ritmos e melodias.

Assim, o movimento musical constituiu-se em uma transversal que incorporou aspectos minimalistas dos sons produzidos pelos participantes nessa busca constante por um pulso.

A escolha de instrumentos não formais e feitos de objetos cotidianos (tubos de pvc, tampinhas de garrafa, metais…) propiciaram tanto uma atmosfera mais intimista, já que pouco participantes tinham um alto nível de especialidade musical, como estabeleceram uma relação mais primitiva, como pode ser evidenciado na relação de batimentos 3/2, característica comum a antigos povos africanos, latino-americanos, asiáticos… Essa característica de um som mais primitivo foi trabalhada com sequências minimais em camadas: por timbres, harmonias, groves…

Philip Glass[1], ícone do minimalismo, conta-nos que sua inspiração para a música vem das associações feitas com outros elementos, como: movimento, texto, imagem e música. Isso significaria que a inspiração para a música não vem da própria linguagem musical, mas de algo externo a música.

Esse encontro durante o VII Conexões foi pensado de maneira similar a proposta de Glass, buscou pensar musicalmente os textos, imagens, sons e performances das propostas dos pesquisadores. Alguns conseguiram incorporar suas propostas na primeira parte do encontro, gerando uma primeira gravação de áudio; outros necessitaram apresentá-las em uma segunda parte, em que, a partir do encontro entre palavras, sons, imagens e vídeos, as propostas metamorfosearam-se em fragmentos, dando origem a uma segunda gravação de áudio.

O áudio Camadas (im)pulso é um composto entre camadas de fragmentos dos dois áudios gravados durante o encontro, resultando em um trabalho bastante experimental e que, talvez, privilegie mais um processo educativo artístico afastado de um saber pronto, do que um trabalho artístico que prima por peculiaridades de uma verdade sobre a arte.

[1] Canal Fronteiras do Pensamento: (https://www.youtube.com/watch?v=kORX7MCq8eQ, acesso 12/02/2018)

Proposta: O que pode um experimento sonoro coletivo? O que podem ruídos coletivos? Como habitar os espaços extensivos e intensivos? Que sons nos atravessam? Como compor paisagens sonoras que possam gerar conhecimentos de um habitat? O que pode a criação de sons …? O que eles dizem e solicitam e silenciam?

Texto e proposta:

Maria dos Remédios de Brito (UFPA)

Marcus Novaes (Unicamp)

Jairo Perin Silveira (maestro convidado)

Concepção da trilha sonora:

Marcus Pereira Novaes

Jairo Perin Silveira

Maria dos Remédios de Brito

Amilton Pelegrino de Mattos

Daniela Franco Carvalho

Marcos Ribeiro de Santana

Juciara Guimarães Carvalho

Marcos Vinícius Amaral Ribeiro

Maria Fernanda Novo

Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello

Rosemari Formento Bonickoski

Diana Sueli Vasselai Simão

Gicele Maria Cervi

Lídia Lobato Leal

As Imediações Aberrantes foram pensadas como um forma de se produzir um comum, inventar modos de estar junto entre as propostas de trabalhos enviadas para o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… Buscou-se fazer dos papers, obras, projetos etc. material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Assim, durante um período de oito horas, pesquisadores de diversas áreas, que enviaram trabalhos a serem apresentados no seminário e aceitaram o convite, participaram de uma proposta onde os Imediadores em dez diferentes grupos arrastaram uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Este resumo diz desse trabalho, onde os imediadores responsáveis do grupo foram: Maria dos Remédios de Brito (UFPA) e Marcus Novaes (Unicamp), além do maestro convidado Jairo Perin Silveira.

VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…: 27 a 29|11|2018 na Universidade Estadual de Campinas

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28|11|2018

COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

PROMOÇÃO: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Faculdade de Educação da Unicamp; grupos de pesquisa multiTÃO e Humor Aquoso.

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=8843

Imediações aberrantes

Susana Dias e Sebastian Wiedemann (coordenação geral)

Poderíamos dizer que se tratou de uma proposta um tanto audaz, um tanto imprópria, um tanto indisciplinada, um tanto a contracorrente. Ou ainda, que foi a tentativa de inventar modos de estar juntos, de instaurar um comum que nos obriga a fazer de nossos campos de saber e conhecimento, de nossos papers e obras, de nossas práticas, sejam estas acadêmicas, artísticas ou informais, um árduo preparo que possa e até, talvez deva, ser esquecido na hora de estar efetivamente presente, pois nosso lugar de fala – sou doutor, estou fazendo pós-graduação, sou pesquisador, sou artista, sou sei lá o que – não podem ser nosso fundamento, mas sim o germe de um des-fundamento porvir. Saber, antes de tudo, para abrir um não saber, para abrir um movimento idiota, para deixar de ser o que se era, para perceber que avançar no pensamento não é uma questão de consciência de um sujeito, mas sim de um movimento coletivo e anônimo. De um anonimato que avança entre anomalias, de um não se reconhecer. Não pedimos apresentações-comunicações, não pedimos que sejam o que já são, o que um paper ou uma obra apresentam como resultado final, mas sim que estejam efetivamente presentes a composições porvir, fazendo deles – dos papers, das obras, do que for – material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Fazer de tudo um experimento, uma experimentação que joga ao fundo do mar os a priori. Fazer de Imediações aberrantes um experimento, uma experimentação onde blocos de trabalho em composições impensadas e coletivas nos lembrem que o VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e… não só pode ser um intercessor potente que nos ajude a complicar e problematizar o pensamento, mas também que nos ajude a fazer corpo entre comunidades de pensamentos díspares, onde percebamos que somos pouco mais que um espectro anônimo e anômalo, que se dizendo qualquer um, tenta dar tudo de si para continuar, para fazer com que o mundo continue. Imediações aberrantes não sabemos ao certo o que são, pois elas se dispõem como campos de criação coletiva para tempos que ainda não estão aqui mas intuímos. Não podemos dizer de antemão o que elas podem. O único que provisoriamente podemos declarar é que não são sessões de comunicações de um congresso no sentido tradicional, nem lugares onde mediadores articulam ou tencionam relações já esperáveis e esclarecedoras entre trabalhos, mas sim onde Imediadores arrastam uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável. Os mediadores que coordenaram cada grupo (10 grupos no total) tiveram a liberdade e convicção de fazer do lugar a ambiência o mais aberrante possível para que o conforto de uma sala habitual de conferências com orientações e cenografias, já muito claras e distintas, não se impusesse. Cada grupo, pode se reunir dentro ou fora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), num lugar aberto e/ou fechado, e fez desse "onde" algo que está se fazendo, e não um dado. Propondo ocupações não

convencionais das salas de aula com um labirinto de fumaça, uma cena de crime, uma catástrofe; proliferando relações por espaços não usuais para os grupos de trabalho de um congresso como um cinema, um laboratório de genética, um teatro, um jardim; convidando outras pessoas e práticas para estar junto, como bordadeiras, dançarinos, cientistas e músicos. Imediações aberrantes não é um movimento de individualidades que se compõem, mas sim um movimento de matilha. Daí que não houve horários para apresentações individuais e sim um dia de trabalho coletivo que se desdobrou em passagens e variações as mais inesperadas. O estar junto de composições coletivas foi proposto das 9h às 17h no dia 28 de novembro de 2018, sendo que se almejou que o tempo-espaço do almoço também fosse um momento de compartilhamento. *Mussorgsky, considerado o gênio do movimento nacionalista russo, foi autodidata e pelo fato de não conhecer bem as regras e normas acadêmicas da música ocidental, compôs com extrema liberdade e originalidade. Segundo Otto Maria Carpeaux (1977, p. 356), a capacidade de Mussorgsky de "pintar os sons" o fez criar a suíte "Quadros de uma Exposição" (1873) em que, inspirado por uma exposição de desenhos do arquiteto Viktor Hartmman. Mussorgsky, escolheu dez telas expostas em uma galeria em São Petesburgo, compondo uma música para cada um dos quadros que foram interligados por um tema central e quatro variações, sendo este tema denominado de "promendade" e representando o trajeto dos visitantes pela mostra.

VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…

IMEDIAÇÕES ABERRANTES: 9h às 17h no dia 28 de novembro de 2018

COORDENAÇÃO GERAL: Susana Dias e Sebastian Wiedemann

COORDENADORES DE CADA GRUPO:

Imediações Grupo 1
Prof Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Jr (FE-Unicamp), Profa. Dra. Isaltina Mello Gomes (UFP), Ana Carolina Costa (FE-Unicamp) e Lavínia Rangel (Programa de Iniciação Científica Júnior-Labjor-Unicamp)

Imediações Grupo 2
Profa. Dra. Davina Marques (IFSP), Profa. Dra. Alda Romaguera (Uniso) e Carlos Augusto Silva (UFPA)

Imediações Grupo 3
Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães (UFSC), Dr. Gustavo Torrezan (Unicamp) e Ms. Glauco Roberto (Labjor-Unicamp)

Imediações Grupo 4
Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito (UFPA) e Ms. Marcus Novaes (FE-Unicamp)

Imediações Grupo 5
Prof. Dr. Silvio Gallo (FE-Unicamp) e Rafaele Paiva (FE-Unicamp)

Imediações Grupo 6
Prof. Dr. Gabriel Cid Garcia (UFRJ) e Dr. Renato Oliveira (Labjor-Unicamp)

Imediações Grupo 7

Dra. Érica Speglich (FE-Unicamp), Prof. Dr. Marko Monteiro (IG-Unicamp), Ms. Michele Gonçalves (UFSC) e Ms. Bruno Moraes (Labjor-Unicamp)

Imediações Grupo 8
Prof. Dr. Carlos Martins (Unesp), Profa. Dra. Carolina Cantarino Rodrigues (FCA-Unicamp), Profa. Dra. Sandra Murriello (Universidad Nacional de Río Negro-Bariloche-Argentina) e Ms. Sara Melo (FE-Unicamp)

Imediações Grupo 9
Profa. Dra. Susana Oliveira Dias (Labjor-Unicamp), Ms. Tatiana Plens (Labjor-Unicamp), Maria Rita Zamproni (Programa de Iniciação Científica Júnior-Labjor-Unicamp) e Bordadeiras do Grupo Entrefios e Memórias, coordenado por Marli Wunder e Neusa Aguiar

Imediações Grupo 10
Prof. Dr. Eduardo Pellejero (UFRN) e Dra. Vivian Marina (Labjor-Unicamp)

Colagens produzidas pelo coletivo multiTÃO

Ana Carolina Costa

Lavínia Rangel

Maria Rita Zamproni

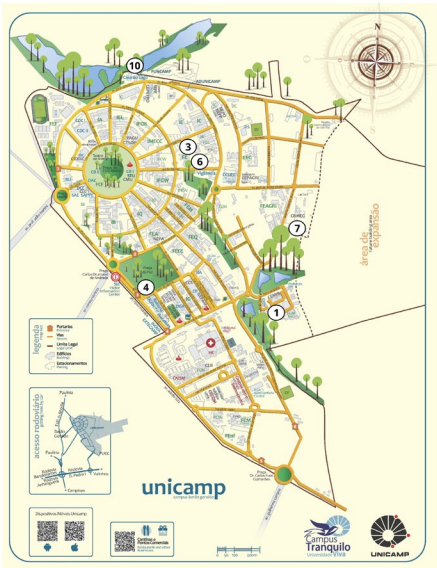
Sara Melo

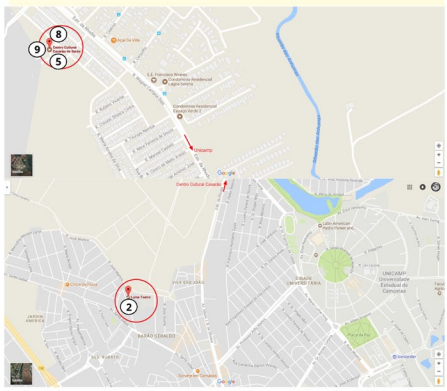
Renato Oliveira

Tatiana Oliveira

Sebastian Wiedemann

Susana Dias





VII Seminário Conexões Deleuze

Imediações Aberrantes

9h às 17h

Poderíamos dizer que é uma proposta um tanto audaz, um tanto imprópria, um tanto indisciplinada, um tanto a contracorrente. Ou ainda, que é a tentativa de inventar modos de estar juntos, de instaurar um comum que nos obriga a fazer de nossos campos de saber e conhecimento, de nossos papers e obras, de nossas práticas, sejam estas acadêmicas, artísticas ou informais, um árduo preparo que possa e até, talvez, deva, ser esquecido na hora de estar efetivamente presente, pois nosso lugar de fala - sou doutor, estou fazendo pós-graduação, sou pesquisador, sou artista, sou sei lá o que - não podem ser nosso fundamento, mas sim o germe de um des-fundamento porvir. Saber, antes de tudo, para abrir um não saber, para abrir um movimento idiota, para deixar de ser o que se era, para perceber que avançar no pensamento não é uma questão de consciência de um sujeito, mas sim de um movimento coletivo e anônimo. De um anonimato que avança entre anomalias, de um não se reconhecer. Não pedimos apresentações-comunicações, não pedimos que sejam o que já são, o que um paper ou uma obra apresentam como resultado final, mas sim que estejam efetivamente presentes a composições porvir, fazendo deles - dos papers, das obras, do que for - material a ser devorado, a se tornar condição generativa e genética de vida e variação, de se-estar-fazendo. Fazer de tudo um experimento, uma experimentação que joga ao fundo do mar os a priori. Fazer de Imediações aberrantes um experimento, uma experimentação onde blocos de trabalho em composições impensadas e coletivas nos lembrem que Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e... não só podem ser intercessores potentes que nos ajudem a complicar e problematizar o pensamento, mas também que nos ajudem a fazer corpo entre comunidades de pensamentos díspares, onde percebamos que somos pouco mais que um espectro anônimo e anômalo, que se dizendo qualquer um, tenta dar tudo de si para continuar, para fazer com que o mundo continue. Imediações aberrantes não sabemos ao certo o que são, pois elas se dispõem como campos de criação coletiva para tempos que ainda não estão aqui, mas que intuímos. Não podemos dizer de antemão o que elas podem. O único que provisoriamente podemos declarar é que não são sessões de comunicação no sentido tradicional, nem o lugar onde um mediador articula ou tenciona relações já esperáveis e esclarecedoras entre trabalhos, mas sim onde Imediadores arrastam uma coletividade ao acaso, à contingência, ao imprevisível de um encontro, de um estar juntos, de um comum, pouco mensurável ou identificável.

2017
28 Nov

Grupo 1 – Labeurb

Mediadores: Wenceslao Oliveira Jr., Isaltina Gomes, Ana Carolina Costa e Lavínia Rangel.

Lugar, ambiente, terreno como encontro. Desejo de tatear o terreno, aquilo que escapa do humano: áspero, sensorial, difícil... e ao mesmo tempo comum. Experimentar percursos desviantes entre palavras e imagens e materiais contáveis, moldáveis, naturais, culturais e... Construção comum do porvir... nova terra em terreno movediço. Espaço que se move e se dobra no pensamento em proliferação entre corpos humanos e inumanos.

Grupo 2 – Lume Teatro

Mediadores: Davina Marques, Alda Romaguera e Carlos Silva

Conexões entre manguezais e (des)territórios (des)conhecidos

Dá-me um barco [...] E tu para que queres um barco [...]. Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem. Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido [...]. A ilha desconhecida, repetiu o homem. Disparate [...]. Estão todas nos mapas. Nos mapas só estão as ilhas conhecidas [...]
José Saramago

Grupo 3 – Faculdade de Educação

Mediadores: Leandra Guimarães, Gustavo Torrezan e Glauco Silva

Escritas labirínticas

Em "Os detetives selvagens", de Roberto Bolaño, nada é evidente, claro, preciso. Há invisibilidades. Há uma gambiarra proposta para montarmos algumas conexões que nos permitem tecer algo (im)pertinente. Convidamos você a experimentar-se como um detetive selvagem, embarcar na gambiarra proposta e compor corporalmente em palavras e imagens um grito, um silêncio, um sussurro, um rumor.

Grupo 4 – Labjor

Mediadores: Maria dos Remédios e Marcus Novaes

O que pode um experimento sonoro coletivo? O que podem ruídos coletivos? Como habitar os espaços extensivos e intensivos? Que sons nos atravessam? Como compor paisagens sonoras que possam gerar conhecimentos de um habitat? O que pode a criação de sons ...? O que eles dizem e solicitam e silenciam?

Grupo 5 – Centro Cultural Casarão

Mediadores: Silvio Gallo e Rafaele Paiva

Tato , tato, tato , encontro. Som, textura, cheiro. Exploro, exploro, exploro. Uma caixa preta que dilata a sensação de especulação, avoluma a atenção e em conjunto constrói cenários onde coreografam-se encontros, vozes, imagens e ruídos, bordando texturas e textos. Corpos textuais a texturizarem-se sinestesicamente.

"O acaso me ampliou para formiga.
Aqui no ermo estrela bota ovo. Melhoro com meu olho o formato de um peixe. Uma ave me aprende para inútil. A luz de um vagalume se reslumbra. Quero apalpar o som das violetas. Ajeito os ombros para entardecer. Vou encher de intumências meu deserto. Sou melhor preparado para osga. O infinito do escuro me perena."
Manoel de Barros

Grupo 6 – Faculdade de Educação

Mediadores: Gabriel de Garcia e Renato Oliveira

Quais as alianças que atuam nos desequilíbrios em jogo no Antropoceno? Será possível escapar ao controle e às normatizações discursivas que se valem das ideias de verdade, de vida, de corpo? As questões se multiplicam e criam novos problemas, tal qual um interrogatório aberto ao nomadismo, uma investigação incessante de um crime por vir. Em seu texto "A filosofia da Série Noire", Gilles Deleuze havia marcado duas formas de se compreender a relação entre a investigação policial e a investigação filosófica: a primeira se vale da investigação para elucidar uma verdade, restabelecendo um equilíbrio; a outra evita as explicações finais apresentando, em seu lugar, a condição impura e subversiva da própria investigação. Diante das forças reativas que convocam a vida ao inquérito - em meio à iminência da catástrofe -, a atmosfera lúgubre do agora também favorece os conluios que conspiram os gestos de ruptura. Por exemplo: ao recusar o Humano, incorreríamos em um crime? Haveríamos de viver traçando estratégias de fuga, construindo relações que ressoem como apostas éticas da Nova Terra.

Grupo 7 – CBMEG

Mediadores: Érica Speglich, Marko Monteiro, Bruno Moraes e Michele Gonçalves

Considering that we are a group of people who speak different languages, we propose that we develop our work on the edge: the limits of a (mis)understanding, which can promote the creation of other languages, if taken as a force. Betrayed and betraying languages, hybridized with other words, or non-words, and with different kinds of materials, surfaces, ways of working and feeling, creating possibilities of new ways of talking (maybe communicating) our researches.

Grupo 8 – Centro Cultural Casarão

Mediadores: Carolina Cantarino, Carlos Martins, Sara Melo e Sandra Murriello

Vulnerabilidade corajosa - como fazer da fragilidade uma força de vida.

Experimentar uma performance/instalação coletiva a partir de procedimentos e práticas que componham gestos e movimentos de leveza com diversas superfícies/corpos/materiais: imagens, papéis, sons, folhas de árvores, ventos, barro, tecidos, peles ... Experimentar a impermanência dos encontros ao longo do dia, suscitando momentos-criação de relações a serem abandonadas e (re)criadas novamente... Reinventar relações para que elas não se estabilizem... Reinvenção catalisada pela pergunta: quais relações somos capazes de criar?

Grupo 9 – Centro Cultural Casarão

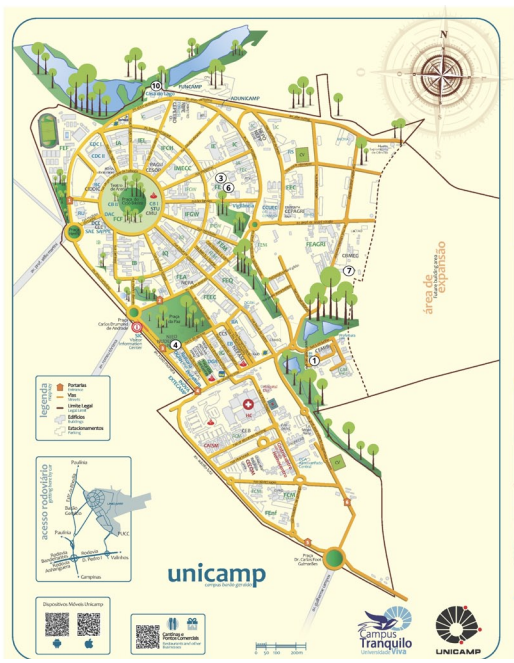
Mediadores: Renzo Taddei, Tatiana Oliveira, Susana Dias, Elizabeth Vidal, Maria Rita Zamproni e Grupo Entrefios e Memórias

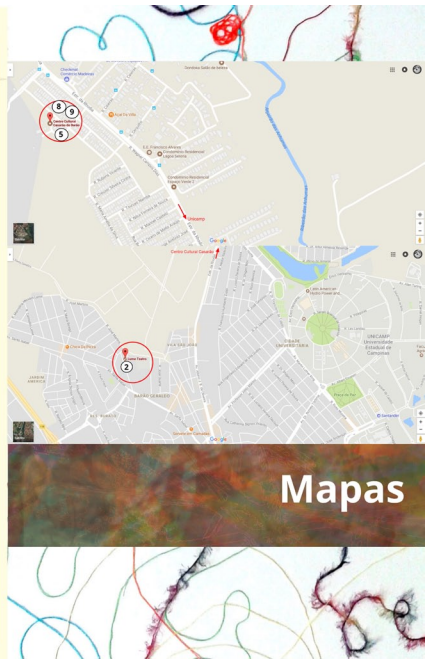
A vida por um fio -Propomo-nos a deixar florescer outros arranjos multiespécies como uma necessidade vital para recompor as nossas forças, cientes de que essa recomposição é distinta de evoluir, desenvolver ou regredir, de que é um esforço de atingir as coisas como processo, passagem, atravessamento. Não tem a ver com fusão ou apaziguamento, mas com tecer uma teia especulativa entremundos e entremodos, sustentando os espaços vazios, mantendo essa tensão provocada pela violência que a invenção de um estar juntos nos impõe. Como não é nada seguro que um corpo vivo funcione em harmonia (Stengers), é necessário compor lianes suficientemente soltos a fim de permitir a existência de uma distância e, ao mesmo tempo, possibilitar a formação de uma estrutura rudimentar que não se solte. Com esse intuito, propomos a construção coletiva de um desenho vivo que nos abra a uma terra desconhecida e amplie a nossa potência de existir. Dispomo-nos a tomar partido e fazer causa comum com as possibilidades vitais que atravessam papéis, palavras, imagens, linhas, seres, coisas, ventos, árvores, folhas, brincadeiras, pedras, forças, criando modos distintos de operar os fios da vida e de prolongá-los continuamente alçando os corpos que compõem essa teia especulativa à mais intensa potência de existir.

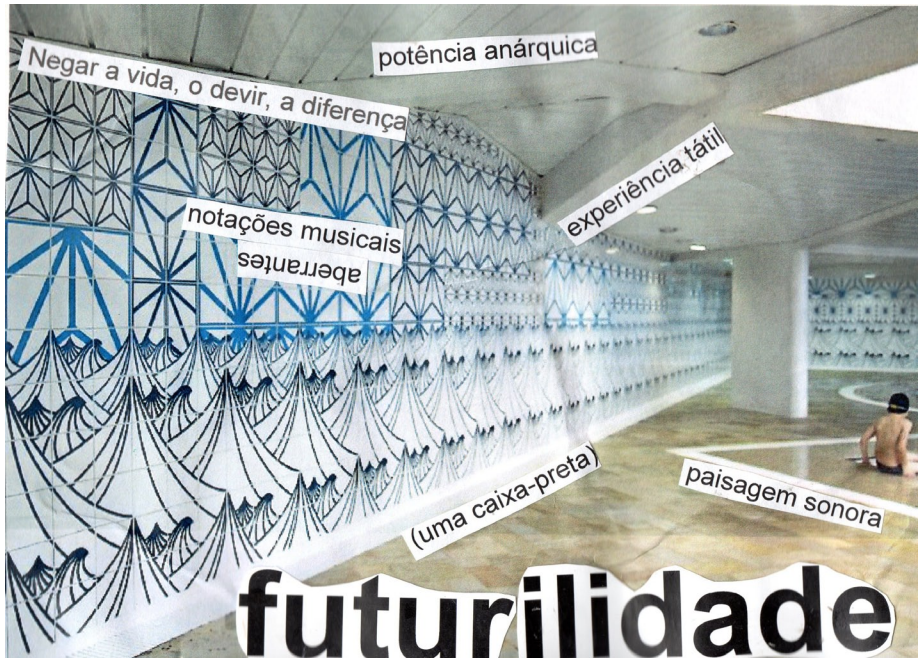
Grupo 10 – Casa do Lago

Mediadores: Eduardo Pellejero e Vivian Pontin

Pensar é uma extensão de uma das pulsões animais mais elementares: explorar um território. Pensar é a elevação dessa pulsão à enésima potência; logo, o risco da sua desnaturação, da desterritorialização. O nosso grupo de trabalho pretende reproduzir esse movimento que é o movimento do pensar. Ora acolhendo-nos ao prestígio dos filósofos peripatéticos, ora arriscando-nos às alternativas de um road-movie, tentaremos que a partilha das pesquisas e das experiências de todos seja afetada por uma exploração comum, pelos imprevistos do percurso, pelo imponderável de ir ao encontro do desconhecido.






potência anárquica
Negar a vida, o devir, a diferença
experiência tátil
notações musicais
aberrantes
(uma caixa-preta)
paisagem sonora
futurilidade

como organizar um jogo
ma aberta e subverter a
eia de crime ?
amã, sabotador, profeta
meteorônico

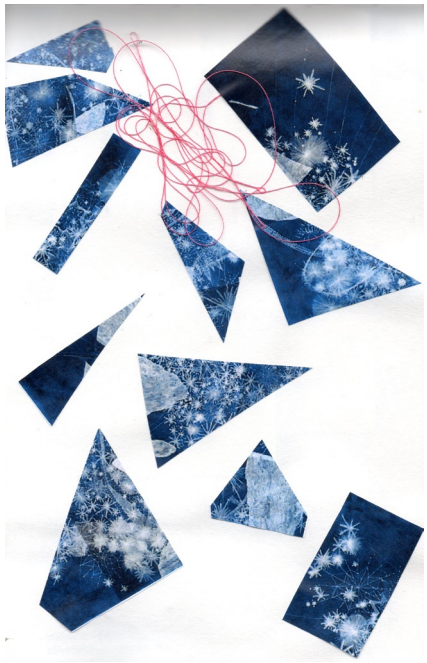
amb iente
experiências
inspirações
energizar as pessoas
espaço
natureza

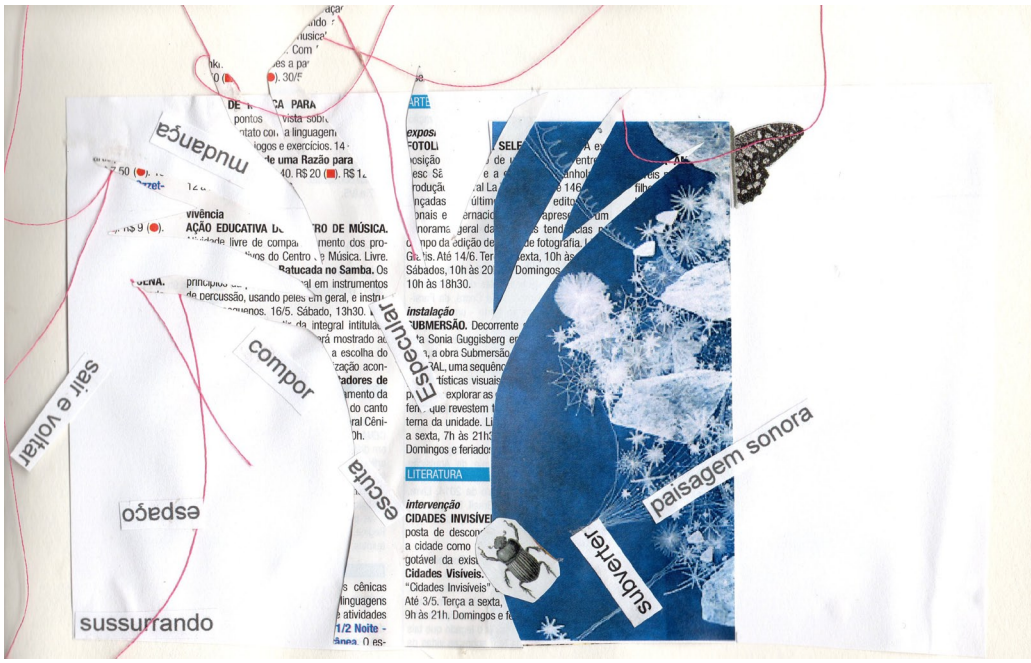
criação
natureza
Liberdade
inspiração
Explorar

CUIDADO
ACESSO RESTRITO!
CAPIVARAS DO TERROR
UNICAMP
VICE-REITORIA EXECUTIVA DE ADMINISTRAÇÃO
PREFEITURA DA UNICAMP

iMAGiNE
espaço
chão
significado
sala
Criar
LIBERDADE

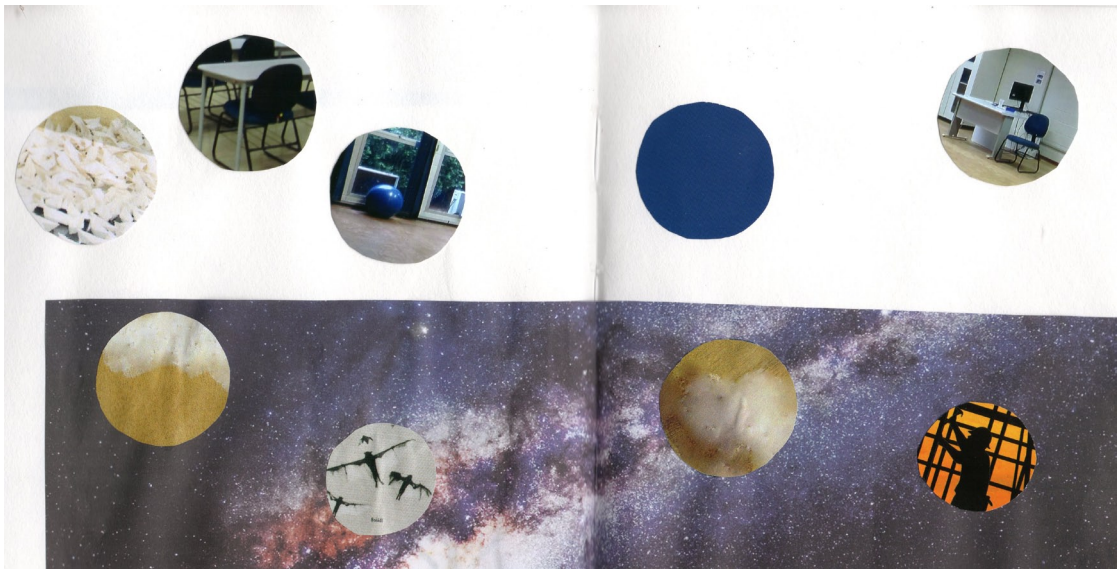
outrolhar
transmutação
ideia

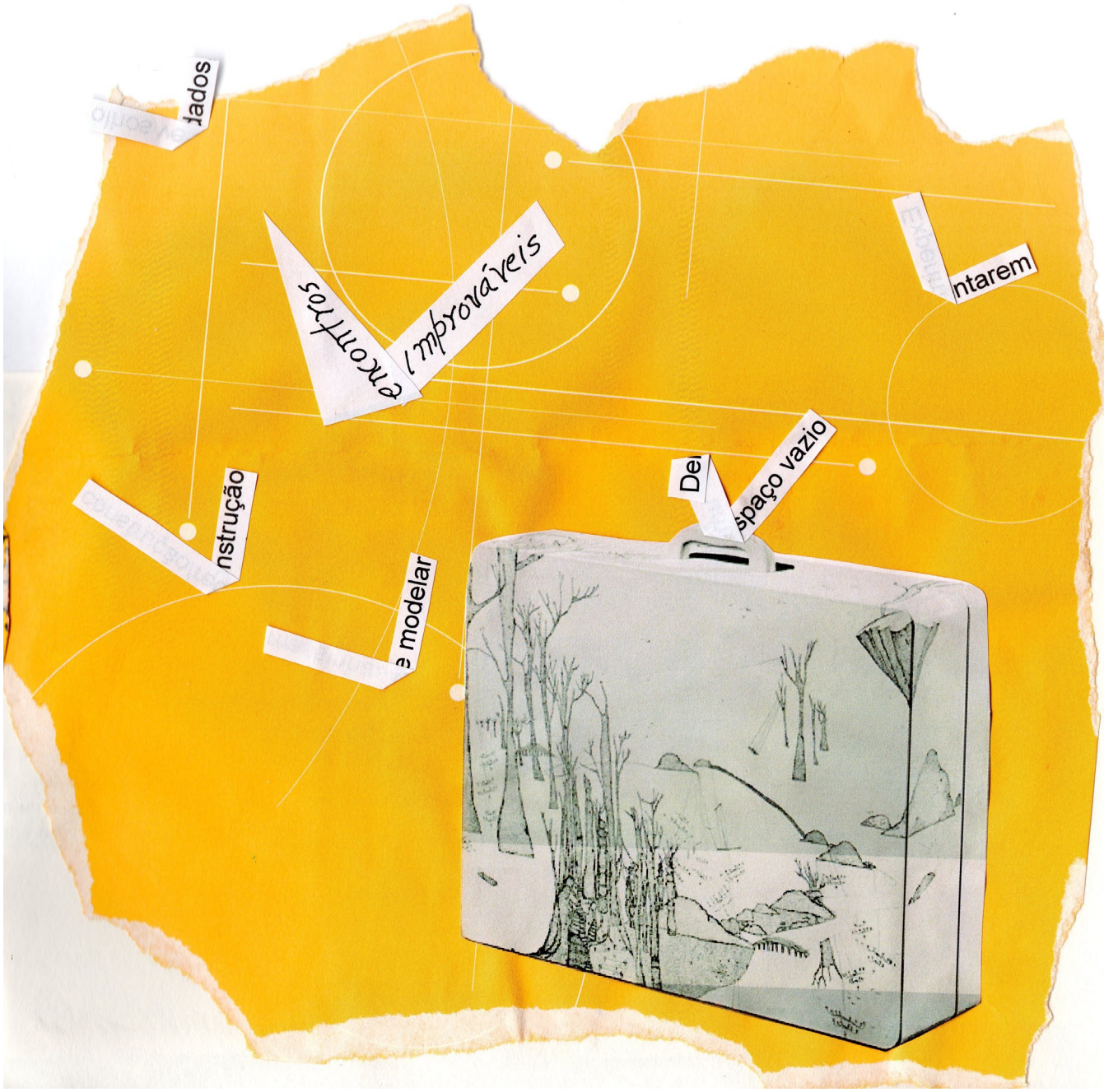



mudança
compor
sair e voltar
escuta
espaço
sussurrando
especular
paisagem sonora
subverter

cenários
especulativos

exercícios de escuta
Especular
outros corpos e os materiais




dados
encontros improváveis
ntarem
nstrução
e modelar
De
spaço vazio

Photocosmogenesis

Susana Dias (concepção e curadoria da exposição) e Tatiana Oliveira (fotos da exposição)

Exposição de série de 30 fotografias e diversos objetos (livros, teses, instalações visuais etc.) pelo grupo multiTÃO e Coletivo Orssarara entre 2014 a 2017 e publicados no Laboratório-Atelie da Revista ClimaCom, entre eles:

Encontros com potências frágeis

(a)mares e ri(s)os infinitos

Livro ri(s)o

Floresta de Luz: Laboratório de Botânica Especulativa (livro objeto e oficinas)

Afetos líticos (animações e oficina)

Álbum de parentes desconhecidos (livro objeto e oficina)

Entrefios: o tecido, a modelagem e o tempo (vídeo e oficina)

Carlos Mondragón Antropólogo (EntreVidas) (vídeo e fotografias)

Local – Espaço expositivo do Centro de Convenções da Unicamp

DATA – de 27 de novembro a 05 de dezembro de 2017

Concepção e curadoria – Susana Dias

Fotos da Exposição – Tatiana Oliveira

A exposição Photocosmogenesis foi lançada e integrou as atividades do VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...

pelo caminho

Immediation unlimited + Toward a politics of immediation

Brian Massumi e Erin Manning

Immediation unlimited | Brian Massumi

This essay will address the question of the temporality of immediation. If immediacy is understood in accordance with traditional notions as an extensionless present point in time, it loses any connection with the past and the future, and it becomes impossible to concepualize the causal efficacy of techniques of immediation. If, on the other hand, it is attributed a temporal extension, then a return notions of mediation seem to be necessary in order to understand how that endurance is brought about and structured. This essay will attempt to overcome this tension working between Whitehead's concept of the cut of decision and William James's "specious present". The specious present will be shown to involve a nonlinear concept of time, and the "cut" a generative untimeliness (figured as a differential) from which the specious present emerges as a kind of self-effecting surplus-value of the event of the cut. The "decisional" nature of this self-effecting will be explored, and contrasted with network notions of distributed agency and agential realism, which attributes agency to things. Immediation will be theorized as the prompted self-deciding of a complex event whose differential conditions of emergence exceed what is normally thought of agency, while at the same time providing an opening for creative intervention with lasting effects.

Toward a Politics of Immediation | Erin Manning

A passage from Fred Moten haunts the writing of these words that seek to push a politics of identity toward a politics of immediation. In a parenthetical aside in a paper on the city and the commune, Fred Moten cautions us as regards the critique of identity politics. Too often, he writes, critiques of identity politics are waged against "non-white, non-straight, non-male identity […] while courteously leaving politics to its own uncriticized devices" (2016: 163). Through the figure of immediation, I ask: what happens when we do not insert a mediating gesture at the heart of experience? Is such a move capable of problematizing the figure of identity while still remaining sensitive to the fact for some the loss of a sense of identity may feel like the very same gesture as the colonial act of exclusion from the category of the human? In this double articulation of refusing mediation and introducing a time-form that challenges human-centred, colonial history, can we create an affirmative politics of emergent subjectivity that does not ignore that allegiances are necessary in the face of the systemic violence of oppression?

The task, it seems to me, involves recasting allegiance such that it need no longer be subsumed to

identity, and, by extension, to the individual. For the individual, that pet-figure of neoliberalism, is nothing more than the other side of the subject, which is the other side of the human. To focus on the individual in an exploration of modes of existence, to make the politics about the individual, is to reinstall a mediation that knows in advance how to recognize the human as orienter of experience. The problem of identity must instead be engaged from the perspective of Wynter's "descriptive statement" of the human. This category of the human, as Wynter underscores, is concerned to perpetuate a genre of the human (2015: 9). What kinds of sociality cut across this genre?

Conferência [com tradução simultânea]
Immediation Unlimited + Toward a Politics of Immediation
Local – Auditório do Centro de Convenções – Unicamp
Profa. Dra. Erin Manning | Concordia University | Canadá |
Prof. Dr. Brian Massumi | University of Montreal | Canadá |
Mediador: Prof. Dr. Antonio Carlos Amorim
27 de novembro de 2017
Campinas/SP – Brasil

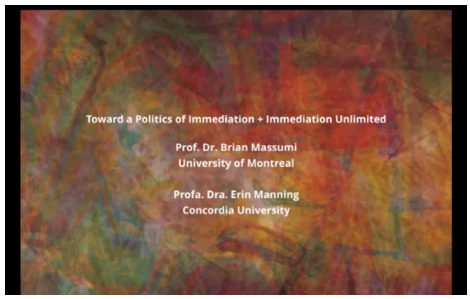
Este vídeo foi gravado durante o VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre 27 e 29 de novembro de 2017. Veja a proposta do evento abaixo e saiba mais acessando a página oficial do Seminário:

O VII SEMINÁRIO CONEXÕES chega em 2017 a sua sétima edição. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas. Embora nosso dever seja o de ser intempestivos a nosso tempo, é ele na sua condição de contemporâneo que nos força a pensar. O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação se tornam cúmplices de nossa miséria. No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante. Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individuações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar. É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a

partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infindável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais. O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista ClimaCom – Labjor e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e…

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9154



Surface Textures: the Ground and the Page

Tim Ingold

The monks of Medieval Europe would often compare the meditative practice of reading with the process of wayfaring through the landscape. The lines inscribed by hand on the parchment were likened to paths traced by foot on the ground. Both the page and ground are textured surfaces. In this paper I begin by exploring the surface properties of the ground, showing how it does not so much separate what is above (the sky) from what is below (the earth) as set up a zone in which sky and earth commingle. Thus the ground covers the earth but does not cover it up. Following the Victorian writer and art critic John Ruskin, I compare the ground to an earth-veil. I then show that the page of writing has equivalent properties: its texture is the text; its surface a veil. Taking the comparison one stage further, I suggest that the page, like the ground, is subject to the atmospheric influence of weather. This allows us to view writing itself as a process of weathering, and the hand of the writer as an agent of the atmosphere.

Videoconferência [com tradução simultânea]
Surface Textures: the Ground and the Page
Local – Auditório do Centro de Convenções – Unicamp
Prof. Dr. Tim Ingold | University of Aberdeen | UK
Mediador: Sebastian Wiedemann
27 de novembro de 2017
Campinas/SP – Brasil

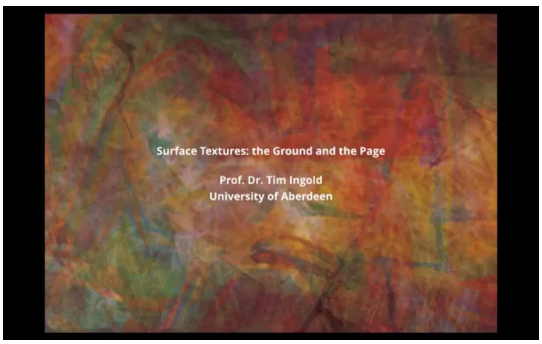
Este Este vídeo foi gravado durante o VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre 27 e 29 de novembro de 2017. Veja a proposta do evento abaixo e saiba mais acessando a página oficial do Seminário:

O VII SEMINÁRIO CONEXÕES chega em 2017 a sua sétima edição. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas. Embora nosso dever seja o de ser intempestivos a nosso tempo, é ele na sua condição de contemporâneo que nos força a pensar. O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação

se tornam cúmplices de nossa miséria. No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante. Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individuações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar. É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infindável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais. O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista ClimaCom – Labjor e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e…

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9144



Da guerra dos mundos a uma nova ecologia dos afetos entre-mundos

Deborah Danowski, Ailton Krenak e Almires Martins

Prof. Dr. Almires Martins Machado | indígena Guarani | UFGD | Mato Grosso |

O fantasma das palavras e os equívocos vossos de cada dia – É sobre dores, silenciamentos e apagamentos de nós indígenas e na história de construção da nada gentil Pátria Brasil. Ou ainda sobre nossa existência como povos diferenciados e a insistência em nos apagar enquanto pessoas, brasileiros e com direitos.

Profa. Dra. Deborah Danowski | Pontifícia Universidade Católica | Rio de Janeiro |

Ailton Krenak | líder indígena Krenak | Minas Gerais |

Mesa redonda
Da Guerra dos Mundos a uma nova ecologia dos afetos entre-mundos
Local – Auditório do Centro de Convenções – Unicamp
Mediadora: Profa. Dra. Alik Wunder
27 de novembro de 2017
Campinas/SP – Brasil

Este Este vídeo foi gravado durante o VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre 27 e 29 de novembro de 2017. Veja a proposta do evento abaixo e saiba mais acessando a página oficial do Seminário:

O VII SEMINÁRIO CONEXÕES chega em 2017 a sua sétima edição. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas. Embora nosso dever seja o de ser intempestivos a nosso tempo, é ele na sua condição de contemporâneo que nos força a pensar. O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação se tornam cúmplices de nossa miséria. No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante.

Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individuações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar. É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infindável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais. O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista ClimaCom – Labjor e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e…

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9142

A catástrofe de pensar. Do des-fundar de afetos inumanos e da vidência de uma nova terra

Marco Antonio Valentim e Luiz B. L. Orlandi

Prof. Dr. Luiz B. L. Orlandi | Unicamp | São Paulo |

Repensar por força de catástrofes geocidas – Como se não bastassem as séries de estratégias de produção capazes de se aliarem, de tempos em tempos, a forças dispostas a semear ondas de sucateamento de vidas humanas, estamos mergulhados agora nos sintomas que elevam a uma extraordinária potência o estrago provocado por uma nova aliança, aquela que se faz entre variados sucateamentos de mundos biológicos e forças cúmplices de iniciativas geocidas.

Prof. Dr. Marco Antonio Valentim | UFPR | Curitiba |

Cosmopolítica e entropia – nos célebres parágrafos finais de Tristes trópicos, Lévi-Strauss elabora uma das reflexões mais profundas e complexas da antropologia moderna. O antropólogo levanta uma contradição que seria a "de toda a humanidade": "De que serve agir se o pensamento que guia a ação conduz à descoberta da ausência de sentido?" Ou seja, como dedicar-se simultaneamente "aos homens" e "ao conhecimento", quando aqueles, sob a forma de múltiplos povos, lutam por sobreviver, e este assevera que "o esforço do homem se opõe inutilmente a uma decadência universal"? Porém, será que o zelo pela diversidade de culturas e formas de vida exige forçosamente a renúncia ao conhecimento da natureza, às custas de, caso contrário, a antropologia reduzir-se de direito à física dos processos irreversíveis? Por outro lado, se, como afirma Mauro Almeida interpretando Lévi-Strauss, "as transformações do espírito devem enraizar-se na matéria, subordinando-se assim a leis que regem máquinas reais", não é igualmente necessário que, assim enraizado, o espírito possa como que desvairá-la, subvertendo o sentido da "flecha do tempo" (Prigogine & Stengers)? Mas supor, com isso, que culturas distintas constituem naturezas também distintas, não é, por sua vez, operar a redução inversa? Será mesmo incontornável uma tal alternativa infernal? Em suma, como compor uma divergência irredutível entre mundos que diferem com a implacável entropia do cosmos?

Mesa redonda
A catástrofe de pensar. Do des-fundar de afetos inumanos e da vidência de uma nova terra

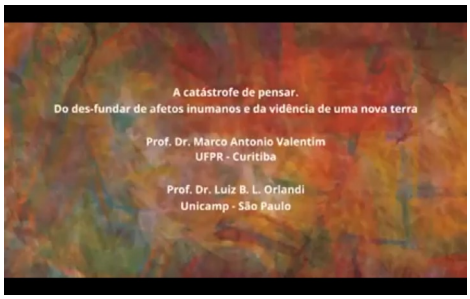
Local – Auditório do Centro de Convenções – Unicamp
Mediadora: Profa. Dra. Carolina Cantarino Rodrigues
29 de novembro de 2017
Campinas/SP – Brasil

Este Este vídeo foi gravado durante o VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre 27 e 29 de novembro de 2017. Veja a proposta do evento abaixo e saiba mais acessando a página oficial do Seminário:

O VII SEMINÁRIO CONEXÕES chega em 2017 a sua sétima edição. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas. Embora nosso dever seja o de ser intempestivos a nosso tempo, é ele na sua condição de contemporâneo que nos força a pensar. O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação se tornam cúmplices de nossa miséria. No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante. Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individuações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar. É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infindável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais. O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista ClimaCom – Labjor e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e…

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9140



Ecologias das práticas artísticas: emaranhando naturezas e ciências

Marcelo Moscheta

Desde o início da sua carreira artística, no ano 2000, o artista tem realizado obras e exposições que nascem de seus deslocamentos por lugares remotos, onde coleta objetos que provêm da natureza e que ele reproduz por meio do desenho e da fotografia, criando instalações e objetos.

Recentemente tem voltado seu interesse para pesquisas com fronteiras e limites impostos a territórios e também na relação que os rios estabelecem com a paisagem ao longo de seu curso.

Em 2015 desenvolveu o projeto Arrasto em que percorre toda a extensão do Rio Tietê coletando minerais em suas duas margens e também pesquisa camadas ancestrais de memórias no Rio Trebbia, na Itália e na fronteira do Canadá e Estados Unidos. Em 2014 participa como residente nas Bienais de Vancouver e Montevideo, onde também realiza a expedição Oriente, ao longo do Rio Uruguay.

Ampliando a escala das intervenções iniciadas nos trajeto ao longo dos rios e depois nas paredes e estantes que receberem as coletas, abre-se um o leque de questionamentos possíveis: fronteiras líquidas, identidades construídas, geografia e geopolítica, novas cartografias, questões de escala e coordenadas geográficas como determinantes do atual/real.

Diante de migrações em massa e explorações desenfreadas dos recursos minerais do planeta a arte contemporânea transformou o histórico e bucólico gênero paisagem numa das principais arenas de reflexão e entendimento do nosso lugar no mundo, um território onde são construídas as relações entre homem e meio, tecnologia e memória, identidades e nomadismo.

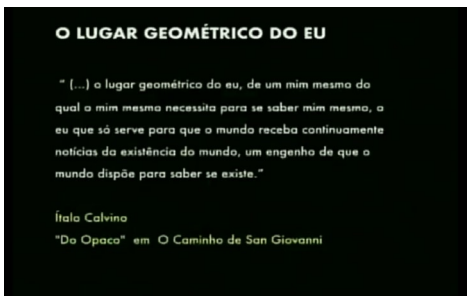
Conversa com artista
Ecologias das práticas artísticas: emaranhando naturezas e ciências.
Local – Auditório do Centro de Convenções – Unicamp
Marcelo Moscheta | artista visual | São Paulo |
Mediador: Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Jr.
29 de novembro de 2017
Campinas/SP – Brasil

Este vídeo foi gravado durante o VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre 27 e 29 de novembro de 2017. Veja a proposta do evento abaixo e saiba mais acessando a página oficial do Seminário:

O VII SEMINÁRIO CONEXÕES chega em 2017 a sua sétima edição. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas. Embora nosso dever seja o de ser intempestivos a nosso tempo, é ele na sua condição de contemporâneo que nos força a pensar. O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação se tornam cúmplices de nossa miséria. No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante. Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individuações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar. É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infindável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais. O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista ClimaCom – Labjor e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e...

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9138



‘Weather is water with a (financial) attitude’: derivatives and the dividual making of liquidity

Erik Bordeleau

In The Power at the End of the Economy (Duke University Press, 2015), Brian Massumi suggests that a counter-political force must engage directly with neoliberalism on its very ground, that is on the infra-individual level where pre-reflexive priming operates. This affective and meteorological politics of the dividual differs from “pure” political approaches relying on the protective fantasy of a political subjectivation based on clear and distinct consciousness. Massumi proposes to plunge into the perceptive intimacy of disjunctive neoliberal subjectivity in order to discern a plane of transindividual vitality that could escape its containment, capture and control in the over-individualized enterprise regime. But how to do so? How to engage with neoliberalism on its very ground and revert its power, if not by experimenting directly with its main apparatus of (subjective) capture, namely finance? In this presentation, I’d like to explore what a meteorological politics of the dividual might be through a reading of Liquidity inc. (2014), Hito Steyerl’s video work. The film features a former financial analyst who becomes an ultimate fighter inspired by Bruce Lee’s dictum: “be shapeless, formless, like water”. Bringing together the raw energy of ultimate fighting and a provocative interrogation about the influence of our subjective moods on the macro-economy, Steyerl highlights how the market-making process that underlies the derivative production of liquidity is always also a site of collective effervescence.

Conferência [com tradução consecutiva]
‘Weather is Water with a (Financial) Attitude’: Derivatives and the Dividual Making of Liquidity
Local – Auditório do Centro de Convenções – Unicamp
Dr. Erik Bordeleau | SenseLab | Canadá |
Mediador: Sebastian Wiedemann
29 de novembro de 2017
Campinas/SP – Brasil

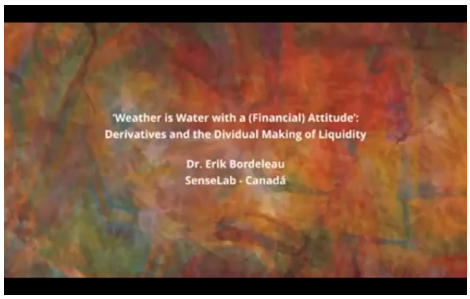
Este vídeo foi gravado durante o VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E…realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

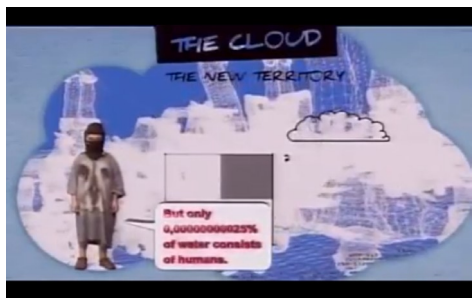
entre 27 e 29 de novembro de 2017. Veja a proposta do evento abaixo e saiba mais acessando a página oficial do Seminário:

O VII SEMINÁRIO CONEXÕES chega em 2017 a sua sétima edição. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas. Embora nosso dever seja o de ser intempestivos a nosso tempo, é ele na sua condição de contemporâneo que nos força a pensar. O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação se tornam cúmplices de nossa miséria. No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante. Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individuações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar. É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infindável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais. O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista ClimaCom – Labjor e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e…

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9134





Troca e participação na era do fim: revisão de conceitos diante dos constrangimentos ecológicos

Stelio Marras

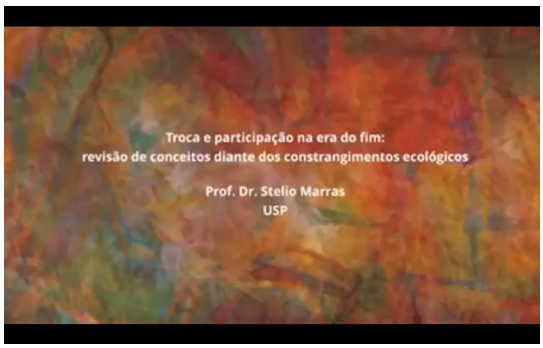
Esta comunicação propõe avaliar a pertinência atual das noções de troca e participação uma vez revistas diante dos constrangimentos das crises e dos desastres ecológicos ou ambientais que já vivenciamos e que tendem fortemente a crescer. Uma tal revisão conduz ao alargamento dessas noções e, por conseguinte, a um abalo do antropocentrismo ou excepcionalismo dos humanos em sua versão moderna. Trata-se de valer-se de uma certa antropologia para criticar outra certa antropologia num momento em que proliferam as narrativas, incluindo as científicas, sobre o fim do mundo – ou deste mundo tal como o conhecemos

Conferência
Troca e participação na era do fim: revisão de conceitos diante dos constrangimentos ecológicos
Local – Auditório do Centro de Convenções – Unicamp
Prof. Dr. Stelio Marras | USP | São Paulo
Mediadora: Profa. Dra. Susana Dias
29 de novembro de 2017
Campinas/SP – Brasil

Este vídeo foi gravado durante o VII SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E COSMOPOLÍTICAS E ECOLOGIAS RADICAIS E NOVA TERRA E...realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre 27 e 29 de novembro de 2017. Veja a proposta do evento abaixo e saiba mais acessando a página oficial do Seminário:

O VII SEMINÁRIO CONEXÕES chega em 2017 a sua sétima edição. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas. Embora nosso dever seja o de ser intempestivos a nosso tempo, é ele na sua condição de contemporâneo que nos força a pensar. O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação se tornam cúmplices de nossa miséria. No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante.

Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individuações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar. É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infindável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais. O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista ClimaCom – Labjor e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e…

Disponível em:

http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9135